ARVORE DA VIDA
UM ESTUDO SOBRE MAGIA
ISRAEL REGARDIE
SOLAR WORLD

Tahuti (Toth)
O Senhor da Magia

A ÁRVORE DA VIDA
UM ESTUDO SOBRE MAGIA

ISRAEL REGARDIE

Tradução
Márcio Pugliesi

Organização
Lebilefer Sutaceh

ÍNDICE

Dedicado com pungente memória do que poderia ter sido a MARSYAS

"Deves compreender, portanto, que esse é o primeiro caminho para a felicidade, concedendo às almas uma plenitude intelectual de união divina. Mas a dádiva sacerdotal e teúrgica de felicidade é chamada, realmente, de portal para o Demiurgo das totalidades, ou a sede, ou o palácio, do bem. Em primeiro lugar, outrossim, possui um poder de purificação da alma. . . posteriormente provoca uma coaptação do poder da razão com a participação e visão do bem e uma liberação de toda coisa de natureza oposta, e em último lugar produz uma união com os deuses, que são os doadores de todo bem"

JÂMBLICO

INTRODUÇÃO
À Segunda Edição

É possível que um pai tenha um filho favorito? Existirá um entre todos os demais que secretamente ele sinta ser a menina de seus olhos? Com maior freqüência que o caso negativo, a despeito de todos os protestos em contrário, certamente existe.

Pois é isso que ocorre comigo. Ao me pedirem que escrevesse uma introdução para esta nova edição de *A árvore da vida*, senti um entusiasmo interior que combina muitas emoções bem distintas. Este livro tem um significado especial para mim que nenhum dos meus outros escritos jamais teve. Primeiramente, há o fato elementar de ele ter sido o primeiro livro que emergiu de meu espírito em botão. *A garden of pomegranates* [Jardim das romãs], publicação anterior, simplesmente se desenvolveu a partir de um conjunto de notas *cabalísticas* que eu guardara por vários anos – e isto é tudo o que sempre foi.

Comentou-se ser *A árvore da vida* a mais abrangente introdução disponível aos numerosos, complexos e por vezes obscuros escritos místicos de Aleister Crowley. Ambos os livros mencionados foram a ele dedicados, para quem trabalhei como secretário durante muitos anos. Simbolicamente, esses dois livros vieram a representar a minha independência dele.

A árvore da vida gerou também uma correspondência pelo mundo todo que resultou em várias amizades profundas e duradouras, pelas quais me sinto sumamente grato.

Embora este livro apresente muitos erros tipográficos de menor importância – devidos, sobretudo, à pressa e o descuido da juventude – tem sido considerado útil como um guia para o extenso, complicado e maravilhoso sistema de iniciação *Golden Dawn* [Aurora Dourada], cuja gratidão que sinto por ele precisa ser aqui registrada. Alguns aprendizes alegam que os dois volumes de *The Golden Dawn* (Llewellyn Publications, St. Paul, Minn. 1970) contêm uma tal massa diversificada de informações que um guia dotado de clareza constitui pré-requisito para abrir uma senda inteligível através de seus documentos, rituais e instruções. Esta nova edição deve vir a servir a tal finalidade.

Escrevendo *A árvore da vida* aprendi muito. Este livro combinou muitos fragmentos isolados de conhecimento e experiência desconexos. A correspondência indicou que serviu a outros igualmente bem.

A despeito de sua extravagância e pendor para o emprego excessivo de adjetivos, que foram as marcas de minha juventude – trinta e cinco anos transcorreram desde que foi escrito – afirmou-se como um guia sincero e simples

para uma arte intricada e, em outros aspectos, obscura. Um psiquiatra britânico foi amável a ponto de admitir um sentimento de espanto e real admiração pelo fato de alguém de vinte e poucos anos de idade ter sido capaz de demonstrar a compreensão espiritual e capacidade para síntese evidenciadas neste livro. Se essa avaliação for válida, dever-se-á muito a Aleister Crowley, a quem muito devo. À sua derradeira defesa da estupidez de biógrafos e jornalistas sensacionalistas devotei muitos anos de minha vida. Sua obra jamais perecerá, permanecendo como uma inspiração aos aprendizes de um futuro remoto, como o foi para mim.

Crédito é devido também ao meu Gênio superior e divino – para usar a bela linguagem da *Golden Dawn* – pois sem essa diretriz interna nenhuma literatura, mesmo profunda, atraente e arrebatadora, significaria muita coisa. Visto que a orientação obtida posteriormente da *Hermetic order of the Golden Dawn* resultou da publicação de *A árvore da vida*, sua redação não foi influenciada pela Ordem. Mais tarde, todavia, a Ordem desempenhou efetivamente um papel preponderante no meu desenvolvimento íntimo e na redação de livros mais posteriores.

Rememorando, este testemunho de minha independência de Crowley resultou numa carta do chefe de uma seção da *Golden Dawn* condenando tanto a mim quanto ao livro em termos nada indefinidos. Por outro lado, resultou num convite, que partiu de um chefe de outra unidade da Ordem, para que eu me tornasse membro dela. Aceitei esse convite, embora os anos posteriores tenham produzido uma separação da Ordem, hoje eu lamento minha presunção e arrogância juvenis. Contudo, o destino deve ter interferido, resultando numa reedição dos ensinamentos secretos da Ordem, a primeira exposição de tal reedição tendo sido ensaiada logo antes da Primeira Guerra Mundial por Crowley no *Equinox.*

Com o devido respeito ao imenso gênio de Crowley, foi dito que minha apresentação fez mais justiça à Ordem do que a sua. Vale a pena reiterar pela segunda vez que esta nova edição de *A árvore da vida* propiciará ao aprendiz uma visão geral da tradição mágica ocidental. Nesse sentido, a despeito de desvios doutrinais e ritualísticos menores, Crowley se enquadra numa linhagem direta de descendência dos Adeptos da *Golden Dawn*; nada que ele tenha escrito pode ser compreendido sem referência aos ensinamentos da Ordem. Tanto a *Golden Dawn* quanto Aleister Crowley ganham em estatura e profundidade se o principiante nesses estudos lograr primeiramente uma visão sinóptica de *A árvore da vida.*

Finalmente, uma antiga observação se faz ainda essencial. Há muito compreendi que a análise psicológica moderna deveria ser associada aos métodos da Grande Obra – uma tarefa ainda a ser plenamente realizada. Recomenda-se incisivamente que o aprendiz sério se submeta a um processo de alguma modalidade de tratamento psicoterapêutico antes de aprofundar-se nessas práticas. No mínimo, terá com isso conquistado autoconsciência e eliminado algumas tensões corporais e emocionais exacerbadas pela arte mágica.

Assim, para esta nova edição de *A árvore da vida*, só me resta dizer com humildade, sinceridade e convicção: vá em frente e propague a palavra. Ela expõe um bom ensino, uma nobre filosofia e um sistema arcaico porém prático de se atingir alturas embebidas de sol para as quais toda a espécie humana finalmente terá de se elevar e repousar. Que possam todos os leitores obter toda a satisfação, ajuda e

conforto espirituais e esclarecimento que eu obtive na redação inicial deste livro e nos anos que se seguiram.
Adeus!

Israel Regardie
12 de maio de 1968.
Studio City, Califórnia, 91604

INTRODUÇÃO

Em virtude da bastante difundida ignorância a respeito da soberana natureza da Teurgia Divina e a despeito de freqüentes referências quase em toda parte ao assunto magia, permitiu-se que ao longo dos séculos se desenvolvesse uma total incompreensão. São poucos hoje os que parecem ter sequer a mais vaga idéia do que constituiu o elevado objetivo de um sistema considerado pelos sábios da Antigüidade a Arte Real e a Alta Magia. E por ter existido quantitativamente ainda menos pessoas preparadas para defender até o fim a filosofia da magia e disseminar seus verdadeiros princípios entre aqueles julgados dignos de recebê-los, o campo de batalha tomado pelas reputações destroçadas de seus Magos foi cedido aos charlatães. Esses, *ai de nós*, fizeram bom uso de sua oportunidade de esbulho indiscriminadamente, a tal ponto que a própria palavra magia se tornou agora sinônimo de tudo que é desprezível, sendo concebida como algo repulsivo.

Durante muitos séculos na Europa autorizou-se esse incorreto estado de coisas, que se manteve até em torno de meados do século passado, quando Éliphas Lévi, um escritor dotado de certa facilidade de expressão e talento para a síntese e a exposição, se empenhou em devolver à magia sua antiga reputação grandiosa. Até que ponto teriam seus esforços obtido êxito ou não caso não tivessem sido sucedidos e estimulados pelo advento do movimento teosófico em 1875 em associação com a discussão aberta do oculto e de temas místicos que a partir de então se seguiram, é extremamente difícil dizer. E mesmo assim, não foram coroados de muito êxito, pois apesar de quase oitenta longos anos de atenção e discussão aberta da filosofia e prática esotéricas em vários de seus ramos, não é possível descobrir no Catálogo da Sala de Leitura do Museu britânico uma *única obra* de magia que tente apresentar uma exegese lúcida, clara e precisa, desembaraçada do emprego exagerado de símbolos e figuras de linguagem. Oitenta anos de estudo do oculto e nem sequer uma obra séria sobre magia!

Por algum tempo tornou-se conhecido em vários lugares que este escritor era um estudioso de magia. Conseqüentemente indagações acerca da natureza da magia seriam amiúde endereçadas a ele. Com o passar do tempo tais indagações tornaram-se tão numerosas e tão abismal a ignorância involuntária sobre o assunto contida em todas elas que parece ser a hora exata para tornar disponível a esse público uma exposição sintética e definitiva. Visto que nenhuma outra pessoa tentou executar essa tarefa de tremenda importância, recai sobre este escritor essa difícil tarefa. Ele não se propõe limitar-se mediante observações plausíveis acerca da incomunicabilidade de segredos ocultos. Tampouco mencionará a impossibilidade de transmitir a vera natureza dos mistérios da Antigüidade, como alguns autores recentes fizeram. Embora tudo isso seja verdadeiro, não obstante há de comunicável na magia o suficiente. A despeito de centenas de páginas com o fito de elucidar, é preciso também dirigir a esses escritores a severa acusação de

terem realizado muito para confirmar a opinião pública na já firme crença de que a magia era ambígua, obscura e uma tolice. Dificilmente poder-se-ia sustentar uma concepção mais errônea do que essa, pois a magia, que me permitam insistir, é lúcida. É definida e precisa. Não há fórmulas vagas ou dubiedades compreendidas dentro da esfera de sua exatidão; tudo é claro e concebido para o experimento prático. O sistema da magia é absolutamente científico, e cada uma de suas partes é passível de verificação e prova sob demonstração. *A árvore da vida* é publicado, admito, com uma certa hesitação, com o único objetivo de preencher essa lacuna existente. Este escritor deseja tornar inteligível e compreensível para o indivíduo leigo, inteligente e comum, para o aprendiz dos Mistérios e aqueles versados no saber de outros sistemas místicos e filosofias os princípios radicais a partir dos quais a formidável estrutura imponente da magia é construída. Com uma exceção, não conhecida ou adequada ao público em geral, infelizmente, essa tarefa necessária jamais foi realizada anteriormente.

A freqüência de longas citações provenientes de escritos de autoridades em magia que o autor aqui inseriu se explica de modo bastante simples, devendo-se apenas ao desejo de demonstrar que os mais amplos pontos essenciais desta exposição não são o resultado de qualquer invencionice do autor, estando, pelo contrário, firmemente enraizados na sabedoria da Antigüidade. É desnecessário que se apontem para o autor expressões rudes, possíveis interpretações equivocadas de fatos ou teorias e pecados de omissão e cometimento. Em razão disso ele se desculpa humildemente, devendo ser perdoado em função de sua juventude e inexperiência. Que seus esforços incitem outra pessoa mais sábia, dotada de melhores recursos para escrever e detentora de um conhecimento mais profundo da matéria e seus correlatos de modo a produzir uma melhor formulação da magia. Este escritor estará dentre os primeiros que aclamarão essa realização com boas-vindas e louvores.

É também necessário registrar a atitude cortês dos senhores Methuen & Co. que deram a permissão para reproduzir as ilustrações dos quatro deuses egípcios de *Os deuses dos egípcios*, de Sir E. A. Wallis Budge.

Israel Regardie
Londres, agosto de 1932.

PRIMEIRA PARTE

“A MAGIA É A CIÊNCIA TRADICIONAL DOS SEGREDOS DA NATUREZA QUE A NÓS FOI TRANSMITIDA PELOS MAGOS.”

Éliphas Lévi

CAPÍTULO I

É expressão comum nos lábios de muitos a reiteração de que a espécie humana hoje, com todas suas enfermidades e aberrações, chafurda às cegas num terrível pântano. Mensageiro da morte e munido de tentáculos de destruição, esse pântano colhe a espécie humana com crescente firmeza para seu seio, ainda que com grande sutileza e furtivamente. Civilização, por mais curioso que seja, civilização moderna é o seu nome. Os tentáculos, que são os instrumentos inconscientes de seus golpes catastróficos, partem da estrutura enferma, falsa e repugnante do sistema social decadente e do conjunto de valores em que estamos envolvidos. E agora, toda a textura do mundo social parece estar em processo de desintegração. Pareceria que a estrutura da ordem nacional está mudando da ruína econômica para aquele abandono derradeiro e insano que pode contemplar a extinção dessa estrutura num precipício escancarado rumo à completa destruição. Enraizados firmemente na plenitude da vida individual, os até aqui robustos bastiões de nossa vida estão sendo ameaçados como jamais o foram. Parece cada vez mais impossível diante do poente de cada sol para qualquer um reter mesmo a mais ligeira porção de seu legado divino e individualidade e exercer aquilo que faz de nós homens. Apesar de terem nascido em nossa época e tempo, aqueles poucos indivíduos que estão cientes mediante uma certeza isenta da dúvida de um destino que os impulsiona imperiosamente rumo à realização de suas naturezas ideais, constituem, talvez, as únicas exceções. Estes, a minoria, são os místicos de nascimento, os artistas e os poetas, os que contemplam além do véu e trazem de volta a luz do além. Encerrada dentro da massa, contudo, existe ainda uma outra minoria que, embora não plenamente consciente de um destino imperioso, nem da natureza de seu eu mais profundo, aspira ser diferente das massas complacentes. Presa de uma ansiedade íntima, mantém-se inquieta na obtenção de uma integridade espiritual duradoura. É impiedosamente oprimida pelo sistema social do qual constitui parte e cruelmente condenada ao ostracismo pela massa de seus camaradas. As verdades e possibilidades de um contato reintegrador com a realidade que pudesse ser estimulado aqui e agora, durante a vida e não necessariamente por ocasião da morte do corpo, são cegamente ignoradas. A atitude singularmente tola adotada pela maior parte da moderna humanidade européia “inteligente” para com essa aspiração constitui um grave perigo para a raça, a qual se permitiu com demasiada impaciência o esquecimento daquilo de que realmente depende, e de que é continuamente nutrida e sustentada tanto em sua vida interior quanto exterior. Agarrando-se avidamente à evanescência flutuante da precipitada existência exterior, sua negligência com relação aos assuntos espirituais somada à sua impaciência para com seus semelhantes mais perspicazes constitui um marca de fadiga e nostalgia extrema.

Embora desgastado, o adágio “onde não há visão as pessoas perecem” não deixa de ser verdadeiro e digno de ser repetido porquanto expressa de maneira peculiar a situação hoje preponderante. A humanidade como um todo, ou mais particularmente o elemento ocidental, perdeu de algum modo incompreensível sua visão espiritual. Uma barreira herética foi erigida separando a si mesma daquela corrente de vida e vitalidade

que, mesmo atualmente, a despeito de impedimentos e obstáculos propositais, pulsa e vibra ardentemente no sangue, invadindo a totalidade da estrutura e forma universais. As anomalias que se nos apresentam hoje se devem a esse rematado absurdo. A espécie humana está lentamente cometendo seu próprio suicídio. Um auto-estrangulamento está sendo efetivado mediante uma supressão de toda a individualidade, no sentido espiritual, e de tudo que a tornou humana. Prossegue sonegando a atmosfera espiritual de seus pulmões, por assim dizer. E tendo se separado das eternas e incessantes fontes de luz e vida e inspiração, eclipsou-se deliberadamente diante do fato – com o qual nenhum outro pode comparar-se em importância – de que existe um princípio dinâmico tanto dentro quanto fora do qual se divorciou. O resultado é letargia interior, caos e desintegração de tudo o que anteriormente era tido como ideal e sagrado.

Formulada há séculos, a doutrina ensinada por Buda é vista por mim como aquela que apresenta uma possível razão para esse divórcio, esse caos e essa decadência. Para a maioria das pessoas, a existência está inevitavelmente associada ao sofrimento, à tristeza e à dor. Mas embora Buda tenha, com efeito, ensinado que a vida era repleta de dor e miséria, estou inclinado a crer, ao lembrar a psicologia do misticismo e dos místicos, dos quais era ele indubitavelmente um par, que esse ponto de vista foi por ele adotado tão-somente para impulsionar os homens fora do caos rumo a obtenção de uma modalidade de vida superior. Uma vez superado o ponto de vista do ego pessoal, resultado de eras de evolução, o homem pôde ver os grilhões da ignorância caírem por terra revelando uma paisagem desimpedida de suprema beleza, o mundo como uma coisa viva e júbilo infindável. Não será visível para todos a beleza do sol e da lua, o esplendor das estações alternando-se ao longo do ano, a doce música do romper do dia e o fascínio das noites sob o céu aberto? E o que dizer da chuva escorrendo pelas folhas das árvores que se elevam aos portais do céu, e o orvalho na madrugada insinuando-se sobre a relva, inclinando-a com pontas de lança prateadas? A maioria dos leitores terá ouvido falar da experiência do grande místico alemão Jacob Boehme, que, após sua visão beatífica, penetrou os campos verdejantes próximos de seu povoado contemplando toda a natureza flamejante de luz tão gloriosa que até as tenras folhinhas de grama resplandeciam com uma graça e beleza divinas que ele jamais vira antes. Considerando que Buda tenha sido um grande místico – superior, talvez, a qualquer outro de que o leitor médio tem conhecimento – e que detinha uma grande compreensão da atuação da mente humana, é-nos impossível aceitar em seu valor aparente o enunciado de que a vida e o viver constituem uma maldição. Prefiro sentir que essa postura filosófica foi por ele adotada na esperança de que mais uma vez pudesse a humanidade ser induzida a buscar a inimitável sabedoria que perdera a fim de restaurar o equilíbrio interior e a harmonia da alma, cumprindo assim seu destino desimpedida pelos sentidos e pela mente. Obstando este gozo estático da vida e tudo o que o sacramento da vida pode conceder, existe uma causa radical da dor. Em uma palavra, ignorância. Por ignorar o que em si é realmente, por ignorar seu verdadeiro caminho na vida, o homem é, como ensinou Buda, tão acossado pela tristeza e tão duramente afligido pelo infortúnio.

De acordo com a filosofia tradicional dos magos, cada homem é um centro autônomo único de consciência, energia e vontade individuais – numa palavra, uma alma – como uma estrela que brilha e existe graças à sua própria luz interior, percorrendo seu caminho nos céus reluzentes de estrelas, solitária, sem sofrer qualquer interferência, exceto na medida em que seu curso celeste seja gravitacionalmente alterado pela

presença, próxima ou distante, de outras estrelas. Visto que nos vastos espaços estelares raramente ocorrem conflitos entre os corpos celestes, a menos que algum se extravie de sua rota estabelecida – acontecimento bastante esporádico –, nos domínios da espécie humana não haveria caos, haveria pouco conflito e nenhuma perturbação mútua se cada indivíduo se contentasse em estar firmado na realidade de sua própria consciência superior, ciente de sua natureza ideal e de seu verdadeiro propósito na vida, e ansioso para trilhar a estrada que tem de seguir. Por terem os homens se desviado das fontes dinâmicas a eles e ao universo inerentes, por terem abandonado suas verdadeiras vontades espirituais, e por terem ainda se divorciado das essências celestiais, traídos por um prato de guisado mais repugnante que qualquer um que Jacó tenha vendido a Esaú, o povo que o mundo hoje nos apresenta exibe aspecto tão desesperançado e uma humanidade vincada na sua aparência pelo desalento. A ignorância do curso da órbita celeste e do seu significado inscrito nos céus perenemente constitui a raiz que se encontra no fundo da insatisfação, infelicidade e nostalgia da raça, as quais são universais. E por isso a alma viva brada por socorro aos mortos, e a criatura a um Deus silente. De todos esses brados geralmente nada resulta. As mãos erguidas em súplica não trazem qualquer sinal de salvação. O frenético ranger de dentes resulta tão-somente em desespero mudo e perda de energia vital. Só existe redenção a partir de nosso interior, e ela é lavrada pela própria alma mediante sofrimento e no decorrer do tempo graças a muito empenho e esforço do espírito.

Como, então, poderemos retornar a essa identidade estática com nossos eus mais profundos? De que modo pode ser realizada essa necessária união entre a alma individual e as Essências da realidade universal? Onde o caminho que conduziria finalmente ao aprimoramento e melhoramento do indivíduo e conseqüentemente à solução dos desconcertantes problemas do mundo dos homens?

O aparecimento do gênio, independentemente dos vários aspectos e campos de sua manifestação, é marcado pela ocorrência de um curioso fenômeno acompanhado quase sempre por visão e êxtase supremos. Essa experiência a que faço alusão é indubitavelmente a indicação de qualidade e legitimidade e a marca essencial de realização genuína. Essa experiência apocalíptica não é concedida à mediocridade. À pessoa ordinária, carregada como se acha com o dogma e a tradição fatigada raramente ocorre esse lampejo de luz espiritual que faz sua descida em esplêndidas línguas de chama como o Espírito Santo de Pentecostes, radiante de alegria e da mais elevada sabedoria, prenhe de inspiração espontânea. Os sofisticados, os saturados pelos prazeres, os diletantes – esses estão excluídos por barreiras intransponíveis dos méritos de sua bênção. Para os que têm talento tão-somente essa revelação não acontece, embora o talento possa ser um ponto de partida para o gênio. O gênio não é e nunca foi no passado simplesmente o resultado de zelo e paciência infinitos. Mas penso que pouca importância necessite ser dada à definição reiterada freqüentemente relativa a uma certa alta percentagem de transpiração associada a um reduzidíssimo restante de inspiração. Por maior que seja o valor da transpiração, ele não pode produzir os efeitos magníficos do gênio. Em todo campo do empreendimento na vida cotidiana, em toda parte vemos realizada uma imensa quantidade de excelente labor, indispensável como tal, em que se

vertem literalmente litros de suor sem que se evoque, de fato, uma fração de uma idéia criativa ou de uma exaltação. Essas expressões exteriorizantes do gênio – zelo, paciência, transpiração – são simplesmente as manifestações de uma superabundância de energia procedente de um centro oculto de consciência. Não passam de meios pelos quais o gênio se distingue, esforçando-se para tornar conhecidos aquelas idéias e aqueles pensamentos que foram arremessados para dentro da consciência e penetraram aquela linha divisória que logra demarcar e separar o profano daquilo que é divino. O gênio em si é produzido ou ocorre concomitantemente com uma experiência espiritual da mais elevada ordem intuicional. É uma experiência que, trovejando do empíreo como um raio ígneo proveniente do trono de Júpiter, traz consigo uma inspiração instantânea e uma retidão duradoura, com uma realização de todos os anseios da mente e da constituição emocional.

Não pretendo investigar a causa primordial dessa experiência, familiar àqueles raros indivíduos cujas vidas foram assim abençoadas desde a sua tenra infância até os seus derradeiros dias. Uma tal investigação me levaria longe demais, conduzindo ao domínio de impalpabilidades metafísicas e filosóficas, no qual de momento não desejo ingressar. A reflexão, contudo, produz um fato bastante significativo. Aqueles indivíduos que receberam o título de "gênio" e foram chamados de grandes pela espécie humana foram os receptores de uma tal inimitável experiência que mencionei. Embora possa muito bem ser uma generalização, trata-se, não obstante, de uma generalização que traz consigo a marca da verdade. Muitas outras pessoas inferiores cujas vidas receberam alegria e brilho de maneira similar foram capacitadas conseqüentemente a realizar uma certa obra na vida, artística ou secular, que, de outra forma, teria sido impossível.

Agora constitui um postulado mais ou menos lógico aquele que se conclui como uma direta conseqüência da premissa precedente, a saber: supondo que fosse possível através de uma espécie detentora de treinamento psicológico e espiritual induzir essa experiência ao interior da consciência de vários homens e mulheres dos dias de hoje, a humanidade como um todo poderia ser elevada além das aspirações mais sublimes, e surgiria uma poderosa nova raça de super-homens. Na realidade, é para essa meta que a evolução tende e o que é encarado por todos os reinos da natureza. Desde os primórdios, quando o homem inteligente surgiu pela primeira vez no palco da evolução, devem ter existido métodos técnicos de realização espiritual por meio dos quais a verdadeira natureza humana poderia ser averiguada, e por meio dos quais, ademais, o gênio da mais alta ordem desenvolveu-se. Este último, poderia acrescentar, foi concebido como sendo apenas o subproduto e a eflorescência terrestre da descoberta da órbita do Eu estrelado, e em tempo algum, pelas autoridades desta Grande Obra, foi em si considerado um objeto digno de aspiração. O "Conhece-te a ti mesmo" foi a suprema injunção impulsionando o elevado esforço deles. Se a criatividade do gênio se seguia como um resultado da descoberta do eu interior e da abertura das fontes da energia universal, se a inspiração das Musas resultava ou de um estímulo na direção de alguma arte ou filosofia ou da ocupação de leigo, tanto melhor. No começo do treinamento, todavia, esses místicos – pois foi com esse nome que essas autoridades passaram a ser conhecidas – eram completamente indiferentes a qualquer outro resultado além do espiritual. O conhecimento do eu e a descoberta do eu – a palavra "eu" sendo usada num sentido grandioso, noético e transcendental – eram os objetivos primordiais.

Se as artes têm sua origem na expressão da alma que escuta e vê onde para a mente exterior existem meramente silêncio e trevas, então evidentemente o misticismo é uma e talvez a maior das artes, a apoteose da expressão e do esforço artísticos. O misticismo, graças a algum suave decreto da natureza, tem sido sempre e em todos os tempos a mais sagradas das artes. O místico realmente abriga em seu peito aquela tranqüilidade que com freqüência se registra no rosto sereno do sacerdote exaltado ao altar. Ele é um reconhecido intermediário e porta-voz, as duas chaves sendo colocadas em suas mãos. Ele é, tanto as eras quanto seus colegas nas outras artes o admitem, mais diretamente introduzido ao interior do Santuário e mais imediatamente controlado pela psique. É por essa razão que seus sucessos são o sucesso de toda a humanidade em todos os tempos. Mas seus fracassos bastante freqüentes, quase como uma nova ruína de Lúcifer, são amargamente reprovados. Um mau poeta ou um mau músico é apenas alvo da censura daqueles de sua arte em particular, e seus nomes logo se apagam da memória de seu povo. Uma charlatão ou um falso mago, entretanto, põem em perigo o mundo inteiro, arrojando um pesado véu sobre a luz translúcida do espírito, a qual era sua principal tarefa trazer aos filhos dos homens. É por essa razão, também, que ele é em toda época somente para os muito poucos; mas, do mesmo modo, ele é para todos os poucos em todas as épocas. Glorificado com as beatitudes de todos os artistas e profetas de todas as épocas, sofre ignominiosamente com o vilipêndio deles, pois eles, como ele próprio, são místicos. Ele é solitário. Afastou-se para o seio das solidões subjetivas. Para onde ele foi – aonde poucos podem segui-lo a não ser que também tenham as chaves – ele é elogiosamente aclamado com canções e ditirambos.

Não é um conhecimento teórico do eu que o místico busca, uma filosofia puramente intelectual sobre o universo – embora isso, inclusive, tenha seu lugar. O místico procura um nível mais profundo de compreensão. A despeito da retórica sobre a poder absoluto da razão, os lógicos e os filósofos de todos os tempos estavam intimamente convencidos da impropriedade e impotência fundamentais da faculdade do raciocínio. Dentro dela, acreditavam eles, existia um elemento de autocontradição que anulava seu uso na busca da realidade suprema. Como prova disso toda a história da filosofia se apresenta como eloqüente testemunho. Acreditaram os místicos, e a experiência o confirmou reiteradamente, que apenas transcendendo a mente, ou com a mente esvaziada de qualquer conteúdo e tranqüilizada como uma lagoa de serenas águas azuis, um relance da Eternidade podia ser refletido. Uma vez acalmadas ou transcendidas as alterações do princípio pensante, uma vez subjugado o turbilhão contínuo que é uma característica normal da mente normal, substituídos por uma serena quietude, podia então, e agora somente, ocorrer aquela visão de espiritualidade, aquela experiência sublime das épocas, que ilumina todo o ser com o calor da inspiração e da profundidade, e uma profundidade de imagens do tipo mais elevado e que tudo abarca.

A técnica do misticismo se subdivide naturalmente em duas grandes classes. Uma é a magia, da qual nos ocuparemos neste tratado, e a outra é a ioga. E aqui é necessário registrar um veemente protesto contra os críticos que, em oposição ao misticismo – por cujo termo se compreende um tal processo como a ioga ou contemplação –, posicionam a magia como algo completamente à parte, não-espiritual, mundano e grosseiro. Julgo essa classificação contrária às implicações de ambos os sistemas e inteiramente incorreta, como tentarei mostrar daqui para a frente. Ioga e magia, os métodos de reflexão e de exaltação, respectivamente, são ambos fases distintas compreendidas no único termo

misticismo. Apesar de freqüentemente empregado de maneira indevida e errônea, o termo misticismo é utilizado ao longo de todo este livro porque é o termo correto para designar aquela relação mística ou estática do eu com o universo. Expressa a relação do indivíduo com uma consciência mais ampla ou no interior ou exterior de si mesmo quando, indo além de suas próprias necessidade pessoais, ele descobre sua predisposiçã a finalidades mais abrangentes e mais harmoniosas. Se essa definição estiver em consonância com nossos pontos de vista, então será óbvio que a magia, igualmente concebida para executar essa mesma necessária relação, porquanto mediante diferentes métodos, não pode satisfatoriamente ser colocada em oposição ao misticismo e às vantagens de um sistema laudatoriamente celebradas em oposição às impropriedades do outro, pois os melhores aspectos da magia constituem uma parte, tal como o melhor da ioga constitui também uma parte daquele sistema completo, o misticismo.

Tem-se escrito muito sobre ioga, de tolices e algo digno de nota. Mas todo o segredo do Caminho da União Real está contido no segundo aforismo dos Sutras de Ioga de Patanjali. A ioga busca atingir a realidade solapando as bases da consciência ordinária, de maneira que no mar tranqüilo da mente que sucede a cessação de todo pensamento, o eterno sol interior de esplendor espiritual possa brilhar para derramar raios de luz e vida, e imortalidade, intensificando todo o significado humano. Todas as práticas e exercícios nos sistemas de ioga são estágios científicos com o objetivo comum de suspender completamente todo pensamento sob vontade. A mente precisa estar inteiramente esvaziada *sob vontade* de seu conteúdo. A magia, por outro lado, é um sistema mnemônico de psicologia no qual as minúcias cerimoniais quase intermináveis, as circumambulações, conjurações e sufumigações visam deliberadamente a exaltar a imaginação e a alma, com a plena transcendência do plano normal do pensamento. No primeiro caso, o machado espiritual é aplicado à raiz da árvore, e o esforço é feito conscientemente para minar toda a estrutura da consciência com o fito de revelar a alma abaixo. O método mágico, ao contrário, consiste no empenho de ascender completamente além do plano de existência de árvores, raízes e machados. O resultado em ambos os casos – êxtase e um maravilhoso transbordamento de alegria, furiosamente arrebatador e incomparavelmente santo – é idêntico. Pode-se compreender facilmente então que o meio ideal de encontrar a pérola perfeita, a jóia sem preço, através da qual pode-se ver a cidade santa de Deus, é uma judiciosa combinação de ambas as técnicas. Em todos os casos, a magia se revela mais eficiente e poderosa quando combinada ao controle da mente, que é o objetivo a ser atingido na ioga. E, da mesma forma, os êxtases da ioga adquirem um certo matiz rosado de romantismo e significado inspiracional quando são associados à arte da magia.

Desnecessário dizer, portanto, que quando falo de magia aqui faço referência à teurgia divina louvada e reverenciada pela Antigüidade. É sobre uma busca espiritual e divina que escrevo; uma tarefa de autocriação e reintegração, a condução à vida humana de algo eterno e duradouro. A magia não é aquela prática popularmente concebida que é filha da alucinação gerada pela ignorância selvagem, e que serve de instrumento às luxúrias de uma humanidade depravada. Devido a ignorante duplicidade dos charlatães e a reticência de seus próprios escribas e autoridades, a magia durante séculos foi indevidamente confundida com a feitiçaria e a demonolatria. Salvo algumas obras que foram ou demasiado especializadas em sua abordagem ou distintamente inadequadas para o público em geral, nada foi até agora publicado para estabelecer em definitivo o que a

magia é realmente. Neste trabalho não se pretende tratar de maneira alguma de encantamentos de amor, filtros e poções, nem de amuletos que impeçam que a vaca do vizinho produza leite, ou que lhe roubem a esposa, ou da determinação da localização de ouro e tesouros ocultos. Tais práticas vis e estúpidas bem merecem ser designadas por aquela expressão tão abusivamente empregada, a saber, "magia negra". Este estudo não tem nada a ver com essas coisas, pelo que não se deve concluir que nego a realidade ou eficácia de tais métodos. Mas se qualquer homem estiver ansioso para descobrir a fonte de onde brota a chama da divindade, caso haja alguém que esteja desejoso de despertar em si mesmo uma consciência mais nobre e sublime do espírito, e em cujo coração arda o desejo de devotar sua vida ao serviço da espécie humana, que essa pessoa se volte zelosamente para a magia. Na técnica mágica talvez possa ser encontrado o meio para a realização dos mais grandiosos sonhos da alma.

Do ponto de vista acadêmico, a magia é definida como a "arte de empregar causas naturais para produzir efeitos surpreendentes". Com essa definição – e também com a opinião de um escritor como Havelock Ellis, que é um nome dado a todo o fluxo da ação humana individual – estamos de pleno acordo, visto que todo ato concebível no período inteiro que dura a vida é um ato mágico. Que efeito sobrenatural poderia ser mais espantoso ou miraculoso do que um Cristo, um Platão ou um Shakespeare que foi o produto natural do casamento de dois camponeses? O que haveria de mais maravilhoso e surpreendente que o crescimento de um minúsculo bebê que atinge a completa maturidade de um ser humano? Todo e qualquer exercício da vontade – o erguer de um braço, o proferir de uma palavra, o germinar silente de um pensamento – todos são por definição atos mágicos. Entretanto, os efeitos "surpreendentes" que a magia procura abarcar ocupam um plano de ação um tanto diferente daqueles que foram indicados, embora estes, apesar de tão comuns, sejam, não obstante, surpreendentes e taumatúrgicos. O resultado que o mago, acima de tudo, deseja concretizar é uma reconstrução espiritual de seu próprio universo consciente e secundariamente aquela de toda a humanidade, a maior de todas as transformações concebíveis. Mediante a técnica da magia, a alma voa, reta como uma flecha impelida por um arco tenso, rumo à serenidade, a um repouso profundo e impenetrável.

Mas é apenas o próprio homem quem pode esticar a corda do arco; ninguém além dele mesmo pode realizar essa tarefa para ele. É logicamente nesta cláusula de qualificação que o temporal fica à espreita. A "salvação" tem que ser auto-induzida e auto-inventada. As essências universais e os centros cósmicos estão sempre presentes, mas é o homem quem tem que dar o primeiro passo na sua direção e então, como disse Zoroastro nos *Oráculos Caldeus*, "os abençoados imortais chegam rapidamente". Quem causa e faz a sorte e o destino é o próprio homem. O curso de sua existência vindoura resulta necessariamente de seu modo de agir. E não apenas isso, pois na palma de sua mão reside a sorte de toda a espécie humana. Poucos indivíduos se sentirão aptos a despertar a coragem latente e a rígida determinação que comanda o universo, para que assim por uma estrada direta e isenta de obstáculos a espécie humana pudesse ser conduzida a um ideal mais nobre e a um modo de vida mais pleno e mais harmonioso. Houvessem tão-somente alguns homens se empenhando para descobrir *o que* realmente são, e apurando sem qualquer sofisma a refulgência cintilante de glória e sabedoria que arde no mais íntimo do coração, e descobrindo os vínculos que as ligam ao universo, e penso que não teriam apenas realizado seus propósitos individuais na vida e cumprido

seus próprios destinos, como também o que é infinitamente mais importante, teriam cumprido o destino do universo considerado como um vasto organismo vivo de consciência.

O que significa acender uma vela? Nesse processo somente a porção mais superior da vela mantém a chama, mas, embora apenas a mecha esteja acesa, é hábito dizer que a própria vela está acesa, difundindo a luz que elimina as trevas à sua volta. Nisso podemos encontrar uma sugestiva referência que se aplica significativamente ao mundo em geral. Se apenas algumas pessoas em cada país, cada raça e cada povo pelo mundo afora *encontrarem* a si mesmas e entrarem em comunhão sagrada com a própria Fonte da Vida, graças à sua iluminação, elas se tornarão a mecha da humanidade e lançarão uma resplandecente e gloriosa auréola de ouro sobre o universo. Nesses indivíduos que constituem uma minoria minúscula, quase microscópica da população do globo, desejosa e ansiosa de se devotar a uma causa espiritual, reside a única esperança para a suprema redenção da espécie humana. Éliphas Lévi, o celebrado mágico francês, arrisca uma opinião nova que acho pode ter alguma relação com esse problema e projeta um raio de luz sobre essa proposta. “Deus cria eternamente...”, escreve ele, “o grande Adão, o homem universal e perfeito, que contém num único espírito todos os espíritos e todas as almas. As inteligências vivem, portanto, duas vidas imediatamente, uma geral, que é comum a todas elas, e outra especial e individual”.

Esse Adão protoplástico é chamado nessa obra *qabalística* intitulada *O livro dos esplendores*[1], de Homem Celestial e compreende em um ser, como observa o erudito mago, as almas de todos os homens e criaturas, e forças dinâmicas que pulsam através de toda porção do espaço estelar. Não é meu desejo tratar de metafísica neste momento, discutindo se esse ser universal primordial é criado por Deus ou se simplesmente se desenvolveu do espaço infinito. Tudo o que quero considerar agora é que a totalidade da vida no universo, vasta e difundida, é esse ser celestial, a Super-Alma como alguns outros filósofos o conheceram, criado para sempre nos céus. Nesse corpo cósmico nós, indivíduos, bestas e deuses, somos as minúsculas células e moléculas, cada uma com sua função independente a ser cumprida na constituição e no bem-estar sociais dessa Alma. Essa teoria filosófica admiravelmente sugere que como no homem da terra há uma inteligência que governa suas ações e seus pensamentos, da mesma maneira, em sentido figurado, há no Homem Celestial uma alma que é sua inteligência central e sua faculdade mais importante. “Tudo o que existe na superfície da Terra possui sua duplicata espiritual no alto, e não existe nada neste mundo que não esteja associado a algo e que não dependa desse algo.” Assim escrevem os doutores da *Qabalah.* Tal como no homem a substância cerebral cinzenta é a mais sensível, nervosa e refinada do corpo, do mesmo modo os seres mais sensíveis, desenvolvidos e espiritualmente avançados no universo compreendem o coração, a alma e a inteligência do Homem Celestial. É nesse sentido, em suma, que os poucos que empreendem a realização da Grande Obra, isto é, *encontrar* a si mesmos de um ponto de vista espiritual e identificar sua consciência integral com as Essências Universais, como Jâmblico as chama, ou os deuses, que constituem o coração e a alma do Homem Celestial – esses poucos são os servos da espécie humana. Executam a obra da redenção e cumprem o destino da Terra.

[1] Publicado no Brasil com o título *As origens da cabala,* pela. Ed. Pensamento, tradução de Márcio Pugliesi e Norberto de Paulo Lima. (N. T.)

O misticismo – magia e ioga – é o veículo, portanto, para uma nova vida universal, mais rica, mais grandiosa e mais plena de recursos do que jamais o foi, tão livre como a luz do sol, tão graciosa quanto o desabrochar de um botão de rosa. Ela é para ser tomada pelo homem.

CAPÍTULO II

É bastante provável que de maneira tonitruante seja emitida de certas fontes a condenação de que o sistema indicado nesta obra como magia faz somente referência ao princípio da constituição humana pertinente exclusivamente à natureza inferior. Em decorrência dessa classificação, não é difícil antecipar que toda a técnica teúrgica venha a ser inteiramente condenada como "psiquismo", por exemplo, nos círculos teosóficos. Na verdade, como poucas considerações bastariam para demonstrar, tal condenação é mal colocada e injustificada. A fim de retificar esse ponto de vista de uma vez por todas, apresentamos *A árvore da vida* ao público leitor. Abomino essa loquacidade teosófica. Permitam que registre aqui minha repugnância por suas classificações demasiado simplistas, sua contínua disposição de aplicar rótulos de mordaz opróbrio a coisas parcialmente compreendidas. Não fosse o caso de sentir-me tão profundamente envolvido com a magia – sustentando que nela possa ser encontrado o meio de tomar o reino dos céus de assalto – esse abuso e propositada censura dos teósofos seria merecidamente ignorado e relegado àquela esfera de desprezo a que com justiça pertencem. Tem havido em geral excessiva incompreensão quanto ao que é a magia e qual a ação por ela orientada. É tempo de esclarecer de uma vez por todas essa fonte contínua de confusão por meio da formulação dos princípios elementares de sua arte.

Em sua renomada obra *Estâncias de Dzyan*, em torno da qual toda a *A doutrina secreta*[2] se acha organizada como um comentário, Madame Blavatsky nos informa que cada homem é uma sombra ou centelha de uma divindade de sabedoria, poder e espiritualidade superlativos. Esses seres sensíveis são chamados de deuses ou Essências universais por uma das autoridades em teurgia. Uma autoridade em teosofia da atualidade, o dr. Gottfried de Purucker escreve o seguinte: "A parte mais refinada da constituição do ser humano é, em cada caso, um filho da parte espiritual de um ou outro dos gloriosos sóis espalhados pelo espaço sem fronteiras. Vós sois deuses em vossas partes mais interiores, átomos de algum sol espiritual..." A definição conferida a um deus em *A doutrina secreta* é a de um ser hierárquico que nas épocas mais remotas do empenho evolutivo, há muitíssimo tempo, era um ser humano tal como o somos agora. Por meio de esforço e progresso consciente uniu-se àquela Realidade Espiritual difundida através das ramificações e fundações do universo. Por ocasião dessa união, entretanto, a individualidade essencial da experiência foi retida. Mas transcendida a personalidade, o ser retomou seu papel natural de dirigente, por assim dizer, ou Regente do universo, ou de alguma porção ou aspecto particular do universo. Visto que, baseado nessa definição, o homem é a centelha de uma tão grandiosa consciência, um filho dos deuses cósmicos, o curso de sua vida só poderá se orientar para o aspirar pela união com seus progenitores espirituais. Tanto a origem da magia quanto sua *raison d'être* se encontram na efetivação dessa união.

---

[2] Publicação da Ed. Pensamento. (N. T.)

Espero mostrar nestas páginas que a técnica da magia está em estreito acordo com as tradições da mais remota Antigüidade, e que conta com a sanção, explícita ou implícita, das mais excelentes autoridades. Jâmblico, o divino teurgo, tem muito a dizer em seus vários escritos sobre a magia; do mesmo modo em Proclo e Porfírio, e mesmo na moderna literatura teosófica oficial, há obscuras referências, embora inexplicadas e jamais desenvolvidas, à magia divina. Diversas boas invocações procedentes dos registros gnósticos e as várias recensões do Livro dos Mortos serão apresentadas próximo à conclusão deste livro, e pesquisas baseadas nas concepções mágicas egípcia e *qabalística* nos demais capítulos deste livro.

Resumir, portanto, a magia de maneira vaga com a única palavra "psiquismo" é um completo absurdo, para dizer o mínimo. Conheço teósofos, todavia, e percebo a necessidade de antecipar suas objeções com ampla contraposição. O mago tem que estar no controle de toda sua natureza; todo elemento constituinte em seu ser precisa ser desenvolvido sob a vontade ao auge da perfeição. Princípio algum deve ser reprimido, já que cada um é um aspecto do espírito supremo, tendo que cumprir seu próprio propósito e natureza. Se o teurgo se envolve, por exemplo, com viagem astral – parte da Grande Obra à qual as objeções da teosofia serão mormente dirigidas – assim será por três razões principais. *Primeira*, na chamada luz astral ele pode perceber um exato reflexo de si mesmo em todas as suas várias partes, qualidades e atribuições, sendo que um exame desse reflexo tende naturalmente para uma espécie de autoconhecimento. *Segunda*, a definição da luz astral do ponto de vista mágico é extremamente lata, incluindo todos os planos sutis acima ou no interior do físico, o objetivo do mago sendo ascender constantemente aos domínios mais fervorosos e mais lúcidos do mundo espiritual. Os elementos mais grosseiros da esfera de Azoth, com suas imagens sensórias e visões opacas obscurecidas, precisa ser sempre transcendido e deixado bem atrás. Éliphas Lévi chega a estabelecer, por razões de ordem prática, apenas duas grandes classes de planos no universo: o mundo físico e o mundo espiritual. *Terceira*, antes que essa porção particular do mundo invisível possa ser transcendida, é necessário que seja conquistada e dominada em cada um de seus aspectos. Todos os habitantes dessa esfera têm que ser submetidos ao mago, aos seus símbolos mágicos e obedecer inequivocamente à realidade da Vontade Real que esses últimos simbolizam. No nosso plano e em nosso domínio de vigília da experiência ordinária, os símbolos são meramente representações arbitrárias de uma significação inteligível interior. São as assinaturas visíveis de uma dignidade metafísica ou espiritual, por assim dizer. Na luz astral, entretanto, esses símbolos assumem existência independente revelando sua realidade tangível, e conseqüentemente são de máxima importância. As evocações são empreendidas pelo mago não por curiosidade ou para satisfazer a uma sede pelo poder, mas sim com a finalidade única de trazer essas facetas ocultas de sua própria consciência para o âmbito de sua vontade, submetendo-as então ao seu domínio.

Pode-se, talvez, definir como objeto do psiquismo o estímulo e a preservação do eu inferior às expensas ou na ignorância do eu superior. Trata-se de uma abominação merecedora da mais severa censura. Na magia não se fazem tentativas para aquisição de poderes em proveito próprio, ou com qualquer propósito abjeto ou nefando. Qualquer poder adquirido deve instantaneamente ser subordinado à vontade, e mantido em seu próprio lugar e adequada perspectiva. Essa questão de poderes é bastante curiosa, tendo

obtido, devo acrescentar, maior destaque em meio ao público somente a partir do advento do culto ao espiritualismo e da formação das organizações teosóficas. Por que os indivíduos – particularmente alguns teósofos – cobiçam ou encaram como encaram os poderes astrais ou outros poderes ocultos para sua própria vantagem e uma morbidez patológica que escapa a minha compreensão. No início de sua carreira, o mago é compelido a compreender que sua exclusiva aspiração diz respeito ao seu eu superior, ao seu Santo Anjo Guardião, e que quaisquer faculdades que sejam obtidas precisam ser subordinadas a essa aspiração. Qualquer trabalho menor que seja realizado necessita ter um motivo espiritual definido. Uma aspiração por qualquer coisa que não seja o Santo Anjo Guardião[3] constitui realmente, salvo raras exceções, um ato de magia negra que é, portanto, sumamente abominável. Deve ficar, por conseguinte, óbvio para todos que o psiquismo, entendido como o desejo de poderes psíquicos anormais que sirvam como fim em si mesmos, é absolutamente estranho à intenção e meta dessa técnica.

Uma outra objeção a ser levantada provavelmente é que a magia pode levar à mediunidade. Esta é também uma crítica improcedente por várias razões. Tem sido observado corretamente que tanto o médium quanto o mago cultivam o transe. Mas a exatidão da observação pára por aí, pois entre os respectivos estados de consciência do médium e do mago há uma colossal diferença. Na linguagem popular encontramos a idéia vulgar segundo a qual gênio e loucura estão associados. A distinção efetiva é que num caso o equilíbrio de gravidade está *acima* do centro normal da consciência; no outro encontra-se *abaixo*, e a consciência de vigília foi invadida por uma horda inicial de impulsos subconscientes descontrolados. Idéia idêntica se aplica ainda com maior força à comparação do médium com o mago, pois o médium cultiva um transe passivo e negativo que arremessa seu centro de consciência para baixo, para o interior do que podemos chamar de *Nephesch.* O mago, por outro lado, é intensamente ativo tanto de um ponto de vista mental quanto espiritual, e embora ele também se empenhe no transe noético para manter os processos de raciocínio em suspensão, seu método consiste em elevar-se acima deles, abrir-se para os raios telésticos do eu superior de preferência a descer a esmo ao limo relativo de *Nephesch.* É esta a única diferença. O cultivo da vontade mágica e a conseqüente exaltação da alma é a técnica da magia. O transe espírita não é nada mais nada menos que uma descida não-natural à inércia e à consciência animal. Abdica-se de toda humanidade e divindade no transe passivo negativo a favor da vida animal e da obsessão demoníaca. A abdicação do *ego* racional no caso do mago ocorre em favor de uma realização espiritual noética, não do torpor da vida instintiva e vegetativa. Por conseguinte, a magia não está associada sob qualquer ponto de vista à mediunidade passiva.

Antes de passar à exposição dos princípios fundamentais da magia, é necessário esclarecer minha posição no que concerne às fontes de filosofia teórica que estão na base de minha interpretação pessoal da técnica da magia. Ficará bastante óbvio que estou em grande débito com a teosofia. Muitas práticas mágicas encontram sua base na *Qabalah* Prática dos filósofos hebreus e na teurgia sacerdotal dos egípcios. Fragmentos foram

---

[3] A respeito do Santo Anjo Guardião, consultar *O livro da magia sagrada de Abramelin, o Mago,* publicado por esta mesma editora. (N. T.)

selecionados de várias fontes e sou grande devedor de um grande número de pensadores anteriores a mim e também contemporâneos, e a todos sou grato.

No que diz respeito a teosofia, acho uma questão de honestidade confessar – a despeito das observações depreciativas aqui registradas contra a conduta de certos teósofos – que por Blavatsky só posso alimentar a maior admiração e o maior respeito. Muito da superestrutura filosófica exibida em *A doutrina secreta* só indica tácita aquiescência e sincera concordância com minhas idéias. Minha própria concepção da filosofia mágica deve o que há nela de concatenado e claro aos desenvolvimentos em religião e filosofia comparadas dos quais Blavatsky me muniu. Todavia, minha postura é eclética, selecionando aqui, rejeitando ali, e formando a partir do todo uma síntese coerente e consistente que agrade ao intelecto e satisfaça à alma. Sinto que não posso aceitar a totalidade do ensino de Blavatsky em várias de suas comunicações. Há muito com o que simpatizo inteiramente, com o que se experimenta a um tempo orgulho e felicidade assimilando-se a própria filosofia pessoal, e, ao mesmo tempo, há muito que desagrada e repugna o senso interior.

Também muito devo, e não em menor grau, às obras de Arthur Edward Waite, em particular a seus resumos do ensino *qabalístico*. Há uma quantidade considerável de boa literatura escrita por esse agora idoso contemporâneo que é sumamente encantadora, informativa e sublime, entoando cantos por vezes de incomparável eloqüência. E é esse aspecto de excelente erudição e lirismo que acho não deve ser esquecido, embora algumas vezes pareça arruinado pela freqüência de passagens em seus escritos que provocam justificável reprovação. São de uma turgidez e pomposidade abismais, e exibem uma tendência desnecessária à crítica destrutiva. Mas eu, no que diz respeito aos sentimentos pessoais, tenho um lugar cálido no fundo de meu coração para o sr. Waite, e lhe devo bem mais do que meras palavras são capazes de expressar, e a título de suplementação ao presente estudo recomendo enfaticamente a todos os leitores o seu *Doutrina secreta em Israel* e *A Santa Cabala.*

Embora nas obras do eminente mago francês cujo pseudônimo era Éliphas Lévi Zahed haja muita tagarelice sem sentido que não tem a menor conexão com a magia, percebe-se aqui e ali no *Dogma e ritual da Alta Magia*[4] e em suas outras obras, cintilando como estrelas no bojo do firmamento, reluzentes pepitas do mais puro ouro no negro minério da obscuridade e da trivialidade. Devo confessar, contudo, estar pouco impressionado em todos os aspectos com sua própria ficha como mago prático, visto que, ao que tudo indica, a sua chamada evocação da sombra de Apolônio de Tiana resultou em pouquíssimo. Lévi constitui um problema difícil para a maioria dos leitores. Ademais, ele sobrecarregou a si mesmo com uma confusão, ou uma tola tentativa de reconciliar a magia com o catolicismo romano. Assim, sem uma sólida compreensão dos princípios fundamentais da *Qabalah* e da filosofia comparativa ficará sujeito a ser arremessado de cabeça nos vários fossos que ele supre para os incautos.

S. L. McGregor Mathers e W. Wynn Westcott também me forneceram muito que servisse de fundamento nesta filosofia mágica, particularmente o primeiro, e muito material útil pode ser reunido a partir das obras de ambos. O mundo terá de ser

[4] Publicado no Brasil pela Ed. Pensamento, tradução de Rosabis Camaysar, e pela Madras, tradução de Edson Bini. (N. T.)

eternamente grato a Mathers por sua tradução de *O livro da Magia Sagrada de Abramelin, o Mago*[5] e *A Introdução ao Estudo da Cabala*, de Westcott é talvez um dos mais atraentes textos elementares a respeito desse assunto. Entretanto, a aceitação da totalidade das opiniões desses escritores levaria a uma crise aguda de indigestão mental. Em cada um há vários elementos da verdade – verdade, ao menos para cada aprendiz – mas sondando o fundo observa-se um ligeiro resíduo de exagero, mal-entendidos e erro.

Observar-se-á, igualmente, que faço freqüentes citações de Aleister Crowley, e é imperioso que eu defina claramente minha posição relativamente a esse homem genial. Deixando de lado o opróbrio de magia negra que lhe foi dirigido violentamente por muitos indivíduos completamente ignorantes do que ele ensinou, há muita coisa importante em Crowley, muita filosofia e pensamento original tanto sobre *Qabalah* quanto sobre magia belamente expressos em prosa e verso e de concepção profunda. Acho lamentável que o público seja privado dessa novidade e originalidade superlativas que pertencem a Crowley e despojado daqueles aspectos de seus ensinamentos que são bons, enaltecedores e duradouros, simplesmente por causa de uma certa parte de sua produção literária que é certamente banal, insignificante, sem importância e indubitavelmente repreensível.

As personalidades e vidas particulares desses indivíduos não me dizem respeito em absoluto, e não me sinto inclinado a discuti-las. Quase todos eles, numa ocasião ou outra, foram atingidos pelas ferroadas e setas do mau juízo de uma multidão maliciosa. Também não me dizem respeito nem esta multidão nem a natureza das invectivas que lançam, pois a magia nada tem a ver com elas.

A cada aprendiz, portanto, cabe a tarefa de determinar para si mesmo o que deve ser verdadeiro e confiável e estabelecer por sua própria conta um padrão de referência sem controvérsia. E esse padrão deve ser experiência espiritual. Por isso, a Árvore da Vida *Qabalística* foi adotada como a estrutura da magia prática, visto que está, em primeiro lugar, aberta à classificação sintética e construtiva, e porque fornece aquilo que pode ser apropriadamente chamado de alfabeto mágico. É preciso notar que a palavra "alfabeto" é empregada, e empregada de preferência à palavra linguagem e aos seus desdobramentos. A *Qabalah* não procura suprir uma completa linguagem mágica ou uma inteira filosofia. Essa última só pode ser conquistada mediante experiência espiritual. Mas a partir do alfabeto de idéias, números e símbolos e das sugestões apresentadas por ele, o aprendiz poderá se achar capacitado, com o auxílio da pesquisa mágica, a construir um edifício satisfatório de elevada filosofia que o conduzirá ao longo da vida.

[5] Publicado no Brasil por esta editora, tradução de Norberto de Paula Lima, Márcio Pugliesi e Edson Bini. (N. T.)

CAPÍTULO III

Insistem todos os teurgos do passado que a augusta filosofia que serve de base à teoria e técnica da magia, sendo tão importante quanto o trabalho prático e uma necessidade radical que deve preceder esse trabalho, constitui um pré-requisito para qualquer discussão adicional. Na verdade, dificilmente teremos um efetivo entendimento da base racional da magia e certamente nenhuma compreensão das complexidades que ocorrem no interior e no exterior da constituição do mago se o fundamento filosófico não estiver firmemente assentado em sua mente. Se há perigo na busca da magia, esse perigo só surge quando o operador não dispõe de conhecimento preciso do que está fazendo. É de uma compreensão inteligente do significado dos símbolos do oculto e das realidades que eles, em primeiro lugar, visam a comunicar que a eficácia dos ritos depende muito. Os símbolos e acessórios da magia nas mãos profanas de alguém não familiarizado com os fundamentos da arte indubitavelmente não produziriam os corretos efeitos taumatúrgicos. Contudo, o mero conhecimento intelectual desses princípios arcanos é de pouca valia se não houver experiência espiritual. Em contrapartida, a investigação mágica do universo e sua conseqüente compreensão espiritual na consciência assumem maior dignidade, e implicação e profundidade mais férteis se apoiadas numa compreensão teórica.

Em sua recente obra, *Os mistérios do Egito*, Lewis Spence afirmou que o sistema filosófico da magia reuniu "e tornou manifestos toda a sabedoria e conhecimento arcano do mundo antigo, que foram assim cristalizados e sistematizados de tal maneira que tivessem sido eles preservados de uma forma não adulterada, teriam certamente poupado épocas posteriores de muitas catástrofes religiosas e muito falso misticismo. Mas graças à indolência e negligência de seus preservadores e talvez através das cínicas influências que lhes eram impingidas de fora, sua primitiva beleza divina foi gradualmente perdida até, finalmente, restar apenas o esqueleto de seus rituais e cerimônias".

Foi nas religiões esotéricas ortodoxas que alguns dos vários fragmentos esparsos do esqueleto mágico foram retidos, em sua maior parte ineficazes e incompreensíveis para a maioria devido à inescrupulosa adulteração. Mas a essência da magia, sua "primitiva beleza divina", foi preservada por mãos altruístas e cuidada zelosamente em mentes sublimes, e se houver muita aplicação, pode até ser compilada em publicações. Nos trabalhos gnósticos, inclusive nos escritos neoplatônicos, nas propositais obscuridades dos alquimistas, em meio à literatura procedente dos rosacruzes – em tudo isso temos a possibilidade de encontrar vestígios luminosos da filosofia e prática dessa magia da luz que, cuidadosamente reunidos sobre a base sintética suprida pela Árvore da Vida, formam um sistema sublime e funcional que concede a luz da compreensão a todos aqueles que queiram contemplá-la. Os principais ingredientes do sistema mágico são a Árvore da Vida *qabalística*, que é a fonte de referência, e a religião hierática da casta sacerdotal do Egito. Existe, devo mencionar – deixando a interpretação a critério do leitor – a lenda segundo a qual a *Qabalah* foi recebida por Moisés como uma custódia sagrada no Sinai, que ele a entregou a Josué, o qual a entregou, por sua vez, aos juízes, e estes ao sinédrio, até que finalmente os *Tanaim* e rabinos posteriores se apoderaram dela e a

trabalharam. Outras pessoas sustentam com convicção que se essa pessoa chamada Moisés existiu historicamente e se a *Qabalah* e seus corolários se originaram dele, ele a obteve dos sacerdotes egípcios, em companhia dos quais ele sem dúvida estudou nos templos do Nilo. Poucos países no mundo, exceto a Índia, talvez, podem se gabar de uma crônica de tradição mística e mágica tão eloqüente quanto o Egito, que com justiça recebeu o título de *matriz da magia.* Se a *Qabalah* é ou não realmente oriunda dos egípcios ou qualquer outro povo é um ponto discutível, não havendo, apesar da lenda e da especulação extravagante, nenhuma evidência histórica autêntica nesse sentido. E contudo, a teurgia prática dos egípcios se harmoniza notavelmente bem com as teorias filosóficas da *Qabalah*, e a experiência de uma multidão de magos tende a nos fazer crer que dificilmente poderia haver uma combinação mais adequada ou mais satisfatória.

Conseqüentemente, apresentaremos aqui uma exposição dos princípios subjacentes do universo tais como concebidos pelos magos e um estudo daquilo que forma necessariamente a base de todo o trabalho prático.

Essa concepção do universo será resumidamente enunciada nos termos filosóficos da *Qabalah*, e entremeada em torno da estrutura central da Árvore da Vida. "Quem penetra no santuário da cabala é tomado de admiração à vista de um dogma tão lógico, tão simples e ao mesmo tempo tão absoluto. A união necessária das idéias e dos signos, a consagração das realidades mais fundamentais pelos caracteres primitivos, a trindade das palavras, letras e números; uma filosofia singela como o alfabeto, profunda e infinita como o Verbo; teoremas mais completos e luminosos que os de Pitágoras; uma teologia que se condensa contando pelos dedos; um infinito que pode caber na palma da mão de uma criança; dez algarismos e vinte e duas letras, um triângulo, um quadrado e um círculo: aqui está a totalidade dos elementos da cabala. São os princípios básicos do Verbo escrito, reflexo desse Verbo discursante que criou o mundo!" – Assim pensava Lévi, e na verdade é preciso concordar sinceramente com ele, pois o admirável fundamento da *Qabalah* é uma simples estrutura matemática de símbolos, números e nomes, que emprega dez números e as letras do *alfabeto dos anjos*, como foi denominado o alfabeto hebraico. A matemática sempre foi considerada uma ciência divina pelos discípulos da filosofia esotérica, particularmente entre os pitagóricos, prefigurando, como o faz por meio do número os processos criativos tanto do universo quanto do desenvolvimento do ser humano. Diversos magos sustentaram que foi pelas idéias expressas no número que a natureza foi concebida no seio do espaço infinito. Dessas idéias universais brotaram os elementos primordiais, os imensos ciclos do tempo, os corpos cósmicos e toda a gama de transformações celestes.

Como os números eram os meios ou os símbolos pelos quais o significado das idéias universais abstratas podia ser compreendido, ao longo do tempo acabaram sendo substituídos pelas próprias idéias. Os filósofos do número eram ensinados no início de seus estudos a pensar em crescimento e desenvolvimento em termos do número, a considerar as realidades cósmicas em seus estados progressivos como a seqüência da progressão numérica. Os números se tornaram identificados com esses vários estados. Conseqüentemente, na filosofia mágica aludir ao zero, por exemplo, significa sugerir em primeiro lugar a essência imanifesta do universo antes mesmo do nascimento das palavras, o ilimitado e a imutabilidade do espaço infinito no qual não há nem estrelas nem sóis, nem planetas nem homens. O círculo, um zero (0) na sua forma, era assim considerado como sendo uma representação adequada daquela realidade primordial que

proporcionara existência a todas as coisas vivas e seres vivos em toda a vastidão do espaço. O ponto, metafísico e espiritual, que aparece num acordo estrito com a lei cíclica, era representado por um traço ou uma linha estendendo-se do alto à base do círculo, uma figura ereta do um. O próprio número passou então a indicar o processo de germinação dos mundos. Cada número, em virtude do processo evolutivo ao qual originalmente se aplicava, conseqüentemente significava o próprio processo. Por conseguinte temos a base racional das figuras geométricas, dos selos e dos símbolos empregados nas cerimônias mágicas. À medida que a filosofia da *Qabalah* for revelada, o leitor perceberá quais são as implicações fundamentais na raiz dos signos e símbolos usados pela teurgia. E será percebido claramente que não se trata mais de signos arbitrários de conotação dúbia, mas sim de realidades rigorosas investidas de uma augusta verdade. Devo pedir insistentemente ao aprendiz, entretanto, que seja paciente comigo por enquanto neste e nos capítulos subseqüentes, visto que estou lidando com um assunto sumamente complexo e difícil. Não importa quão bem se apresenta uma simplificação para o estudo geral, ela sempre exigirá uma detida atenção e muita aplicação.

Acima de tudo a filosofia da *Qabalah* é uma filosofia da evolução. O universo, com todos seus planetas, mundos e seres independentes, foi concebido como a emanação de um princípio-substância primordial que alguns chamaram de Deus, de Absoluto, de Infinito, de Todo e assim por diante. Na *Qabalah*, esse princípio, que é a Realidade Única, é chamado de *Ain Soph*, o Infinito. O *Sepher haZohar*, talvez o mais importante dos textos *qabalísticos*, o concebe imutável, incognoscível para a mente, ilimitado, imanifesto e absoluto. Além de toda compreensão intelectual em Si, visto que jamais poderia ser abarcado por uma mente que é apenas um segmento de Sua toda-inclusividade, afirma-se ser Ele *Ain* – nada. Visto que ultrapassa efetivamente toda compreensão finita, sendo suas vastidões imutáveis e ilimitadas para a mente humana, cuja especulação mais profunda seria incapaz de aproximar-se do mais vago esboço do que Ele é em Si, forçoso é que permaneça sempre um vazio misterioso – nada, *nenhuma coisa.* Nesse sentido, a concepção gráfica dos antigos egípcios mostra-se bastante expressiva, bem como pitoresca. O céu, ou espaço anterior a toda manifestação, era concebido como o corpo nu da deusa Nuit, a rainha do espaço infinito, de seus seios brotando o leite das estrelas, as águas primordiais da substância.

Tudo o que pode ser dito de verdadeiro dessa Realidade Absoluta e Suprema é que ELA É. Isto tem que bastar. Onipresente, eterno e auto-existente – essas são idéias que transcendem mesmo os mais sublimes vôos da imaginação treinada, abstrações além da apreensão das mentes mortais. Um dos símbolos dessa potencialidade do *Ain* durante um período de repouso é um círculo, significando que tudo tendo sido recolhido à homogeneidade, o movimento retorna perpetuamente para si mesmo, como no glifo a cauda da serpente se recolhe e é tragada pela cabeça. O círculo só é interrompido, por assim dizer, pela lei da periodicidade. Essa lei, que a tudo afeta e que é inerente à própria natureza das coisas, governa o constante fluxo e refluxo, aparecimento e desaparecimento dos mundos. A potencialidade do *Ain Soph* é apenas refletida mediante a emanação de si mesmo do alento de criatividade, com o começo de um ciclo quando a Vida Una é polarizada no espírito e matéria. A ruptura do círculo de movimento incessante é realizada por uma contração de sua Luz Infinita, por uma colocação de um ponto minúsculo de refulgência cintilante nos confins do espaço. Como foi efetivada essa concentração de luz num centro cósmico, qual sua obscura origem, somos incapazes de

dizê-lo. Há explicações confusas quanto à Vontade do *Ain Soph* ou à lei dos ciclos, mas elas realmente não nos conduzem a uma satisfatória compreensão inteligente. Num caso, é inteiramente impossível conceber uma condição espiritual tão infinita e tão abstrata como o *Ain Soph* possuindo uma Vontade que possa ser posta em operação, tanto quanto possuindo uma mente ou um corpo. Segundo a tradição filosófica, *Ain Soph* não é nem Espírito nem Vontade, mas sim a causa subjacente de ambos; não é força ou matéria, mas aquilo que serve de base a elas, sua causa última. No segundo caso, o postulado da lei cíclica que pretende dar conta do aparecimento do centro de luz trata de algo independente do *Ain Soph* ou que impõe necessidade sobre ele. Se a lei cíclica é identificada com o Absoluto, o postulado se torna idêntico à Vontade de manifestação. Em qualquer dos casos, desde que concordemos no domínio da teurgia que a razão não pode ser o árbitro final no que diz respeito a isso e questões metafísicas similares, a tradição filosófica será simplesmente aceita como afirmação árida, sem a pretensão de esforçar-se para suprir explicações racionais para um centro cósmico de esplendor surgido no espaço.

Esse centro metafísico cósmico é chamado de *Kether*, a coroa, e é a primeira manifestação do Desconhecido, uma concentração de sua luz infinita. *Kether* é, também, num certo sentido desconhecido, o Zohar o chamando de o Oculto. Blavatsky o considera como o primeiro *Logos*, imanifesto, pois a partir dele tanto o espírito quanto a raiz da matéria cósmica ainda nascerão. Seu número é *um*, pois o ponto no círculo alongado e traçado como um traço reto é esse número.

Como a coroa que está acima do sistema de emanação, como o ápice da Árvore da Vida que tem sua raízes nos céus, descendo em desenvolvimento rumo à terra, *Kether* é o sentido mais profundo da egocidade, constituindo o substrato da consciência humana e a raiz última da substância. Esse ponto central, sensível e espiritual, este centro metafísico ou mônada metafísica de consciência, preenche essas duas exigências, existindo como a real individualidade e a divisão última da matéria. Da mônada brota a dualidade, dois princípios distintos de atividade permanentes através de um período inteiro de manifestação, co-existente e co-eterno. Trata-se da consciência e da base substantiva metafísica sobre a qual a consciência sempre atua, substância da raiz cósmica. Um é chamado de *Chocmah* – sabedoria, e ao outro atribui-se o título de *Binah* – compreensão. Com o intuito de tornar coisas abstratas um pouco mais compreensíveis às mentes que se esforçavam para instruir nessa metafísica, uma das características dos filósofos cabalistas era explicar, na medida do possível, seus complexos e difíceis teoremas em termos de conduta humana, atividade humana e emoção humana. Assim notamos que é dado o título de Pai a *Chocmah* e de Mãe a *Binah*. Todas as *Sephiroth*, como são chamadas essas emanações, abaixo daquela que é chamada de Coroa, recebem atribuições masculinas e femininas, e a atividade entre *Sephiroth* masculinas e femininas em reconciliação é um “filho”, por assim dizer; uma *Sephirah* neutra atuando em equilíbrio. Assim, a Árvore da Vida, compreendendo essas dez emanações, se desenvolve a partir da mais elevada abstração até o mais concreto material em várias tríades de potências e forças espirituais. Masculino, feminino e criança; positivo, negativo e sua resultante mescla num terceiro fator reconciliador.

Esses dois princípios ou *Sephiroth*, ao serem intitulados o Pai e a Mãe, são também atribuídos a letras do chamado Tetragrammaton, do qual as quatro letras são YHVH. Relativamente a essa doutrina do Tetragrammaton, devo lembrar o leitor que as

atribuições desse nome e os modos de emprego exegético são sumamente importantes, e quanto mais clara e precisa for a compreensão desses, mais claro e preciso será o discernimento das fórmulas práticas de magia a serem consideradas posteriormente. O Pai recebe a letra “Y” desse nome e o primeiro “H” é atribuído à Mãe. Da união de Y e de H flui o resto de todas as coisas criadas. Em outras palavras, da consciência e seu veículo todas as coisas são formadas, e todo ser concebível, deus ou homem, divino ou animal, tem sua base no Y e no H do nome divino.

Deve-se mencionar, de passagem, que a postura adotada pelo que é conhecido como Ciência Cristã ao negar a existência da matéria não é ratificado pela filosofia dos teurgos. É verdade que esta última afirma que o mundo físico é uma ilusão, a saber, no sentido de que suas formas externas estão em constante mutação, que se encontra num estado de fluxo perpétuo. Desse ponto de vista, quando observado “de cima”, acredita-se ser o universo uma ilusão. Mas sua existência está fundada numa realidade, a substância-raiz de *Binah*, distinta e separada do aspecto consciência de *Chocmah.* Nesse ponto apenas, deixando de lado várias outras brechas para discussão, a magia não tem qualquer interesse pela Ciência Cristã ou algo em comum com ela. Tanto o espírito quanto a matéria são reais, quer dizer, reais durante um período de manifestação; em si mesmos são apenas modos passageiros da atividade, por assim dizer, do *Ain Soph.*

Expandindo através da totalidade do espaço, usando *Binah* como um veículo imediato, as energias de *Chocmah* dão origem às sete emanações restantes que resultam no aparecimento do mundo físico tangível. Em *Chocmah*, o plano de mundo ideal ou imaginativo pelo *Logos* que está em *Kether*, as idéias sobre as quais o “mundo que virá a ser” se baseará. No *Livro dos Mortos do Antigo Egito*, o deus Tahuti ou Thoth[6], a divindade atribuída a *Chocmah*, visto que as características essenciais de ambos são idênticas, é ali concebido como tendo sido a “língua” do criador Ptah, e ele sempre proclamou a Vontade do grande Deus, falando as palavras que ordenavam a todo ser e toda coisa no céu que adentrasse a existência. *Sir* E. A. Wallis Budge, o eminente egiptologista, observa no folheto informativo do Museu Britânico que trata de *O Livro dos Mortos* que “Thoth concebeu as leis pelas quais o céu, a Terra e todos os corpos celestes são mantidos; ele ordenou os cursos do sol, da lua e das estrelas”. Isso está em harmonia total com a natureza de *Chocmah,* a ideação ou imaginação do *cosmos*, em que todas as coisas foram primeiramente concebidas e então realizadas e tornadas manifestas em substância.

A Mãe de todas as formas, esta é *Binah*, a terceira *Sephirah*. De acordo com o grande *qabalista* do século XVI, rabi Moisés Cordovero, esse número é a raiz das coisas. Substância-raiz cósmica e energia primordial são as expressões usadas por Blavatsky para designar essa manifestação particular, chamada na *Qabalah* de Grande Mar. O formato das letras da palavra hebraica para mar é um glifo eloqüentemente indicativo da elevação e expansão das ondas no seio das águas. Os antigos simbolizaram muito sabiamente com o mar a substância virgem intocada espalhada espaço afora, pois a água é plástica, de forma sempre cambiante, e assume a forma de qualquer recipiente em que é despejada. O mar é um símbolo sumamente adequado dessa substância plástica a partir da qual todas as formas devem ser compostas e representa uma energia ininterrupta, a

[6] *Tahuti* ou *Tehuti* é egípcio, *Thoth* é copta. (N. T.)

despeito de ser passiva. Diz-se que a cor de *Binah* é o preto, visto que o preto absorve todas as outras cores tal como todas as formas materiais após inumeráveis transformações e mutações retornam à substância-raiz e por ela volta a ser absorvidas.

Essas três emanações são únicas de uma maneira especial. A Coroa, com seus dois derivados, o Pai e a Mãe, é concebida como *Sephiroth* suprema, não tendo relação com as emanações que dela procedem. No diagrama da Árvore da Vida, as supremas são vistas como existindo além do Abismo, aquela grande voragem fixada entre o ideal e o real, separando-as das emanações que são as inferiores, o *acima* do que está *abaixo.* Tal como as ondas se alçam e afundam abaixo do nível normal das águas sem produzir qualquer efeito duradouro nas próprias águas, assim é considerada a relação do universo real com as *Sephiroth* supremas, pois elas repousam num plano completamente afastado de qualquer coisa que possamos compreender intelectualmente. É somente com o aparecimento da quarta emanação que temos algo que é realmente cognoscível pela mente humana.

Por essa razão, há um segundo método de numeração que se soma àquele que já apresentamos. As *Sephiroth* supremas são consideradas inteiramente independentes das inferiores, e enquanto estas são geradas a partir de sua própria essência divina e no seu interior, o ser das supremas não é de maneira nenhuma afetado. Como a luz brilha na escuridão e ilumina sem sofrer diminuição de sua própria existência, do mesmo modo as obras das supremas transbordam de seu ser central sem com isso diminuir em grau algum a realidade de sua fonte. Conseqüentemente, elas existem sozinhas além do Abismo, embora através do espaço seja difundida sua essência, sua numeração se completando em Três. Começando com as inferiores abaixo do Abismo, o plano da existência finita condicionada, a numeração começa mais uma vez com o número Um. Assim, cada *Sephirah*, nesse sentido, possui dois números, indicando um distinto desenvolvimento duplo da corrente de vida. *Chesed* é tanto o número Quatro quanto o número Um, porquanto é a primeira *Sephirah* no plano da causalidade abaixo do abismo. Júpiter, como o pai dos deuses, é às vezes atribuído a *Kether* no alfabeto mágico. Mas também pertence a *Chesed* de uma outra maneira, visto que *Chesed* num plano inferior é o reflexo da Coroa. A numeração direta é conservada para evitar a confusão de duas séries numéricas, continuando de um a dez sem interrupção. É apenas mencionada porque este fato por si só pode explicar os fragmentos isolados do sistema de numeração pitagórico que, quando aplicado à Árvore da Vida sem lembrar-se da dupla numeração, pode levar à imensa confusão.

Da primeira tríade, então, uma segunda tríade de emanações é refletida ou projetada abaixo do Abismo. Estas, do mesmo modo, são compostas de uma potência masculina e feminina com uma terceira *Sephirah* produzida em reconciliação direta de maneira a harmonizar e equilibrar seus poderes. A quarta é chamada tanto de *Chesed*, que significa graça, quanto *Gedulah*, que significa grandeza, tendo os antigos filósofos lhe designado a qualidade astrológica denominada Júpiter. Quatro é um número que significa sistema e ordem, qualidades atribuídas pela tradição astrológica ao planeta Júpiter. Segundo certas autoridades, esse é o primeiro número a mostrar a natureza da solidez, e como vimos acima que *Chesed* é a primeira *Sephirah* abaixo do Abismo, e é a primeira das *Sephiroth* “reais”, essas observações são justificadas. A *Sephirah* masculina *Chesed* simboliza as potencialidades da natureza objetivizada, e através da confirmação da atribuição astrológica, incluindo a figura mitológica da divindade tutelar com esse nome,

os pitagóricos chamavam o Quatro de "o maior prodígio, um deus segundo uma maneira diferente da tríade".

A quinta *Sephirah* é *Geburah*, poder, e apesar de ser uma emanação de qualidade feminina, sua natureza se afigura sumamente masculina. Alguns antigos afirmavam que o cinco era um símbolo do poder criativo e que nesse conceito de criatividade e poder se achava o caráter de *Geburah.* É uma força formativa, como o seu nome Poder e a atribuição planetária a Marte sugeririam, pela qual o plano formulado na imaginação cósmica e projetado como uma imagem na substância-raiz abaixo do Abismo em *Chesed* é impulsionado celeremente à atividade e manifestação. O cinco é composto de três e dois, o primeiro representando a energia passiva da Mãe e o segundo, a sabedoria do Pai. Não expressa tanto um estado de coisas mas um ato, uma passagem ulterior e uma transição da idealidade para a realidade.

Seis é a *Sephirah* desenvolvida para proporcionar harmonia e equilíbrio às forças anteriores, e seu nome é *Tiphareth*, uma palavra hebraica que significa beleza e harmonia. O número é um símbolo de tudo que é equilibrado, harmonioso e de boa proporção, e como é o dobro de três, reflete novamente as idéias variadas representadas por esse número. Considerando-se, portanto, que o três representa os reais poderes motivadores da evolução, o *Macroprosopus* ou o *Logos*, da mesma maneira em *Tiphareth* encontramos uma reflexão devida e uniforme num *Logos* menor, o *Microprosopus.* A essa *Sephirah* os *qabalistas* atribuíram o sol, o senhor e centro do Sistema Solar. Ao consultar o diagrama da Árvore da Vida, o leitor pode perceber que *Tiphareth* ocupa uma posição destacada no centro da estrutura da Árvore da Vida como um todo. Os filósofos pitagóricos asseveraram que seis era o símbolo da alma, e mais tarde descobriremos que no ser humano *Tiphareth*, a harmoniosa emanação do sol é a *Sephirah* da alma do homem, o centro do sistema microcósmico e a luminosa intermediária entre o Espírito meditativo acima e o corpo com os instintos abaixo. Os doutores do Zohar da divina filosofia atribuíam a terceira letra "V" do nome divino a *Tiphareth,* e visto que a *Tiphareth* é o filho do Pai e da Mãe Celestiais, é chamada de Filho. O selo de Salomão, os triângulos entrelaçados, um verdadeiro símbolo de equilíbrio, é o símbolo apropriado.

Os processos de reflexão continuam, e a segunda tríade composta dos números quatro, cinco e seis – embora tenham sido eles mesmos projetados pelas *Sephiroth* supremas –, por sua vez, gera uma terceira tríade reproduzindo a si mesma num plano ainda mais inferior. A primeira dessas *Sephiroth* é masculina – *Netzach*, que significa triunfo ou vitória. Concebe-se que o sete é um número inteiro que representa uma consumação das coisas, a conclusão de um ciclo e seu retorno para si mesmo. Assim, na sétima *Sephirah*, começando uma nova tríade e concluindo a segunda série de *Sephiroth*, são resumidas novamente todas as potências anteriores. Sua natureza é a do amor e da força de atração; o poder de coesão no universo, unindo uma coisa à outra e atuando como a inteligência instintiva entre as criaturas vivas. O planeta Vênus, emblema do amor e da emoção, é atribuído pelos filósofos da magia a essa *Sephirah*; da mesma maneira, a cor verde, tradicionalmente pertencente a Afrodite, como as forças pertencentes a essa *Sephirah* estão peculiarmente ligadas ao cultivo, à colheita e à agricultura.

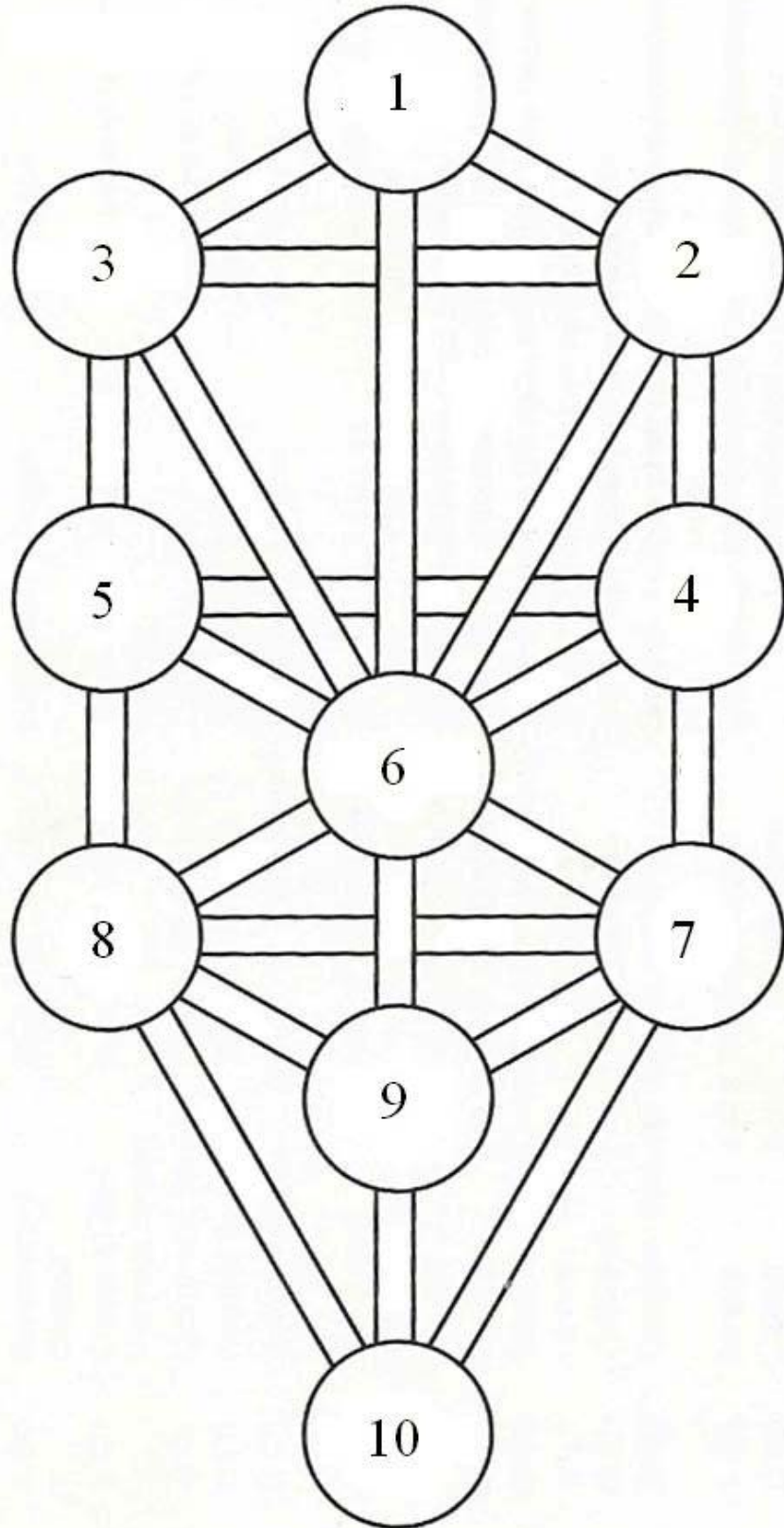
Em oposição a *Netzach* como segunda *Sephirah* da terceira tríade está *Hod*, esplendor ou glória, que é uma qualidade feminina repetindo as características de *Chocmah* num plano menos exaltado e sublime. Representa essencialmente uma

qualidade mercurial das coisas – sempre fluindo, em metamorfose constante e fluxo contínuo, tendo sido denominada, acredito, “mudança na estabilidade”. Com ela, detentora de natureza bastante similar, esta a nona *Sephirah*, *Yesod*, o fundamento, que é “estabilidade em mudança”. Tal como a tremenda velocidade das partículas eletrônicas assegura a estabilidade do átomo, do mesmo modo as formas fugazes e o movimento de *Yesod* constituem a permanência e a segurança do mundo físico. É a nona *Sephirah* e por conseguinte o nono dígito, compreendendo em si todos os números precedentes. Comumente chamada de plano astral ou alma do mundo, *Yesod* é aquele fundamento de sutil substância eletromagnética no qual todas as forças mais elevadas estão focalizadas, constituindo a base ou o modelo final sobre o qual o mundo físico é construído. *Yesod* tem natureza lunar, a lua sendo o luminar atribuído visto haver uma curiosa relação entre o satélite morto da Terra e a luz astral. *Yesod* completa as três tríades, cujo apêndice é *Malkuth*, a décima e última *Sephirah*, que representa em forma concreta, numa completa cristalização visível e tangível aos sentidos, todas as qualidades dos planos precedentes. A própria palavra significa *reino*, o reino do mundo físico e o cenário das atividades e encarnações das almas exiladas de cima, a morada do Espírito Santo. No Zohar é dada a letra “H” do nome divino a *Malkuth*, que é chamada de Filha, sendo o reflexo mundano do primeiro “H”, que é a Mãe. Essa décima *Sephirah* é chamada alhures de Noiva, de Filha e de Virgem do Mundo.

Reconhecidamente, esse esboço acima oferece somente uma vista resumida e geral do sistema numérico de evolução e desenvolvimento cósmico que tanto fez jus ao respeito de Lévi e dele teve uma admiração tão grande e extremada. Nesse esboço elementar será possível perceber claramente que os números se vinculam a processos criativos ou evolutivos, e que fundamentalmente compreendida, a natureza do número é o ritmo. Essa última afirmação é importante, já que proporções e atividades harmoniosas realmente conduzem e marcam as primeiras manifestações da Vida Una nos elementos e substâncias diversas presentes em toda parte. Essas diferenciações são corretamente simbolizadas pelo número, que se concebe como sendo glifo precisamente dos processos de revelação. Representam o desenvolvimento de um universo tangível explícito a partir de uma essência intangível implícita; de uma concepção ideal à consumação da forma construída na qual o ideal encontra sua morada terrestre. Assim, para o teurgo, os números simbolizam o próprio ritmo do universo, e com seus signos apropriados eles representam poderes e entidades com os quais o teurgo procura comungar.

Há um outro aspecto da Árvore da Vida que eu gostaria de abordar. Diz respeito ao que é chamado de Quatro Mundos. Esses mundos são regiões metafísicas tanto de consciência quanto de matéria, pois a teurgia sustenta que cada estado de consciência possui seu próprio veículo, um estágio apropriado de substância. Esses mundos podem ser encarados sob dois pontos distintos de análise, sendo que o primeiro coloca uma Árvore em cada um dos quatro mundos, oferecendo-nos assim quarenta *Sephiroth* no total. Os quatro mundos são chamados de Mundo Arquetípico, no qual os arquétipos ou emanações primordiais são desenvolvidos sob a forma de uma Árvore da Vida. Pode-se imaginar também essa Árvore da Vida arquetípica representando uma forma humana que, no Livro dos Esplendores, é chamada de *Adam Kadmon*, o Homem Celestial, que contém em seu interior todas as almas, espíritos e inteligências em toda parte do cosmos. É a Alma Universal, mãe e progenitora divina de todas as outras. Essa Alma é o Homem Divino sobre o qual Lévi fala e ao qual nos referimos anteriormente; essa Alma de cuja

grande vida cada ser individual e consciência independente participam. Os desdobramentos que emergem desse postulado simples e as idéias sugestivas que ele suscita são demasiado numerosos para deles tratarmos nesta oportunidade. Minha intenção primeira foi apresentar apenas um breve resumo da filosofia mágica, deixando ao leitor a tarefa de preencher por si mesmo muitas lacunas que foram deixadas em aberto.

A totalidade das *Sephiroth* em *Olam Atsiluth*, o mundo arquetípico, ocupa o plano mais elevado de consciência espiritual, o primeiro surgir de consciência do *Ain Soph.* À medida que os processos de evolução continuam, *Adam Kadmon* gradualmente projeta a si mesmo ainda mais na matéria um tanto mais densa, sua unidade sendo aparentemente fragmentada, espelhada em muitas facetas e formando o Mundo Criativo, *Olam Briah.* Nesse mundo, o plano contido na imaginação criativa do *Macroprosopus* é ainda mais elaborado, as centelhas ou idéias separadas sendo revestidas daquela condição de substância sutil apropriada àquela esfera. Aqui, também, uma completa Árvore da Vida é desenvolvida através da reflexão. Do mundo criativo, a Árvore é projetada para um terceiro plano, o Mundo Formativo, *Olam Yetsirah*, onde as idéias imaginativas do Logos, as centelhas monádicas espirituais já revestidas na substância mental sutil do mundo criativo se modelam em entidades consistentes definidas, os modelos astrais que dão origem ou servem de fundamentos estáveis ao mundo físico. O mundo físico, *Olam Assiah*, é o quarto e último plano, e como projeção cristalizada do mundo formativo é a síntese e concreta representação de todos os mundos mais elevados.

A Árvore da Vida

Está encerrada nessa concepção a justificativa do axioma hermético “Como é acima, é abaixo”. Pois aquilo que existe abaixo possui sua duplicata arquetípica ideal nos mundos mais elevados. Em formas variadas, as idéias arquetípicas encontram sua particular representação abaixo – pedras, jóias, perfumes e formas geométricas todas sendo peculiarmente indicativas na esfera mundana de uma idéia celestial. Essa fórmula metafísica também supre Lévi da devida razão para falar do “dogma único da magia – que o visível é para nós a medida proporcional do invisível”. O mago francês também observa alhures que “o visível é a manifestação do invisível, ou em outros termos, o perfeito Logos está, em coisas que são apreciáveis e visíveis, na exata proporção com aquelas que são inapreciáveis para os nossos sentidos e invisíveis para os nossos olhos... A forma é proporcional à idéia... e sabemos que a virtude inata das coisas criou palavras, e que existe uma exata proporção entre idéias e palavras, as quais são as primeiras formas e realizações articuladas das idéias”. É essa afirmação filosófica da relação entre idéias e coisas que proporciona a base lógica fundamental de muito que é verdadeiro em magia. Quanto a esse ponto, teremos que voltar a ele mais tarde, pois há ao longo do caminho algumas outras idéias que exigem aprimoramento.

A fórmula do Tetragrammaton é também aplicada aos Quatro Mundos e aos quatro elementos primordiais. A letra “Y” é atribuída ao mundo arquetípico, sendo conseqüentemente o Pai, o gerador de tudo, o todo devorador dos mundos. O “Y” também representa, nesse caso, o elemento fogo, anunciando a natureza impetuosa, ativa e espiritual do Pai. O primeiro “H” do Tetragrammaton é atribuído ao mundo criativo, ao qual, receptivo e passivo, pertence o elemento água. Esse plano representa a Mãe que, antes que o Filho possa ser gerado, aguarda a energia criativa e o influxo da vida divina proveniente do Pai. A letra “V” cabe ao mundo formativo, o Filho que, como o Pai, é ativo, masculino e energético, daí ser o elemento ar sua atribuição. Completando o nome divino temos um segundo “H”, similar à Mãe, passivo e inativo, recebendo quaisquer influências que sejam derramadas em seu interior. Em O Livro dos Esplendores, “H” é chamado de Palácio do Rei e de a Filha, representado o mundo físico, que é a síntese de todos os mundos.

O segundo método é ligeiramente diferente do que acabamos de esboçar. Nesse caso, emprega-se uma única Árvore, sendo os quatro planos assim colocados sobre ela. Kether, a Coroa, ocupando sozinha um plano inteiro, é o mundo arquetípico, o domínio do Logos. A segunda e a terceira *Sephiroth*, o Pai e Mãe supremos, constituem o mundo criativo, recebendo e executando a divina imaginação. O terceiro plano, ou mundo formativo, o plano astral propriamente – do qual falaremos mais no próximo capítulo – é compreendido pelas seis *Sephiroth* seguintes, em cujo mundo tudo é preparado para a manifestação visível. Malkuth, o reino, é o mundo físico. Todas as atribuições relativas à primeira descrição dos quatro mundos são válidas para este segundo método, salvo o que já observei, a saber, que estão dispostas numa única Árvore.

Antes de encerrar este capítulo, é preciso que seja mencionada mais uma série de concepções. Do ponto de vista da teurgia, o universo todo é consciência, vida e inteligência corporificados sob forma visível e invisível. Através do cosmos palpita e vibra uma inteligência, uma consciência espiritual prefigurada em miríades de centelhas ou mônadas, permeando toda forma, e da qual nada nesse cosmos se acha, de maneira alguma, isento. Tal como há vários graus de qualidade de vida mineral, animal e vegetal e

inumeráveis estágios de inteligência entre os homens, de acordo com as tradições mágicas essa mesma escala hierárquica de inteligência existe além e acima do homem. Não somente se pode dizer verdadeiramente no tocante ao nosso próprio universo, como também se pode afirmar que alhures nas infinitudes do espaço existem outras hierarquias de sublimes seres espirituais e inteligências divinas. Da Escuridão ignota incompreensível, que é *Ain Soph,* não há senão uma consciência indivisível, semelhante no mais baixo demônio de feições caninas bem como na mais elevada hierarquia celestial. Há hierarquias de consciência celestiais e terrestres, algumas divinas, outras demoníacas, e ainda outras que incluem os mais excelsos deuses e Essências universais. Esse é o eixo da totalidade da filosofia mágica. Trata-se ao mesmo tempo de um monoteísmo e de um politeísmo num sistema filosófico único. O universo todo é permeado por uma Vida Una, e essa Vida em manifestação é representada por hostes de deuses poderosos, seres divinos, espíritos ou inteligências cósmicas, chame-se-os conforme se deseje. A condição e a diversidade espirituais atribuíveis a eles são grandes e intensas; entre eles há aquelas forças deíficas da aurora rosada da manifestação cósmica da qual brotamos, centelhas espirituais arrojadas em sentido descendente a partir de sua essência divina.

Diante disso, é possível ampliar a concepção da Árvore da Vida e dos Quatro Mundos em termos de consciência. As primeiras manifestações são deuses ou seres da mais excelsa consciência que, brotando da Coroa, compreendem a Mente do Logos, ou os administradores imediatos do plano formulado. Esses seres são os deuses, *Dhyan Chohans, Elohim, Teletarchae* – seja qual for a designação escolhida, a idéia fundamental deve ser firmemente apreendida, ou seja, que há vastas hierarquias de seres no espaço, numa escala seqüencial ordenada de descenso dos mais excelsos deuses nos mais elevados mundos às hierarquias menores de seres angélicos dos mundos inferiores. Conectada a cada *Sephirah* e cada Mundo emanado de *Ain Soph* há uma certa hierarquia de deuses, cada um deles encarregado de uma tarefa específica na evolução e governo do universo, e detendo uma natureza característica. Tal como Kether, a Coroa, produziu as outras *Sephiroth*, assim os mais excelsos deuses desenvolvem a partir de si mesmos outras divindades menos augustas e menos sublimes do que eles próprios. Porquanto os números foram atribuídos às *Sephiroth* a fim de simbolizar processos criativos no cosmos, e visto que os deuses são atribuídos às *Sephiroth,* os deuses podem também ser simbolizados por números e as idéias associadas a um processo cósmico particular podem aplicar-se igualmente bem à natureza de um dado deus. Pitágoras disse bem que "há uma conexão misteriosa entre os deuses e os números".

"Como é acima, é abaixo." Todas as coisas sobre a Terra têm seus protótipos eternos nos céus, e todos os seres são reflexos simples, tímidos e débeis dos deuses. Quanto mais distante (metafisica e relativamente) estiver qualquer emanação de sua fonte, mais débil e lânguida será em relação àquilo de que procedeu. Os deuses ou Essências universais exprimem mais clara e brilhantemente a natureza espiritual inefável de *Ain*, e nos *eidolons*[7] terrestres deles, os deuses menores, tal brilho límpido se torna mais velado e pálido, e sua expressão obstada. No homem, a sombra da imagem dos deuses, a irradiação do esplendor de Brahma, na maioria dos casos, aparece inteiramente reprimida. Tal como o calor é para o fogo, diminuindo mais e mais à medida que irradia

[7] Do grego, *imagens, retratos, espectros, fantasmas, simulacros.* (N. T.)

sua influência a partir da chama, é o homem para os deuses. Quanto mais se distancia deles, mais leva a cabo um processo de autodestruição. Essa relação entre a ordem da vida e as *Sephiroth*, entre os deuses, homens e números explica a eficácia dos símbolos mágicos e dos papéis que eles desempenham nos ritos teúrgicos. Os signos e selos são profundamente indicativos de realidades interiores, e cada símbolo particular representa algumas das hierarquias de deuses e inteligências espirituais. Mediante essa doutrina de assinaturas, cada fenômeno[8] é indissoluvelmente conectado a um nôumeno[9], a eficácia da teurgia sendo assim assegurada.

O objeto da magia é, então, o retorno do homem aos deuses, o unir da consciência individual durante a vida com o ser maior das Essências universais, a mais abrangente consciência dos deuses que são as fontes perenes de luz, vida e amor. Somente assim, para o ser humano, é possível haver liberdade e iluminação, e o poder de ver a beleza e a majestade da vida tal como ela realmente é. Mediante o retorno em espírito às fontes das quais proveio, apenas reabrindo a si mesmo a elas como uma flor dourada se abre e se volta ao sol para absorver ansiosa e avidamente seu sustento e luz, pode o homem atingir a iluminação e a suspensão das amarras e grilhões terrestres. Pela descoberta de seu próprio deus interior em primeiro lugar e formando uma relação indissolúvel com os deuses da vida universal, será encontrada a solução dos problemas do homem e do mundo. Por meio dessa consciência mais nobre de iluminação transmitida pela união divina é possível desenredar os emaranhados do caos mundial. É possível assim romper as amarras que prendem o homem com uma força superior a todas as cadeias e grilhões mortais. Nenhum rompimento desses ferros é possível a não ser por meio do conhecimento mágico do próprio eu interior e dos deuses de toda existência.

"Se a essência e a perfeição de todo bem estão compreendidas nos deuses, e o primeiro e antigo poder deles é detido por nós, sacerdotes (teurgos), e se por meio daqueles que similarmente se prendem a naturezas mais excelentes e genuinamente obtêm uma união com elas, o início e o fim de todo bem é seriamente ameaçado – se esse for o caso – é aqui que a contemplação da verdade e a posse da ciência intelectual devem ser descobertas. E um conhecimento dos deuses é acompanhado do... conhecimento de nós mesmos." [10]

[8] Do grego, *aquilo que aparece, se mostra, se manifesta.* (N. T.)
[9] Do grego, *aquilo que permanece oculto, velado, imanifestado.* (N. T.)
[10] *Mistérios Egípcios*, Jâmblico

CAPÍTULO IV

“Existe um agente que é natural e divino, material e espiritual, um mediador plástico universal, um receptáculo comum das vibrações cinéticas e das imagens das formas, um fluido e uma força, que podem ser chamados de certo modo de Imaginação da Natureza... A existência dessa força é o grande arcano da magia prática.”

O agente mágico ao qual Lévi se refere aqui é a substância do mundo formativo ou, mais particularmente, a esfera de Yesod – uma palavra hebraica que pode ser traduzida como o Fundamento ou a Base. O direto equivalente da Yesod *qabalística* na filosofia teosófica tal como enunciado por Madame Blavatsky – e nesse ensejo seguirei o extenso esboço delineado em seu sistema e aquele formulado em *Dogma e ritual de Alta Magia*, de Lévi – é conhecido como *luz astral.* Definido em alguns lugares como um fluido ou meio onipresente que tudo permeia, constituído por matéria extremamente sutil, essa *luz* está difundida pelo espaço, interpenetrando e penetrando todo objeto ou forma visíveis. Se quisermos estabelecer tal idéia diferentemente, trata-se de um plano quadridimensional composto de uma substância etérea luminosa num estado sumamente tênue, substância em sua natureza elétrica, magnética e radioativa.

“Esse fluido ambiente e que tudo penetra, esse raio destacado do esplendor do sol e fixado pelo peso da atmosfera e pelo poder de atração central, esse corpo do Espírito Santo, que chamamos de *luz astral* e *agente universal*, esse éter eletromagnético, esse calórico vital e luminoso é representado nos antigos monumentos pelo cinto de Ísis que se enlaça num nó cego ao redor de duas varas, pela serpente de cabeça taurina, pela serpente de cabeça de bode ou de cão, nas antigas teogonias pela serpente que devora a própria cauda, emblema da prudência e de Saturno. É o dragão alado de Medéia, a serpente dupla do caduceu e o tentador do Gênese; mas é também a cobra brônzea de Moisés que circunda o *tao*, isto é, o *lingam* gerador; é a *hyle* dos gnósticos e a cauda dupla que forma as pernas do galo solar de Abraxos.”

É nesses termos simbólicos, eloqüentes e singularmente expressivos à sua maneira, embora com ressaibo de verbosidade para o leitor final, que o mago francês descreve a *luz astral.* Trata-se de símbolos sumamente interessantes e significativos, e se bastante cuidado e atenção forem dispensados em sua interpretação, proporcionarão considerável instrução e poderão servir para revelar muitas informações valiosas, auxiliando na compreensão intelectual, ao menos, da natureza e das características desse plano sutil. Vibrando a um índice cinético diferente da substância grosseira do mundo físico, e existindo assim num plano superior, a *luz astral* contém o planejamento ou modelo do construtor, por assim dizer, projetado em sentido descendente pela ideação ou imaginação do Pai; o planejamento com base no qual o mundo exterior é construído, e dentro de cuja essência jaz latente o potencial de todo crescimento e desenvolvimento. Todas as forças e “idéias” dos domínios criativo e arquetípico são representadas e focalizadas nesse agente plástico, o mundo formativo. Ele é de imediato substância e deslocamento, sendo o movimento “simultâneo e perpétuo em linhas espirais de deslocamento em contrário”. Foi o falecido Lorde Salisbury, posso aqui intercalar, que definiu o éter como o nominativo do verbo “ondular”.

Em muitos pontos, esse mundo formativo, o recipiente das forças criativas superiores, é comparável em seus aspectos mais inferiores ao éter da ciência. Há, contudo, uma ressalva. A *luz astral* foi no passado e poderá no futuro ser verificada pela experiência direta visionária. A concepção científica do éter hoje difere radicalmente daquilo que o cientista de meio século atrás entendia por éter luminífero. Tanto assim que avaliado por seus padrões e empregando sua linguagem, a moderna idéia de éter e suas ondas de irradiação não são realidades em absoluto. E a despeito disso, o que é suficientemente estranho, observa *Sir* James Jeans em *Os mistérios do Universo*, o éter é uma das coisas mais reais "de que temos qualquer conhecimento ou experiência, sendo, portanto, tão real quanto qualquer coisa possivelmente possa ser para nós". A entidade que os físicos experimentais hoje definiriam como éter teria que ser algo que reagisse qualitativa e quantitativamente aos instrumentos e equações matemáticas deles. Por outro lado, quando os teurgos se referem à substância magnética e elétrica da luz astral, uma condição ou estado metafísico da substância está implícito – uma condição ou estado que atualmente não pode ser mensurado ou observado com instrumentos físicos, embora sua existência seja corroborada nos mesmos termos por uma série de videntes treinados e magos. Reside, como já afirmamos, num plano existencial e consciencial completamente diferente, e suas partículas vibram de uma tal maneira e a uma tal taxa de movimento que são inteiramente invisíveis e imperceptíveis aos nossos sentidos comuns exteriores.

Recentemente assistiu-se no domínio da especulação científica ao desenvolvimento da teoria eletromagnética que, por motivos de ordem prática da física, descarta como desnecessária a hipótese vitoriana de um éter luminífero ondulante que tudo penetra. No seu lugar, foi instalada como se num trono majestoso, coroada e venerada com devoção, uma concepção matemática ainda mais abstrata: o múltiplo ou contínuo espaço-tempo. Um grupo de cientistas é inteiramente a favor da manutenção da hipótese do éter, enquanto muitos outros, não menos famosos e de menor autoridade, estão igualmente convictos de que uma tal estrutura sutil como o éter inexiste e nem sequer é possível. Admitem-na apenas como uma estrutura teórica de referência, caso em que assume o papel de uma hipótese de trabalho destituída de qualquer grau de realidade objetiva. Um exame das definições científicas desses dois grupos de cientistas, entretanto, revela o fato de que pelas expressões *éter* e *contínuo espaço-tempo quadridimensional* indicam um único e mesmo conceito. *Sir* Arthur Eddington, em uma de suas recentes obras, ao fazer referência a esses dois conceitos científicos, expressou a opinião de que ambos os partidos querem dizer exatamente a mesma coisa, sua cisão estando somente nas palavras. *Sir* James Jeans, em sua obra anteriormente mencionada, observa cautelosamente com relação a essa obscura questão que parece apropriado descartar a palavra "éter" a favor dos termos mais modernos "múltiplo" ou "contínuo", apesar de o princípio essencial permanecer quase totalmente inalterado. Em outra parte, nessa mesma obra de erudição, o sábio cientista assevera que todos os fenômenos do eletromagnetismo podem ser considerados como ocorrentes num *contínuo* de quatro dimensões – três espaciais unidas a uma temporal – no qual é impossível separar o espaço do tempo de qualquer maneira absoluta. Chamo atenção particularmente para essa observação porque se enquadra aproximadamente na natureza de uma exata confirmação daquilo que os mais eminentes magos de todos os tempos escreveram relativamente a *Anima Mundi* ou o *Azoth.* É possível indicar bem grosso modo as demais observações de Jeans dizendo que se desejarmos visualizar a propagação de ondas luminosas e forças

eletromagnéticas tomando-as como distúrbios num éter, nosso éter poderá ser considerado uma estrutura quadridimensional que preenche todo o *contínuo*, estendendo-se assim por todo o espaço e todo o tempo, caso em que todos nós desfrutamos do mesmo éter.

Esse éter da ciência que todos podem desfrutar e que se estende ao longo do espaço e do tempo, servindo como o meio das vibrações de todos os tipos, difere em poucos pontos essenciais da luz astral de Lévi. A definição em que insistem constantemente os teurgos relativamente a esse plano etéreo é que se trata de um estágio de substância plástica refinada, menos densa e grosseira que aquela que vemos normalmente em torno de nós, de natureza magnética e elétrica, servindo como o fundamento real sobre o qual as formas e acúmulo de átomos do universo físico se ordenam a si mesmos. É o plano que, em seu aspecto mais inferior, constitui a verdadeira cloaca do universo, compreendendo aquela faceta da consciência que dirige os instintos e as energias dos animais; em suas ramificações superiores, elevando-se além dessa esfera mundana, realmente faz fronteira com o divino. Que assim é pode-se compreender por meio da referência à Árvore da Vida, na qual vê-se que o Mundo Formativo não inclui apenas a esfera de Yesod, mas naquela classificação da Árvore em Quatro Mundos, ela se estende bem além de Yesod, de modo a incluir Tiphareth, a casa da Alma, mesmo até a beira do Abismo. A esfera do Fundamento é somente sua fase mais inferior. Como Yesod apenas, é aquela região grosseira do cosmos metafísico que contém os restos astrais rejeitados das criaturas vivas, a sujeira bestial e mental descartada pelos seres humanos na sua ascensão após a morte a esferas mais elevadas. Nos seus aspectos de Chesed e Geburah, é a mais pura expressão do céu, por assim dizer, a morada *devachânica.* Relativamente a essa maneira de considerá-lo, é ocasionalmente chamado de divino Astral, e de Alma do Mundo.

"É em si mesmo uma força cega, mas pode ser dirigida pelos líderes das almas, os quais são espíritos da ação e da energia. É de imediato a teoria por inteiro dos prodígios e milagres. Como, de fato, poderiam tanto o bem quanto o mal constranger a natureza a expor suas forças excepcionais? Como poderia o espírito réprobo, desviado, perverso deter em alguns casos maior poder que o espírito da justiça, tão poderoso em sua simplicidade e sabedoria, se não supormos a existência de um instrumento do qual todos podem fazer uso, sob certas condições, de um lado para o maior dos bens, do outro para o maior dos males?" Quero insistir enfaticamente com relação a esta dupla interpretação do éter mágico que Lévi aqui apresenta, que nele estão incluídos um elemento inferior vil e um elemento superior nobre. O primeiro é a base da causa feita por si mesma de muitos dos males da espécie humana, o segundo é o fogo central e a Alma do Mundo. O divino Astral é solar e celestial por natureza, enquanto que o grosseiro Astral é lunar, reflexivo e puramente automático. Blavatsky confirma essa hipótese da natureza dupla da luz astral nos seguintes termos: "A luz astral ou *Anima Mundi* é dupla ou bissexual. Sua parte masculina (ideal) é puramente divina e espiritual, é a sabedoria, é Espírito ou *Purusha*; sua porção feminina é maculada num certo sentido pela matéria, *é* efetivamente matéria, e portanto é já o mal[11]." Desnecessário afirmar que o teurgo diz respeito inteiramente às mais elevadas regiões da luz astral, os fogos solares.

[11] *A doutrina secreta*, v. I.

Do ponto de vista prático, esse plano é o agente mágico ao qual a visão treinada e acumulada dos teurgos atribuiu o poder de transmitir vibrações e impressões não somente de luz, calor e som físicos, mas também aquelas vibrações mais sutis e menos tangíveis, que não são, todavia, menos reais por sua imperceptibilidade, que pertencem a correntes projetadas de Vontade, pensamento e sentimento. Lévi chama esse instrumento de *imaginação da natureza*, porquanto está sempre vivo de ricas formas, sonhos exóticos, imagens luxuriantes, o veículo imediato das faculdades mentais e emocionais. O controle desse plano constitui de um certo ponto de vista a Grande Obra. Alguns magos, inclusive o ilustre Lévi, opinavam que o segredo mágico central é o da orientação sob vontade desse arcano. Sendo o veículo em que são registradas dinamicamente as paixões e impressões mentais de toda a espécie humana, a memória da natureza inferior, e estando presente na Terra todo o tempo, visto que tudo penetra e é um plano destacado do físico, seu conteúdo deve influenciar muito as mentes de homens débeis e sensíveis. E não apenas esses últimos, como a maioria das crianças da Terra é influenciada de alguma maneira pelas correntes que ondulam por sua substância. Por conseguinte, postar-se isolado em relação às suas cegas ondulações e transcendê-lo cabalmente a ponto de se mover naquele estrato mais elevado que é sua alma não constitui realização desprezível, mas sim digna de todas as energias humanas.

Uma moderna autoridade em magia, aquela cujo pseudônimo é *Therion*, declara que nos estratos superiores da luz astral "dois ou mais objetos podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo sem interferência entre si ou perda de seus contornos. Nessa luz, os objetos podem alterar sua aparência completamente sem sofrer transformação de sua natureza. A mesma coisa pode revelar a si mesma num número infinito de aspectos distintos. Nessa luz é-se célere sem pés e voa-se sem asas; pode-se viajar sem se mover e se comunicar sem as formas convencionais de expressão[12]." No que diz respeito ao processo de viajar no *corpo de luz*, a autoridade que citei acima acrescenta que ali somos insensíveis ao calor, ao frio, à dor e a outras formas de percepção sensorial, que nessa *luz* estamos presos pelo que superficialmente pode parecer uma série inteiramente diferente de leis. Nesse plano, que é o agente mágico *par excellence*, símbolos, emblemas e selos não são convenções intelectuais e nem mesmo representações arbitrárias de idéias universais e forças naturais; são entidades vivas absolutas, possuindo nesse plano vida e existência reais e independentes que lhes são próprias. À primeira vista, isso pode não parecer importante, mas tal afirmação é realmente de máxima importância no trabalho mágico. Os símbolos representam no plano astral entidades reais e tangíveis. No capítulo anterior nos esforçamos para demonstrar que os *números* indicavam com profundidade os processos de evolução e de desenvolvimento e expressavam sinteticamente tanto o ritmo cósmico quanto certas forças e inteligências ocultas a que damos os nomes de deuses, *Dhyan Chohans* e Essências. A esses números que representam forças imensamente poderosas são aplicáveis vários selos e pictogramas, os quais possuem nesse Mundo Formativo uma existência que não é em absoluto simbólica no sentido no qual entendemos normalmente esse termo, mas real, vital e viva. Na substância plástica e maleável da luz astral esses símbolos podem ser galvanizados à atividade por uma vontade e uma imaginação treinadas. Essa substância é peculiarmente suscetível aos vôos e às obras da imaginação, esta última possuindo o poder de transformar seu fluxo

[12] *Magick*, Mestre Therion.

perpétuo e deformidade em moldes e matrizes que a vontade é capaz de estabilizar e energizar poderosamente numa dada direção. Entre numerosos exemplos está registrado aquele de uma mulher grávida que, tendo experimentado um choque nervoso, a impressão foi imediatamente transferida através do meio da imaginação atuante sobre a luz astral ao feto em formação gerado em seu útero. Historicamente, as deusas que presidiam entre os antigos ao nascimento eram deusas da lua e, conseqüentemente, da luz astral. Considera-se entre essas raças que a lua possui maior poder para acelerar o desenvolvimento da vida, das plantas e de toda a vegetação que o próprio sol. Sempre foi tida como o astro da mudança, da geração e da fertilidade. Em *A doutrina secreta* há muita informação e especulação incomuns a respeito da relação oculta entre a lua e o nosso planeta, embora o mero saber que essa relação realmente exista seja suficiente para finalidades práticas por parte do noviço. A conexão da lua com a *luz astral* é, entretanto, inteiramente válida, a maioria das autoridades nesse ponto estando de pleno acordo. Astrologicamente, a lua é o planeta que simboliza mudança e fluxo, e as contínuas alterações das formas, a troca das condições. No plano astral, a visão treinada registrou que ali as configurações mudam de forma, cor e tamanho da maneira mais extraordinária; e para o noviço em *Skrying* constitui um fenômeno sumamente desconcertante e enigmático ver um conjunto de percepções desvanecer-se sob seu próprio nariz para ser substituído por um outro grupo de cenas que terá muito brevemente o mesmo destino. Trata-se de um caleidoscópio oscilante de fenômenos, sendo que as figuras, formas e energias nunca estão imóveis. Por conseguinte, estabelecer uma relação entre a lua e a luz astral é uma correspondência perfeitamente óbvia. Ademais, foi observado que a lua não brilha graças à sua própria luz interna e autogerada, mas sim por refletir os raios do sol. Yesod, a esfera da lua na Árvore da Vida, está colocada imediatamente abaixo de Tiphareth, a esfera do sol, refletindo assim as forças criativas de cima para baixo. Há muitas outras razões altamente significativas, demasiado numerosas para aqui serem citadas, a favor dessa associação da lua com a luz astral, conquanto o estudo e o experiência mágica provam a validade e precisão da correspondência.

Nas lendas de todos os povos, mesmo dos das mais primitivas tribos selvagens, está presente a concepção da luz astral como meio das vibrações do pensamento e dos atos mágicos. *Sir* J. G. Frazer, o eminente antropólogo e autoridade em folclore, registra muitas delas em sua *A rama dourada*. Muitos outros autores também discutiram a natureza dessa força hipotética reconhecida pelos primitivos, sem ter se aproximado de qualquer clara formulação de sua natureza como o grande agente mágico, o que dificilmente se poderia esperar, visto que seus estudos e pesquisas jamais deixam, por um único momento, o plano acadêmico. Os *melanésios* das ilhas do mar do sul acreditam, segundo afirmação do professor Bronislaw Malinowsky em seu pequeno livro sobre *mitos*, num depósito ou reservatório de força sobrenatural ou mágica a que deram o nome de *mana*, o qual, como uma força similar concebida como *Orenda* pelos índios norte-americanos, crê-se ter seu centro na lua. Essa última parece, por assim dizer, encerrar um tanque gigantesco desse poder oculto que pareceria por eles ser associado com a fonte da vida e da energia. Não é difícil perceber que essa concepção – imperfeitamente registrada pelos antropólogos, ou imprecisamente descrita pelos primitivos, é difícil dizer, sendo provável que a falha exista dos dois lados – seja uma formulação muito vaga daquela realidade que em magia chamamos de *luz astral.*

Foi, contudo, com absoluta clareza reconhecida pelos teurgos egípcios, sendo que em relação a isso não há o transtorno de teorias ou descrições vagas, pois observamos que quase cada jarda dos chamados *mundos superior e inferior*, *Amentet* e *Tuat*, que são os dois aspectos, inferior e superior do plano astral, é cuidadosamente mapeada e suas qualidades observadas. E como se não o bastasse, em alguns dos capítulos de *O livro dos mortos*, cada subdivisão é descrita com precisão em benefício dos mortos – e, conseqüentemente, em beneficio do teurgo – acrescendo-se os nomes dos guardiões e vigias dos *pilões* através dos quais a alma defunta tinha que passar a fim de obter o ingresso em alguns outros salões do *reino de Osíris.* Repetindo a visão egípcia, Budge menciona que o *Tuat* não era considerado o subterrâneo seja do céu, seja de seus limites; mas estava localizado nas fronteiras do mundo visível; que não se tratava da um lugar particularmente feliz, percebe-se pela descrição de *O livro dos mortos*, quando o escriba Ani ali chegou, aparentemente desnorteado, "Não há água ou ar aqui, sua profundidade é insondável, é tão escuro quanto a mais escura das noites e os homens vagueiam sem esperança". Uma observação final do venerável *protetor* das Antigüidades egípcias do Museu Britânico é que o *Tuat* era uma região de destruição e morte, um lugar onde os mortos apodreciam e se deterioravam, um lugar de abominação e horror, terror e aniquilamento; que isto coincide perfeitamente com as esferas astrais inferiores de desintegração ou *kama loka* pode-se tomar por certo.

O *divino astral* era conhecido como o *reino de Osíris* ou *Amentet*; também chamado de *ilha da verdade* onde nenhuma alma podia ser conduzida após sua morte até que fosse declarada "de palavra verdadeira" pelos deuses na *Grande Avaliação.* Um canto dessa região era especialmente reservado como morada das almas beatificadas, onde Osíris, na qualidade de *deus da verdade*, era a esperança e consolo eterno daqueles de disposição espiritual. Teosoficamente, *Amentet* poderia ser denominado *Devachan*, a morada dos deuses, e de um ponto de vista teúrgico ocuparia aquela parte do *Azoth* à qual demos o nome de *divino astral.* De acordo com *O livro dos mortos* há *sete grandes salões* e vinte e um *pilões* que dão acesso a essa região celestial, havendo para cada um dos vinte e um pilões dois vigias ou guardiões sagrados. Numa outra parte desse Livro são dados com certo detalhe os nomes dos arautos e guardiões de portas mais as fórmulas de magia prática mediante a qual eles podem ser sobrepujados o ingresso à *ilha da verdade* realizado. Tão precisos eram os magos egípcios em seu pensamento que imaginavam correspondências entre as várias divisões do Egito e os domínios metafísicos do *Tuat* e *Amentet.* Cada uma das várias camadas ou regiões do mundo astral, tanto grosseira quanto divina, era mapeada com uma precisão que mesmo hoje não encontra com que rivalizar ou se igualar.

Há um outra analogia bastante significativa para a qual devemos dirigir nossa atenção. Entre psicanalistas oficiais encontramos o conceito de *inconsciente.* Esse termo implica uma corrente dinâmica de pensamento, memória e tendência que flui abaixo do nível de nossa consciência normal individual, servindo como o receptáculo de instintos e memórias raciais e aqueles complexos que são com freqüência o resultado de conflito consciente. Como essa coleção de instintos e impulsos automáticos possui uma origem na evolução muito anterior à formação e desenvolvimento do intelecto no homem, é, conseqüentemente, mais poderosa e urgente dentro dele. É dessas camadas de hábito e consciência racial herdada que se supõe que os primitivos tenham extraído a elaboração de seus eloqüentes mitos e lendas. Esses são, assim, não somente um registro de história

pré-histórica da raça, mas também uma expressão dinâmica daquilo que esses psicólogos chamariam de *inconsciente coletivo*, visto que com respeito a toda raça e povo primitivos, independentemente de ter havido ou não relação e comunicação sociais, mitos e lendas são essencialmente idênticos. Considerando-se que aquilo que os analistas chamam de *inconsciente* é praticamente sinônimo num certo aspecto do que os cabalistas denominam *Nephesch*, e considerando-se que este último se funda na luz astral do mesmo modo que o corpo físico se funda e se forma a partir da matéria grosseira, há entre a *luz astral* e o conceito de *inconsciente coletivo* uma clara correspondência. Tal como o *inconsciente* no caso de alguns indivíduos é uma entidade vulcânica subterrânea que despedaça a integridade e unidade da consciência, do mesmo modo a tradição mágica assevera que é ao aspecto inferior da luz astral, o depósito de memórias raciais, apetites predatórios, instintos e todos os impulsos animais, que uma grande parte da espécie humana deve seus problemas, enfermidades e lamentáveis fontes de conflito. É sobre essa parte de *Nephesch* ou do *inconsciente* que o mago, afirma Lévi, tem que assentar seu pé, de maneira que seja conquistada, controlada e mantida em seu lugar adequado. Ao mesmo tempo, entretanto, o chamado *inconsciente* com sua riqueza de material animado, sua fertilidade de idéias e sugestões impressivas pode ser para algumas pessoas a fonte de inspiração poética e artística. Esse aspecto do *inconsciente*, o aspecto mais elevado ou divino da luz astral, ou *Neschamah* no homem, é o que o mago busca cultivar e expandir, visto que graças ao seu crescimento, desenvolvimento e facilidade de expressão ele opera também sua própria integridade individual e a habilidade de superar a si mesmo.

No interior dessa luz astral que individualmente trazemos conosco em todas as ocasiões e em todos os lugares, vivemos, nos movemos e somos. Cada pensamento que temos grava uma impressão indelével na substância impressionável daquele plano – na verdade a tradição sustenta que ele se funde com alguma das criaturas daquele plano e então é transferido de nosso controle imediato para esse oceano pulsante de vitalidade e sentimento para influenciar outras mentes no bem ou no mal. Toda coisa viva respira e absorve essa *luz* livremente, não sendo exclusividade ou particularidade de nenhuma. De fato nela vivemos muito semelhantemente a um peixe na água, circundados por todos os lados e em toda direção; e como um peixe nós constantemente a aspiramos e expiramos através de guelras astrais, por assim dizer, dela extraindo energia e para ela acrescentando uma variedade de impressões a cada momento. Não só é este agente mágico a *imaginação da natureza*, como também desempenha o papel de *memória da natureza*, pois cada ato que realizamos, cada pensamento que atravessa nosso cérebro, cada emoção ao deixar nosso coração registram a si mesmos na matéria astral, permanecendo aí por todo o tempo como um registro eterno, de modo que aqueles que são capazes possam ver e ler. Quanto a isso, Éliphas Lévi observou de maneira significativa que "O *Livro das Consciências*, o qual, de acordo com a doutrina cristã será aberto no *dia derradeiro*, nada mais é do que a *luz astral* na qual estão preservadas as impressões de todo *Logos*, que é toda ação e toda forma. Não há atos solitários e não há atos secretos; tudo o que nós verdadeiramente queremos, ou seja, tudo o que confirmamos por nossas ações, está escrito na *luz astral*".

Embora alguns possam pensar que para o teurgo dificilmente possa haver algo mais interessante e esclarecedor do que examinar a memória dessa *luz*, não é esta a ação do teurgo, pois isso nem o interessa nem lhe é útil na prática. Como seu objetivo é a aquisição de autoconhecimento e a união divina, seria uma certa perda de tempo precioso

envolver-se na transliteração desse registro. A despeito de ser necessário ao mago investigar a natureza dessa luz em seu *corpo de luz* e familiarizar-se com os aspectos variados de consciência que esse plano continuamente apresenta, no que diz respeito ao seu próprio trabalho, ele sempre procura ascender aos domínios espirituais mais ígneos. Seu interesse na *luz astral*, sendo esta um plano magnético dinâmico, é no sentido da mesma lhe servir mais pronta e adequadamente do que qualquer outra coisa para focalizar as forças e inteligências com as quais ele aspira entrar em contato. Em segundo lugar, porque nessa *luz* ou em suas camadas superiores ele pode perceber a si mesmo em reflexo, como os outros o vêem, por assim dizer, e assim obter dados confiáveis que o conduzam ao autoconhecimento.

Separando o bem do mal, o éter solar divino do éter lunar maléfico, ocorre automaticamente uma divisão nessa luz. Nesse plano parece que os pensamentos impuros dos homens perduram por um período mais longo que os bons pensamentos, porque esses aparentemente sobem às camadas mais elevadas, às regiões de *harmonia* e às partes superiores do *mundo da formação.* O resultado é que a luz astral, cujo espaço lunar é povoado pelos elementos mais grosseiros e maliciosos do ser, torna-se gradualmente cada vez mais contaminada, sua sujeira pairando sobre a espécie humana como uma mortalha tóxica mortífera. Nos livros da Cabala, os constituintes dessa mortalha venenosa são comparados aos *Qliphoth* ou cascões excrementais dos estágios mais baixos de existência. São os córtices adversos, "demônios de rosto canino" de acordo com os *oráculos caldeus* "nos quais não há traço de virtude, jamais mostrando aos mortais qualquer sinal de verdade". É esse aspecto da luz astral que é para cada ser humano a *serpente sedutora do mal* do Gênese, e é aquele aspecto cego que tem que ser transcendido pelo teurgo, visto que sendo representado em sua própria constituição é o que obsta a execução da Grande Obra. Se esse processo de preenchimento do plano astral com os *Qliphoth* continuasse indefinidamente, sem qualquer meio adequado de eliminá-lo e proceder a uma purificação, resultaria no envenenamento total da espécie humana por suas próprias emanações vis. A despeito de todos os esforços do modesto grupo de místicos e teurgos ao longo das eras, que transmutam através de suas próprias vidas e realizações espirituais os elementos baixos em bem duradouro e afável, o mal se torna mais pesado em cima do que embaixo, por assim dizer. A excessiva força maléfica é então precipitada de acordo com as leis naturais e cíclicas. Essas precipitações de impureza astral ocorrem realmente sob as formas de convulsões desastrosas da natureza. Terremotos, incêndios e enchentes elementais, e crimes e doenças cataclísmicas são algumas de suas manifestações. Escrevendo profundamente para confirmação desse parecer, Éliphas Lévi declara a convicção de que a luz astral é "a força misteriosa cujo equilíbrio é a vida social, progresso, civilização e cujo distúrbio é a anarquia, revolução, barbárie, de cujo caos um novo equilíbrio finalmente se desenvolve, o *cosmos* de uma nova ordem, quando uma outra pomba paira sobre as águas enegrecidas e turvas. Essa é a força pela qual o mundo é transtornado, as estações são mudadas, pela qual a noite da miséria e desgoverno pode ser transfigurada no dia do Cristo... na era de uma nova civilização, quando as estrelas da manhã cantam em conjunto e todos os filhos de Deus proferem um brado de alegria".

Assim, ao mesmo tempo, a luz astral é um nimbo de máxima santidade e uma serpente vil de destruição, a mais excelsa concepção de um domínio celestial bem como do mais abjeto inferno de depravação. Se é através dos canais da luz astral que são

executadas as calamidades universais, e se a anarquia e as catástrofes são o produto de seu desequilíbrio e perturbação, segue-se que através desse meio, também, pode uma ordem nova e aprimorada de equilíbrio e harmonia ser instituída sobre a Terra mesmo em nosso próprio tempo. Uma civilização mais amável pode, assim, ser o resultado da presente passagem a esmo pelo caos e a confusão ignóbil. Eis aqui, então, uma chave à nossa disposição.

Alguns têm acusado o teurgo de ser egoísta no sentido de parecer primeiro empenhar-se a favor de sua própria salvação. Na realidade, seu juramento diz respeito a essa grande realização, essa transfiguração do mundo de desgoverno num *aeon* mais claro; ele jurou ser o arauto invisível e silente de um mundo novo e melhor. Superficialmente pode parecer que ele tenta lograr um grau de consciência espiritual para si mesmo apenas, e que não se importa em absoluto com o bem-estar da humanidade. Mas seus esforços para alcançar a divindade finalmente redundam no sumo proveito do caminhar normal da espécie humana. “Eu ...”, disse um sábio, “...se for erguido, erguerei toda a humanidade comigo.” Assim é com o teurgo. Proclo observou que por meio das invocações mágicas e a união espiritual, as essências divinas parecem de algum modo descer ao mundo e encarnar entre as fileiras dos homens. Quando o teurgo consumou a união com a *Alma Universal* e se tornou uno com as grandes *essências* que constituem a *alma* e *inteligência* diretora de *Adão Kadmon, o homem celestial,* está no domínio de seu poder prestar realmente um serviço incomparável à espécie humana, pois esta terá sido sumamente exaltada pela descida dos deuses. Será, então, uma decisiva possibilidade executar as necessárias mudanças na substância plástica e arquétipos do *mundo da formação*, que atuarão eles mesmos conseqüentemente no plano físico e ajudarão a elevar as mentes dos homens e restaurar a harmonia e ordem eternas das esferas, fontes da vida e do ser. Mas enquanto o mago não tiver ele próprio instituído harmonia no âmbito de sua própria consciência, seu poder será limitado. Enquanto a beleza e a iluminação não constituírem a ordem de sua própria vida e enquanto ele não tiver equilibrado aquela esfera com as *Essências Universais*, os centros perenes da *luz* e da *vida* que sustentam o universo em todas as suas ramificações, não será capaz de concretizar de maneira cabal esse sonho utópico da humanidade.

CAPÍTULO V

Em relação à complexa controvérsia filosófica de séculos relativa à subjetividade ou objetividade dos fenômenos, há alguns problemas sumamente abstrusos a serem resolvidos por cada teurgo. Cada um desses problemas clama imperiosamente por resposta. A Cabala deixa toda a questão aberta para ser respondida eventualmente sob a luz da experiência espiritual. Esse grande problema não é passível de ser descurado, embora a prática mágica não precise necessariamente ser afetada por uma opinião sustentada preferivelmente a uma outra. Muitos teurgos preferiram o óbvio ponto de vista direto isento de todas as complexidades da metafísica. Considera todas as coisas individuais, os deuses e todas as forças da natureza como existindo independentemente entre si e exteriores à consciência individual; que o teurgo não passa de uma porção infinitesimal da grandeza majestosa da universalidade. Essa teoria pressupõe que as hierarquias espirituais existem da maneira mais objetiva concebível. Em algum lugar do universo em algum plano sutil invisível há uma inteligência chamada *Taphthartharath*, por exemplo, que é um ser tão real em seu próprio modo como o alfaiate de alguém o é no seu, e que como o alfaiate ele responde quando convocado através dos métodos apropriados. *Taphthartharath* é assim tão independente dos sentidos e consciência do mago quanto este é independente dos sentidos de uma mosca doméstica ordinária. Ambos existem objetivamente cada um em seu próprio plano à sua própria maneira. As mesmas observações se aplicam aos vários planos sutis da natureza com os quais o mago entra em contato. Embora sejam invisíveis e compostos de uma substância sutilíssima e rarefeita, ainda assim, do mesmo modo, são objetivos para sua própria mente. Assim, o progresso na teurgia implica uma união real entre a consciência menor do mago e a consciência maior do deus. O primeiro é assimilado à própria estrutura e natureza do segundo.

Um dos postulados fundamentais da magia é que o homem é uma imagem exata em miniatura do universo, ambos considerados objetivamente, e que aquilo que o homem percebe como existente externamente está também, de alguma maneira, representado internamente. Uma interpretação dessa idéia fornecida por Blavatsky – e, na verdade, por todos os filósofos ocultistas, inclusive Steiner e Heindl – é que o homem foi formado pela ação de diversas hierarquias criadoras, sendo que cada uma delas não apenas contribuiu com alguma parte de si mesma, como também efetivamente desceu à Terra e se encarnou em natureza humana. Evidências semelhantes existem no Livro dos Mortos, demonstrando que entre os egípcios não havia nenhuma parte do homem que não estivesse relacionada com as *essências universais*; que cada membro e parte de sua natureza era, na verdade, o membro de algum deus. Com base nessa teoria, os deuses e as *essências universais* passam a ser apreendidos no domínio da constituição interior do homem, prestando-se à interpretação de que a arte teúrgica não envolve a convocação de entidades exteriores, que é o caso da teoria da objetividade, mas sim a revelação das faculdades inerentes ao próprio ser humano. Desse ponto de vista, a experiência mística não se refere primariamente a qualquer assunto externo. Formulando esse elemento de um modo um pouco mais preciso, a transformação espiritual da união é

fundamentalmente um reajuste de elementos psíquicos entre si, o que capacita a máquina inteira a funcionar harmoniosamente. Não há necessariamente introdução através dos canais do ritual mágico de novas idéias, ou deuses. Graças a esse meio ocorre uma expulsão de idéias decadentes que obstruíram o processo vital com conseqüências desastrosas. A organização psíquica ou alma não estivera em harmonia consigo mesma, e através dos mecanismos da magia ela agora gira verdadeiramente em torno de seu próprio eixo, e ao fazê-lo encontra simultaneamente sua verdadeira órbita no sistema cósmico. Tornando-se una consigo mesma, efetuando este reajuste dinâmico, esta retomada da integridade de sua consciência, ela se torna una com o universo, ou com alguma porção do universo. O processo é análogo ao que acontece no plano físico com uma pessoa cuja mandíbula, por exemplo, é deslocada. O infeliz com uma mandíbula deslocada não está apenas em desarmonia consigo mesmo, como também com o universo; nem seus próprios esforços nem aqueles de seus amigos podem ajudá-lo. Mas então surge um cirurgião que, aplicando uma ligeira pressão, coloca a mandíbula no lugar; aquele homem é devolvido à harrmonia e – é claro – o universo é estaticamente transformado. Assim, a "união com um deus" e o êxtase que daí advém são o resultado de harmonizar ou equilibrar por meio da magia as várias até então conflitantes ou separadas porções da consciência. Nada novo foi acrescentado à mente ou invadiu a esfera da consciência a partir do exterior para que um homem devesse estar tão iluminado e capacitado a perceber com fino arrebatamento a beleza da natureza e a glória esplêndida no coração de todas as coisas. Certos centros de sua mente ou idéias poderosas, até aqui latentes no interior dos departamentos de seu próprio ser, foram estimulados a tal ponto que uma síntese mais elevada e um mundo melhor são revelados.

Visto que é sua própria consciência que o mago deseja influenciar, expandir e elevar-lhe os limites, é preciso apresentar uma breve exposição dos métodos pelos quais os *teurgos* concebem essa consciência. Previamente, a Árvore da Vida foi considerada como um símbolo numérico da progressão ordenada do universo a partir da idealidade; como um meio de classificação para referência sistemática das hierarquias espirituais; e, em terceiro lugar, como a estrutura de referência para idéias, símbolos e signos que estão presentes na magia prática. As *Sephiroth* podem ser pensadas como forças cósmicas, como emanações cuja esfera principal de operação se acha no macrocosmo. Por analogia e já que o ser humano é, por definição, o microcosmo, princípios similares têm preponderância na economia humana. As hierarquias de deuses, sendo cósmicas em suas atividades, são também, das mais grandiosas às mais modestas, representadas em alguma parte dos princípios que na sua totalidade compreendem o que conhecemos como homem, exatamente como elas em si mesmas, como a totalidade das forças cósmicas, são incluídas na concepção unificadora do *Homem celestial*. O poeta celta *A. E.* em seu mais recente trabalho, *Song and its fountains* [A canção e suas fontes], no qual ele se empenha para descobrir a fonte da criação lírica numa entidade espiritual interna além da imaginação, percebe com suma beleza essa concepção. "Penso que poderíamos descobrir se nossa imaginação é profunda fazendo os raios de nossa personalidade transbordarem para algum zodíaco celeste. E, como em sonho, o ego é drasticamente dividido em *isto* e *aquilo* e *tu* e *eu*, de sorte que na totalidade de nossa natureza estão todos os seres que os homens imaginaram, *aeons*, arcanjos, *domínios* e *poderes*, as hostes das trevas e as hostes da luz, e podemos trazer este ser múltiplo a uma unidade e ser herdeiros de sua sabedoria imensurável."

Dos grandes seres que surgiram na alvorada do tempo ao mais baixo elemental e *eon*, todos os deuses e forças celestes estão contidos no homem, que é o *templo* vivo do Espírito Santo. A Coroa, a primeira *Sephira*, representa o *espírito* auto-existente, eterno, supremo, que não nasce e não morre, e que persiste sublimemente ao longo das eras fugazes. Chamado pelos *Zoharistas* de *Yechidah*, o "Único", é por definição um ponto de consciência metafísica e espiritualmente sensível, indivisível e supremo, o centro do qual flui a energia e força do homem. O homem íntegro é um espírito, um centro eterno de consciência, todos os outros princípios sendo variações de suas atividades, invólucros de sua própria substância, espiritualidade e corporeidade sendo tão-só duas facetas de uma e mesma essência. A *mônada* é como um espelho e, embora imutável em si mesma, reflete ao mesmo tempo a harmonia de todas as outras *mônadas* com as quais, no corpo de *Adão Kadmon*, está em conjunção indivisível. Seus veículos diretos são os poderes de *Chokmah* e *Binah* – Sabedoria e Compreensão, os dois pólos manifestos do instrumento criador que ela emprega. E, no entanto, não são apenas instrumentos, mas, na realidade, os mais elevados aspectos da atividade do ser espiritual cuja luz consagrada é infinita e eterna. No homem essas duas *Sephiroth* são representadas pelos princípios chamados *Chiah* e *Neschamah*, a *vontade* e a *alma espiritual* cuja natureza é *intuição.* Existindo no plano da criação, refletindo as potências que emanam do *Eu divino* no *mundo arquetípico*, a vontade e a alma constituem com a mônada o imperecível *homem* inalterável. Não a mônada sozinha, pois como princípio é demasiadamente abstrato e espiritualmente indiferente para ser concebido como homem, mas essa trindade de *Sephiroth* forma coletivamente uma unidade metafísica que é o deus interior, o *criador* na vida individual, o artista e o poeta, o gênio cujas criações ideais são projetadas a partir de sua própria essência divina para dentro da consciência *de despertar-de-um mundo* de seu veículo imediato. É essa tríade celestial, a mônada com seus veículos da vontade e intuição, a qual é efetivamente um *deus*, uma inteligência divina na Terra para a obtenção de experiência e autoconsciência. Quanto mais se entra em comunhão com essa entidade e quanto mais firmemente está a consciência pessoal entrincheirada em sua consciência mais terna e mais extensiva que tudo abarca, mais se compreende plenamente o sacramento da encarnação, atingindo o esplendor total daquele eterno milagre: *a humanidade.* No criador do universo individual realmente vivemos, nos movemos e somos. Contudo, tão absurdos são os caminhos dos homens e a tal ponto nos desviamos do essencial, que poucos de nós conscientemente compreendem nossa divindade; que nós, como Cristo, como Buda, como Krishna somos filhos de Deus, deuses em verdade.

Chiah é a *vontade*, o primeiro veículo criativo da mônada, e sua atividade é sabedoria e discernimento, bem como aquela força misteriosa de criatividade chamada por Blavatsky de *Icchashakti.* É também como o aspecto ativo do *buddhi* da teosofia, normalmente o escrínio da mônada, peculiarmente conectada ao esplendor da serpente enrodilhada, a *Kundalini*, simbolizada pela *Uraeus* encontrada na fronte e cobertura de cabeça de muitas divindades egípcias. Como *Chiah* é o poder criativo energético ativo e visto que na magia prática o *bastão* é o instrumento cerimonial da criação, o bastão é o símbolo verdadeiro da *vontade espiritual*, aquele que ereto ascende aos céus, um poder de criação vigoroso e irresistível.

Estando *Neschamah* em oposição a *Chiah* na Árvore, é feminina e passiva, representando a verdadeira visão espiritual da *intuição* ou *imaginação.* Como o *cálice* no altar está sempre aberta para receber os ditames e comandos emitidos de cima. A ela

também se refere a imaginação espiritualizada chamada *Kriyasakti*, que com a vontade constitui o poder por excelência utilizado na magia. Esses três princípios, como as *Sephiroth superiores*, existem além do *Abismo*, se refletindo descendentemente no universo fenomênico da consciência humana, no qual a alma humana provida da vontade inferior, memória e imaginação se agita. Mas enquanto essas existem abaixo do *Abismo*, seus nôumenos existem acima do *Abismo* sem a limitação e restrição que a mente inferior e as condições humanas geralmente impõem a elas. Quanto mais alguém se abre para a *vontade* divina e a *imaginação* divina do *deus* interior, maior se torna na manifestação da divindade de si mesmo, um oráculo dos mais elevados, um veículo imaculado do mais puro fogo espiritual. Tal como um poeta ou um músico é tão-somente assim e jamais diferentemente quando a inspiração apocalíptica está sendo nele derramada de sua própria fonte divina, fato que, entretanto, na maioria dos casos é sequer reconhecido e muito menos compreendido e encorajado, um homem existe como melhor místico e maior mago na renúncia em sacrifício devoto à oblação de sua própria vontade e ego humanos, de maneira que a *Vontade* de seu *Pai* no céu possa ser consumada na Terra.

Como as *Sephiroth superiores* e as *Essências cósmicas* se projetam em formas mais densas e em matéria menos sutil, do mesmo modo atuam as *Sephiroth* humanas em obediência à lei do macrocosmo. Abaixo do *Abismo*, as cinco *Sephiroth* seguintes recebem o nome de *Alma humana* ou *Ruach*, um princípio composto de razão, vontade, imaginação, memória e emoção centradas na *Sephira* da harmonia. É este *Ruach* que é o veículo criado do *eu real*, um mecanismo, *por assim dizer*, criado através de longos *eons* de evolução, esforço e sofrimento como um recurso para obtenção de contato com o mundo externo, de modo que pela experiência assim obtida o *eu* possa atingir uma compreensão autoconsciente de seus próprios poderes divinos e natureza elevada. É em *Ruach* que a autoconsciência é centrada, embora seja verdadeira a anomalia psicológica de que esse mecanismo de percepção, desenvolvido somente como um instrumento, usurpa o poder daquele que lhe deu origem, colocando a si mesmo num pedestal como o *ego*, como aquele que possui poder real, discernimento, vontade e capacidade de resolver os problemas da vida. Este *Ruach* que chama a si mesmo de "eu", alterando-se momentaneamente com o passar do tempo, perturbado pelo fluxo e pela onda premente de pensamentos mutáveis e emoções convulsivas, é precisamente a coisa que não é "eu". Simplesmente um veículo, ele assumiu – como um macaco simula as ações de seu dono – a prerrogativa de uma existência independente, divorciando a si mesmo de seu próprio senhor divino, a energia que exclusivamente lhe concede vida e sustento. Em magia é esse *ego* empírico, esse eu inferior que tem que ser oferecido em sacrifício ao *Santo Anjo Guardião.* Como o conceito de sacrifício implica que aquilo a que se renuncia deva ser o melhor e maior sacrifício, um *Ruach* bem desenvolvido, bem treinado em todos os processos da lógica e do pensamento, bem munido de conhecimento e observação, e perfeito na medida do possível nas coisas de seu próprio domínio, constitui o maior sacrifício que o mago pode depositar sobre o altar como uma oferenda ao *Supremo.* "Aquele que perder sua vida a encontrará."

Normalmente, devido à natureza ilusória da mente em que está focalizado o centro da consciência, e devido à sua própria predileção por coisas inexpressivas e ilusórias, a nossa visão do *eu superior* está obscurecida, impedindo nosso contato mais estreito com a consciência real, permanente e imortal que realmente nos pertence. É, portanto, mediante o sacrifício do falso ego que podemos atingir a conversação espiritual

e o conhecimento do Santo Anjo Guardião. Somente através da renúncia da mente e da completa destruição de sua natureza ilusória, o desenraizamento daquele elemento que concede *egoísmo* a uma mera combinação de percepções, tendências e memórias, pode o deus interior se manifestar e conferir a magnífica bênção do êxtase místico à alma humana. Para que não haja uma interpretação errônea relativamente às palavras *destruição, renúncia* e *sacrifício* do ego, entenda-se que o próprio princípio não é destruído, o que constitui uma impossibilidade em todos os casos. Mas o falso valor do ego, sua complacência, a ilusão de que ele apenas é real e permanente, tudo o mais sendo suas criações – isso é oferecido para a destruição. Quando a afetação e o falso egoísmo no *Ruach* são desenraizados, ele é um instrumento da alma superável por poucos.

A nona *Sephira* é o fundamento do homem inferior. É chamada de *Nephesch*[13] e é aquele princípio lunar vegetativo e instintivo que concerne unicamente ao ato de viver. Essa alma animal é a um único e mesmo tempo um princípio de energia e substância plástica, a totalidade das correntes de vitalidade bem como o molde astral invisível na superfície do qual os átomos grosseiros se arranjam como o corpo físico. Como um princípio substantivo, ele é o corpo astral, o duplo plástico construído de substância astral e que serve de base ou esboço do corpo físico. Nutrido pela luz astral, precisamente como o corpo físico é nutrido pelo produto e as energias da terra, é comparável ao que é denominado *subconsciente* – a despeito de não possuir nem mente nem inteligência próprias – de maneira que todo pensamento que temos, toda emoção que sentimos, toda ação que praticamos deixam uma impressão ou memória indelével sobre aquela substância, preservando assim no corpo astral o reflexo e registro automático da vida passada. Todas, ou quase todas, as características atribuídas pelos psicanalistas ao *subconsciente* são analogamente atribuíveis a *Nephesch*, ou ao menos àquele aspecto de *Nephesch* que diz respeito aos instintos e impulsos, e que atua como um depósito automático de sensações e impressões, tal como a expressão *inconsciente coletivo* pode muito bem ser aplicada ao nosso conceito de *luz astral*. Todos os instintos fundamentais de um homem, os impulsos radicais primários que ele vivencia, pertencem à *Sephira Yesod*, o *fundamento* do qual toda a energia vital flui.

Todos esses princípios se mantêm e operam como um organismo vivo no princípio do corpo físico, *Guph*, atribuído à decima e última *Sephira*, o Reino[14], a sede de toda força e função de todos os planos sutis da natureza e de todo poder espiritual do homem; de toda verdade, e nesse sentido o corpo humano é o Templo do Espírito Santo.

É com respeito a *Ruach* ou *Manas inferior* que desejo, em particular, me estender um pouco mais. Embora ele compreenda as cinco *Sephiroth* numeradas de quatro a oito inclusive, sua sede central é em *Tiphareth*, a esfera da harmonia e equilíbrio. E embora, também, a *vontade* e a *imaginação* em seus aspectos vitais estejam colocadas acima do *Abismo* nas *Sephiroth superiores* na constituição imperecível do *homem interior*, estão em *Ruach* os pálidos reflexos daqueles dois poderes que são de particular interesse para os teurgos na busca de suas artes. Um outro problema que diz respeito ao mago é o fato de ser inerente a *Ruach* um princípio de autocontradição que impede seu uso, independentemente de qualquer assistência superior, para a busca da verdade e da luz. Alhures eu consegui ocupar-me um pouco dessa questão da

---

[13] A nona *Sephira* é *Yesod.* (N. T.)

[14] Ou seja, *Malkuth.* (N. T.)

incapacidade do homem racional de transcender o mundo fenomênico, e muito mais a respeito desse tema pode ser encontrado no esplêndido tratamento de Kant das *quatro antinomias da razão* no *Prolegômenos*, em *Aparência e Realidade*, de Bradley; e um resumo excelente se acha no *Tertium Organum* de P. D. Ouspensky.

Usando exclusivamente a razão, o ser humano jamais poderá chegar a qualquer verdadeira compreensão do que ele é em si, *quer dizer*, nunca será capaz de compreender apenas através da mente que ele é uma entidade espiritual eterna, uma estrela brilhante que resplandece pela luz de sua própria essência no interior do corpo brilhantemente adornado de Nuit, a *rainha do espaço infinito.* Para conhecer realmente a si mesmo como um deus e ingressar na comunhão com o criador pessoal, o homem precisa fazer uso de outros instrumentos e outras faculdades. Jâmblico formula a lei com muita clareza em *Os Mistérios*, que não é só pelo raciocínio discursivo ou pela reflexão filosófica que se chega à comunhão com os deuses. É por intermédio do despertar dos poderes espirituais mais elevados por meio dos ritos teúrgicos que se efetua a consumação das longas eras. "Pois uma concepção da mente não une os teurgos aos deuses, visto que se este fosse o caso, o que impediria aqueles que filosofam teoricamente de celebrar uma união teúrgica com os deuses?... Ora, na realidade esse não é o caso. Pois a perfeita eficácia das obras inefáveis, que são divinamente executadas de uma maneira que ultrapassa toda inteligência, e o poder de símbolos inexplicáveis, que são conhecidos só dos deuses, é que concedem a união da teurgia. Conseqüentemente, nós não executamos essas coisas por meio da percepção intelectual."

Observa-se comumente que o indivíduo que é detentor apenas de escassa capacidade intelectual tem freqüentemente um maior contato com uma presença espiritual e está mais aberto a intuições do que o seu irmão mais aquinhoado intelectualmente. Paracelso nos assegurou que os grandes *Mistérios* podem, amiúde, ser mais bem apreendidos por uma mulher simples na sua roca do que pela erudição mais profunda. E, se a memória não me falha, em alguma parte de seus escritos mágicos Lévi também observa que com freqüência os verdadeiros magos práticos são encontrados no campo, entre as pessoas incultas, os privados de intelectualidade e sofisticação, ou simples pastores. Não é a falta de mentalidade ou intelecto que torna o camponês superior. A ausência de capacidade mental por parte do camponês o tornaria realmente inferior, visto que é obviamente a mente que distingue o homem dos animais do campo. Mas quando essa capacidade mental é corrompida pela afetação, pelo convencimento de que ela é suprema, pelo sofisma egotístico, o que é mais freqüente que o caso contrário, então a falta dela se torna relativamente uma grande virtude. Havelock Ellis cita um exemplo que corrobora tal afirmação. Ele narra que durante uma longa cavalgada pelo sertão australiano na companhia de um tranqüilo e simples fazendeiro, este subitamente lhe confessou que por vezes subia ao topo de uma colina e ficava perdido para si mesmo e para tudo enquanto permanecia contemplando o cenário que o cercava. Aqueles momentos de êxtase, de união pelo esquecimento de si mesmo com a beleza divina da natureza circundante eram inteiramente compatíveis, observa Ellis, com a perspectiva de um homem dedicado ao trabalho árduo e não sobrecarregado pela teologia, a tradição dogmática e a sofisticação dos modos civilizados.

Ora, é bem verdade que os *Mistérios* eram e são mais facilmente compreendidos e as intuições mais freqüentemente franqueadas entre os simples e não-intelectualizados (não digo *destituídos de inteligência*) porque neles não existe qualquer barreira racional

aos raios telésticos de *Neschamah.* Entretanto, visto que *Ruach* foi desenvolvido em virtude de uma longa evolução, não deve ser completamente negligenciado, devendo-se, sim, encorajar seu desenvolvimento em seu próprio campo e no plano de aplicação que se coaduna com ele. E é aqui, num certo sentido, que se infiltra um certo perigo da teurgia. Não basta ao teurgo intoxicar-se de Deus e envolver-se no conhecimento e na conversação de seu Santo Anjo Guardião e das *Essências* dos deuses. Por mais grandioso que isso seja, ainda não é suficiente; pois dentro dele, cuja mente está desordenada, ignorante e indisciplinada, os deuses vertem seu vinho em vão. Pelo fato de se ter renunciado à razão a fim de se alcançar uma síntese mais elevada e uma espécie mais nobre de consciência, não há motivo para negligenciar a aplicação daquela faculdade às matérias pertinentes ao seu próprio lugar na natureza. Essa é a razão porque no sistema de Pitágoras a gramática, a retórica e a lógica eram ensinadas para cultivo e aprimoramento da mente, e também a matemática porque os métodos dessa ciência eram disciplinados e ordenados. A geometria, a música e a astronomia também eram ministradas, sendo desenvolvido a partir daí um sistema de símbolos. Não incorrerá em erro o moderno teurgo que seguir esse plano de treinamento intelectual. O cultivo do discernimento intelectual é uma tarefa essencial, mas feito isso, restará ainda uma passo a ser dado. “O rei-mago...”, escreve Vaughan, “...constrói sua torre de especulação pelas mãos de trabalhadores humanos até atingir o andar mais alto, e então convoca seus gênios para confeccionarem as ameias adamantinas e as coroa com o fogo das estrelas.” É pouco proveitoso contemplar as ameias da torre enquanto a própria torre for uma possibilidade. Tampouco é particularmente aconselhável construir o ápice da pirâmide antes de providenciar a base na qual a pirâmide possa se assentar. Mas uma vez esteja ali a base e a torre da razão tenha sido construída, as ameias e o ápice da experiência espiritual passam a ser uma necessidade urgente.

Assim, o objetivo supremo de todo ritual mágico é a construção do ápice da pirâmide e a instalação das ameias na torre intelectual; em outras palavras, a comunhão com o *eu superior.* Para todo homem é esse o mais importante passo e nenhum outro se compara a ele em importância e validade até que essa união tenha sido realizada. Traz consigo novos poderes, novas extensões da consciência e uma nova visão da vida. Arroja um raio brilhante de luz nas fases até então escuras da vida, removendo da mente as nuvens que inibem a glória da luz espiritual. Com o atingimento da *visão* e do *perfume* percebe-se, como percebeu Jacob Boehme, o campo inteiro da existência natural literalmente fulgurar com um esplendor divino incomparável, de modo que mesmo as árvores erguem seus cimos para os céus e as relvas nos prados verdes gentilmente entoam cantos de louvor e ação de graças, oferecendo hinos de glória à *luz suprema.*

Na plenitude do Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião, o teurgo é capaz de prever mediante a extensão da luz da razão que outros passos têm que ser dados na grande busca que não findou com a *iluminação do Anjo,* mas que, ele percebe, apenas começou. O universo todo é uma vasta gama de hierarquias espirituais, e o Santo Anjo Guardião se posta em apenas um degrau da escada que se estende acima e abaixo para o infinito. O teurgo percebe que ele é somente uma centelha emitida da essência espiritual de um deus, e por mais estupendamente brilhante que seu próprio *anjo* seja, se, como os princípios de sua arte o ensinam, esse *anjo* seja apenas uma centelha, quão mais glorioso é o deus que lhe deu origem? Assim, sua aspiração sob a orientação de seu *anjo* é sempre dirigida para cima e para a frente, promovendo sua visão interior para a *Vida*

una, para o *Ain-Sof*, a *fonte inominável* de tudo. A natureza não procede por solavancos ou por desfiladeiros intransponíveis ou saltos. Ela progride numa marcha gradual, e essa onda de progresso estável para a frente o teurgo procura imitar. A união com o *Ain-Sof* não pode ser efetivada imediatamente; é mister que ele suba a escada da *vida* lentamente, unindo-se em cada degrau em amor e sabedoria com cada hierarquia superior, até que a *Luz eterna ilimitada* seja alcançada. Jâmblico concebe o mesmo procedimento nas seguintes palavras: "E quando a alma O recebeu como seu condutor, o *daimon* imediatamente preside à alma, concedendo completamento às suas vidas, e a prende ao corpo por ocasião de sua descida. De modo semelhante, ele governa o animal ordinário da alma e dirige sua vida peculiar e nos proporciona os princípios de todo nosso pensamento e raciocínio. Igualmente executamos tais coisas conforme ele sugere ao nosso intelecto e ele prossegue nos governando até que através da teurgia sacerdotal, obtenhamos um deus para guardião supervisor e condutor da alma; pois então o *daimon* cede ou entrega seu governo a uma natureza mais excelente, ou é submetido ao deus como colaborador na sua guarda, ou de alguma maneira é ministrante com ele como se fosse seu senhor. "

Não é bem que o Santo Anjo Guardião cede o governo da alma humana à presença do deus, e sim que a alma, já unida ao *anjo* e assim formando um ser completo, se une de maneira similar ao deus. Ou, talvez, que o *anjo* que tomou para si mesmo a vida da alma tenha, correspondentemente, assumido a vida ampla e superior do deus, o qual para o *anjo* é como o *anjo* era primeiramente para a alma. Prosseguindo, Jâmblico acrescenta: "Ademais, depois dela (quer dizer, a teurgia) ter unido a alma às diversas partes do universo e aos poderes divinos totais que por ela passam, então guia a alma e a deposita no íntegro *demiurgo*, fazendo-a ser independente de toda matéria e estar co-unida com a razão eterna somente. Mas o que quero dizer é que ela liga peculiarmente a alma com o deus autogerado e automovido e com os poderes intelectuais que tudo sustentam e tudo embelezam do deus, e igualmente com aquele poder dele que eleva à verdade, e com seus poderes de auto-aperfeiçoamento, de eficiência e outros poderes demiúrgicos, de maneira que a alma teúrgica se torna perfeitamente estabelecida nas energias e intelecções demiúrgicas desses poderes. E então a teurgia também insere a alma no deus demiúrgico integral, findando aqui com os egípcios o assunto da elevação da alma à divindade pelo sacerdócio."

Dificilmente se poderia descobrir uma visão mais grandiosa e mais completa. A teurgia se propõe tomar um homem, despojá-lo gradualmente, por assim dizer, de tudo que não seja essencial e penetrar, finalmente, na alma interior. Então essa alma interior é exaltada e guindada, sempre de maneira gradual, até que ela encontre seu *Senhor soberano*, o *Amado*. Guindando-a cada vez mais alto, embora ainda humano num corpo físico de carne e sangue, o homem é elevado além dos céus, ingressando na união e comunhão espirituais com os *poderes* que são o universo, as fontes que proporcionam vida e sustentação ao conjunto da existência manifesta. Ultrapassando-os, a alma plana e ascende, transcendendo mesmo aos deuses que surgiram ao primeiro rubor da aurora dourada, até que com um êxtase incomparável de silêncio, ela retorna à *Grande Fonte de Tudo.*

CAPÍTULO VI

A magia superior, como foi demonstrado, tem como um dos seus objetivos uma comunhão com o divino tanto aqui quanto no porvir, uma união para ser obtida não por meio de uma mera doutrina e especulações intelectuais estéreis, mas sim pelo exercício de outras faculdades e poderes mais espirituais em ritos e cerimônias. Por *divino* os teurgos reconheciam um princípio eterno espiritualmente dinâmico, e sua manifestação refrata em *seres* cuja consciência, individual e separadamente, são de um grau de espiritualidade tão grandioso e sublime a ponto de realmente merecerem o nome de *deuses*. Essa é, obviamente, a visão objetiva, e eu me referirei aos deuses neste capítulo somente desse ponto de vista, deixando ao leitor a liberdade de interpretá-los de modo diverso, se assim o quiserem.

Uma advertência deve, entretanto, ser feita aqui. Não se deve pensar que os teurgos e os filósofos *divinos* eram politeístas em qualquer sentido comum. Uma tal conclusão estaria, de fato, bem distante do que é realmente verdadeiro. Mesmo para os egípcios, que possuíam um panteão repleto de hierarquias e deuses celestiais e que são acusados tão freqüentemente de serem primitiva e grosseiramente politeístas, E. A. Wallis Budge profere uma defesa, pois embora os não-instruídos apreciassem uma pluralidade de deuses, "os sacerdotes e as classes instruídas que eram capazes de ler e compreender os livros adotaram a concepção do *Deus único*, o criador de todos os seres no céu e na terra, os quais, por falta de uma palavra melhor, eram chamados de *deuses*".

Essa é a posição do ponto de vista empregado na magia. Primariamente, há apenas uma *Vida onipresente* que penetra todo o cosmos. Permeia e vibra em todo canto e porção do espaço, sustentando a vida individual de todo ser que existe em qualquer um dos mundos infinitos. Desconhecido em si mesmo, visto que é onipresente e ilimitado em toda direção e exaltado além do alcance intelectual, jamais poderia ser compreendido pela mente humana. Mas é preciso que se compreenda que a partir Dele procedem todos os deuses, todas as almas humanas e espíritos e toda coisa concebível que é. De um certo modo, incompreensível ao nosso entendimento finito, a energia negativa e passiva homogeneamente espalhada através do espaço se tornou vivificada, formando ela mesma centros ativos primários que, com o desenrolar de *eons* de tempo, expandiu-se e gradualmente evoluiu para o cosmos. Com esses centros, as primeiras manifestações, brotou da homogeneidade latente um grupo heterogêneo de entidades divinas ou forças inteligentes cósmicas que se tornaram os arquitetos e construtores do universo. Da própria essência espiritual individual deles, hierarquias menores nasceram, as quais, por sua vez, emanaram ou criaram a partir de si mesmas ainda outros grupos até que finalmente as almas humanas vieram a ser a descendência refletida dos deuses abençoados. Essas forças inteligentes receberam nomes variados, *deuses, daimons, essências universais, dhyan chohans, eons, teletarchae* e muitos outros. Todos implicam a mesma idéia fundamental de centros conscientes (embora não necessariamente autoconscientes, intelectuais) de força, sabedoria e inteligência que emanam ou criam, de uma maneira ou de outra, a partir de si mesmos o universo finito manifesto.

Essas forças cósmicas ou deuses eram estudados pelos teurgos egípcios com muito rigor, e seus atributos cuidadosamente observados e registrados sob a forma de parábolas, alegorias, mitos e lendas. Mesmo nos pictogramas convencionais de suas divindades, cada um dos emblemas tem uma importante significação que é ao mesmo tempo profunda nas suas implicações e simplesmente eloqüente na descrição das características de determinado deus. Por exemplo, uma pena azul levada à mão de um dos deuses, ou encimando a cobertura de cabeça, implicava a *verdade*, *firmeza* e *retidão,* enquanto um cetro tinha a finalidade de transmitir a idéia de que um certo deus era detentor de suprema autoridade e soberania. Cada símbolo e *sigillum* portados pelo deus em alguma parte de sua pessoa constituíam uma pista para a natureza inerente a ele. Os mitos e as lendas relativos aos deuses passados à posteridade pelos sacerdotes egípcios não eram meras invenções ociosas produzidas por homens ignorantes, embora imaginativos, que não tinham coisa melhor para fazer, ocupando-se com a narração de histórias e a urdidura de ficções agradáveis ou desagradáveis baseadas em invencionice. Pelo contrário, longe de puerilidade, em cada uma dessas lendas e descrições pictóricas dos deuses está oculto um patrimônio de conhecimento transcendental para todo aquele que for capaz de percebê-lo. Relativamente a um povo tão perspicaz como o egípcio, um povo que desenvolveu uma civilização resistente cujos restos permanecem como nobres monumentos até os dias de hoje, dificilmente se poderia acreditar que seus mitos não passem de contos interessantes, como se os deuses reconhecidos por eles não tivessem existido ou tenham sido, no máximo, fantasias infantis. Jamais se deve considerar que o panteão egípcio, particularmente os deuses associados aos cultos teúrgicos, era em qualquer grau mítico no sentido de que era o resultado do jogo divertido de uma fértil faculdade inventiva. O homem primitivo não “criou” os deuses, como pensam tantos aprendizes modernos de teologia comparativa, destituídos de toda simpatia e gênio religioso. O que ele realmente fez, talvez inconscientemente, foi aplicar nomes (e mesmo esses nomes eram carregados de significado) e faculdades quase humanas a esses “poderes” ou grandes forças da natureza que observava com tanta precisão, e que ele acreditava serem, com justeza suficiente, manifestações ou símbolos do divino. Todos os pensamentos e idéias, todo o grande saber e conhecimento dos egípcios encontraram sua expressão pictórica na alegoria, na parábola e nas pinturas. Assim nós os recebemos hoje. Descartar seu sistema bem desenvolvido de lenda e mitologia instrutivas como absurdo e infantil só indica a postura de uma inteligência superficial e pueril. Pode-se demonstrar que basta um pouco de estudo para revelar uma profundidade de discernimento que nunca se compreendeu antes existir. Além disso, as vinhetas e os símbolos pintados dos deuses com os quais os egípcios estavam habituados a decorar seus papiros, pelo mesmo motivo não são meramente desenhos infantis descritivos de vagas opiniões intelectuais. Cada deus na mitologia egípcia tinha uma precisa e bem-definida função a executar no *cosmos* – criadora, preservadora ou destruidora, de acordo com o caso – e tal função fora confirmada com precisão pela observação, tanto secular quanto teúrgica, levada a cabo por um longo período de tempo, e as qualidades e natureza dos deuses eram expressas em gravuras. Que os egípcios concebiam que Ra, o deus-Sol, realmente existia naquela forma artística convencional em que o pintavam, não estou disposto a acreditar; tampouco que achavam que o sol à meia-noite assumia a forma de um escaravelho. Em que realmente acreditavam é que o escaravelho, como símbolo, exprimia de várias maneiras sutis a natureza do sol após o poente. A *vaca*, analogamente, era um símbolo de

fertilidade exuberante, a íbis, um símbolo de sabedoria e suprema inteligência. O *falcão*, devido à sua capacidade de permanecer equilibrado no firmamento, constituía um símbolo perfeito do *eu* divino que, desapegado de todas as coisas da terra e da forma, as observa com o olho da equanimidade. O assunto todo deve ser cuidadosamente estudado, e se a metade do zelo e atenção que o homem comum dedica ao seu jornal no dia-a-dia forem dedicados pelo leitor ao estudo dos deuses, muito conhecimento útil de profunda importância para a magia será obtido.

A evolução e o desenvolvimento do *cosmos*, espirituais e físicos, foram primeiramente registrados pelos filósofos em mudanças geométricas da forma. Toda cosmogonia esotérica usava um círculo, um ponto, um triângulo, um cubo e assim por diante. Esses mais tarde foram incorporados numa forma geométrica simples que é chamada na Cabala de *Árvore da Vida.* Aplicou-se a cada desenvolvimento cósmico um número, e existindo como o significado específico do número ou a fase particular de evolução, havia a atividade de um deus ou de uma hierarquia de deuses. Assim, na Cabala temos dez emanações principais. A cada uma dessas um número é atribuído e em cada número, portanto, está encerrado um deus. Há dez séries de hierarquias de forças cósmicas, espirituais, dinâmicas e inteligentes, cujas operações em concerto resultam na formação do universo físico. A tradição dos teurgos as classifica numa escala descendente de pureza e espiritualidade, dos deuses aos arcanjos, inteligências e espíritos.

Considerando-se que em magia o objetivo é obter de uma maneira ou de outra uma união espiritual estreita e duradoura com essas divindades cósmicas, que são as realidades essenciais e as fontes de sustentação e vitalidade, é aconselhável dar uma breve descrição delas tal como entendidas pelos egípcios. Na tabela que se segue elas são classificadas de acordo com suas hierarquias e escala de graduação, e a interpretação será auxiliada se o leitor se recordar das afirmações feitas num capítulo anterior a respeito das *Sephiroth.*

Com relação a cada um desses deuses, apresentarei uma curta descrição baseada em textos de egiptologia, deixando a critério do leitor a interpretação que desejar. A natureza dos *arcanjos, inteligências* e *espíritos* cujos nomes são indicados na tabela, será revelada pelos atributos da divindade regente.

Correspondendo ao desenvolvimento cósmico representado entre os cabalistas por *Kether*, a Coroa, temos a divindade egípcia *Ptah*, sendo que o significado de seu nome é o *franqueador*. Para os egiptólogos isso parece ter sido um obstáculo em suas classificações, pois no caso de se supor que ele estava associado com a abertura do dia mediante o sol, é suficientemente singular o fato de nunca formar um dos importantes grupos dos deuses solares nos textos hieráticos. Em *O livro dos mortos* seus atributos não guardam a menor relação com Ra, Khephra e Tum, os deuses ligados ao nascer do sol, ao pôr-do-sol e ao seu obscurecimento à meia-noite. Dentro do delineamento da filosofia mágica, contudo, não é, em absoluto, difícil compreender em que sentido Ptah é chamado de *O Franqueador.* Visto que seu aparecimento inaugurou ou deu início a um ciclo de manifestação cósmica ele é assim chamado, e é ele o *Logos* oculto, a essência metafísica central da qual tudo se originou. Essa interpretação parece ser corroborada por várias ilustrações nas quais ele é mostrado confeccionando o ovo do mundo num torno de oleiro. Budge, confirmando, também salienta que a raiz etimológica de Ptah é cognata com o significado de uma outra palavra que significa esculpir ou talhar. Essa raiz cognata posiciona o deus de maneira excelente, como o faz a palavra *artífice* que aparece nos

textos, pois não só abre Ptah o ciclo evolucionário como é também ele quem, emergindo das trevas triplamente desconhecidas, é o *Grande Arquiteto do Universo*, dando, juntamente com Thoth e Ísis, nascimento às coisas manifestas. Dizia-se dele que era "o grandioso deus que veio a ser no tempo mais remoto" e para indicar de modo conclusivo sua natureza ele também era considerado o "pai dos princípios e criador do(s) ovo(s) do Sol e da Lua".

N	***Sephira***	***Planeta***	***Deus***	***Arcanjo***	***Coro de anjos***	***Inteligência do planeta***	***Espírito do planeta***
1	Kether	–	Ptah, Amon	Metraton	Chayos haQadosh	–	–
2	Chokmah	–	Tahuti	Ratziel	Ophanim	–	–
3	Binah	Saturno	Ísis	Tsafkiel	Arilim	Agiel	Zaziel
4	Chesed	Júpiter	Maat	Tsadkiel	Chashmalim	Iophiel	Hasmiel
5	Geburah	Marte	Hórus	Kamael	Seraphim	Graphiel	Bartzbael
6	Tiphareth	Sol	Ra, Osíris	Raphiel	Malachim	Nachiel	Soras
7	Netzach	Vênus	Hathor	Haniel	Elohim	Hagiel	Kadmiel
8	Hod	Mercúrio	Anúbis	Michael	Beni Elohim	Tiriel	Taphthartharath
9	Yesod	Lua	Shu, Pasht	Gabriel	Querubim	Tarshishim ve-Ad Ruach Shechalim	Hasmodai
10	Malkuth	–	Seb	Zaziel	Ishim	–	–

Na mesma categoria que Ptah, como uma correspondência da mesma série de idéias filosóficas ligadas à Coroa, existe o deus Amon ou Amen. Ele era o poder criativo invisível que era a fonte de toda a vida no céu, na terra e no mundo inferior, finalmente fazendo a si mesmo manifesto em Ra, o deus-Sol. O próprio nome indica aquele que é oculto ou dissimulado, e nos tempos de Ptolomeu essa expressão associou-se a uma palavra que significa *subsistir* e também *ser permanente*. Num dos documentos sacerdotais o deus é saudado em tais termos de modo a nos fornecer uma descrição narrativa de sua real natureza. "A alma santa que veio a ser no princípio... a primeira substância divina que deu origem às duas outras substâncias divinas; o ser através do qual todo outro deus existe."

Há, além disso, uma considerável quantidade de evidências que nos levam a crer que Osíris poderia ser atribuído a essa mesma categoria. O prospecto do Museu Britânico do *Livro dos mortos* afirma que uma princesa egípcia podia saudar Amen-Ra e Osíris não como dois deuses distintos, mas como dois aspectos do mesmo deus. Ela acreditava que o poder criador "oculto" de que era investido Amen era apenas uma outra forma do mesmo poder tipificado por Osíris. Com toda certeza, entretanto, Osíris tem que ser saudado como a encarnação humana do poder criador, a assunção em humanidade do deus mais supremo, um *avatar*, se assim se preferir, do *Espírito supremo.* Todas as razões levam a crer que seja este o ponto de vista acertado a respeito de Osíris, pois ele também permaneceu para a renovação do nascimento e uma ressurreição espiritual, tipificando o *Adepto* iluminado, purificado pela provação e pelo sofrimento; alguém que morreu e, depois de descer ao *mundo inferior*, miraculosamente ressuscitou glorificado para reinar

eternamente nos céus. Na medida em que este é o caso, ele será considerado como um tipo pertencente a *Tiphareth.* Há, contudo, um aspecto dele, ***Asar-Un-Nefer***, *Osíris feito beneficente ou perfeito* em cuja forma deífica ele é uma representação mas adequada daquela fase de *Kether* que é o aspecto mais real e mais profundo da individualidade.

A natureza de Thoth ou Tahuti e a descrição das características que os egípcios atribuíam a ele não deixa o menor motivo para dúvida quanto à sua imediata atribuição a *Chokmah*. Ele é *sabedoria* e o *deus da sabedoria,* e como observado por Budge, é a personificação da inteligência de todo o conjunto dos deuses. O nome *Tahuti* parece ser derivado daquele que se supõe ser o nome mais antigo da *íbis*, que é uma ave que sugere pela sua própria postura meditação e conseqüentemente sabedoria. Há uma excelente descrição dos atributos de Thoth no livro de Budge *Os deuses dos egípcios* que eu cito a seguir: "Em primeiro lugar, julgava-se ser ele tanto o coração quanto a língua de Ra, quer dizer, ele era a razão e os poderes mentais do deus, e o meio pelo qual a vontade dele era traduzida em discurso; num certo aspecto ele era o próprio discurso e em tempos posteriores ele pode muito bem ter representado, como afirmou o dr. Birch, o *Logos* de Platão. Em toda lenda na qual Thoth desempenha um papel de destaque, percebemos que é ele quem profere a palavra que resulta na concretização dos desejos de Ra, e é evidente que uma vez tivesse ele pronunciado a palavra de comando, esse comando não poderia deixar de ser cumprido por um meio ou outro. Ele proferiu as palavras que tiveram como resultado a criação dos céus e da Terra... Seu conhecimento e seus poderes de cálculo mediram os céus e planejaram a Terra e tudo o que se acha neles; sua vontade e seu poder mantiveram as forças no céu e na Terra em equilíbrio; foi sua habilidade na matemática celeste que possibilitou o uso correto das leis sobre as quais os fundamentos e a manutenção do universo se apóiam; foi ele quem dirigiu os movimentos dos corpos celestes e seus tempos e estações". Ele era, em suma, a personificação da mente de Deus ou o *Logos*, e como o poder todo penetrante, governante e dirigente do céu, ele configura um aspecto da religião egípcia "que é tão sublime quanto a crença na ressurreição dos mortos num corpo espiritual, e quanto a doutrina da vida eterna".

Palas Atena é a deusa grega da sabedoria que, segundo o mito, emergiu totalmente armada do cérebro de seu poderoso pai, Zeus. Urano, o deus dos céus estrelados, poderia também ser colocado nessa mesma categoria com Thoth e Atena, pois deve ser mencionado que tradicionalmente *Chokmah* é também chamada de a *esfera das estrelas fixas.*

Ísis, correspondendo a *Binah*, era considerada a fonte do universo, a primeira progênie das eras, governante do céu, do mar, e de todas as coisas na Terra, e era a *Mãe superior* que o conjunto do mundo antigo venerava sob diversos nomes. Foi tão vinculada à *rainha do céu* como a compassiva e onipotente senhora de ambos os mundos, que ela atraiu para si uma grande multidão de devotos e sinceros adeptos. Resumindo concisamente Budge no que concerne a Ísis, podemos afirmar que ela era considerada a grandiosa e benevolente *Mãe* cuja influência e amor dominavam a totalidade do céu, da Terra e a morada dos mortos, sendo ela a personificação do grande poder reprodutivo passivo que concebia imaculadamente e gerava toda criatura e coisa vivas. O que gerava ela protegia, cuidava, alimentava e nutria; empregava sua própria vida usando seu poder de modo amável e bem-sucedido, não apenas criando coisas novas como também restaurando aquelas que estavam mortas. Ela era, além de todas essas coisas, o tipo mais elevado de esposa e mãe fiel e amorosa. Era nessa qualificação e capacidade que os

egípcios a honravam e veneravam mais. Conforme a lenda, agora familiar, Osíris, seu marido, foi assassinado graças à astúcia de seu irmão Tífon ou Set (emblemático do aspecto destrutivo da natureza) e seu corpo forçado para dentro de uma caixa que, após ter sido lançada ao Nilo, foi conduzida ao mar. Depois de uma longa e cansativa busca, Ísis a encontrou e a escondeu num sítio que julgava seguro, onde, contudo, foi descoberta por Tífon, o qual malignamente esquartejou o cadáver. Os incidentes da busca que ela empreendeu do corpo mutilado e a concepção e nascimento de seu filho Hórus, impressionavam vigorosamente a imaginação dos egípcios, de modo particular quando a lenda narra a ajuda na busca dada por Thoth, o deus da sabedoria e da magia, o qual graças à sua habilidade nas artes teúrgicas foi capaz de comunicar a ela os processos e palavras de poder que temporariamente ressuscitaram Osíris e o capacitaram a gerar nela o filho-deus Hórus.

Além do acima exposto há a lenda obscura relativa à parte da ajuda segundo a qual Ísis paradoxalmente fez concessões a Tífon na batalha travada por Hórus que, enraivecido pela aparente traição de sua mãe, matou-a e a decapitou. Entretanto, imediatamente Thoth transformou a cabeça de Ísis na de uma vaca, a qual ele prendeu ao corpo dela. De maneira própria, essa lenda indica a relação que existe entre Ísis, a Mãe e a deusa-vaca Hathor, muitos dos atributos desta parecendo coincidir em muitos aspectos significativos com os atributos de Ísis. A Árvore da Vida, prenunciando diagramaticamente o processo de evolução, deve ser de algum auxílio para a compreensão da idéia subjacente a esta lenda, como deve ser também a lenda grega referente a Cronos, que é também uma atribuição de *Binah.* Nessa lenda descreve-se Cronos destituindo seu pai Urano do governo do mundo, do qual Cronos é destituído, por sua vez, pelo seu próprio filho, Zeus. Blavatsky dá uma explicação sugestiva dessa parábola em *A doutrina secreta.* Grosso modo, sugere que Cronos significa *duração* eterna, sem princípio e sem fim, além do *tempo e espaço* divididos. Diz-se alegoricamente que esses deuses que nasceram para atuar no espaço e no tempo, ou seja, atravessar o círculo do domínio espiritual para o plano terrestre, se rebelaram contra Cronos e combateram o (então) único deus vivo e supremo. Por sua vez, quando Cronos é representado mutilando seu pai, o significado da mutilação é simples. O tempo absoluto é feito para se tornar o finito e a condição; uma porção é furtada do todo, mostrando assim que Cronos, o pai dos deuses, foi transformado da *duração eterna* para um período limitado de tempo. A mesma interpretação pode, igualmente, ser aplicada à decapitação de Ísis, resultando na transição dela como uma deusa criadora superior a um plano terrestre inferior.

Maat, a deusa atribuída à esfera de *Chesed*, é no antigo sistema egípcio estreitamente aliada a Thoth, tão estreitamente, de fato, a ponto de poder ser quase considerada como sua contraparte feminina. O tipo de símbolo dessa deusa é a pena de avestruz, simples ou dupla, que está sempre presa à sua cobertura de cabeça ou segura em sua mão. Primordialmente indicando “aquilo que é reto”, a palavra *maat* era usada num sentido físico e moral, de maneira que finalmente passou a significar “correto, verdadeiro, probo, justo”. Essa deusa incorpora então as idéias de lei física e moral, ordem, verdade e regularidade cósmica. Pode-se observar que muitos desses atributos de Maat são, de forma semelhante, significados atribuídos pelos astrólogos ao planeta Júpiter, que constitui uma das correspondências da mesma *Sephira* a que Maat é atribuída. Como um poder moral, admitiu-se ser Maat a maior das deusas, e ela chegou a

ser a senhora do *salão do juízo* no *Tuat* ou mundo inferior, onde a pesagem do coração ocorria na presença de Osíris. Geralmente representada como uma mulher sentada ou de pé, ela segura numa das mãos o cetro da soberania e na outra o *ankh*, o símbolo da vida. Algumas figuras a mostram munida de um par de asas, cada uma presa a um braço, e em alguns poucos casos ela é retratada portando a pena da verdade sobre sua cabeça, ereta, sem qualquer cobertura de cabeça.

O Júpiter romano era originalmente uma divindade elementar, sendo venerada como o deus da chuva, tempestade, trovão e relâmpago. O senhor do céu e o príncipe da luz, ele era o deus que previa o futuro, e os acontecimentos que previa ocorriam como resultado de sua vontade. Zeus é seu equivalente grego e ambos são atribuídos a *Chesed.*

A tradução da quinta *Sephira*, *Geburah* como *"força"* associada à sua correspondência astrológica de Marte, de maneira sumamente apropriada resume a característica de Hórus. Ele é o deus egípcio da *força* detentor de muitas formas, das quais duas são as mais importantes: *Hoor-paar-Kraat* e *Heru-Khuti.* Como o primeiro, o grego Harpócrates, ele é representado usando uma mecha de cabelo, o símbolo da juventude radiante, do lado direito de sua cabeça; às vezes, também, ele usa a coroa tripla com plumas e discos como cobertura de cabeça, e ocasionalmente o disco apenas com plumas. Na maioria dos casos ele é retratado com seu dedo indicador erguido até seus lábios em sinal de silêncio. Como *Heru-Khuti*, "Hórus dos dois horizontes", é usualmente representado como um falcão, usando um disco solar envolvido por uma serpente Uraeus, ou uma coroa tripla ou *ateph*. Era estreitamente vinculado ao deus-Sol e representava o disco solar em seu percurso diário através dos céus do nascer ao pôr-do-sol. Mas é como Hórus, o filho de Ísis e Osíris, que ele se liga a *Geburah*, em seu aspecto do vingador do assassinato e da violação dos restos mortais de seu pai. Representado como um falcão, era capaz, das alturas do céu, de ver os inimigos de seu pai, que ele perseguia, assim diz a lenda, sob a forma de um grande disco alado. Com tal fúria e vigor atacava esses inimigos que todos estes perdiam seus sentidos, não podendo nem ver com seus olhos nem ouvir com seus ouvidos. As assertivas relativas a Hórus contidas no prospecto do Museu Britânico são tão interessantes nesse sentido que as transcrevemos a seguir:

"Quando Hórus atingiu a maturidade ele se pôs a caminho para achar Set e travar guerra contra o assassino de seu pai. Finalmente eles se encontraram e uma luta brutal se seguiu. Embora Set fosse derrotado, antes de ser por fim arremessado ao solo, conseguiu arrancar o olho direito de Hórus e guardá-lo. Mesmo após essa luta, Set pôde perseguir Ísis, estando Hórus impotente para impedi-lo até que Thoth fez Set entregar-lhe o olho direito de Hórus que ele arrebatara. Thoth então levou o olho a Hórus e o recolocou em sua face, devolvendo-lhe a visão cuspindo sobre ele. Hórus, a seguir, procurou o corpo de Osíris a fim de restituir-lhe a vida, e quando o achou desatou as bandagens para que Osíris pudesse mover seus membros e ressuscitar. Sob a direção de Thoth, Hórus recitou uma série de fórmulas à medida que apresentava oferendas a Osíris ...Abraçou Osíris e assim transferiu a ele seu *ka*, isto é, sua própria personalidade e virilidade vivas, e lhe deu seu olho, aquele que Thoth resgatara de Set e recolocara em sua face. Logo que Osíris comeu o olho de Hórus... recuperou com isso o completo uso de todas as suas faculdades mentais que a morte suspendera. Prontamente ergueu-se de seu esquife e se tornou o *Senhor dos Mortos* e *Rei do mundo inferior*."

Marte e Ares são os equivalentes grego e romano, sendo venerados como os deuses da guerra e das batalhas, prosseguindo com a idéia essencial de *Geburah*, força, vigor e energia.

É relativamente a *Tiphareth* e aos deuses a ela associados que desejo me alongar um pouco mais porquanto são eles que mais do que quaisquer outros concernem à aspiração do mago. Como *Tiphareth* é a esfera da *beleza* e da *harmonia*, bem como a "casa da alma", os deuses tradicionalmente associados a essa *Sephira* são, de modo peculiar, simbolizadores e representativos da alma glorificada, ou o *Santo Anjo Guardião.* Dionísio, Osíris, Mitra e muitos outros são todos tipos de imortalidade, beleza e equilíbrio. Maurice Maeterlinck sintetizou esplendidamente toda a posição filosófica a este respeito. "Dionísio" diz ele, "...é Osíris, Krishna, Buda; ele é todas as encarnações divinas; é o deus que desce ao homem, ou melhor, manifesta a si mesmo no homem; ele é morte, temporária e ilusória, e renascimento, real e imortal; é a união temporária com o divino que não é senão o prelúdio da união final, o ciclo infindável do eterno *tornar-se.*" As divindades típicas de *Tiphareth*, por conseguinte, representam a alma iluminada, exaltada mediante o sofrimento, aprimorada mediante a provação e ressurgida em glória e triunfo. Pode-se supor que Osíris seja distintamente representante dessas divindades rejuvenescentes, e há evidências favoráveis ao fato de desde o início Osíris ter sido para os egípcios o homem-deus que sofreu e morreu, e ressuscitou para ser rei do domínio espiritual. Os egípcios acreditavam que podiam herdar a vida eterna como ele fizera visto que o que fora feito pelos deuses para ele, fora feito para eles, o que supria a base racional para a execução do chamado *ritual dramático.* Celebravam rituais de maneira a poderem compelir ou persuadir Osíris e os deuses que haviam produzido sua ressurreição (*a saber*, Thoth, "o senhor das palavras divinas, o escriba dos deuses", Ísis, que empregava as palavras mágicas que Thoth lhe concedera e Hórus e os demais deuses que realizaram os ritos que produziram a ressurreição de Osíris) a atuar a seu favor tal como tinham atuado a favor do deus.

A veneração de Mitra e Dionísio emerge da mesma raiz básica. Liga-se, também, ao triunfo espiritual do homem-deus e o retorno do deus-Sol que, como um símbolo da alma aperfeiçoada, entrou na consciência humana do ser humano, e tendo iluminado a mente e redimido as trevas de sua vida, torna o espírito aprisionado leve e jubiloso. Krishna, igualmente, é um símbolo do homem-deus, pois nele espírito e matéria foram equilibrados, e se convertendo num *avatar*, a morada terrestre do espírito universal, ele resumiu numa personalidade humana as qualidades duplas de um deus, imortal e estático, juntamente com todas as características típicas da espécie humana.

O Sol é também atribuído a *Tiphareth.* Assim, Ra – incluindo Tum e Kephra, o sol poente e da meia-noite – pertence a essa série de deuses. A concepção do sol era tão santa para o egípcios que eles concederam a Ra os atributos de luz e vida divinas; ele era a personificação do correto, da verdade, bondade e, conseqüentemente, o destruidor das trevas, da noite, da perversidade e do mal. Suas relações com Osíris, que era parte deus, parte homem e a causa e tipo de imortalidade para a humanidade, eram de imediato aquelas de um deus, um pai e um igual. Era em Ra que algumas das mais nobres concepções religiosas dos egípcios se concentravam e de deus solar, o doador do sustento e da vitalidade, tanto físicos quanto espirituais, aos habitantes da Terra, ele se tornou identificado a Amon, o poder criador oculto que dera origem a todo o universo manifesto.

A natureza de Osíris é bem conhecida nas lendas. Ele ensinou como usar o cereal e a cultivar a uva aos homens, sendo que nessa última fase é claramente identificado com Dionísio-Baco, o deus da vitalidade transbordante e dos êxtases para os gregos. Com o tempo Osíris passou a ser considerado o rei dos mortos e o guia das almas saindo das trevas da terra para o domínio venturoso onde, conforme sua teologia, as almas gozariam da visão plena da divindade, sem restrições. Aquele que partiu desta vida, se a vida fora bem vivida, é de uma maneira mística identificado com Osíris. Na vida do deus ele também não desempenha papel sem significação. Dionísio era venerado na Grécia como o poder que produzia folhas, flores e frutos nas árvores. A vinha, com seus cachos de uvas das quais procedia o vinho que alegrava os corações dos homens, era seu maior encargo, mas de modo algum o único. Como deus das árvores e da vinha, ele é uma divindade afável e gentil, enobrecendo a humanidade e a vida dessa, comprazendo-se na paz e na fartura, proporcionando riqueza e exuberância aos seus adoradores. Embora na lenda fustigado pela tempestade, torturado e dilacerado por seus perseguidores, o deus portador do tirso foge dos inimigos que o perseguem e se ergue mais uma vez para vida nova e atividade renovada. Com o nome de *Iacos*, o irmão ou noivo de Perséfone, teve sua participação com ela e Deméter nos ritos de Elêusis. Pode ser interessante salientar de passagem que Perséfone é uma atribuição do *Reino*, denominado no *Zohar* a *Virgem*, a *Noiva do Filho* que está em *Tiphareth.* Foi esse benevolente jovem Dionísio, a divindade sofredora e transformada, de imediato evanescente e perpétuo, morrendo e irrompendo novamente para uma nova vida espiritual que foi a principal divindade dos poetas e místicos da seita chamada *órfica*, em cujos *mistérios* a alma e seu destino quando libertada do corpo se tornou o objeto preponderante.

HATHOR
A Afrodite egípcia

Um deus similar, expressando a mesma idéia de equilíbrio espiritual e transformação, um deus que possui características quase idênticas às de Dionísio, era Mitra, o deus persa da *luz*, a luz do corpo e a luz da alma. Tipificava a força brilhante do Sol que, infalivelmente, conquista dia após dia e ano após ano os poderes das trevas e seus terrores. Mitra, comumente venerado numa caverna que, originalmente talvez representando o recesso sob a terra onde se supunha que o sol à noite se ocultava, passou a significar para os adoradores devotos o abismo da encarnação dentro do qual a alma necessita descer. E então, como o próprio deus, eles poderiam ascender, purificados por muitas provas e sofrimentos com glória e exaltação.

A deusa Hathor, bem como Afrodite e Deméter, estão associadas à *Sephira Netzach*, Vitória. Nos remotos tempos do Egito, Hathor era tida como uma deusa cósmica e acreditava-se terem elas sido, como a deusa-vaca, a personificação do poder gerador da natureza que se mantinha perpetuamente concebendo e criando, produzindo e conservando todas as coisas. Ela era a "mãe de seu pai e a filha de seu filho", o que de chofre recorda a fórmula tradicional do *Tetragrammaton*. Parece ter havido muita conexão entre ela e Ísis e Nuit, a rainha e personificação do espaço. Já mencionamos a lenda segundo a qual Hórus matava Ísis cuja cabeça é transformada por Thoth na cabeça de uma vaca, a cabeça de Hathor. Isso era sugerido para inferir a transformação evolucionária das energias geradoras cósmicas de Ísis de acima do *Abismo* para uma esfera mais mundana de manifestação. Há várias formas que a retratam, a mais freqüente sendo a de uma vaca. Às vezes, Hathor é representada como uma mulher com um par de cornos dentro dos quais repousa o disco solar, outras com uma tiara de abutre à frente da qual está a serpente Uraeus encimada por cinco outras *Uraei*. Na parte posterior de seu pescoço é usualmente encontrado um símbolo que significa alegria e prazer, e às suas costas existe também uma espécie de xairel com um desenho linear, e o conjunto de seu corpo é por vezes marcado por cruzes, o que pretende provavelmente representar estrelas. Nessa última retratação, ela indubitavelmente representa Nuit de cujos seios, se diz, o leite das estrelas flui. Ela representava, como Hathor, não apenas o que era verdadeiro como também o que era bom, e tudo o que é mais excelente na mulher como esposa, mãe e filha. Era também a deusa patrona de todos os cantores, dançarinos e foliões de todos os tipos, das mulheres belas e do amor, dos artistas e das obras de arte. É nessa associação que ela é comparável com Afrodite, a dama do amor. Como equivalente a Deméter, ela significa a fecundidade aparentemente inesgotável, a geração de plantas e animais sucedendo-se entre si na terra, à terra tendo que retornar. Era sem dúvida como a deusa fértil da vegetação e agricultura que ela era venerada, particularmente porque os antigos consideravam o cultivo e o desenvolvimento como um ato de amor.

Hermes e Anúbis correspondem a *Hod*, a Glória. Hermes é um deus intelectual e representa num grau muito inferior as qualidades de Thoth. Enquanto esse último é uma divindade cósmica e transcendental, Hermes é um deus terrestre, descrito como inventor da astrologia e da geometria, da medicina e da botânica, organizador do governo e instaurador da veneração dos deuses; inventou algarismos e as letra do alfabeto e as artes da leitura, escrita e oratória em todos seus ramos. Era também encarregado de conduzir as sombras dos mortos do mundo superior para o inferior. Aqui ele é associado na idéia com Anúbis ou *Anpu*, o deus de cabeça de chacal dos egípcios, havendo também a combinação grega desses dois nomes em *Hermanúbis*. A cabeça que constituiu o tipo e

símbolo de Anúbis foi a de chacal. Isso parece provar, de acordo com Budge, que nos tempos primitivos Anúbis era meramente o deus-chacal associado aos mortos, simplesmente porque o chacal era geralmente visto rondando pelos túmulos. Mas ele pode ser, adicionalmente, concebido como o deus cinocéfalo. O cão é vigia e guardião, função na qual Anúbis é retratado no *Tuat.* Por analogia, representa a razão no homem, que é também a guardiã da consciência humana, vigiando impressões e reações relativamente ao mundo exterior. Segundo a tradição, Anúbis foi o deus que embalsamou o corpo de Osíris e que o envolveu com as faixas de linho feitas por Ísis. Com base na leitura das várias passagens de *O livro dos mortos*, fica evidente que Anúbis era um grande deus no *mundo inferior*, sendo que sua posição e importância parecem ter sido tão grandes quanto as de Osíris. No cena do julgamento no *Tuat*, Anúbis, o vigia, parece atuar para Osíris, com o qual está intimamente vinculado, pois compete a ele a tarefa de examinar o fiel da *grande balança* e zelar para que o eixo esteja exatamente horizontal.

A deusa Bast ou Pasht, que é a divindade que corresponde a *Yesod*, o Fundamento, é geralmente representada sob a forma de uma mulher com cabeça de gato. Por vezes, tem também a cabeça de uma leoa encimada por uma serpente, segurando na mão direita um sistro e na esquerda uma égide encimada pela cabeça ou de um gato ou de uma leoa. Ela era uma personificação da lua, especialmente na medida em que Khensu, seu filho, era também um deus lunar. Com a cabeça de uma leoa, usualmente pintada de verde, simbolizava a luz do sol, mas quando representada com cabeça de gato, sua ligação com a lua é indiscutível. Vinculada à esfera do Fundamento[15], expressando o aspecto duplo da *luz astral*, não era apenas Bast, mas Shu. Mudança e estabilidade são as duas características paradoxais daquela *luz*, Bast exprimindo o aspecto lunar de mudança e fluxo perpétuo, a idéia de estabilidade e de firme fundamento das coisas sendo expressa sob a forma de Shu. Às vezes ele é visto agarrando um escorpião, uma serpente ou um cetro cuja extremidade superior é a cabeça de um falcão, e era adorado como o deus do espaço que existia entre a Terra e o céu. Era ele quem sustentava o céu com suas mãos, uma o suportando no lugar do nascer do sol, a outra no lugar do pôr-do-sol. Foi identificado com o princípio vital das coisas, que está de acordo com a teoria implícita da *luz astra,l* que é o veículo direto dos cinco *pranas* ou correntes vitais. Em sua capacidade de sustentador do céu há um mito interessante. Quando o grande deus Ra governava os deuses e os homens, a humanidade na Terra começou a proferir palavras de sedição contra ele, fazendo com que ele se determinasse a destruí-la. Convocando vários deuses à conferência, por sugestão de Nuit ele incumbiu Hathor da execução da destruição universal dos homens. Logo depois disso, ele se aborreceu da própria Terra, e tendo Nuit assumido a forma de uma vaca, Ra sentou-se sobre seu dorso. Não demorou para que a vaca principiasse a cambalear e tremer devido à elevação acima da Terra, e assim foi ordenado que Shu a sustentasse e a erguesse no céu. Quando Shu tomou sua posição sob a vaca e sustinha seu corpo, os céus acima e a Terra abaixo vieram a ser e as quatro pernas da vaca se tornaram os quatro suportes dos céus, os quatro pontos cardeais. E assim teve o deus Seb existência independente.

---

[15] Isto é, *Yesod.* (N. T.)

Seb era o deus da terra e a terra formava seu corpo e era chamada de *Casa de Seb*, tal como o ar era chamado de *Casa de Shu* e os céus de *Casa de Ra.* Seb é representado como um homem que usa a coroa *Ateph* e às vezes a forma de um ganso é acrescida. Correspondendo a *Malkuth*, o Reino, Seb representa a fertilidade da superfície da terra e na mitologia do mundo inferior ele desempenhava um papel proeminente, retendo aqueles entre os mortos que não eram capazes de passar a *Tuat.* A deusa grega da terra similar ao egípcio Seb era Perséfone, conhecida entre os romanos pelo nome de Prosérpina.

A história de sua violação por Hades e seu aprisionamento forçado sob a terra é demasiado conhecida para que precisemos mencioná-la aqui. Alguns autores a interpretam como a extinção no corpo e o subseqüente renascimento na alma, enquanto que outros vêem em Prosérpina um simples mito do culto à vegetação, a deusa sendo o grão empregado como semente que permanece oculto no solo parte do ano, e quando ele retorna à sua mãe Deméter, é como o cereal nascendo da terra, o sustento e alimento do homem e dos animais.

Embora com isso devamos concluir o exame dos deuses, na medida em que é possível abordar esse assunto aqui, nunca é demais repetir que essa matéria sumamente complexa deve ser muito bem estudada em seus vários aspectos e vinculações filosóficas antes de se empreender o trabalho prático de invocação. Antes que possa haver qualquer grau de sucesso efetivo na invocação e ao estabelecer firmemente uma união e comunhão com os deuses, deverá o teurgo estar bem familiarizado, ao menos teoricamente, com a natureza dos deuses, que princípios ou funções eles desempenham na economia natural e universal e o que eles são realmente. Todas as lendas e mitos dos povos antigos vinculadas aos deuses revelam um relato valioso a respeito da verdadeira natureza deles, se os examinarmos com um pouco de discernimento acompanhado de uma compreensão dos fundamentos que formam a base da Cabala. O teurgo deve se esforçar para compreender na medida do possível porque se adotam as formas de animais como máscaras dos deuses, e visto que existem muitas interpretações a respeito, deverá ser feita uma síntese daquelas que parecem as mais prováveis e mais sensatas. E devo acrescentar a título de sugestão que um estudo das representações pictóricas dos deuses se mostrará bastante recompensador. É aconselhável que o aprendiz interessado não deixe de visitar as galerias de egiptologia do Museu Britânico ou qualquer outro museu, familiarizando-se inteiramente com as formas artísticas convencionais pelas quais os deuses são representados.

SEGUNDA PARTE

"SENTADO EM SUA CADEIRA VOCÊ PODE VIAJAR MAIS DO QUE COLOMBO JAMAIS O FEZ E PARA MUNDOS MAIS NOBRES DO QUE AQUELES QUE OS OLHOS DELE CONTEMPLARAM. NÃO ESTÁ CANSADO DE SUPERFÍCIES? VENHA COMIGO E NOS BANHAREMOS NA FONTE DA JUVENTUDE. POSSO INDICAR-LHE O CAMINHO PARA O ELDORADO."

Candle of Vision **- A. E.**

CAPÍTULO VII

O propósito e a função da magia devem agora estar absolutamente claros. Trata-se de uma ciência espiritual. É um sistema técnico de treinamento que tem um objetivo mais divino do que mundano e terrestre. Se alguns observadores casuais pensam que o teurgo se ocupa exclusivamente de coisas objetivas, isso ocorre apenas porque é através delas e dos nôumenos que simbolizam que ele é capaz de alcançar seus fins. O equipamento utilizado pelo mago não é o único recurso empregado por ele e nem o único instrumento para os seus fins, embora o aspecto invisível de suas operações não pudesse jamais ser compreendido pelo profano sem elucidação.

Todas as coisas, físicas e mentais, tinham necessariamente que entrar em seu trabalho, e não foi com a finalidade de ludibriar seja a si mesmo seja aos seus adeptos que o mago se cercou com o que pode ser considerado um “aparato de palco” extremamente impressionante de bastões, taças, incensos, perfumes, sinais e símbolos estranhos, sinos e sonoras invocações bárbaras. Foi se referindo aos símbolos e *sigillae* que Jâmblico escreveu que “...eles (teurgos), imitando a natureza do universo e a energia produtiva dos deuses, exibem certas imagens mediante símbolos de intelecções místicas, ocultas e invisíveis, tal como a natureza... expressa razões invisíveis através de formas invisíveis. ...Conseqüentemente, os egípcios, percebendo que todas as naturezas superiores se regozijam com a imitação dos seres inferiores em relação a eles, e assim desejando acumular de bem os seres inferiores através da maior imitação possível das naturezas superiores, muito apropriadamente demonstram um tipo de teologização adaptado à doutrina mística ocultada nos símbolos”.

Isso, entretanto, não consegue de modo algum responder adequada e satisfatoriamente à pergunta ordinária, a saber, por que o mago é equipado de tais “adereços” como o manto, o sino e o círculo, todos eles inteiramente incompreensíveis para o indivíduo médio, um tanto inconsistentes e com grande ressaibo de charlatanismo? Esse parecer é, claro está, completamente incorreto. Com efeito, seria tão errôneo e tão injustificável quanto acusar um físico de charlatanice porque em seu laboratório possui diversos microscópios de diferentes capacidades, providos de mecanismos, tubos e lâminas, e porque tem sobre sua escrivaninha um monte de papéis contendo fórmulas físicas e matemáticas incompreensíveis. Estes são apenas meios pelos quais o físico passa a compreender germes, bacilos, organismos microscópicos e assim por diante no estudo do qual se ocupou. Os instrumentos mágicos são, do mesmo modo, os meios – igualmente incompreensíveis para o leigo – pelos quais o mago se capacita a compreender a si mesmo e comungar com as partes invisíveis da natureza, nem por isso menos reais.

Já definimos a magia como a ciência que tem como objetivo próprio o treinamento e fortalecimento da *vontade* e da *imaginação*. Mais do que qualquer outra coisa, é o pensamento e vontade o que realmente conta na magia, e a hipótese mágica é que seja pelo uso dos instrumentos da arte e os *sigillae* com os quais o teurgo se cerca em seu trabalho cerimonial que essa ampliação das faculdades criativas é obtida. Éliphas Lévi é muito preciso quanto a esse ponto e observa que “...cerimônias, vestes, perfumes,

caracteres e figuras sendo necessários como dissemos para empregar a imaginação na educação da *vontade*, o sucesso das operações mágicas depende da fiel observância de todo rito". E também, poder-se-ia acrescentar, da presença e uso preciso de todos os *sigillae* corretos.

Hieráticos, sugestivos e bastante impressivos, o importante acerca desses instrumentos e vestes, sinais e símbolos, é que se trata de símbolos que representam ou uma força oculta inerente ao homem, ou uma *essência* ou princípio que se obtém como uma força móvel inteligente no universo. Sua intenção primária é promover uma corrente automática de pensamento harmonioso ou um ímpeto irresistível na imaginação que exaltarão o ser do mago na direção disposta pelo caráter da cerimônia e pela natureza individual dos símbolos.

Em síntese, o ritual mágico é um processo mnemônico arranjado de modo a resultar no deliberado regozijo da vontade e na exaltação da imaginação, sendo sua finalidade a purificação da personalidade e o atingimento de um estado espiritual de consciência no qual o ego se une ou com seu próprio *eu superior* ou com um *deus*. Esse objetivo único de qualquer cerimônia particular é constantemente indicado por cada ato, palavra e pensamento. Mesmo os *sigillae* são diferentes para cada cerimônia de sorte a indicar seu propósito único, e um tipo de símbolo é aplicável somente à invocação de uma espécie de essência universal. "Não há nada...", acreditava Jâmblico "que no mais ínfimo grau esteja adaptado aos deuses para o qual os deuses não estejam imediatamente presentes e com o que não estejam conjugados." Para o assalto da *Cidade Santa* todo sentido e toda faculdade são deliberadamente mobilizados e toda a alma individual do operador tem de tomar parte na ação. Cada uma das várias fumigações, cada mínimo detalhe do banimento, invocação e circumpercurso é, de fato, para servir de lembrete do propósito único que exclusivamente existe para o mago, um meio tanto de concentração de seus poderes como de exaltação. Quando símbolo após símbolo afetaram sua consciência, quando emoção após emoção foram despertadas para estimular a imaginação do mago, então advém o supremo momento orgiástico. Todo nervo do corpo, todo canal de força da mente e da alma são estirados num avassalador espasmo de felicidade, um transbordamento estático da *vontade* e a totalidade do ser na direção predeterminada.

Toda impressão, por meio do método cabalístico de associação de idéias, é tornada o ponto de partida de uma série de pensamentos conectados resultando na suprema idéia da invocação. Quando, durante uma cerimônia, o teurgo permanece no interior de um octágono, os nomes em torno do círculo, as oito velas ardendo vivamente fora, a predominância da cor laranja, a elevação do incenso estoraque numa coluna delgada de névoa a partir do incensório, tudo sugerirá o significado de Mercúrio e Hermes à sua mente. O misticismo de ordinário considera os sentidos como barreiras à luz da alma e que a presença da luz tem sua manifestação impedida devido à influência sedutora e à turbulência dos sentidos e da mente. Na magia, contudo, considera-se que os sentidos, quando controlados, são os portais dourados através dos quais o *Rei da Glória* pode entrar. Na operação invocatória, todo sentido e toda faculdade têm que participar. "O entendimento precisa ser formulado por sinais e resumido por caracteres ou pentáculos. A *vontade* tem que ser determinada por palavras e estas por atos. A idéia mágica tem que ser traduzida em luz para os olhos, harmonia para os ouvidos, perfumes para o olfato, sabores para a boca e formas para o tato." Essa citação de Éliphas Lévi exprime adequadamente de que maneira o homem integral tem que participar dos ritos

teúrgicos. Visto que o ritualista egípcio proferia que não há nenhuma parte dele que não seja dos deuses, a utilização dos sentidos e poderes da mente num ritual bem ordenado constitui o método ideal de invocação dos deuses. Toda parte individual do homem, cada sentido e poder precisam ser trazidos à esfera do rito em que tomam parte. É nossa preocupação, normalmente, com as perpétuas exigências independentes do corpo, da mente e das emoções que nos cegam para a presença desse princípio interior, a única realidade da vida interior. Daí um dos requisitos do ritual ser ele ou ocupar plenamente ou tranqüilizar essas porções particulares do ser de alguém, de sorte que a união transcendental com o *daimon* não sofra interferência. O sistema elaborado de formas de divindade, vibração de nomes divinos, gestos e sinais, assinaturas de espíritos, a preeminência de símbolos geométricos e perfumes penetrantes, além de seu propósito ostensivo de invocar a idéia desejada à manifestação, fornecem esse motivo auxiliar. Ocupar plenamente a atenção de cada um dos princípios inferiores ou vivificá-los é uma das funções do ritual, deixando a alma livre para ser exaltada e fazer seu caminho voando até o fogo celestial, onde finalmente é consumida por completo para renascer em felicidade e espiritualidade. Num certo sentido, o efeito do ritual e da cerimônia é manter os sentidos e veículos comprometidos cada um com sua tarefa específica, sem distrair a concentração superior do mago. E, ademais, ele os separa ao atribuir uma tarefa definida a cada um. Assim, quando o momento da exaltação chega, quando o casamento místico é consumado, o ego é despido, despojado inteiramente de todos os seus invólucros, deixado livre para virar-se para a direção que lhe aprouver. Ao mesmo tempo, a mais importante função da cerimônia é realizada, tendo sido promovida no coração do *operador* uma intoxicação tão intensa a ponto de servir como o ponto preliminar para o êxtase da união com o *deus* ou *anjo*.

De um outro ponto de vista, o efeito do ritual e do aparato é criar de maneira plena na imaginação do mago através dos canais dos sentidos uma idéia que – em virtude de sua realidade, iluminação e poder supremos quando evocada – tenha sido chamada de *deus* ou *espírito*. Essa é a posição subjetiva que, por antecipação, foi esboçada numa página anterior. “Todos os espíritos e, por assim dizer, as essências de todas as coisas, jazem ocultos em nós e nascem e são gerados somente pela atuação, poder (vontade) e fantasia[16] (imaginação) do microcosmo[17].” Barrett, nessa sentença citada, argumenta que se pode razoavelmente supor que os deuses e as hierarquias de espíritos sejam simplesmente facetas previamente desconhecidas de nossa própria consciência. A sua evocação ou invocação pelo mago não são certamente incomparáveis a um estímulo de alguma parte da mente ou imaginação, resultando em êxtase, inspiração e expansão da consciência. A observação e experiência de teurgos, levadas a cabo num longo período de tempo, mostraram mais ou menos que entre certas palavras, números, gestos, perfumes e formatos que em si não são particularmente significativos, ocorre uma relação natural peculiar. A imaginação é um agente criador poderoso, e quando estimulada de várias maneiras suas criações assumem uma aparência da mais elevada realidade. Qualquer idéia ou pensamento rudimentar ou latente na imaginação – ou como os teurgos preferem, *espírito* – pode ser convocada ou criada dentro da consciência individual pelo uso e combinação daquelas coisas que lhe são harmoniosas, expressando fases particulares de

---

[16] φαντασια, *imaginação* em grego. (N. T.)
[17] *Magus*, de Francis Barrett.

sua natureza ou simpatias com sua natureza. Pouco importa se para descrevê-lo empreguemos os arcaísmos dos filósofos medievais, a linguagem de laboratório do psicanalista ou o mundo de sonho e fantasia do poeta. Podemos chamá-lo de liberação do inconsciente, de restauração do crepúsculo da memória da raça, ou podemos ousar ser suficientemente corajosos para usar a retumbante palavra antiquada “invocação” ou inspiração. As palavras não são nada, o fato é tudo. Tal como as letras “c, ã, o”, que em si mesmas e isoladas umas das outras carecem de qualquer importância em particular, quando combinadas exprimem a idéia de *cão*, do mesmo modo palavras mágicas, incensos, pentáculos e o estímulo da *vontade* podem produzir dentro da imaginação uma idéia de grande poder. Na verdade, tão poderosa essa criação pode se revelar que é possível que confira inspiração, iluminação e reaja para grande proveito para a mente humana.

Quero agora considerar os vários acessórios usados. Perfumes e incensos sempre foram utilizados nos ritos mágicos e os antigos *taumaturgos* fizeram um estudo especial da reação física e moral causada pelos distintos odores. Seu emprego no cerimonial tem tripla finalidade. Em algumas operações por vezes é necessário suprir um veículo ou base materiais ao espírito que se manifesta. Quantidades dos incensos apropriados são queimadas, de modo que a partir das densas partículas que flutuam como uma pesada nuvem esfumaçada na atmosfera uma base ou corpo físicos possam ser construídos pelo espírito evocado para serem usados como veículo temporário. Ademais, perfumes são oferecidos como oferendas aromáticas ou sacrifício ao próprio espírito ou anjo, variando o incenso em função de cada classe de inteligência. Benjoim e sândalo são empregados para espíritos venusianos, flor de noz-moscada e estoraque para os mercurianos, enxofre para os saturnianos, gálbano e canela para as forças solares, e assim por diante. Em terceiro lugar, há o bastante importante efeito intoxicante dos incensos potentes e penetrantes na própria consciência, um incenso em separado sendo indicado para acompanhar a invocação de cada divindade. Existe ainda uma outra interpretação do uso dos incensos. Cada letra do alfabeto hebraico lhe atribuiu um grande número de correspondências, envolvendo espíritos, inteligências, cores, gemas, idéias e os próprios incensos. Tomando-se as letras no nome de um espírito e consultando-se as autoridades adequadas, um composto de incensos poderá ser confeccionado, o qual exprimirá através do sentido do olfato o nome do espírito. Tão-somente a partir desse composto de perfumes poderá o espírito apropriado ser sugerido na imaginação e convocado pelos ritos adequados. Resta pouca dúvida a respeito da sugestão essencial desses perfumes, visto que mesmo para indivíduos comuns alguns incensos são decididamente sedutores e excitantes, como é o caso do almíscar e do patchuli, havendo ainda outros sobremaneira fragrantes e generosos, e outros que possuem efeito sedativo e tranqüilizante.

Quanto ao som, seu poder formativo é mais ou menos bem conhecido e será abordado um pouco mais detalhadamente numa página posterior em conexão com os chamados “nomes bárbaros de evocação”. De momento basta dizer que o som está vinculado à lei da vibração, cujas forças são suficientemente poderosas para desintegrar ou construir novamente qualquer forma para a qual se dirija a vibração. O egiptólogo *Sir* E. A. Wallis Budge observou que os sacerdotes egípcios conferiam a maior importância às palavras pronunciadas sob certas condições. Na verdade, toda a eficácia das invocações teúrgicas parece ter dependido da maneira e do tom de voz nos quais as palavras eram proferidas. Invocação, diz Jâmblico, “é a *chave divina* que abre aos

homens o santuário dos deuses; nos acostuma aos rios esplêndidos de luz superior; e num curto período os dispõe ao abraço e contato inefáveis dos deuses; e não desiste até que nos erga ao topo de tudo[18]."

O sacramento do sentido do paladar constitui um problema mais complexo. Sua base racional como *eucaristia* corresponde simplesmente a isso. Uma substância é cerimonialmente consagrada e nomeada segundo um princípio espiritual que mantém com ela uma especial afinidade. Uma hóstia de trigo teria estreita afinidade com Ceres ou Perséfone; o vinho com Baco e Dionísio. Algumas substâncias se harmonizarão mais com inteligências jupiterianas ou mercurianas do que outras. O estudo do alfabeto mágico capacitará o a certificar-se do que deve ser usado. Assim nomeada, a substância é carregada mediante a invocação daquela presença divina, e sendo consumida se prevê que através da assimilação dos elementos o deus ou a essência divina invocada invariavelmente encarna no ser do mago por meio da substância consagrada. Esta encarnação é uma outra forma da união do teurgo com o deus, união que segundo a definição das autoridades antigas é um dos aspectos mais importantes da magia. Essa espécie particular de união, se continuada por um certo período de tempo, auxilia a comunhão com as essências divinas, à medida que os veículos se tornam mais refinado e mais altamente sensíveis à presença do deus.

No que concerne ao sentido da visão, será necessário abordar mais minuciosamente os diferentes símbolos usados. Alguns desses símbolos são, naturalmente, comuns a toda cerimônia, enquanto que outros dizem respeito estritamente a uma cerimônia particular. Por exemplo, a espada é uma arma marcial à qual se atribui um papel numa operação devotada à invocação de Hórus e Marte. Numa cerimônia preparada, digamos, para a invocação de Afrodite ou Ísis, a espada nada teria com comum e estaria em total desarmonia com a natureza dessas deusas, de modo que todo o procedimento daria em nada. Um acessório como a rosa, que expressa amor e a declaração da natureza de ser como graça a filha de Deus, seria sumamente apropriado numa cerimônia em que o teurgo deseja desenvolver suas emoções mais elevadas. Mas na operação para invocar a Senhora Maat, a *rainha da verdade*, a rosa não teria lugar algum.

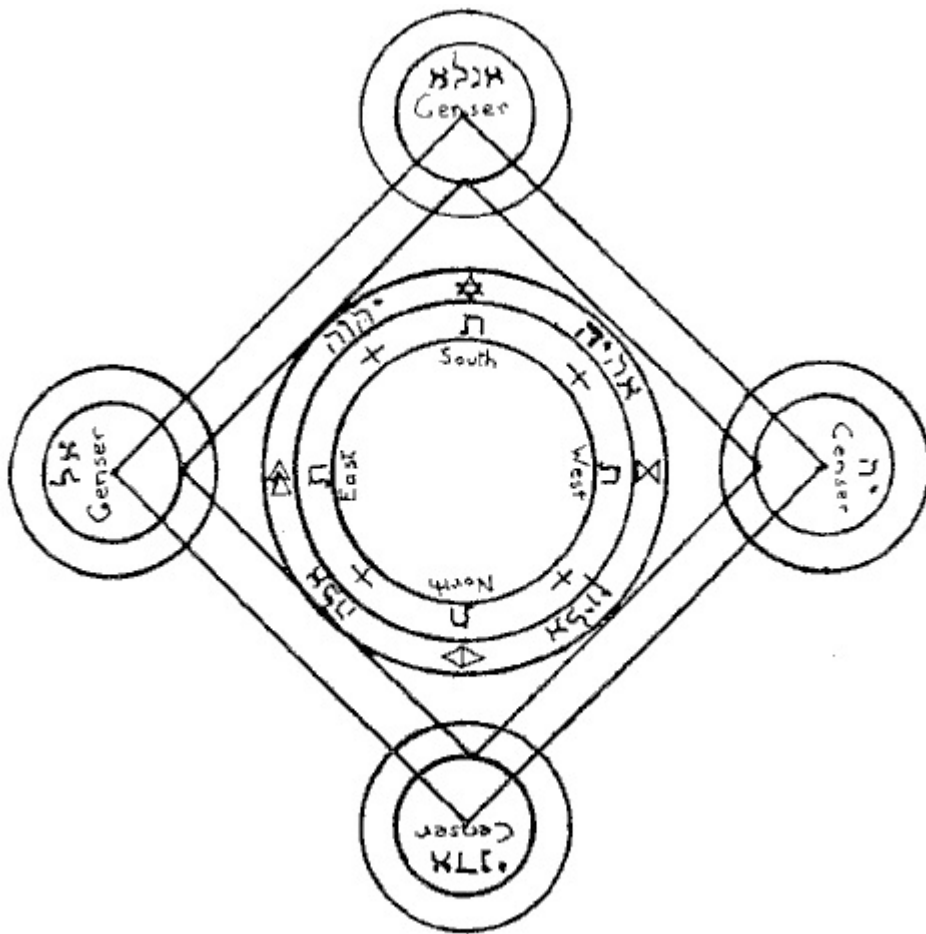
O principal símbolo comum a toda operação é o *círculo mágico.* Por definição, essa figura encerra um espaço confinante, uma limitação, separando aquilo que está dentro daquilo que está fora. Pelo uso do círculo, o mago afirma que no interior dessa limitação auto-imposta ele confina seus esforços; que ele se limita à consecução de um fim específico e que não está mais num labirinto de ilusão e mudança perpétua como um viandante cego sem meta, objetivo ou aspiração. O círculo, além de ser, como é evidente, o símbolo do infinito, tipifica também a esfera astral do mago que, num certo sentido, é a consciência individual, seu universo, fora do qual nada pode existir. Nesse sentido, a título de recurso de explicação, a teoria do idealismo subjetivo se mostra novamente conveniente. O *círculo* no qual o mago está encerrado representa seu cosmos particular; a conquista auto-inaugurada desse universo faz parte do processo de consecução de completa autoconsciência. Já que o cosmos é uma criação do *ego transcendental*, à medida que um mago amplia o alcance de seu universo, familiarizando-se com sua estrutura e diversidade, muito mais se aproximará ele da auto-realização. De um outro

[18] *Os Mistérios,* Jâmblico.

ponto de vista, o círculo pode ser considerado o *Ain-Sof* e o ponto central do círculo o *eu*, cuja função é expandir a si mesmo para incluir a circunferência e se tornar, também, o *infinito.*

Em torno desse círculo são inscritos nomes divinos. Muitos deles serão diferentes em função da natureza de cada cerimônia e é com o poder e influência ingênitos inerentes aos nomes que o mago conta como uma proteção contra os viciosos demônios externos – os pensamentos hostis de seu próprio ego. A menção dos nomes de guarda em torno do círculo levanta a questão do processo de proteção do círculo astral interno, o universo da consciência, e como uma proteção adequada para a esfera astral bem como para o círculo externo pode ser obtida. Não basta para o mago que pinte os nomes divinos na circunferência do círculo sobre o chão de seu templo; isto não passa de uma parte do processo efetivo e um signo visível externo de uma graça espiritual interior. Para que se produza um *círculo* astral que será tão inexpugnável quanto uma fortaleza de aço da qual o círculo pintado será um digno símbolo, banimentos deverão ser executados durante meses várias vezes por dia. A consagração e invocação implícitas no *ritual de banimento* devem ser insistentemente realizadas dias após dia, e uma sutil substância espiritual proveniente de planos mais elevados infundida na esfera astral, tornando-a elástica e rutilante com coruscações de luz. Essa aura agudamente resplandecente constitui o círculo mágico *real* do qual o círculo visível no chão do templo é apenas um símbolo terreno.

Não seria inoportuno tecer mais algumas observações sobre o *círculo mágico* com o fito de esclarecer a posição real da magia contra o opróbrio lançado por William Q. Judge – um dos fundadores da Sociedade Teosófica com *Madame* Blavatsky em 1875 – em suas *Notas acerca do Bhagavad Gita.* William Q. Judge acalenta a ilusão nesse trabalho, como o fazem tantos outros escritores alhures, de que todas as operações mágicas são exclusivamente devotadas à evocação de elementais. Que essa é uma hipótese errônea me esforçarei neste livro para mostrar. Não é em absoluto incogitável, entretanto, que Judge tenha dado essa interpretação com a finalidade de conter os irmãos mais fracos, afastá-los do perigo e da intromissão em coisas que estão além deles. Judge exprime a crença de que o uso do *círculo* como um dispositivo de proteção para impedir o ingresso de demônios e outras entidades astrais se deve ao medo deles, e ele conclui acertadamente que o medo é o produto da ignorância, que muito corretamente ele deplora. Teoricamente, essas observações são todas excelentes e plausíveis. A ignorância dá origem, de fato, ao medo e se encontra na raiz do fracasso e de uma larga quantidade de problemas. Na vida do dia-a-dia, contudo, censuramos e proibimos o uso da profilaxia cirúrgica e dos dispositivos de desinfecção alegando como razão que eles têm suas raízes no medo da infecção? Devem as calçadas e os passeios serem abolidos e eliminados de nossas ruas porque são eloqüentes lembretes e expressões de nosso pavor com relação aos acidentes automobilísticos? Na realidade, todo o argumento nesse sentido é um absurdo. Num caso ou noutro, ele encerra uma total falta de compreensão da natureza, propósito e função do círculo. Quando se prevê o perigo a partir de qualquer fonte, naturalmente tomam-se medidas que se acha que o evitarão, estando além da questão todas as idéias de medo e ignorância, o que constitui a razão da existência da humanidade sobre a Terra atualmente. Se, por exemplo, estou envolvido numa cerimônia que tem por objeto a invocação de meu Santo Anjo Guardião, deverei eu permanecer satisfeito por ter minha mente, minha alma e a esfera de operação em geral invadida por

uma hoste de entidades abjetas, os mais baixos habitantes do plano astral que, sem dúvida, seriam atraídos pelas influências magnéticas que emanam de meu círculo? Agir assim arruinaria todos os meus esforços, condenando de antemão a operação, se executada cerimonialmente, a um fracasso sinistro. E como se não bastasse, a obsessão poderia ser o resultado, estando-se muito distante do propósito original do trabalho. A função do círculo é simplesmente estabelecer um limite espacial dentro do qual o trabalho espiritual possa proceder sem interferências e sem o medo da intrusão de forças demoníacas e estranhas. De qualquer modo, ingressar numa carreira de mago com medo covarde no coração é simplesmente atrair problemas. E há geralmente problemas suficientes ao longo de nossa vida normal sem que tenhamos que assumir o heroísmo de pedir mais.

UM CÍRCULO MÁGICO

Indicando a natureza do trabalho, dentro do círculo é geralmente inscrita uma outra figura geométrica, como um quadrado, um octágono, uma cruz-*tao* ou um triângulo. Um figura de cinco pontas denotará uma operação marcial e representa o império da *vontade* sobre os elementos. Um *octágono* indicará trabalho cerimonial de uma natureza

mercuriana, já que o oito é o número de *Hod*, a *Sephira* à qual Mercúrio é atribuído. Erigido no interior dessa figura, como o fundamento de todo o trabalho do mago, o símbolo da *vontade* inferior, está o *altar* sobre o qual estão arrumados os instrumentos mágicos a serem empregados. É o centro fundamental do trabalho do mago, o pivô ao qual ele retorna repetidamente depois do circumpercurso. Esse altar deve ser construído de tal maneira que sua forma e tamanho e os próprios materiais de que é construído estejam todos de acordo com os princípios fundamentais da Cabala, servindo assim para lembrar o mago do trabalho em pauta. O cedro, por exemplo, se empregado na construção do *altar*, produziria uma associação imaginativa com Júpiter, enquanto que o carvalho é uma atribuição de Marte. A madeira do loureiro ou a acácia, ambas atribuídas a *Tiphareth*, se harmonizariam, entretanto, com qualquer tipo de operação na medida em que *Tiphareth* e suas correspondências simbolizam harmonia e equilíbrio. Este altar deve ser feito de tal maneira que possa atuar como um armário no interior do qual todos os instrumentos possam ser conservados e guardados com segurança. Relativamente a esta regra geral, há, contudo, uma exceção. A lâmpada tem sempre que estar suspensa sobre a cabeça do teurgo, não devendo jamais ser mantida dentro do armário do altar. Em todo sistema ela simboliza o brilho não ofuscado do *Eu superior,* o Santo Anjo Guardião a cujo *conhecimento e conversação* o teurgo aspira tão ardentemente. Sempre que essa lâmpada estiver brilhando, iluminando o trabalho mágico, a operação manterá o selo imortal da legitimidade e a permanente sanção e aprovação, por assim dizer, do Espírito Santo. Ademais, o azeite consumido por essa lâmpada é azeite de oliva, sagrado a Minerva, a deusa da *sabedoria.*

Essas armas, as chamadas armas elementares, são arrumadas no topo do altar antes da operação. Consistem do *bastão,* da *espada* ou *adaga,* da *taça* e do *pantáculo,* representando as letras do *Tetragrammaton* e os quatro elementos dos quais toda a gama de heterogeneidade do cosmos foi constituída. O bastão é atribuído ao elemento fogo; a taça à água, enquanto que a espada é atribuída ao ar, o pantáculo simbolizando a fixidez e a inércia da terra. Não há arma para representação do quinto elemento de coroamento, que é o *Espírito* ou *Akasha*, pois esse é invisível e sua cor *tátvica* é negro ou índigo.

Há uma série de correspondências que podem se revelar interessantes para o mago. Cada um dos deuses é caracterizado por alguma arma ou símbolo particular que expressa mais clara e perfeitamente do que qualquer outra coisa sua natureza essencial. Assim, quando o mago brande o bastão, deve-se conceber que ele assume para si a autoridade e sabedoria de Tahuti ante o conselho de deuses cósmicos. Com o cetro ele anuncia sua relação com Maat, a *Senhora da Verdade e Soberania*, enquanto o mangual ou açoite denota sua autoridade e auto-sacrifício associando-o de imediato a Osíris.

O *bastão* é a *vontade*, representando a sabedoria e a presença espiritual do eu criador, *Chiah*, devendo ser reto e poderoso, uma figura digna de sua força divina.

Passiva e receptiva, a *taça* ou *cálice* é um símbolo verdadeiro do *Neschamah* do mago, a intuição e compreensão que estão sempre abertas no aguardo do rocio superior que diariamente desce, de acordo com *O livro do esplendor*, das regiões mais elevadas para aquele de alma pura. No cerimonial, a taça é utilizada raramente, e nesse caso somente nas invocações mais elevadas para conter as libações. Nas evocações a taça não desempenha papel algum.

A espada é arma branca, dura e afiada, e perfurante como o ar que tudo permeia e penetra, sempre num estado de fluxo e movimento perpétuos. Por esse símbolo entende-

se *Ruach*, ou a mente, a qual, quando sem treino é volátil e se acha num estado de contínuo movimento, sem estabilidade ou fácil concentração. Visto que se trata de um instrumento de corte, usado para análise e dissecação, o banimento da magia cerimonial é sua função primordial, não devendo jamais ser empregada em trabalhos que têm como clímax a invocação do mais elevado.

Arredondado, inerte e construído de cera, um símbolo adequado da terra, plástico e aguardando o cultivo pela inteligência, o *pantáculo* é um sinal do corpo, o *templo* do Espírito Santo, na iminência de receber mediante os ritos teúrgicos e telésticos o influxo do espírito divino. Um pantáculo, de acordo com Lévi, é um caractere sintético que resume o dogma mágico total em uma de suas fases especiais. É assim a expressão real de um pensamento completo e ato da vontade; é a assinatura de uma mente.

O *triângulo da arte* no qual o espírito evocado é conjurado à manifestação visível é, em si mesmo, um símbolo filosófico perfeito de manifestação. Representando as primeiras manifestações cósmicas ou as três *Sephiroth* maiores dos *mundos superiores*, o triângulo é a representação ideal da geração, da manifestação em existência coerente tangível daquilo que anteriormente era pensamento, invisível e metafísico. Tal como a primeira tríade representa a primeira manifestação completa do *círculo* de *Ain Sof*, do mesmo modo em magia o triângulo é responsável pela chamada à luz do dia dos poderes da escuridão e da noite. " Há três que dão testemunho sobre a Terra", e esses três são as pontas do triângulo, limitadas pelos três grandes nomes de Deus. Do *círculo* da consciência, que é o universo do mago, uma idéia partitiva e especial é convocada à manifestação no interior do *triângulo.*

O manto usado pelo teurgo representa sua glória interior ocultada. Como no budismo, o manto amarelo usado pelo *bhikku* simboliza o esplendor dourado de seu corpo solar interior, tornado glorioso por meio do despertar dos poderes superiores, o mesmo ocorrendo com o manto em relação ao mago. A cor deste manto variará dependendo do tipo de operação, vermelha para o trabalho marcial, azul para o trabalho jupiteriano e amarela ou dourada para operações solares. Os outros símbolos empregados em magia poderão agora ser facilmente desenvolvidos pelo leitor.

Com referência ao bastão, embora muitos magos, inclusive Abramelin, aconselhem que deva ser um instrumento razoavelmente longo, Éliphas Lévi observa que não deve exceder o comprimento do braço do operador e ser feito de madeira de amendoeira ou aveleira, uma única fiada do melhor arame de aço atravessando seu centro de extremidade a extremidade. Alguns magos colocam símbolos no ápice desse báculo. A cabeça da Íbis ocasionalmente empregada se refere a Tahuti, o Senhor da Sabedoria e patrono da magia. Um dos melhores símbolos para um bastão é um forcado trino de ouro que representa a letra hebraica *Shin*, cuja significação é aquela do Espírito Santo dos deuses. Outro símbolo é o lótus, o qual, encimando o bastão, indica a regeneração e o renascimento que o mago busca realizar. Neste caso, o eixo é pintado de duas cores, a parte inferior de preto e a superior de branco. Bastante similar no que implica ao bastão do lótus é aquele coroado por uma fênix, o símbolo também da regeneração através do fogo. Considerando-se que o bastão seja o símbolo da vontade criadora, sua construção deve ser acompanhada por um distintivo exercício dessa *vontade*, residindo nesta idéia a base racional de muitas das aparentemente absurdas e artificiais prescrições apresentadas pelos teurgos em conexão com a aquisição de convenientes armas mágicas. De maneira superficial e à primeira vista, pode parecer que

o distúrbio relacionado a esses instrumentos seja grosseiro exagero e por demais pueril. Mas se essa opinião for acatada, a idéia subjacente e essencial dessas instruções terá que ser descurada. Se, por exemplo, as orientações de Lévi relativamente ao bastão tiverem que ser seguidas, então esse instrumento deveria ser confeccionado de um galho perfeitamente reto da amendoeira ou aveleira, galho este cortado da árvore sem entalhamento e sem hesitação de um só golpe com uma faca afiada antes do nascer do sol e na estação em que a árvore estiver prestes a florescer. O galho deverá ser submetido a um meticuloso procedimento de preparação, sendo despojado de suas folhas e brotos, a casca removida, as extremidades aparadas cuidadosamente e os nós aplainados. Seguem-se a isto vários outros procedimentos significativos que podem ser confirmados pela consulta de *Dogma e Ritual de Alta Magia.* O desenvolvimento da *vontade* está subjacente a todos esses procedimentos. O mago que se incomodou a ponto de se levantar duas ou três vezes à meia-noite por seu bastão, negando-se repouso e sono, terá, pelo próprio fato de assim ter agido, se beneficiado consideravelmente no que diz respeito à *vontade.* Num tal exemplo, o bastão realmente será um símbolo dinâmico da *vontade* criadora, e são estes símbolos e instrumentos que são necessários em magia. “O camponês que cada manhã se levanta às duas ou três horas e caminha para longe de casa para colher um ramo da mesma planta antes do nascer do sol, pode realizar inúmeros prodígios simplesmente portando essa planta consigo, pois ela se tornará tudo que ele quer que ela seja no interesse dos desejos dele[19].”

Procedimentos similares aos mencionados acima no exemplo do bastão devem acompanhar a construção das outras armas elementares porquanto elas têm que ser a corporificação visível da própria condição de alma e mente do mago, sem o que não produzem efeito como símbolos taumatúrgicos. Se a mente do mago, por exemplo, não for perspicaz e analítica, e se essa qualidade não contribuir na confecção da espada, como os espíritos elementais e os demônios de face canina obedecerão a suas ordens para saírem do círculo de invocação? O cálice, também, como o símbolo da intuição bem como da imaginação divina, deve, do mesmo modo, ser confeccionado de tal sorte e cercado de tais elevados pensamentos e proezas a ponto de corporificar alguma idéia intuicional, ou ostentando no seu exterior um desenho ou palavra de suprema significação, ou exemplificando pelo formato da taça tão-somente uma idéia divina. Compete a cada leitor decidir de que maneira os outros instrumentos portarão o selo da faculdade ou princípio espiritual que estão destinados a representar.

– – –

Visto que ocorre freqüentemente a alusão ao fato de que as duas faculdades principalmente empregadas na magia são a *vontade* e a *imaginação*, algumas páginas precisam ser devotadas ao exame dessas, apresentando-se os pareceres de teurgos juntamente com algumas sugestões úteis. Um dos mais elevados poderes de que dispomos, um poder tão maravilhosamente criativo que chega a ser indescritível e inexprimível, é a *imaginação.* É, postula Jâmblico, “superior à toda a natureza e a geração, através dele sendo nós capazes de nos unirmos aos deuses, de transcender a ordem mundana e de participar da vida eterna e da energia dos deuses supercelestiais.

[19] *Dogma e ritual de Alta Magia,* Éliphas Lévi.

Mediante esse princípio, portanto, somos capazes de liberar a nós mesmos do destino". E, no entanto, a maioria das pessoas pensa que essa faculdade é idêntica à fantasia e ao devaneio, sendo que qualquer valor definido e consistente que possa possuir é negado. Dificilmente se poderia cometer erro maior. Como a própria palavra indica, trata-se de uma faculdade produtora de imagens, um poder criador de imagens que quando desenvolvido pode se mostrar de máxima importância como auxiliar da alma em sua jornada de avanço. O filósofo cético Hume se refere a ela como uma espécie de faculdade mágica da alma que é sempre perfeita no gênio, sendo propriamente o que chamamos de gênio mesmo. Mesmo o metafísico Immanuel Kant, o inventor da pesada e às vezes rangente maquinaria intelectual *a priori*, acreditava que se pode falar do entendimento simplesmente como imaginação que atingiu uma consciência de suas próprias atividades. A magia propõe um desenvolvimento acelerado da alma através de uma cultura intensiva na qual a imaginação desempenha um importante papel. É uma caricatura, portanto, e bastante lamentável considerarmos quão pouco é essa faculdade utilizada, e quão raramente a maioria das pessoas a faz atuar no desenrolar da vida cotidiana. E ainda assim, na realidade, sem ela e os aspectos variados de maravilha e novidade que concede a nossas atividades em todo campo de trabalho, a despeito de paralisada e tolhida pelos sentidos e a mente, nada duradouro e efetivo poderia ser feito. Não apenas o poeta, o artista, o músico, o matemático e o inventor testemunham continuamente e cantam a sua grandeza, já que as realizações de todos eles se devem ao seu mistério permanente, como também o magnata dos negócios, o administrador e o chefe de Estado necessitam utilizar essa faculdade se quiserem que o sucesso cruze seus caminhos. Mais da metade do sabor rico e colorido da vida está perdida para o homem sem imaginação, enquanto que aqueles que são suficientemente felizes ou sábios para empregá-la muito ativamente colhem o mais agudo prazer possível ao ser humano.

O melhor exemplo de imaginação criativa é aquele que constantemente desfila eloqüentemente diante de nossos olhos: a brincadeira das crianças. Alguns pedaços de pau e cordão, algumas pedras, um pouco de lama e uma poça d'água suprem o garoto saudável normal de toda a matéria-prima a partir da qual ele construirá em sua própria mente uma inspiradíssima frota de couraçados e belonaves somada a um magnífico porto para eles. A boneca mais disforme é geralmente a favorita e a mais bonita para a garotinha, pois de algum modo o "patinho feio" parece proporcionar mais espaço para a imaginação da criança, enquanto que a boneca ricamente vestida de olhos móveis, cabelos louros e bochechas rosadas realmente destrói o gume penetrante da imaginação ativa e vívida. Observando as crianças brincando percebe-se com quão poucas propriedades elas são capazes de construir todo um drama bem como uma tragédia comovente. E assim uma pessoa consegue ver poesia num repolho ou numa porca com seus filhotes, enquanto outra perceberá nas coisas mais excelsas apenas seu aspecto mais baixo e rirá da harmonia das esferas, e ridicularizará as mais sublimes concepções dos filósofos. A razão de um pintor ser capaz de ver num triste mendigo o tema para uma grande pintura é, de maneira semelhante, atribuível à mesma causa: o mistério da imaginação. Como podemos explicar o mistério desse poder criador individual que, por assim dizer *saltando sobre nós*, se converte no mestre das imagens e das palavras? Assumindo o controle destas a partir da mente raciocinadora, concede-lhes significados simbólicos e mais profundos até que imagens, idéias e palavras se movem juntas e se reúnem, tornando-se um organismo por meio de algum poder formativo transcendental

superior a toda razão. É tão misterioso realmente quanto o crescimento de um organismo na natureza, não menos maravilhoso que a planta que extrai da terra por meio de algum poder oculto as essências que transmuta e que torna subservientes a si mesma.

Nos séculos passados, na árdua investigação intelectual visando a determinar a raiz fundamental da existência, os filósofos se acostumaram a formular como lei que a existência se funda na razão e no pensamento, *quer dizer*, isso quando não eram monistas materialistas que afirmavam ser a matéria a única realidade. Diversamente, o ponto de vista mágico, como formulado até aqui, é que nem a razão nem o pensamento jazem na raiz das coisas, pois o pensamento é simplesmente um aspecto do próprio cosmos. Trata-se sim de uma essência espiritual inominável que não é a mente mas a causa da mente, não o espírito mas a causa da existência do espírito, não a matéria mas a causa à qual a matéria deve o seu ser. Explicar o abismo intransponível entre a razão e o universo concreto constituiu um exercício severo para a mente filosófica. A principal posição idealista era a de que tal como na *lógica* a conclusão segue rigorosamente os passos da premissa, do mesmo modo o universo é o produto lógico da *razão absoluta* e seu desenvolvimento segue a dedução de categorias racionais do pensamento. Recentemente, entretanto, um filósofo chamado Fawcett foi presenteado com um lampejo de supremo gênio no momento em que lhe ocorreu que o processo pelo qual o universo se desenvolveu e veio a ser foi um processo criador *imaginativo* e que a imaginação, não a razão absoluta ou mesmo uma *vontade do instinto* sempre impelida precipitadamente à manifestação, era a chave da solução desse desconcertante problema filosófico. Ele define essa imaginação como a matéria-prima na qual todas as faculdades e atividades humanas têm o seu ser. Não desejo registrar aqui minha plena concordância com todas as conclusões de Fawcett, porquanto meus próprios pontos de vista são os da Cabala, expostos com certos detalhes alhures. Mas vale a pena observar que essa sua idéia parece em parte concordante com a dos teurgos. Eles postulavam a *ideação* como a primeira manifestação, que o universo veio a ser graças às atividades dessa ideação. Contudo, está claro que nenhum pensamento ou razão como o entendemos era sugerida, mas sim uma faculdade criadora mais abstrata ligada de algum modo à *imaginação.* A razão é para a imaginação o que a matéria é para a forma, o que o instrumento é para o agente, o que o corpo é para o espírito que governa, e o que a sombra é para sua substância reflexiva. É este poder residente no homem que Blavatsky chama de *Kriyasakti*, definido em *A Doutrina Secreta* como "o poder misterioso do pensamento que o capacita a produzir resultados fenomênicos externos, perceptíveis por meio da própria energia que lhe é inerente", e assim sendo parece que estaria também estreitamente vinculado à *vontade.*

Os rituais e as cerimônias agora considerados simplesmente uma perda de tempo por aqueles que desconhecem como conduzi-los e condenados como incapazes de produzir qualquer efeito real, detinham uma reação sumamente potente quando o simbolismo de cada ação da cerimônia era inteiramente reconhecido e compreendido e quando a *imaginação* era ampliada e a *vontade* firmemente concentrada no objetivo a ser realizado. Estando todo o *ego* humano num estado de excitação teúrgica, o *Eu superior* ou uma *Essência universal* descia sobre o ego ou o elevava, o qual se tornava assim um veículo luminoso de um poder supra-humano.

O que chamamos tão casualmente de imaginação no indivíduo comum é, de acordo com os teurgos de todos os tempos, a faculdade inerente à alma de assimilar as imagens e reflexos do *astral divino*, e Éliphas Lévi sugere que por ela mesma e com o

auxílio de seu *diáfano* ou a imaginação, a alma pode perceber sem a mediação dos órgãos corporais os objetos, quer sejam eles espirituais ou físicos, que existem no universo. Em outras palavras, a imaginação é a visão da alma por meio da qual ela percebe direta e imediatamente idéias e pensamentos de toda espécie. E assim, inclusive, a clarividência é vista como uma extensão do poder da *imaginação.*

Admitindo, como o fazemos, a afirmação de Lévi de que a *vontade* e a *imaginação* são as faculdades criadoras aduzidas para sustentar as forças naturais durante as cerimônias teúrgicas, as seguintes perguntas podem ocorrer ao leitor: “O que fazer se as faculdades de alguém são apenas medianas? O que fazer se existe uma pobreza de criatividade espiritual? Se esses poderes não são particularmente potentes e capazes de formulação mágica, é possível que sejam desenvolvidos e fortalecidos?” A resposta é decididamente afirmativa pois indubitavelmente é possível desenvolvê-los e fortalecê-los. Os sábios da Antigüidade conceberam vários exercícios cuja prática poderia transformar um indivíduo mais ou menos comum num indivíduo criativo e inspirado. Aquele que está espiritualmente morto pode assim refazer-se e remodelar suas energias de maneira a passar a deter uma faculdade extremamente poderosa de criatividade e gênio. Ocupar-me-ei aqui de dois métodos, um predominante entre os hindus e o outro praticado por alguns cristãos, tendo eu delineado e explicado o método egípcio numa página posterior com um outro título. Embora não advogando o catolicismo com seu jesuitismo luminar, devo mencionar a existência de um livro notável, indispensável e valioso para o aprendiz, da autoria de um místico jesuíta, Sto. Inácio de Loyola. Nesse pequeno volume é esboçado um sistema extraordinário de treinamento que se refere especialmente à imaginação; extraordinário, quero dizer, quando seguido por seu próprio mérito e divorciado de todo dogma e da teologia católica. É, está claro, cristão na sua intenção, com símbolos que apelam sectariamente aos católicos. Contudo, mediante um pouco de discernimento, o coração desse método pode facilmente ser separado do resíduo doutrinário dogmático. Foi por meio desse método experimental que Sto. Inácio se tornou o homem de supremo gênio que foi, um homem que conquistou a reputação de ser, conforme o professor William James, um dos mais poderosos engenhos da organização e construção humanas já vistos sobre a face da Terra. Nesse livro que citamos, *Os exercícios espirituais*, aconselha seus discípulos a reviver na esfera da imaginação todos os eventos da vida histórica exterior de seu mestre, Jesus Cristo. Pelo método forçavam suas imaginações a ver, tocar, cheirar e provar aquelas coisas invisíveis e ensaiar aqueles incidentes há longo tempo acontecidos e desvanecidos, os quais eram percebidos através dos sentidos de seu Senhor encarnado. Sto. Inácio deseja que a imaginação seja exaltada até o seu pico. Se você está meditando sobre um artigo de fé, ele o estimularia a construir a localidade claramente e com exatidão diante da visão do olho mental, e observá-la cuidadosa e rigorosamente, a ponto, por assim dizer, de tocá-la. Caso seja o inferno, ele daria a você pedras ardentes para serem manuseadas; ele faz você flutuar numa aterradora escuridão tão espessa quanto piche; ele deposita enxofre líquido sobre sua língua. Suas narinas ficam saturadas de um fedor abominável como o do próprio inferno e ele mostra a você tormentos terríveis, fazendo você escutar gemidos lancinantes. Ele faria você construir a visão do calvário com o Cristo glorificado coroado de espinhos sobre a cruz realizando a redenção da humanidade, inspecionando os céus com olhos doloridos, chamando ao mesmo tempo seu Pai no Céu. Ele faria você encarar o milagre formidável da

ressurreição e os prodígios realizados há muito na Palestina – tudo isso Sto. Inácio manda que sua vontade crie em imaginação pelo exercício constante.

Alguns anos atrás, Franz Hartman escreveu a respeito desse mesmo assunto que "os exercícios prescritos por Loyola são calculados para desenvolver os poderes da alma, especialmente a imaginação e a vontade. O discípulo tem que concentrar sua mente nas narrativas da Bíblia do nascimento, sofrimento e morte de Jesus de Nazaré, como se esses fossem fatos históricos reais. O discípulo assim os considera, por assim dizer, como um espectador mental, mas gradualmente trabalhando sobre sua imaginação ele se torna, dir-se-ia, um participante; seus sentimentos e emoções são elevados a um estado de vibrações superiores; ele se torna ele mesmo o ator da peça, vivenciando ele próprio as alegrias e sofrimentos do Cristo, como se fosse o próprio Cristo; e essa identificação com o objeto de sua imaginação pode ser levada a um tal ponto que até mesmo estigmas ou ferimentos que sangram aparecerão em seu próprio corpo".

Embora o teurgo não precise explorar tal prática a ponto de produzir os efeitos de que fala Hartman, é indiscutível de que se trata de um método infalível para estimular aquela faculdade criativa de que se é deficiente. Perseverança e contínua aplicação seguramente proporcionarão ao aprendiz uma vontade invencível, uma mente capaz de concentração prolongada e, acima de tudo, uma imaginação que constitui a apoteose da criatividade. Se o aprendiz não aprovar a importância religiosa que o santo atribui a esses exercícios – e se revelar uma profunda reprovação pelo dogma e teologia católicos – que use sua própria imaginação para construir seus próprios exercícios que sejam mais favoráveis e adequados ao seu temperamento individual. Que ele pinte para si mesmo a imagem de que está sentado junto a uma vigorosa queda d'água, uma Niágara, e diante de seu olho interior que ele crie uma imagem do rio lá em cima em sua nascente murmurando e perambulando no seu calmo curso. Em seguida que ele conceba a gradual aproximação do precipício, torrentes selvagens de águas ensandecidas, redemoinhando para cá e para lá em cascatas agitadas de espuma esbranquiçada, colidindo contra as rochas, sendo irresistivelmente arremessadas adiante sobre o abismo. Que ele imagine também essas toneladas, milhares de toneladas de água, subindo e descendo impetuosamente sobre o precipício sob o contínuo eco reverberante do trovão. Conceba, então, o borrifo espalhando-se em todas as direções, a beleza da rebentação cor de neve refratando a luz do sol em arcos-íris iridescentes, repletos de cores e matizes brilhantes. E que ele ouça, e ao ouvir se maravilhe, a voz profunda e trovejante produzida pelo impacto formidando do volume das águas contra as rochas e águas mais abaixo. O aprendiz pode ainda construir em sua imaginação mais coisas familiares: o ruído de um trem veloz, o sabor de chocolate em sua boca, os cheiros de suaves perfumes e fragrantes incensos penetrantes e o contato do carvão incandescente. Não só deve a formulação imaginativa do sentido ser distintiva, ou seja, o sabor de chocolate e não de caramelos doces por exemplo devendo ser claramente imaginado, como também o mago deve treinar-se de modo a suster a imagem ou impressão. Por meio desses estímulos da imaginação, seu poder germinará e crescerá, desenvolvendo-se de modo inconcebível, e com o passar do tempo o mago disporá de um novo poder de construção espiritual.

De maneira semelhante, os hindus prescrevem a meditação visando ao mesmo, tendo como objeto os *Tattvas* ou os símbolos coloridos dos elementos, dos quais eles sustentam cinco. As combinações desses cinco resultam em trinta elementos e subelementos, cujos símbolos pictóricos produzem objetos notavelmente bons para o

exercício da imaginação. Dispõe-se de um triângulo equilátero vermelho, *Tejas*; um crescente prateado horizontal, *Apas*; um círculo azul, *Vayu*; *Prithivi* é um quadrado amarelo e *Akasha* uma forma oval negra. As combinações de dois símbolos quaisquer, como um triângulo vermelho encimando um crescente prateado, ou um pequeno círculo azul colocado no centro de um quadrado amarelo parecem de uma maneira bastante singular se destacarem do fundo negro da visão interior e estimular todos os poderes da imaginação. Mas pouco tempo basta para adquirir eficiência na visualização desses símbolos, de sorte que quando o *operador* se aproxima das tarefas mais importantes da magia prática, tais como a formulação do *corpo de luz* ou *Mayavi-rupa* e a construção imaginativa das máscaras ou formas simbólicas dos deuses, descobrirá que em seu interior há uma força criativa poderosa que o servirá bem. Todo esse treino, incluindo os exercícios de Sto. Inácio e os símbolos dos *Tattvas*, nunca é em vão e nunca se avizinha da futilidade, visto que tal treino proporciona o fundamento de todo trabalho teúrgico, sem o qual muito pouco de permanente e significativo pode ser concretizado.

Concordamos com as observações do mago francês no que dizem respeito à imaginação, que ela é a maior maga do universo. É a essa faculdade que devemos as criações imortais da poesia, da música e de todas as artes. *A Canção e suas Fontes*, um dos pouquíssimos trabalhos sensíveis de um poeta que lida com as origens de sua arte, confirma isso, e constitui uma prova salutar das teorias mágicas que concernem à imaginação. *A. E.* se aproxima bastante da filosofia teúrgica na medida em que supõe que em nossa natureza espiritual exista um ser transcendental que acorda quando dormimos e é conhecido vagamente nos estados dualistas do sonhar, quando a consciência parece dividida, e confere inspiração e luz através do mundo estelar da imaginação. É o cristalino do eu criativo, sendo este aquele poder que opera milagres, curando os enfermos, trazendo socorro aos fracos e geralmente outorgando as revelações do espírito em benefício dos homens.

CAPÍTULO VIII

Em sua introdução aos *Aforismos de Yoga de Patanjali*, William Q. Judge afirma que os antigos sábios hindus conheciam o segredo do desenvolvimento da *vontade*, e como aumentar dez vezes tanto sua potência quanto sua eficiência. Esse segredo das eras, a ampliação do poder da *vontade* e da *sabedoria* jamais foi perdido. A *vontade* para o aprendiz da teurgia divina é o fator primordial na produção de quaisquer alterações espirituais a que ele se proponha, e conseqüentemente qualquer coisa que tenda a aumentar esse potencial e despertar suas possibilidades latentes, transformá-lo numa força irresistível absoluta capaz de ser conscientemente manipulada, pertence à natureza de uma bênção transcendental. A *vontade* não é boa nem má; é tão-somente *poder* e vitaliza todas as coisas igualmente. Há várias sugestões propostas por Lévi em seu *Dogma e ritual de Alta Magia*, algumas das quais são as seguintes: "Se ireis reinar sobre vós mesmos e os outros, aprendei como querer... Como podemos aprender a querer?... Observâncias que são aparentemente as mais insignificantes e em si mesmas estranhas ao fim a que se propõem, conduzem, contudo, a esse fim mediante a educação e o exercício da vontade... O homem pode ser transformado pelo hábito, o qual, segundo o adágio, torna-se sua segunda natureza. Por meio de exercícios atléticos persistentes e gradativos, a energia e a agilidade do corpo são desenvolvidas ou criadas num grau espantoso. O mesmo ocorre com os poderes da alma". A essência de suas sugestões, que só pode impressionar pela sua sensatez, corresponde a isto. Por meio de um ascetismo conscientemente imposto, negando-se a si mesmo durante o treinamento certas coisas normalmente consideradas necessárias, para aprender em suma a arte da autoconquista e como viver, é-se livrado das vicissitudes do eterno fluxo e refluxo que é a vida, e obtém-se uma vontade altamente treinada. É imperativo que as palavras "ascetismo auto-imposto" sejam notadas e que precedam a frase "durante o treinamento"; isto é de extrema importância como a chave de abertura aos *Portais da Vontade*. Antes de pronunciar esse enunciado vale refletir em como pode ser chamado de "autonegação" aquilo que nega apenas o *não-eu* das coisas pelas quais se anseia para abrir aquelas trevas cegas à luz da *vontade verdadeira*, a *visão interior* e o *eu real*. Esse último não é negado em absoluto. São unicamente os desejos de *Ruach*, essa entidade cujo egoísmo muda com o passar de cada hora, que são negados e disciplinados de modo a torná-lo um instrumento útil através do qual o Santo Anjo Guardião e seus *pares* podem trabalhar sem restrições e retardamentos inúteis.

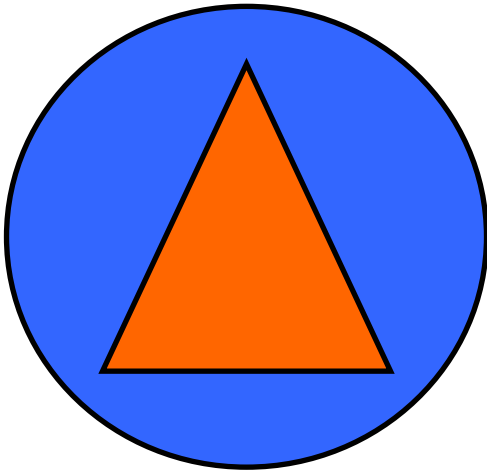
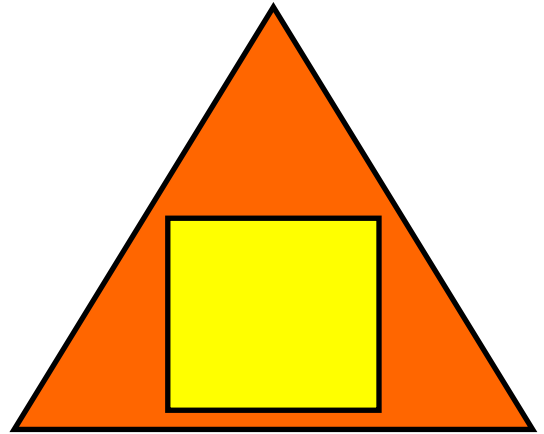
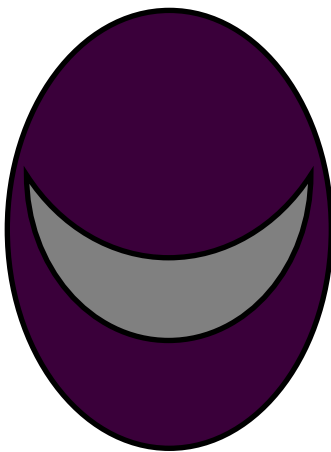
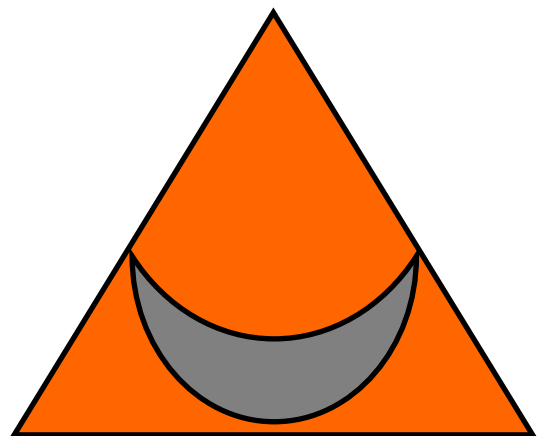
O fator digno de nota nesse sentido é que o voto de ascetismo tem que ser mantido em seu devido lugar. Esse voto deve ser assumido para uma finalidade bem definida e claramente compreendida além da qual não se deve jamais permitir desviar-se. Havendo desvio, tudo estará perdido. Quando o voto realmente ultrapassa os confins da intenção premeditada, o ascetismo como a extrema voluptuosidade é um vício desordenado, pertencente às tendências sutis do *ego* e, por conseguinte, decididamente para ser desestimulado e suprimido. Há críticos que afirmam ser o ascetismo uma forma de egoísmo e egocentrismo. Quando essas críticas severas são dirigidas apenas àqueles que dele abusam, aqueles que considerariam suas negações e seus flagelamentos

flagrantemente públicos como supremas virtudes e que obtêm muito prazer quando seu vício é aclamado em público, a acusação é correta. Mas não em caso diverso. Que se entenda que o ascetismo não é um vício ou uma virtude, tal como a própria *vontade* não é boa nem má. Não possui em si mesmo mérito de espécie alguma exceto ser uma matéria de conveniência para quem quer que seja que o abrace com a finalidade de treinamento. Tal como no treinamento de um boxeador, por exemplo, intemperanças como beber e fumar são escrupulosamente eliminadas da lista das tolerâncias em relação a ele, negações nas quais obviamente não se pode imputar nenhuma virtude moral, o mesmo ocorre com o ascetismo que o teurgo assume para si mesmo. O ascetismo ao qual a magia se refere e do qual Lévi fala é algo inteiramente diferente do vício egotístico ordinário, já que tem como seu objetivo precisamente o fortalecimento da *vontade* e a abnegação mística desse *ego*. É esse falso ego ao qual o egoísta e o pretenso asceta em nome apenas se prendem tão devotadamente, a despeito de ser para seu eterno detrimento, e que o mago procura oferecer em sacrifício de maneira que o Espírito Santo descendo sobre o altar em penetrantes línguas de fogo possa consumir a oferenda e nele viver para sempre.

Referindo-se aos *mistérios* de outrora, Lévi observa que quanto mais terríveis e perigosos eles fossem, quanto mais severos fossem os rigores que impunham, maior seria sua eficiência. Assim é com esse ascetismo. Quanto maiores as negações da personalidade, quanto mais necessidades intemperantes são removidas do modo costumeiro de vida, maior a aquisição da força de *vontade* e mais fácil realmente se torna destruir os laços egóicos. Ainda assim, o ascetismo não deve ser tão terrível a ponto de danificar os instrumentos com os quais o mago é obrigado a trabalhar. O astrônomo não destrói seu telescópio num acesso de ira cega. Cortar a garganta para ofender o próprio cérebro é uma insanidade e é completamente estúpido. Se o aspirante estiver predisposto a ceder a disparates desse tipo, melhor será para ele abster-se totalmente da magia e permanecer junto ao calor e quietude da lareira de sua sala de estar.

Uma técnica extremamente eficiente foi desenvolvida por um mago contemporâneo[20], um sistema sumamente prático isento de todas as desagradáveis implicações e tendências morais dos sistemas mais antigos. De acordo com esse sistema[21], a técnica é de tal modo arranjada de maneira a cobrir o campo todo da ação, discurso e pensamento humanos, sendo, portanto, aplicável à constituição humana inteira. Na base, está de acordo com a concepção geral do ascetismo de que uma certa ação, palavra ou pensamento, que se tornou habitual e uma parte de *Ruach*, deve ser negado, por exemplo, o voto de por um período provisório de digamos uma semana abster-se de cruzar as pernas sobre o joelho ao sentar, ou talvez tomar a decisão de não erguer a mão esquerda até a cabeça ou o rosto. A grande vantagem desse sistema é que inexiste pendor moral nessas sugestões. Não é virtuoso abster-se de cruzar as pernas sobre o joelho ou não tocar o rosto com a mão esquerda. Assim o operador é liberado da tendência de fazer de seu ascetismo uma tola virtude. É necessário observar, ademais, que não há a sugestão de aplicar o princípio ascético nesse esquema ao que se denomina comumente mau hábito, como fumar, beber ou blasfemar. Fazê-lo seria convidar certos indivíduos a considerar sua abstinência de fumar ou beber uma virtude, a ser grandemente louvada, em lugar de compreender que a negação é simplesmente uma questão de conveniência e

[20] Aleister Crowley. (N. T.)
[21] *Liber Jugorum*, O Equinócio, Londres, 1912.

treino, uma idiossincrasia pessoal à qual nenhum crédito ou culpa podem ser vinculados. Uma postura inteiramente impessoal de imparcialidade deve ser mantida e a aplicação do esquema é necessária àquelas ações, palavras e pensamentos aos quais é plenamente impossível atribuir um valor moral. É inconcebível que o leitor inteligente faça uma virtude do fato de abster-se de cruzar a perna sobre o joelho ou de ocasionalmente não tocar a cabeça com sua mão esquerda. Tal postura, absolutamente essencial, deve ser cultivada em qualquer ramo da magia.

Tejas de Vayu

Prithivi de Tejas

Akasha de Apas

Tejas de Apas

Ora, para cada transgressão do voto ou juramento de abster-se de um certo procedimento um certo castigo deve ser infligido. É nessa disciplina que a *vontade* conquista seu treinamento e força. Por exemplo, suponha-se que o operador fez um juramento mágico de abster-se durante um período de quarenta e oito horas de cruzar a perna esquerda sobre o joelho direito ao se sentar. Num momento de distração, pode ser que o mago cometa a ação proibida. Essa transgressão deve ser punida, de maneira a produzir uma impressão profunda e duradoura na mente, com um corte no braço feito por uma navalha. A ação interditada é assim gravada no antebraço com um talho penetrante para auxiliar a memória preguiçosa.

Na segunda seção relativa ao discurso, alguma palavra freqüentemente utilizada no discurso diário como “eu” ou “e” ou qualquer outra expressão corrente no falar usual do mago deve ser interditada durante um período de vários dias, uma semana, ou meses, conforme o caso. No desenrolar desse período ou a palavra é inteiramente omitida, ou alguma outra palavra é empregada em seu lugar. Um certo pensamento que seja impessoal e isento de tendência moral é o tema da última seção quando se adquiriu suficiente competência e já se tirou proveito das duas seções anteriores. Em todo caso de esquecimento o castigo e penalidade é um corte pronunciado no braço. Essa última seção tem implicações de grande envergadura, particularmente no que diz respeito ao treinamento da mente. Se alguns pensamentos foram proibidos de ingressar através dos portais não vigiados da mente e alguma habilidade foi obtida em fazer valer essa decisão, será necessário um prolongamento adicional da prática para fechar os portais e barrar todos os pensamentos de qualquer tipo que sejam da mente. Desse modo, alcança-se o objetivo idêntico da ioga: o esvaziamento pela vontade de todo o conteúdo da mente.

E agora consideremos o resultado dessa técnica disciplinar. Acima de tudo, nenhuma questão arbitrária de ética ou moral entra nessa técnica de ascetismo. Trata-se simplesmente de uma forma elaborada de treinamento atlético, por assim dizer. O corpo não é torturado com base no princípio ordinário e conforme o costume usual de que a alma eterna pode viver e encontrar bem-aventurança em sua libertação do corpo. Essa postura não leva em conta que se o ascetismo é um estágio na jornada da alma rumo ao seu ideal, caso seja conduzido a extremos é ao mesmo tempo uma recusa cega da nutrição de que essa jornada necessita para ser sustentada. O princípio radical que envolve a prática dos faquires que dormem sobre leitos de pregos ou arame, mantendo seus braços eretos pelo período inteiro de suas vidas, dilacerando carne viva de seus corpos submetidos a longo sofrimento, tudo isto é repreensível do ponto de vista do teurgo e se opõe cabalmente em princípio ao método esboçado acima. O corpo não é uma coisa do mal; definimos anteriormente corporeidade e espiritualidade como graus distintos de uma substância divina. Todos os veículos do espírito são instrumentos através dos quais ele pode atuar, obter experiência e atingir um conhecimento de si mesmo, e embora em assuntos pertinentes à comunhão celestial alguns se limitem a ser um estorvo se não forem treinados, a observação simplesmente demonstra a necessidade de treinamento e não de destruição cruel e sem sentido.

Mediante a técnica de ascetismo da teurgia se decide simplesmente a lograr um controle consciente sobre certos aspectos da organização física e mental, e esse controle tende à aquisição de um enorme aumento de potencial de *vontade.* O corte do braço produz um pouco de dor, é verdade, embora essa dor seja útil e necessária para estabelecer certas correntes nos centros de inibição do cérebro ou mente, as quais

produzem a instalação de uma curiosa vigilância por parte da vontade, um fluxo inconsciente livre de força de vontade que está continuamente presente e pronto para executar os desejos do *mestre.* Descobrir-se-á no caso de uma decisão tomada de não cruzar as pernas que ao “bater papo” casualmente com um grupo de pessoas e numa condição de completo esquecimento do juramento, qualquer tendência automática das pernas de repetir instintivamente o hábito ao qual foram acostumadas há muito tempo será imediatamente detectada pela *vontade* antes que o ato proibido seja mesmo meio completado e a tendência será interrompida em seu início. Tem sido observado repetidas vezes que precisamente quando as pernas estão na iminência de se cruzarem, mesmo durante o sono mais profundo quando o corpo produz movimentos espasmódicos automáticos, a *vontade* operando a partir dos centros inibitórios da mente faz lampejar uma advertência espontânea que resulta no impedimento da ação. Se adormecido, ocorre um despertar imediato com total consciência do ato pretendido. Ao menos, essa é a base lógica que prevalece depois de o operador ter falhado cerca de uma dúzia de vezes e quando seu antebraço se tornar belamente adornado por uma quantidade igual de cortes. Sucede particularmente isso no caso da proibição da palavra “eu” que se pode bem usar como objeto da prática. Normalmente, somos tão pessoais e tão apegados a todas as coisas egoicamente que nas conversas ordinárias mantemo-nos mais interessados em falar de nós mesmos, e as frases “Eu fiz isto”, “Eu fiz aquilo” entram mais no discurso do que quaisquer outras. Conseqüentemente, no início, quando os benefícios do silêncio criterioso são, de maneira muito enérgica, transmitidos à personalidade, o braço não sofre pouca coisa. Pode ser até necessário recorrer à decoração de ambos os antebraços até o ego rebelde e sua voz responderem ao treinamento, decidindo-se a obedecer incontinenti aos ditados da *vontade.*

A conseqüência é óbvia. À medida que o tempo progride através dessa técnica, o mago realiza duas coisas separadas, ambas aspectos importantes da Grande Obra. Uma vigilância perpétua que se avizinha de uma corrente sumamente poderosa de força de vontade foi gerada. Isso, desde o início, tende a conduzir as atividades multifárias do ser humano ao controle consciente da vontade. Se, como o *Abade Constant* observou, as operação mágicas são o exercício de um poder que embora natural é superior às forças comuns da natureza, esse poder sendo o resultado de um conhecimento e uma disciplina que exaltam a vontade além de seus limites normais, então essa prática preenche da maneira mais concebível todos os requisitos que até mesmo ele teria dela exigido. E a vantagem disso para o neófito que fez o voto a si mesmo da consecução de nada menos do que o *Conhecimento e conversação do santo*, o anjo que o guarda, não pode ser superestimada. Em suas mãos é colocado um tremendo poder de *vontade*, de significação espiritual e de aplicação inconcebivelmente criativa.

O segundo aspecto da realização é que não apenas o mago se descobre a si mesmo de posse de uma *vontade* ampliada como também o próprio *Ruach*, todas as faculdades compreendidas no ego anteriormente tão problemáticas e carentes de concentração gradualmente, graças à vontade dinâmica e à contração proveniente da dor corpórea, colocam a si mesmas sob controle. O *praticante* terá sobrevivido ao horror e desagrado iniciais de infligir esse leve castigo ao seu braço, vendo seu corpo pela primeira vez em seu devido lugar, como um servo a ser empregado e comandado e cujas recusas rebeldes a acatar ordens emitidas por uma fonte superior são severamente reprimidas e penalizadas. Espera-se sinceramente que a base dessa técnica não seja tão mal

compreendida a ponto de fazer surgir observações grosseiras com relação a *Hatha Yoga* ou ao masoquismo. Não há prazer algum em cortar o braço com uma navalha; desse fato unicamente o leitor pode estar inequivocamente assegurado.

Tal vontade pode tornar-se uma força tão poderosa pela disciplina e treinamento que nas instruções acrescidas a uma recente versão de uma *invocação*, o editor sugeriu que a *vontade* fosse formulada no *mundo criativo* sob a forma de um bastão mágico, seu verdadeiro símbolo, ou um feixe luminoso brotando numa linha reta e perpendicular do mago na direção e para dentro do *infinito*. Essa observação sugere que longe de ser uma impalpabilidade metafísica intangível, uma incoerência, o que é geralmente o caso com o indivíduo médio, para o mago a vontade é uma definida força espiritual controlável, que como todas as demais faculdades da alma, pode ser empregada por seu senhor e mestre.

Há ainda um outro método de treinamento da vontade. Embora pertença de direito aos processos da ioga, sua importância não pode ser superestimada. Trata-se daquele ramo da *ioga de oito membros* que é chamado de *Pranayama*, uma prática que proporciona a quem quer que a exerça uma colheita tripla. Em primeiro lugar, a absorção de grandes quantidades de oxigênio e *prana* tem um efeito indiscutível nas glândulas endócrinas. É incontestável que particularmente as glândulas intersticiais recebem um estímulo tremendo. Conseqüentemente, de um ponto de vista puramente físico, a inteira personalidade é inundada por uma riqueza de energia criativa destinada a reagir favoravelmente, quando preservada, sobre a mente, a vontade e todos os outros aspectos da constituição humana. Na verdade, pode-se chegar ao ponto de afirmar que essa energia criativa, física como possa parecer, colabora para formar a base da visão espiritual. Em segundo lugar, em sua *Raja Yoga*, o falecido Swami Vivekananda fornece uma admirável explicação do efeito da respiração rítmica regulada, que fortalece e estimula a *vontade* até uma concentração formidável de força. Em síntese, sua teoria é a de que se fazendo todas as células de um ser vibrar em uníssono, uma poderosa corrente elétrica de vontade é estabelecida no corpo e na mente. E o meio para estabelecer essa vibração em uníssono é uma aspiração e exalação rítmicas do alento.

Ignorando, para efeito de argumento, a teoria de que o *Pranayama* detém efetivamente o efeito delineado no parágrafo anterior e suspendendo o exame de qualquer teoria mística, há ainda um outro resultado que não pode ser posto em dúvida por ninguém. Qualquer indivíduo que tenha tentado o *Pranayama* mesmo por apenas alguns momentos entenderá imediatamente o que significa. Poder-se-ia dificilmente imaginar algo mais tedioso, laborioso e penoso do que esse simples conjunto de exercícios, pois o mago senta-se sossegadamente duas ou três horas durante o dia por um período de, digamos, três ou quatro meses na tentativa de respirar num ritmo regular e calculado, simplesmente observando com cuidado a inalação e exalação do fluxo do alento, é uma das mais árduas tarefas que a imaginação pode conceber. Exige o exercício da força de vontade máxima e uma resolução inabalável para continuar. Ao fazer isto, o indivíduo é levado de maneira incisiva a encarar a inércia e lassidão do corpo, necessitando-se não pouca austeridade, autodomínio e uma força de vontade inflexível para persistir na tarefa em relação à qual ele celebrou um voto. Caso o praticante não tenha obtido qualquer resultado daqueles descritos nos livros técnicos, tais como a desaceleração do movimento da mente ou a ocorrência de várias alterações psicofisiológicas, terá, ao menos, ganho um incalculável aumento de força de vontade e uma firmeza invencível de propósito por ter treinado a si mesmo na superação da indolência das condições corporais, a inércia mental

e a oposição ao treinamento. "Aprender o autodomínio é, portanto, aprender a viver, e as austeridades do estoicismo não eram vã gabolice de liberdade... Resistir à natureza e sobrepujá-la é atingir para si mesmo uma existência pessoal e imperecível; é pôr-se livre das vicissitudes da vida e da morte[22]." É fato reconhecido e demonstrável que a disciplina e paciência impostas pelo *Pranayama*, à parte toda a teoria da ioga, deixarão o mago em posição vantajosa quando tiver de enfrentar as tarefas mais complexas e difíceis da magia.

Há alguns indivíduos sobre os quais a magia cai como sobre solo estéril. Crentes de que o desenvolvimento consciente do gênio mediante o treinamento mágico constitui uma impossibilidade na natureza, asseveram que as façanhas mais grandiosas e as mais excelentes obras criativas são realizadas inconscientemente e não pela vontade; que os mais nobres exemplos da arte, literatura e música recebem sua principal inspiração de uma parte do homem que é independente de sua vontade e conhecimento conscientes. Esse fato, sem dúvida, é verdadeiro, e é aqui que o mago é superior ao artista comum. No caso do artista, a inspiração é automática, independente de seus próprios desejos e conhecimento mesmo, e nesse sentido ele é um instrumento passivo, um *meio.* O mago, entretanto, se propõe um objetivo mais elevado, desejoso conscientemente de conhecer aquele poder nele que é o *criador, o vidente, o conhecedor.* Chega a isso por meio de um ato ou uma série gradual de atos da *vontade.* O objetivo último é a identificação da *vontade* mágica com o ser todo, de modo que sua aplicação não exige maior esforço consciente do que o movimento dos lábios e o erguer da mão, uma força tão constante e continuamente presente como a gravitação.

A magia cerimonial, que seja entendido, como um meio de adquirir o potencial requerido de força de vontade, é principalmente para uso do principiante. "Sendo as cerimônias, como dissemos, métodos artificiais para criação de um hábito de vontade, se tornam desnecessárias uma vez esteja o hábito consolidado... Mas o procedimento tem que ser simplificado progressivamente antes de ser completamente dispensado[23]." Caso se adote rigorosamente uma prática programada, depois de um certo tempo o mago porá de lado completamente o cerimonial, confiando no trabalho improvisado no interior dos limites de seu *círculo* mágico interno, e ainda posteriormente se aplicará àquela prática mágica chamada de *missa do Espírito Santo.* A aplicação habilidosa desse engenho mágico reverberante deve resultar no desenvolvimento de um centro de alta potência de *vontade.* Atingido isso, todas as técnicas poderão ser postas de lado por terem já servido ao seu propósito melhorando o bem-estar do indivíduo, não sendo mais os exercícios necessários.

O princípio é comparável a um princípio reconhecido no esporte. Durante uma partida de tênis, por exemplo, um jogador poderia executar alguns *lobs* e voleios realmente maravilhosos numa ínfima fração de segundo, estando a decisão consciente absolutamente fora de questão. As melhores tacadas no bilhar, como muitos bem o sabem, são aquelas feitas acidentalmente. Para o aspirante no tênis, ou um jogador desejoso de melhorar, somente uma imensa quantidade de prática *deliberada* produzirá aquela habilidade consumada que irá operar livremente em todas as ocasiões. Assim é com o mago. Nesse caso, o verendo da arte que foi ciosamente oculto do olhar do público

[22] *Mistérios da Magia*, Éliphas Lévi.
[23] *Dogma e ritual de Alta Magia,* Éliphas Lévi.

é ainda mais guardado nas profundezas de sua consciência espiritual, de sorte que por ninguém no mundo inteiro é sua existência adivinhada. Tão vigorosamente poderoso é esse bastão que por um ligeiro brandir do mesmo os mundos poderiam ser destruídos, e com outro leve brandir novos mundos poderiam ser trazidos ao ser.

– – –

Unido de maneira peculiar à *vontade* e à *imaginação* nas evocações cerimoniais está um outro poder ou uma outra força cuja presença ou ausência representa o sucesso ou o fracasso da operação. O segredo de toda magia cerimonial é simples, embora nem sempre óbvio. Celebrar cerimônias mágicas encaminhando cada mínimo detalhe com cuidado, executando os banimentos, fumigações e circumpercursos externos, vociferando as conjurações e gemendo os nomes bárbaros de evocação não é critério para que a invocação tenha êxito em sua finalidade ostensiva, ou para que o clima estático da operação "aconteça". A incapacidade de compreender isso encontra-se no fundo de uma boa quantidade de histórias mais ou menos humorísticas sobre magia contadas por pessoas que, tendo se tornado intelectualmente interessadas em sua técnica, e tendo seguido cuidadosamente as instruções expostas nos engrimanços ordinários de fácil obtenção, se decepcionaram com a falta de resultados. Todas as precauções apropriadas foram tomadas. Belos mantos da melhor seda foram providenciados, candelabros de prata e bronze, incensos compostos dispendiosamente e conjurações primorosamente escritas. A despeito de todo esse preparo, entretanto, nada absolutamente aconteceu. Nem as mais leve pressão foi produzida na atmosfera astral circundante, e uma mão colocada cautelosamente fora dos limites do círculo não foi paralisada, como ocorreria segundo a lenda, como se por um raio lançado por um espírito irado. Há uma esplêndida história que vem à mente de um aprendiz entusiasta que se empenhou em "praticar magia" antes de ter atingido uma compreensão dos princípios elementares em que se apóia a magia cerimonial. Ele desejava, a título de teste, invocar uma ondina, um espírito do elemento água, e a fim de fazê-lo ocorreu-lhe que uma operação realizada nas proximidades da água eliminaria muitas dificuldades. Como sítio de operação Eastbourne foi escolhida e o tal aprendiz, levando consigo o equipamento da arte, embarcou para essa praia "solitária". Uma noite, já razoavelmente tarde, quando a maioria dos cidadãos respeitáveis da praia já dormiam sossegadamente, ele se dirigiu para a beira do mar, a maré muito ao longe. Traçado o seu círculo, depois do altar e as luzes terem sido instalados sobre a areia, ele iniciou suas conjurações à medida que uma névoa se adensava. Suas vociferações eram altas e os sonoros gemidos, selvagens, fazendo com que os nomes bárbaros tornassem horrenda a noite, cuja tranqüilidade foi arruinada; nuvens de incenso espesso se elevavam em espirais do altar, envolvendo todo o cenário de uma névoa repulsiva de fumaça perfumada. A única ondina que esse mago viu foi uma enraivecida criatura vestida de azul: um policial.

Desde que o acima exposto foi escrito, perpetrou-se uma imbecilidade ainda mais grosseira e bem menos desculpável. Alguns membros de uma famosa sociedade de pesquisas se convenceram de que era inadiável expor a magia em todos os seus ramos, demonstrar que não possuía qualquer realidade, e, imbuídos desse nobilíssimo objetivo, tomaram providências para realizar uma cerimônia com base nas instruções deturpadas de um certo engrimanço no alto de uma colina no continente. As conjurações foram

devidamente recitadas em conformidade com as ditas instruções por uma virgem de manto branco junto a um bode, o qual segundo promessa do engrimanço seria transformado num jovem da mais arrebatadora beleza. Essa transformação, é claro, não ocorreu, e muita publicidade foi feita em torno dessa cerimônia cujo fito era pôr um fim a todas as cerimônias. Hordas de pessoas curiosas afluíram ao alto da montanha, a qual durante o rito estava inflamada de luzes de arco voltaico de alta potência! Faz-nos lembrar de certo modo do simplório que depois de encher o bule e colocá-lo sobre um dos bicos de gás do fogão se esquece, contudo, de usar um fósforo para ligar o gás; quando, após uma hora, ele constata não haver nenhum sinal de um bule com água fervente, declara com suma indignação e não pouco desprezo que essas geringonças modernas não servem para nada.

Não acredito que essa cerimônia farsesca requeira muito comentário. Mostra o tipo extraordinário de inteligência que não é capaz de distinguir entre um livro tolo de feitiçaria e a genuína *magia teléstica*; e também incapaz de compreender a verdade da injunção segundo a qual é o pensamento, a vontade e a intenção que atuam de maneira preponderante na operação mágica cerimonial, os símbolos e *sigillae* externos sendo secundários e tendo menos importância. O *Magus* de Barrett, em todo caso, propõe para a consideração desses pesquisadores "científicos" que "a razão de exorcismos, sortilégios, encantamentos, etc. às vezes não atingirem o efeito desejado é a mente ou espírito *não-excitado* do exorcista tornar as palavras fátuas e ineficazes".

Eis então numa curta frase o segredo do sucesso. Os *Oráculos caldeus* afirmam que se deve "invocar com freqüência"! Abramelin, o Mago, aconselha que se deve "inflamar-se" com oração. A chave está implícita nessas afirmações concisas. Invocar freqüentemente denota um certo grau de persistência e entusiasmo, e o princípio no qual criam os antigos magos era que se um homem orar ou invocar o tempo suficiente com seus lábios pode acontecer que encontrará a si mesmo um dia proferindo sua invocação de todo coração. Sucesso implica acima de tudo entusiasmo. E o entusiasmo que o mago deve cultivar é uma espécie indescritível de excitação ou arrebatamento, por meio dos quais ele é transportado completamente para fora de si e além de si. Trata-se de uma qualidade inteiramente incompreensível e, por conseguinte, indefinível. O mago deve inflamar a si mesmo, o que é *hislahabus* ou auto-intoxicação, o que os cabalistas conceberam como sendo *o próprio cálice da graça* e o *vinho da vida.* Cada nervo, cada fibra do indivíduo, físico, astral, mental; cada átomo em seja qual for departamento da constituição humana deve ser estimulado a um clímax febril e todas as faculdades da alma exaltadas ao máximo. Tal como o artista – o poeta, o dançarino, o próprio amante – é arrastado numa loucura de paixão inflamada, um frenesi de criatividade, o mesmo deve suceder com o mago. Deve ser impulsionado em sua cerimônia por um entusiasmo mântico que embora nele presente e uma parte necessária das forças que o compõem, não é de modo algum aquilo que ele normalmente inclui em seu *Ruach.* Não participa do ego mundano do estado de vigília embora exalte esse ego numa crista de bem-aventurança, de maneira que toda consciência de sua existência é transcendida, sofrendo um novo nascimento com um horizonte maior e mais amplo.

Afirma Jâmblico: "...a energia entusiástica, entretanto, não é o trabalho seja do corpo seja da alma, ou de ambos conjugados". É impossível formular regras teóricas para a indução desse frenesi, para a aquisição desse estímulo, para a produção desse espasmo mântico. De povo para povo os fatores variarão para produzir o estímulo e a excitação.

Para um indivíduo, poderá vir através de invocações prolongadas e reiteradas feitas durante um período de várias semanas ou meses. Um aprendiz pode ficar tão impressionado pelo puro mistério e sugestão, por assim dizer, de dada cerimônia, que é possível que o resultado seja incluído. Um outro pode ser curiosamente comovido e alegrado pelo estilo lírico no qual as invocações estão escritas, por suas imprecações e comemorações, ou mesmo pelos nomes estranhos e bárbaros de evocação, não importando quão ininteligíveis possam ser para seu ego consciente. É possível que a despeito de um excelente conhecimento intelectual da Cabala, tenha lhe escapado uma interpretação adequada ou satisfatória de alguma dessas palavras misteriosas; quando de repente, durante o desenrolar de uma cerimônia, sua significação lampeja arrebatadoramente sobre ele com um fulgor escarlate, um fulgor de júbilo, e assim excitado ele é transportado com sua descoberta na onda crescente de êxtase. Talvez o cheiro de um perfume em particular, a psicologia dos deslumbrantes mantos de seda e coberturas de cabeça, até mesmo o esgotamento físico que é a conseqüência da dança – essas são possíveis causas daquela exaltação que o mago tem que cultivar. No que diz respeito ao mago habilidoso, todos esses fatores estarão contribuindo para a finalidade, produzindo assim um arrebatamento exuberante, vasto como o mais vasto dos mares e tão elevado e abrangente quanto os ventos que sopram dos pólos. E então, como brota a rosa vermelha da terra negra,m crescerá da natureza amorfa do homem da terra, sob a luz daquela exuberância, a flor de muitas pétalas da alma restaurada. Gradativa e lentamente se manifestarão os poderes espirituais e as faculdades latentes como pétalas que procedem do interior. Tal como as flores brancas como neve que florescem na acácia se desenvolvem até que toda a árvore da regeneração seja coberta e dobrada sob o peso de muitas flores, do mesmo modo da raiz do êxtase é desenvolvida a *visão* e o *perfume.* Como na lenda rosacruciana a vida dos filhotes de pelicano é mantida pelo recurso de sacrifício da mãe, as forças exteriores do mago são alimentadas quando o ego sucumbe à intoxicação, tanto a partir do espírito interior quanto a partir de seu senhor feudal, os deuses que são invocados de cima.

Que nunca se esqueça que o segredo da invocação e de todo ato mágico é "Inflame-se com oração" e "Invoque com freqüência!".

CAPÍTULO IX

Há vários aspectos do procedimento mágico no trabalho cerimonial que é preciso considerar. Que o som, por exemplo, detém um poder criativo ou formativo, isto é há muito reconhecido e conhecido pela maior parte da humanidade. O *mantra* dos hindus e seus efeitos sobre o cérebro bem como sobre as ramificações nervosas do corpo têm sido o assunto reiterado de considerável quantidade de experimentos científicos e leigos. Uma teoria racional referente ao *mantra* sagrado sustenta que sua ação no cérebro pode ser comparada à de uma roda que gira celeremente e por cujos raios nenhum objeto pode passar. Afirma-se que quando o mantra é firmemente estabelecido e o cérebro tenha absorvido automaticamente sua tonalidade fluida, todos os pensamentos, até mesmo o do mantra, são projetados para fora, e na mente esvaziada de todo conteúdo a experiência mística pode acontecer. Há uma outra teoria sustentada por outras escolas de ocultismo que afirma que a vibração estabelecida por um mantra possui um efeito purificador sobre toda a constituição humana; que por meio de sua ação vibratória os elementos mais grosseiros do corpo são gradativamente expelidos, um processo de purificação que ocorre e afeta não apenas o corpo de carne, sangue, cérebro e terminais nervosos como também tanto o *corpo de luz* quanto a completa estrutura mental dentro da esfera de sua ação. Na admirável biografia de Milarepa, o iogue budista, publicada pela Oxford University Press, existe a seguinte nota de pé de página: “De acordo com a escola *Mantrayana* está associada a cada objeto e elemento da natureza... uma taxa particular de vibração. Se essa for conhecida, formulada num *mantra* e utilizada habilmente por um iogue aprimorada, como era Milarepa, afirma-se ser capaz de impelir as divindades menores e elementais à aparição e as divindades superiores a emitir telepaticamente sua divina influência em raios de graça.”

Sustenta-se em magia que a vibração de certos nomes divinos conduz à produção de seus fenômenos psicológicos e espirituais. “Por quê?” pergunta Blavatsky em *A doutrina secreta.* Respondendo à sua própria pergunta ela afirma: “Porque a palavra falada possui uma potência desconhecida, insuspeita e desacreditada dos modernos ‘sábios’. Porque som e ritmo estão estreitamente relacionados aos quatro elementos dos antigos, e porque certamente esta ou aquela vibração no ar desperta poderes correspondentes, sendo que essa união produz bons ou maus resultados, dependendo do caso”.

A lenda que se refere ao *Tetragrammaton* hebraico é interessante. Aquele que conhece a pronúncia correta de *YHVH*, chamado *Shem ha-Mephoresh*, o Nome impronunciável, detém o meio de destruir o universo, seu próprio universo particular e arremessar essa consciência individual ao *samadhi.* Ademais, a teoria mágica assevera que a vibração estabelecida pela voz humana possui o poder não só de moldar a substância plástica da *luz astral* sob várias configurações e formas dependendo de seu tom e volume, como também de impulsionar a atenção de entidades e *essências* metafísicas para aquele molde.

O poder do som pode ser comprovado com absoluta facilidade por meio de alguns experimentos superficiais, mas sumamente interessantes. O proferir do monossílabo *Om*

em voz alta e penetrante se sentirá, sem dúvida, vibrando de maneira notável tanto na garganta quanto no tórax. Através da repetição, a capacidade de aumentar a potência ou freqüência das vibrações e a área de sua detonação podem ser ampliadas de modo bastante considerável. Por meio de uma certa quantidade de prática criteriosa, sempre acompanhada do exercício da inteligência, o praticante se achará capacitado a vibrar uma única palavra de maneira a fazer o corpo todo estremecer e tremer sob o impacto do poder da palavra. Por outro lado, a prática também capacitará o aprendiz a limitar, por exercício de sua vontade, a vibração a uma certa área ou localidade de seu corpo. Desnecessário dizer que se deve ter sempre um enorme cuidado, pois não se requer nessa prática que o corpo seja fragmentado ou despedaçado por vibrações catastróficas.

Há famosos exemplos do poder destrutivo do som causado pela ribombar do trovão ou a explosão de granadas. Temos a história amiúde repetida, e que vale bem a pena mencionar aqui, de um truque realizado por um grande cantor. Ele dá uma pancadinha de leve com a unha do dedo num copo de vinho de modo a fazê-lo retinir; em seguida, captando a nota com sua voz entoa a mesma nota com sua boca precisamente acima do copo. Passado um momento, estando sua voz vibrando em uníssono com a nota emitida pelo copo, ele bruscamente substitui a nota por uma mais alta, e o copo inesperadamente cai despedaçado. Ele está brincando com a lei da vibração, pois todas coisas, visíveis e invisíveis, adentram sua esfera, e todo objeto concebível existe num plano definido, possuindo uma taxa de vibração diferente. Toda massa orgânica e inorgânica é composta de uma multidão de centros de energia infinitamente pequenos que, a fim de se aderirem entre si, têm que vibrar conjuntamente. A mudança desta vibração ou destrói a forma ou produz mutações e alterações de forma.

E se há um aspecto destrutivo do som, conclui-se que há outro de formação e criação a ser descoberto mediante experimentação constante e paciente. O efetivo poder de formação pode ser demonstrado muito facilmente. Que o leitor espalhe um pouco de areia fina sobre a caixa de som de um violino, e sem tocar a areia mova o arco levemente sobre uma das cordas. Constatar-se-á que a vibração exerce uma influência formativa, visto que com o soar da nota e sua amplificação na caixa acústica a areia assume curiosas formas geométricas: um quadrado ocasionalmente será formado com muita clareza, ou um triângulo, uma elipse ou um desenho comparável à estrutura de um floco de neve, cristalino e uma coisa de rara beleza. O mesmo experimento pode ser executado sobre uma lâmina de vidro, e dependendo de o arco ser movido lenta ou rapidamente de encontro à borda, levemente ou com muita pressão, a areia assumirá uma forma diferente. No violino uma nota suave e profunda naturalmente produzirá uma forma sonora diferente de uma longa nota lamuriosa e lancinante; a brusquidão possui um valor-forma distinto de um *vibrato* lento. Há em algum lugar nos escritos de Madame Blavatsky o testemunho de que ela própria em uma ocasião, à beira da morte, foi chamada de volta à vida e curada de suas enfermidades através dos poderes inerentes ao som. Todas essas coisas vão ao ponto de mostrar que o som efetivamente possui um valor criativo, devendo ser o objetivo de todo aquele que se supõe mago apurar mediante a prática que tom de voz é mais adequado ao trabalho mágico. A experiência mostra que um sussurro penetrante dos nomes a serem pronunciados constitui o método mais satisfatório, uma voz que mais vibra do que pronuncia claramente sendo o que é requerido.

A vibração de nomes divinos é portanto um aspecto essencial na prática da magia porque o conhecimento do nome de qualquer ser – e no conhecimento está incluída a

capacidade de vibrá-lo e pronunciá-lo corretamente, bem como uma compreensão de suas implicações cabalísticas – corresponde a deter uma espécie de controle sobre ele. O conhecimento do nome pode ser adquirido pela aplicação de princípios cabalísticos, de modo que no nome é possível encontrar um resumo das forças e poderes que lhe são inerentes. Numa palavra está a magia contida, e uma palavra corretamente pronunciada é mais forte, diz Lévi, do que os poderes do céu, da terra ou do inferno. A natureza é comandada com um nome; os reinos da natureza, do mesmo modo, são conquistados e as forças ocultas que compreendem o universo invisível obedecem àquele que pronuncia com compreensão os nomes incomunicáveis. "Para pronunciar esses grandes nomes da Cabala, de acordo com a ciência, temos que fazê-lo com pleno entendimento, com uma vontade por nada detida, com uma atividade que nada pode repelir."

A vibração de nomes divinos, então, constitui uma das mais importantes divisões de uma invocação cerimonial. Os incensos, perfumes, cores, *sigillae* e luzes em torno do círculo mágico auxiliarão na evocação da idéia ou espírito desejados a partir da imaginação, e para que se manifestem numa roupagem apropriada, coerente e tangível ao exorcista. Não somente deve haver intenção e pensamento, como também a expressão concreta do pensamento numa ação ou numa palavra a qual, para a idéia, tem que ser como um *logos.* À guisa de ilustração do modo de vibração, suponhamos que um exorcista deseje invocar os poderes pertencentes à esfera de *Geburah*. Apurar-se-á que seu planeta é Marte, cuja qualidade essencial é energia e força cósmicas resumidas na divindade Hórus, seu arcanjo será Kamael, seu espírito Bartsbael e a *Sephira* aos quais estes são atribuídos ostenta o *nome* divino *Elohim Gibor.* Quando na cerimônia mágica que o teurgo impulsiona chega o momento de pronunciar o nome divino, que ele aspire muito profundamente, lenta e energicamente. No instante em que o ar exterior tocar as narinas, deve-se imaginar claramente que o nome do deus, Elohim Gibor, está sendo aspirado com o ar. Figura-se o nome sustentado nas alturas em grandes letras de fogo e chama e à medida que o ar lentamente enche os pulmões, deve se imaginar que o nome permeia e vibra através de toda a estrutura do corpo, descendo gradualmente através do tórax e do abdômen, até as coxas e pernas atingindo, os pés. Quando parecer que a força toca a parte mais inferior das pernas, se expandindo e se difundindo para cada átomo e célula do pé – e a prática tornará essa façanha da imaginação menos difícil do que aparenta – o teurgo deverá assumir uma das poses características do deus Hórus exibidas nas vinhetas do *Livro dos mortos do Antigo Egito.* Uma delas, o *sinal do ingressante*, consiste em arrojar o pé esquerdo para a frente e inclinar o corpo para a frente, ambos os braços sendo primeiramente levados à cabeça e atirados à frente como se projetando a força mágica para o *triângulo de evocação.* À medida que este sinal está sendo assumido, ao mesmo tempo que os pulmões estão expirando o ar carregado com o nome, dever-se-á imaginar intensamente que este se eleva rapidamente a partir dos pés, através das coxas e do corpo, sendo então arremessado energicamente com um vigoroso grito de triunfo. Se o corpo inteiro do mago sentir-se inflamado de força e energia, e trovejando no interior de seus ouvidos proveniente de toda porção de espaço circundante ele ouvir o eco ressonante do nome vibrado magicamente, ele poderá estar seguro que a pronúncia foi corretamente feita. O efeito da vibração dos nomes divinos consiste em estabelecer um sinal na luz astral superior, ao qual responderá diligentemente a inteligência evocada. Outros gestos e outros sinais existem para cada um dos deuses e poder-se-á saber o que são esses sinais mediante o estudo das formas divinas egípcias.

Estreitamente aliada à vibração dos nomes divinos encontra-se um outro ramo da magia. É possível que o aprendiz tenha notado em alguns rituais muitas palavras incompreensíveis numa língua estranha ou desconhecida, palavras conhecidas tecnicamente como "nomes bárbaros de evocação", as quais os *Oráculos caldeus* nos aconselham a jamais alterar "pois são nomes divinos que possuem nos ritos sagrados um poder inefável". Originalmente, tudo que se entendia pelos "nomes bárbaros" era que se tratava de palavras no dialeto dos egípcios, caldeus e assírios, considerados bárbaros pelos gregos, e G. R. S. Mead prefere traduzir a expressão para "nomes nativos". Jâmblico, respondendo às indagações de Porfírio sobre esse ponto, declara: "Aqueles que aprenderam em primeira mão os nomes dos deuses, os tendo mesclado com sua própria língua, os entregaram a nós, para que pudéssemos sempre preservar inalterável a lei sagrada da tradição numa linguagem peculiar e a eles adaptada... Os nomes bárbaros, igualmente, detêm muita ênfase, grande concisão e participam de menos ambigüidade, variedade e multiplicidade". A experiência confirma que as mais poderosas invocações são aquelas em que estão presentes palavras pertencentes a uma língua estranha, antiga ou talvez esquecida; ou até mesmo aquelas expressas num jargão degenerado e, pode ser, sem significação. Nesses conjuros, a qualidade que mais se destaca é o fato de a língua empregada ser sempre muito vibrante e sonora, sendo esta sua única virtude, pois são caracteristicamente eficazes quando recitadas mediante entonação mágica, cada sílaba sendo cuidadosamente vibrada. Por uma razão ou outra, descobriu-se que a recitação desses nomes conduz à exaltação da consciência, exercendo uma fascinação sutil na mente do mago. "A magia dos antigos sacerdotes consistia naqueles dias...", pensava Madame Blavatsky, "...em se dirigir a seus deuses em sua própria língua... composta de sons, não de palavras, de sons, números e figuras. Aquele que sabe como conjugar os três invocará a resposta do *poder* superintendente. Assim essa língua é a dos encantamentos ou dos *mantras*, como são chamados na Índia, sendo o som o mais potente e eficaz agente mágico, e a primeira das chaves que abre a porta de comunicação entre *mortais* e *imortais*".

A base racional e a explicação da exaltação não estão muitos afastadas da experiência geral. Não é única e nem se limita exclusivamente ao trabalho cerimonial ou teúrgico. Lê-se amiúde de poetas que se tornam enlevados, por assim dizer, pela repetição de versos e nomes rítmicos; de fato, muitos dos poemas de Swinburne constituem um esplêndido exemplo de tal poesia. Ouve-se falar, também, de crianças precoces que são singularmente afetadas por aquelas passagens da Bíblia nas quais existem longas listas de estranhos nomes e lugares hebreus. Thomas Burke, o eminente romancista, uma vez informou-me que quando era jovem, os nomes das cidades e países do continente sul-americano atuavam para ele como fascinações de quase encantamento, exercendo um poder oculto. Nomes como *Antofagasta*, *Tuerra*[24] *del Fuego*, *Antanonoriva* e *Venezuela* são efetivamente nomes bárbaros para conjuração. Lembro-me, também, da leitura em certa ocasião de um poema da autoria de William J. Turner, o crítico de música, no qual ele conta que quando menino as palavras e nomes mexicanos exerciam um fascínio sobre ele, tais como *Popocatapetl, Quexapetl, Chimborozo* e similares. Os nomes por si mesmos nada transmitem a uma imaginação fértil e desenvolvida; a exaltação da consciência se deve quase que inteiramente ao ritmo e a sua

[24] Ou melhor, *Tierra.* (N. T.)

música, a fascinação dos nomes penetrando o domínio da imaginação, onde é agarrada para despertar um frenesi ou excitação peculiares. Em todo caso, resta pouca dúvida de que as muitas palavras bárbaras, formidáveis e de aparência quase medonha que ressoam e são vociferadas em tantas das melhores invocações provenientes da Antigüidade, exercem um efeito estimulante na consciência, exaltando-a ao grau exigido pela magia. A invocação do "*não-nascido*", cujos elementos básicos são encontrados em alguns fragmentos greco-egípcios e que está reimpressa no último capítulo deste livro, é talvez o mais notável exemplo. Como ritual é considerada por muitos como um dos melhores, sendo repleta de palavras estranhas ricas em música e excitações primitivas, sonoras ao mais alto grau. Muitos dos rituais e invocações utilizados pelo astrólogo elisabetano dr. Dee, que trabalhava em colaboração com seu colega *Sir* Edward Kelly, constituem também espécimes marcantemente bons dessa linguagem. Na verdade, pode-se considerar os rituais de Dee como únicos. São escritos quase que totalmente, à exceção de algumas palavras hebraicas, numa língua curiosa chamada *angélica* ou *enoquiano*, segundo Dee ditada a ele pelos *anjos.* Independentemente de sua origem, apurou-se que as invocações expressas nessa língua atuam com uma peculiaridade e uma força constatadas em nenhuma outra língua.

Típico das palavras bárbaras, pode-se fazer citações extraídas de vários rituais. A que se segue é retirada dos conjuros de Dee:

"Eca, zodocare, Iad, goho. Torzodu odo kikale qaa! Zodacare od zodameranu! Zodorje, lape zodiredo Ol Noco Mada, das Iadapiel! Ilas! hoatahe Iaida! "

Presente no capítulo CLXV da recensão Saite do *Livro dos Mortos*, encontra-se uma petição a Amen-Ra, onde os mais poderosos dos nomes mágicos do deus são recitados: "Salve, tu Bekhennu, Bekhennu! Salve, príncipe, príncipe! Salve, Amen. Salve, Amen! Salve Par, salve Iukasa! Salve, deus, príncipe dos deuses das partes orientais dos céus, Amen-Nathekerethi-Amen. Salve tu cuja pele está oculta, cuja forma é secreta, tu, senhor dos dois cornos nascidos de Nut, teu nome é Na-ari-k, e Kasaika é teu nome. Teu nome é Arethi-kasatha-ka, e teu nome é Amen-naiu-anka-entek-share ou Thekshare-Amen Rerethi! Salve, Amen e permite-me fazer a súplica a ti pois eu conheço teu nome... Oculto é teu discurso, ó Letasashaka, e eu fiz para ti uma pele. Teu nome é Ba-ire-qai, teu nome é Marqatha, teu nome é Rerei, teu nome é Nasa-qebu-bu, teu nome é Thanasa-Thanasa; teu nome é Sharshathakatha."

Um outro excelente exemplo, quiçá um dos melhores no que diz respeito à aparente ininteligibilidade dos nomes, acha-se no *Harris Magical Papyrus*, do qual uma tradução inglesa pode ser encontrada nos *Fac-símiles de Papiros Hieráticos* do Museu Britânico.

"Adiro-Adisana! Adirogaha-Adisana. Samoui-Matemou-Adisana!

"Samou-Akemoui-Adisana! Samo-deka! Arina-Adisana! Samou-dekabana-adisana! Samou-tsakarouza- Adisana! Dou-Ouaro-Hasa! Kina! Hama! (Pausa) Senefta-Bathet-Satitaoui-Anrohakatha-Sati-taoui! Nauouibairo-Rou! Haari!"

No fragmento a que já nos referimos do ritual greco-egípcio, editado por Charles Wycliffe Goodwin para a *Cambridge Antiquarian Society* em meados do século passado[25], aparecem também nomes exemplares: "Eu te invoco, deus terrível e invisível

[25] Isto é, século XIX. (N. T.).

que habitas o sítio vazio do Espírito: Arogogorobrao, Sothou, Modorio, Phalarthao, Doo, Apé, O *Não-nascido.*"

Entretanto, tanto do ponto de vista da pesquisa quanto da filosofia concorda-se que o conhecimento da Cabala em todos os seus ramos constitui um suplemento importante e considerável à prática do mago. Como o mago se aplica em tornar sua vida compreensível e em interpretar todo incidente que lhe é inerente como uma transação de Deus com sua alma, de maneira que todas as coisas possam tender para sua iluminação espiritual, poderia parecer incongruente que ele contradissesse essa decisão incorporando palavras sem significado e sem sentido em suas invocações. Acima de tudo, a consistência e a coerência interna tipificam a mente do mago. Conseqüentemente negligenciar os princípios exegéticos da Cabala é deixar desprotegidos os canais através dos quais o caos e a incoerência poderão invadir o *sanctum* de cognição. Toda palavra bárbara deveria ser tão cuidadosamente estudada e compreendida em termos de grau de atenção e erudição quanto uma análise da *Crítica da Razão Pura* de Kant, permitindo-se a significação oculta penetrar abaixo do nível de consciência onde, durante a cerimônia, possa auxiliar na produção da excitação requerida. E a revelação do real espírito dos nomes bárbaros não pode dispensar um bom conhecimento funcional da Cabala.

Por exemplo, consideremos a palavra *"Assalonoi"* constante numa outra parte do fragmento greco-egípcio. A primeira letra sugerirá Harpócrates, o *Senhor do Silêncio,* que é o *Bebê no Lótus* e o *Puro Louco* do tarô, o inocente Percival que silenciosamente se põe em busca do Cálice Sagrado. É apenas ele que, devido à sua loucura mundana mas também à sua sabedoria e inocência divinas, pode chegar incólume ao fim. O "s" será visto como se referindo à carta do tarô que representa o *Santo Anjo Guardião* que ostenta no peito um *sigillum* que tem gravadas as letras do *Tetragrammaton.* "Al" pode ser interpretado como sendo a palavra hebraica para *deus*, bem como "on" é um nome gnóstico. Pode-se supor que o sufixo "oi" indique o pronome possessivo *meu*, de sorte que considerada em sua totalidade, a palavra é, na realidade, um resumo de uma invocação completa do Santo Anjo Guardião.

Consideremos agora *"Phalarthao"*, palavra na mesma invocação. "Phal" é obviamente uma abreviação de *falo*, que de acordo com Jung é o símbolo das faculdades criativas de um ser humano. Ele o define, aliás, como "um ser que se move sem membros, que vê sem olhos e conhece o futuro; e como representante simbólico do poder criador universal, em todo lugar existente, a imortalidade está indicada nele. É um vidente, um artista e um operador de prodígios". Submetendo-se as duas letras "ar" ao processo cabalístico denominado Temurah, teremos *Ra, o deus-Sol,* que verte sua copiosa generosidade em luz, calor e sustento sobre todo o mundo da matéria, e que proporciona graça e iluminação espirituais à vida interior. O "th" é Tes, a serpente leônica que é a essência da vida física, conferindo substância à visão espiritual. "A" é o raio de Thor, as forças mágicas do Adepto postas em movimento e o "o" representa o bode montês e o aspecto fecundo criativo do ser do homem.

A palavra *"Adisana"* que aparece com muita freqüência no elenco de nomes bárbaros fornecidos pelo *Harris Magical Papyrus*, traz à mente uma alusão teosófica. As *Estâncias de Dzyan* apresentadas em *A Doutrina Secreta* mencionam a palavra sânscrita *Adi-Sanat.* Blavatsky explica que essa sugere equivalência com Brahma e a *Sephira* da Cabala, *Kether*, e significa o *Criador uno.* O mago pode assim supor que a palavra

egípcia, na falta de conhecimento mais preciso e definido, é, portanto, uma referência à *coroa*, a *mônada* no homem e no *cosmos.*

Ainda outros métodos podem ser concebidos para tornar inteligíveis os nomes bárbaros para que nos ritos nenhuma falha possa desfigurar a integridade e consistência da consciência de alguém.

No que concerne ao uso prático – a exaltação da alma – um método esboçado por Therion[26] pode ser de alguma utilidade. Supondo-se que a cerimônia culmine numa grande invocação, cujo ápice inclui muitas dessas palavras especiais, é possível empregar uma técnica específica, a qual, contudo, implica um pouco de treinamento da imaginação. Essa faculdade deve ser desenvolvida de modo que qualquer imagem de qualquer objeto possa ser formulada claramente diante do olho da mente com vívida distinção e completude; e não apenas isso, mas de maneira que a formulação possa ser sustentada por algum tempo. Durante a invocação, o teurgo deve imaginar que a primeira dessas palavras intoxicantes é como um pilar de fogo se estendendo como uma coluna vertical e reta na *luz astral.* À medida que as letras do nome deixam seus lábios e são impelidas para o éter, que ele imagine que sua própria consciência no *corpo de luz* segue essas letras em sua jornada pelo espaço sutil e é arremessado violentamente ao longo daquele eixo. A palavra bárbara seguinte deve ser concebida ocupando uma coluna talvez duas vezes mais longa ou mais alta que a precedente, de modo que quando a última palavra de invocação for atingida – ignorando no momento a ação e poder inerentes à própria invocação – a consciência será supremamente intoxicada e o ego será subjugado por um sentimento de espanto e fadiga. O eixo deve ser visto no fim para crescer em estatura diante do olho espiritual, ascender cada vez mais alto até que a imaginação seja quase fulminada pela grandeza e imensidão assomadas que gradualmente criou. Esse sentido de temor e maravilhamento produzido por esse viajar no eixo ígneo de cada palavra bárbara é o precursor certo da exaltação e êxtase mágicos. E com a prática o teurgo inventará outros métodos, mais adequados ao seu próprio temperamento e para o emprego satisfatório dessas palavras.

– - –

Para o avivamento do trabalho cerimonial a dança, a música e o toque de sinos constituem outros acompanhamentos complementares. Os toques de sinos e sons produzidos por percussão deverão estar em harmonia no que diz respeito à quantidade e ao tipo de operação. Seu uso visa a anunciar o domínio, registrar a nota do triunfo do mago e recuperar a atenção desviada. Quanto à música, trata-se de um assunto muito mais complicado porquanto sua apreciação varia largamente de indivíduo para indivíduo. É, de preferência, omitida em muitas invocações visto que tende mais ou menos a distrair a atenção do teurgo, embora como prelúdio possa ajudar no êxtase e exaltação. Exige a presença de um músico ou músicos e qualquer sinal de embaraço ou falha técnica deste ou destes atrai discordância e fracasso. O violino ou a harpa, produzindo as notas de maior transcendência e exaltação, podem, ocasionalmente talvez ser empregados.

O *tuntum* com seu selvagem e apaixonado tamborilamento pelos dedos é útil em outros tipos de trabalho nos quais se requer a excitação da energia, ou até mesmo a

[26] Aleister Crowley. (N. T.)

tranqüilização da mente. Trata-se simplesmente de forçar a mente a acompanhar o compasso rítmico do *tuntum*, que pode ser aumentado ou gradativamente reduzido até quando tiver desvanecido num silêncio abrandado, seguir-se-á a paz de uma mente tranqüila. A música oriental consiste principalmente desse tipo monótono, encerrando assim um motivo religioso ou místico. Numa apresentação de balé à qual um amigo deste escritor foi convidado em Java, havia cerca de doze dançarinos que envergavam trajes e máscaras grotescos embora deslumbrantemente coloridos, típico do Oriente ostentatório. A orquestra era constituída por cinco músicos: três tocando um instrumento parecido a um enorme xilofone cobrindo apenas cinco notas, e dois percutindo tambores javaneses. Num teatro externo a dança, principalmente produzida com as mãos e os dedos, durou cinco horas sem um único interlúdio. Todo o tempo os aplicados membros da orquestra nativa fizeram soar seus ritmos monótonos até que pareceu aos europeus como se os sentidos e a mente sucumbissem ao ritmo tedioso, passando finalmente ao silêncio.

Uma dança ligeira, de passos curtos, digamos uma simples dança de dois passos, pode ser útil, e acompanhada por um *tuntum* e um *mantra* mental dentro de um círculo ou câmara consagrados poderá ser utilizada como elemento precursor do êxtase. Essa dança é particularmente interessante ao mago visto que sua característica é ritmo e a totalidade da natureza é a corporificação de ritmo e graça, ambos aspectos da dança. A dança na natureza é mostrada no crescimento e movimento, pois o movimento é o elemento essencial da vida, o tema representado num palco infinito. Os êxtases da natureza e suas criaturas passaram ao uso ordinário, reaparecendo reiteradamente na linguagem popular. A música das esferas e a dança das hostes dos planetas e corpos celestes nas infinitudes do espaço sempre receberam a devida atenção nas mãos dos maiores filósofos e poetas que sondaram o coração das coisas. Com freqüência, também, se fala – por meio de clichês, é verdade – das cambalhotas dos cordeiros e dos cabritos saltando nos prados verdes; a dança flutuante das nuvens e a pronta ressaca e retirada dos vagalões do mar. Esses fenômenos, o que não são senão a participação conjunta na *dança da vida* que diariamente, ano após ano, século após século, prosseguem imutados e inalterados e que em sua perpetuidade tem que ser considerada como a própria encarnação do júbilo!

No que concerne ao emprego da *dança* em operações mágicas, deveria ser absolutamente suficiente o indício fornecido pela dança dos dervixes islâmicos. Esses místicos maometanos são orgulhosos de uma dança que não é, como alguns pensaram, um frenesi descontrolado. No início é precisamente o contrário. Subjacente à sua representação há um motivo altamente religioso: êxtase e união com Alá. De uma posição estacionária eles gradativamente aumentam a velocidade de sua rotação e com os braços estendidos rodopiam com uma tal celeridade que parecem não estar se movendo em absoluto. Em pouco tempo, esse movimento rotativo induz a uma vertigem tanto corporal quanto mental, a qual por puro esforço da vontade, tem seu efeito adiado e é expulsa da consciência. A dança finalmente culmina no colapso do dervixe num estado de completa inconsciência, e não somente nisto, o que acho importante, como também num estado do mais elevado êxtase. Alguns, ademais, podem estar familiarizados com nomes tais como Shri Chaitanya e seu discípulo Nityananda que vagavam pela Índia no século XV, cantando e pregando, e dançando alegremente a doutrina de *Bhakta* ou união com Deus por devoção. Houve também em anos relativamente recentes a figura do eminente mestre religioso Shri Ramakrishna Paramahamsa, cujas freqüentes canções e danças devotas

eram tão carregadas de fervor e forte emoção que se diz que transformações morais e espirituais foram produzidas naqueles que tiveram o privilégio de assisti-las. Muitas dessas pessoas, afirma a reportagem, ficavam tão tomadas pela emoção profunda e o arrebatamento de bem-aventurança à vista do mestre dançando que caíam em êxtases e desmaiavam.

No que se refere ao moderno teurgo, o principal objetivo da dança é obter uma exaustão física e uma cessação de todo pensamento. No domínio dessa negatividade, se tiver sido induzida dentro de uma área adequadamente consagrada e banida, pela qual nenhuma entidade ousará se imiscuir exceto a força previamente tornada manifesta mediante as invocações, a presença espiritual invocada poderá se encarnar. Essa é a idéia fundamental da *dança*, embora alguns possam preferir omiti-la por completo de suas cerimônias. Cada tipo de força, pertencente às várias *Sephiroth*, disporá de seu próprio tipo de dança, com seu próprio passo e seu próprio *tempo.*

Um movimento comum à maioria das invocações, que é menos dança do que um ligeiro movimento a passos curtos ou o rodopio, é o circumpercurso. De vez em quanto, é exigido do mago que ele ande de algum dos pontos cardeais um certo número de vezes em torno do círculo, o número específico determinando a natureza da força a ser invocada. Ademais, a direção do circumpercurso, seja para o leste ou oeste, determinará se ele está invocando ou banindo. Um movimento dextrógiro, isto é, horário, invocará, e um movimento sinistrógiro, o precisamente oposto, anti-horário, banirá. Tradicionalmente, o circumpercurso no *círculo* constitui um método maravilhoso para adquirir potencial e despertar o entusiasmo e força necessários.

CAPÍTULO X

Nos capítulos anteriores empenhei-me em mostrar de que maneira a teurgia concebe a *vontade* e a *imaginação* como sendo os instrumentos da reconstrução do ser humano. Entretanto, me proponho a prosseguir com a questão de tal emprego da imaginação, porquanto a mais fundamental tarefa da magia a isso concerne. Considerando-se que a substância plástica da *luz astral* é de modo peculiar suscetível à manipulação de correntes imaginativas, e considerando-se que as imagens confeccionadas nessa luz produzem alterações perceptíveis, se a *vontade* for suficientemente forte para vitalizar essas imagens, o mago procurará aplicar esses fatos à sua própria esfera. Atentemos para o fato de que segundo todas as autoridades, a luz astral é tida como de natureza dupla. Há o aspecto astral básico, a chamada serpente enganadora, ocupado pelos cascões decadentes e os fantasmas, e o plano superior, no qual existe uma riqueza de imagens reais, idéias e sugestões espirituais. Elevar-se além da serpente astral até o astral superior constitui obviamente uma tarefa mágica primordial. Invocações do Santo Anjo Guardião e a união teléstica com os deuses e *essências* universais constituem os métodos supremos de transcender os planos etéreos mais baixos, mas essas são metas máximas às quais todos os métodos e técnicas passam a servir. Visando a tornar as difíceis metas da invocação e da união mais facilmente obteníveis e menos árduas, os teurgos recomendam uma prática em que o sucesso confere a capacidade de conscientemente transcender o astral inferior e deliberadamente ascender até mesmo além do astral superior rumo aos fogos divinos sem forma dos domínios espirituais. Visto que todos os planos da natureza e todas as forças que se mantêm no universo estão representados na constituição interior do homem, o plano astral em seu aspecto duplo se acha, do mesmo modo, dentro dele. O aspecto inferior, a fase lunar, corresponde ao princípio humano de *Nephesch* enquanto que se poderia supor que o plano superior corresponde a *Sephira* central da Árvore da Vida, *Tiphareth*, o coração pulsante de *Ruach* e até mesmo se estende aos limites de *Neschamah*. Com o aspecto lunar inferior do astral, a região dos cascões *qlifóticos*, demônios e fantasmas em dissolução dos mortos, o mago tem pouco ou nada a fazer; sua aspiração é dirigida àquilo que está acima, nas camadas superiores da Árvore viva. “Não te inclina para baixo”, advertem os *Oráculos Caldeus*, “para o mundo tenebrosamente esplêndido, onde repousam continuamente uma profundidade sem fé e Hades envolvido por nuvens, se deliciando com imagens ininteligíveis, precipitadas, tortuosas, um abismo negro sempre rodopiante, sempre desposando um corpo não-luminoso, amorfo e vazio... Não fiques no precipício com a escória da matéria pois existe um lugar para tua imagem num domínio sempre esplêndido.” É o “domínio sempre esplêndido” que realmente diz respeito ao teurgo já que nele estão as forças e poderes que podem se revelar sumamente prestativos a ele em sua busca. Dentro do *Nephesch* duplo existe um princípio energético substantivo e vital. O primeiro é o chamado *corpo astral* ou a duplicata sutil à qual o corpo físico deve sua contínua existência e subsistência. Embora o desenvolvimento desse corpo de *Nephesch* constitua efetivamente um certo ramo da magia, não é nossa intenção tratar dele aqui já que tem pouca conexão com a alta teurgia. Pertencente ao domínio de

Tiphareth existe um aspecto superior desse corpo astral que realmente entra de maneira muito ampla na teurgia prática. Não é realmente um corpo astral no sentido de um modelo vital que proporciona vida ao físico, mas sim um corpo mental ou de pensamento, o veículo direto das faculdades ideais e espirituais, cuja substância é aquela do astral superior ou divino. De acordo com Blavatsky é o *Mayavi-rupa*, o corpo de pensamento ou de sonho, o invólucro da mente, memória e emoção, conhecido e chamado em teurgia de *corpo de luz*. Ora, os teurgos sustentam que esse corpo de luz pode conscientemente ser separado e projetado do corpo, sendo Blavatsky da opinião de que aquele que é capaz de fazer isso é um Adepto! "Separarás o leve do denso atuando com grande sagacidade", aconselha Hermes Trismegistos[27]. Este corpo de luz, como o veículo dos princípios superiores, pode ser empregado para investigar o mundo interior visando a apurar sua natureza real, e assim a natureza do próprio homem, porquanto as leis do universo são as da mente e vice-versa. O astral superior, com o qual nos tornamos familiarizados através da instrumentalidade do corpo de luz é usado assim como uma escada, por assim dizer, por meio da qual o teurgo ascende ao domínio do espírito supremo, ígneo, criativo e estático.

Conseqüentemente constituem naturalmente um fundamento da magia prática a projeção desse corpo sutil, a aquisição da faculdade de nele atuar com a facilidade com que o fazemos no corpo denso, o treinamento e a educação desse corpo de luz no sentido de satisfazer aos desejos do teurgo. A capacidade de ter êxito nessa fase particular do trabalho depende inteiramente do fato de o mago ter treinado sua *imaginação*, pois essa é a alavanca mágica para a projeção proposta.

A técnica, em resumo, é a seguinte: sentado confortavelmente numa cadeira – ou, tanto melhor, numa postura de ioga em que se foi treinado, no que nesse caso é fácil – e tranqüilizando sua mente e emoções o máximo possível, o mago deverá tentar imaginar de pé diante dele uma exata duplicata de seu próprio corpo. Caso o mago tenha se envolvido com muita prática dos símbolos dos *tattvas* ou com os exercícios espirituais de Sto. Inácio e aqueles descritos numa seção anterior deste estudo, não se defrontará com nenhuma grande dificuldade para formular essa imagem. O teurgo deve conceber vividamente que um simulacro de seu próprio corpo se posta diante dele na mente; e que está vestido como o mago está vestido, de manto mágico com bastão ou espada, dependendo do caso, e que se apresenta de pé ereto, ou sentado numa cadeira, ou numa cômoda e confortável *Asana*. Caso o mago esteja sentado, a imagem igualmente deverá ser vista sentada. Mediante um supremo esforço da vontade deve-se fazer essa imagem *se mover* na mente e, observada muito rigorosamente todo o tempo, erguer-se pondo-se ereta sobre seus pés. A parte mais difícil da tarefa do mago se avizinha agora. Para o corpo de luz ele tem que transferir sua própria consciência e é essa transferência que pode se revelar um pouco difícil, pois por vezes ela simplesmente não ocorrerá.

Nesse caso, exercendo cada milímetro de sua vontade e aplicando todo o poder de sua imaginação o máximo possível de maneira que imagine e queira estar no corpo de pensamento, o teurgo deve fazê-lo executar várias ações. A execução de um ritual como o *ritual do banimento do pentagrama* é um esplêndido exercício, visto que por seu intermédio impele-se o corpo de luz ao movimento, a girar sobre seu próprio eixo e a proferir palavras. Com persistência, o mago poderá constatar depois de várias tentativas

[27] *Trismegistos*, três vezes grande. (N. T.)

que em vez desse corpo de luz executando o ritual como um autômato sob sua observação, ele próprio o estará executando dentro do próprio corpo de pensamento. Esses métodos soltam as vigas-mestras da alma e abrem os portais fortemente trancados da mente. Além disso, pode acontecer que à medida que o mago recita uma invocação, seguindo mentalmente cada um dos pontos do ritual com atenção e cuidado, ele se descobrirá quase sem sabê-lo no *corpo de luz.* O efeito estimulante das palavras, as sugestões que elas incorporam devem, em alguns casos, ajudar materialmente na transferência. “Eu piso sobre as alturas! Eu piso sobre o firmamento de Nu! Eu ergo uma chama rutilante com o relâmpago de meu olho, sempre impelindo para a frente no esplendor do Ra glorificado diariamente, outorgando minha vida aos habitantes da terra!” “Eu ascendo, ascendo como um falcão de ouro!” As duas primeiras sentenças, particularmente, se recitadas com entendimento e sentimento devem muito compreensivelmente bastar no caso de alguns indivíduos para produzir o resultado desejado. Mesmo fisicamente, essas palavras forçam alguém a se erguer nas pontas dos pés, como se pisando sobre o firmamento de Nu, e os veículos sutis, sem dúvida, acompanharão. O sucesso tendo sido atingido, a transferência deveria ser praticada reiteradamente até que finalmente o mago possa vestir sua estrutura física e dela despir-se tal como um homem comum se despe de seu sobretudo. Mas uma vez realizada a projeção efetiva, começa a verdadeira tarefa, já que o corpo de luz tem que ser treinado para mover-se e ver no plano astral; isto embora pouco tempo seja suficiente para que responda ao treinamento, tornando-se então capaz de se mover e ver com a própria rapidez de relâmpago do próprio pensamento.

Tão logo conseguiu habitar o corpo de luz, o teurgo deverá empenhar-se em ver com seus sentidos astrais. Deve tentar ver as coisas e objetos físicos existentes no apartamento que acabou de deixar, observando o corpo, sua habitação terrestre anterior, os móveis, as paredes, o teto e tudo o mais. Quando descobrir que isto pode ser feito de maneira inteiramente simples e que os sentidos astrais respondem de modo totalmente descontraído, então poderá elevar-se diretamente rumo aos céus e observar o que de lá pode ser visto. Tudo é principalmente uma questão de educação. Do corpo de luz, do veículo solar flamejante do *anjo* precisa ser feito um digno instrumento, e tal como se ensina a uma criança de um ano como falar, engatinhar e andar, deve-se treinar esse sutil corpo de pensamento a atuar perfeitamente em seu próprio plano.

Será nessa prática que o teurgo descobrirá que o que eram símbolos convencionais no mundo exterior são realidades dinâmicas que vivem sua própria existência nesse astral ou mundo do pensamento. E sua meta deverá ser investigar esse domínio inteiramente na multiplicidade dos aspectos e departamentos que ele continuamente apresenta, visto que realmente coincide com os limites de seu próprio conhecimento consciente e subconsciente. Com esse único objetivo em vista, várias tarefas abrangentes deverão ser empreendidas. Aqueles símbolos dos *tattvas* que foram anteriormente os objetos de concentração e o exercício da imaginação podem ser utilizados como *sigillae* por meio dos quais sejam produzidas visões que revelarão a natureza invisível do símbolo. No *corpo de luz* uma porta poderia ser imaginada, na qual está inscrito um triângulo equilátero vermelho de *Tejas,* como um exemplo. Atravessando essa porta e observando o tipo de paisagem, os seres angélicos que falam ao teurgo e as conversações que se seguem devem dar a este uma boa idéia da significação e do sentido implícitos do símbolo. Ora, parece haver uma relação absoluta entre símbolos e

realidades visionárias no plano astral. A visão do *tattva* deve ter provado isso de forma inquestionável. Estão registrados inúmeros exemplos de um símbolo que é dado a um *skryer*, símbolo com o qual ele jamais esteve antes familiarizado e que nunca vira antes. O significado do símbolo só é conhecido do detentor do mesmo. O resultado da visão obtida ilumina e corrobora o conhecimento do detentor do símbolo. Este procedimento tem sido seguido repetidas vezes e igual número de vezes uma visão que concerne com precisão à natureza do símbolo tem sido obtida, sendo aconselhável que o procedimento seja utilizado relativamente aos outros símbolos e subelementos dos *tattvas.* Do mesmo modo devem ser investigados por esses meios os símbolos astrológicos dos planetas, os signos do zodíaco bem como as imagens do tarô. Isso deve descortinar um vasto campo de pesquisa para cada mago já que em primeiro lugar uma espécie totalmente nova de conhecimento pode assim ser adquirida. A natureza de um símbolo até então desconhecido para ele pode ser investigada e uma significação baseada na observação e experiência vinculada a ela. Inúmeros experimentos abrangentes devem ser concebidos com o propósito de familiarizar o mago com a natureza do plano.

Quando essas visões astrais não conferem nenhum conhecimento real, devem ser descartadas como meros exercícios técnicos mediante os quais se obtém competência. A habilidade tendo sido conquistada, e estas visões de experiência vital não sendo mais encontradas nem um novo conhecimento adquirido, desaparece o valor da prática. Sabe-se que algumas pessoas tolas que são capazes de viajar no astral nada mais fazem, nada conquistando e sem nenhum benefício. Para elas, uma visão astral não tem significação espiritual, e a intoxicação astral é a forma insidiosa de corrupção espiritual, que então se apodera delas, e elas vagam perdidas, degenerando em meros “vagabundos” astrais. Que o aprendiz registre isso no coração: o astral tem que ser empregado ou para obter conhecimento definido ou para servir de trampolim, um degrau na escada celestial rumo a planos ainda mais sutis; caso contrário, só haverá aí estagnação contínua, dominada pela intoxicação, emaranhada nos laços sedutores serpentinos que tentam o imprudente e o temerário. Trata-se de um mundo reflexivo onde se pode perder-se facilmente a menos que a aspiração seja pura e forte. Horas, dias e até anos podem ser gastos em visões fúteis que resultam em tão pouco proveito quanto permanecer horas a fio olhando-se num espelho. “Para aqueles aos quais em sua evolução espiritual surgem essas aparições eu diria: tente ser o senhor de sua visão, e busque e evoque a mais grandiosa das memórias terrenas, não aquelas coisas que apenas satisfazem a curiosidade, mas as que engrandecem e inspiram e nos proporcionam uma visão de nossa própria grandeza; e a mais nobre de todas as memórias da Terra é o augusto ritual dos antigos mistérios, nos quais o mortal, em meio a cenas de inimaginável grandeza, era despido de sua mortalidade e tornado membro da companhia dos deuses[28].”

É mister que se informe que existem métodos mediante os quais é possível que o teurgo teste a exatidão de sua visão e apure se não foi grosseiramente ludibriado por elementais ou pela natureza de sua própria mente geradora de fantasias. Graças a esses métodos evita-se, inclusive, a possibilidade de perder-se no labirinto de fantasmagoria astral. Supondo-se que o teurgo tenha obtido uma visão de Mercúrio, digamos através dos selos mercurianos de Cornélio Agrippa ou a *Clavícula de Salomão, o Rei,* ao retornar ao seu corpo, sua primeira tarefa deveria ser anotar a experiência num diário especial

[28] *The candle of vision,* de A. E.

mantido para essa finalidade. De passagem, deveria ser feito o pedido da vida do mago no sentido de conservar um diário cientificamente elaborado com o registro das visões e experimentos mágicos, já que isso conduz à ordem e ao equilíbrio que é a direção para a qual sua aspiração tende. Que se frise que essas visões devem ser registradas de uma maneira verdadeiramente científica porquanto este registro elimina muitas possibilidades de ambigüidade, considerando-se, ademais, que a memória nem sempre é infalível ou confiável após o transcurso de um certo período de tempo, o procedimento que poderá ser novamente acompanhado na verificação e averiguação da visão devendo ser registrado por escrito. Imediatamente após cada experiência e visão dever-se-á dar atenção ao diário.

Nas colunas do *Magus* de Barrett ou no *De occulta philosofia*, no qual se baseia muito do primeiro, no *Liber 777* de Crowley e no *Garden of Pomegranates* de minha autoria encontrar-se-á uma ampla gama de correspondências naturais e simbólicas a cada um dos trinta e dois *caminhos da Árvore da Vida.* Para a verificação de sua visão o mago deve recorrer a essas atribuições, visto que a experiência tem revelado, como afirmei anteriormente, uma conexão real entre os símbolos e as atribuições do alfabeto mágico e as realidades subjetivas. Se a visão de Mercúrio encerrar elementos irregulares, de cor ou número, que essas colunas atribuem, digamos, a Marte ou Saturno, o aprendiz poderá estar certo de que algo radicalmente errado ocorreu, medidas devendo ser tomadas imediatamente no sentido de repetir a visão inteira, assegurando-se de que nenhum erro ou confusão relativamente à visão ocorram novamente. À medida que a experiência se amplia, o mago retém em sua memória um amplo alfabeto de correspondências e à medida que se torna mais familiarizado com a natureza daquele plano passa a perceber instantaneamente se a visão procede corretamente, sua crescente intuição, inclusive, advertindo-o quando há alguma ameaça de perigo à coerência. Nunca é demais relembrar que uma das mais importantes tarefas que cabem ao mago é a verificação da visão por referência ao alfabeto mágico. Furtar-se a essa verificação científica e exame crítico da visão resulta em acabar mais cedo ou mais tarde chafurdando no lodo viscoso de intoxicação astral, com a perspectiva de avanço e progresso desaparecendo imperceptivelmente no ar.

É necessário, contudo, observar algumas precauções antes de projetar o corpo de luz. Deixar o corpo físico sozinho sem a inteligência orientadora e o controle do *eu interior* é equivalente em muitos casos a estender um convite aberto a qualquer entidade astral, maligna ou não, que esteja nas vizinhanças para dele tomar posse. Não há necessidade de alimentar qualquer apreensão quanto ao bem-estar do corpo já que *Nephesch*, a sede das forças vitais e o corpo de desígnio nele permanece a fim de prover o prosseguimento de suas funções e da vida física. Mas a obsessão tem que ser, a todo custo, evitada. A possessão da estrutura humana por um demônio de face canina subverte o objetivo e procedimento mágicos. Por conseguinte certos métodos foram concebidos para impedir a possibilidade de obsessão, deixando o corpo absolutamente seguro enquanto a alma voa rumo aos fogos sagrados. Algumas autoridades acreditam que circundar o corpo com um círculo imaginário de luz branca constitui um dos métodos de proteção mais eficientes, visto que sendo o branco a cor do *trono* do espírito mais elevado, nenhum espírito menor ousaria tentar desafiar sua guarda. Outros são a favor da projeção no interior de um círculo mágico adequadamente traçado, pintado em cores com todos os nomes divinos externamente e as figuras geométricas internamente. Nesse caso,

entretanto, o círculo tem que ser consagrado e cerimonialmente submetido ao banimento por um ritual apropriado, um procedimento um tanto incômodo e árduo para uma prática tão freqüente. Por esse motivo assevera-se que o *ritual de banimento do pentagrama* por si só é suficiente para assegurar a devida proteção, eliminando toda possibilidade de possessão demoníaca.

O retorno ao corpo após uma visão deve ser objeto de muito cuidado e a devida precaução deve ser tomada. Ao entrar na estrutura física deve-se deliberadamente respirar profundamente algumas vezes a fim de assegurar a estreita conjunção dos dois organismos, sugerindo-se, ademais, que se assuma fisicamente uma forma divina e se vibre um *nome*. Usualmente basta a forma de Harpócrates, ou seja, postar-se em pé, ereto, o braço esquerdo à frente do corpo, o dedo indicador pousado nos lábios em sinal de silêncio, acompanhando-se essa postura da pronunciação audível do nome do deus. Não conseguir assegurar a união das duas essências do corpo de pensamento e o corpo físico pode redundar em desastrosas conseqüências.

A consulta do *Livro dos mortos do Antigo Egito* será de proveito bastante considerável para o leitor, pois aí o *Tuat* e o *Amentet*, as subdivisões da luz astral, foram objeto de rigorosa observação e classificação precisa. Na segunda parte do capítulo CXXV, o deus Osíris é visto sentado numa extremidade do salão de Maat, acompanhado das deusas da lei e da verdade, juntamente com os quarenta e dois assessores que o auxiliam. Cada um desses quarenta e dois deuses representa algum entre os nomos do Egito e ostenta um nome mágico simbólico. Nessa concepção percebe-se o imenso talento dos sacerdotes-teurgos egípcios que criaram correspondências entre os planos da luz astral e os nomos ou divisões distritais do país do alto e baixo Nilo. Mediante o cuidadoso estudo deste e subseqüentes capítulos o teurgo juntará aos poucos muitas informações úteis acerca da luz astral e dos *Guardiões e Mantenedores dos Pilones* através dos quais ele terá que passar em sua auto-iniciação. Embora o *Livro dos Mortos* represente esses pilones como aqueles através dos quais o morto tem que passar a caminho do repouso no *Amentet*, são também aplicáveis aos *portais* pelos quais o *Skryer* na visão espiritual tem que entrar. Esses portais guardados com seus *vigias* semelhantes a deuses não devem ser consideradas ficções, pois como será descoberto no desenrolar das investigações, o mago se aproximará de alguns desses portais fechados e nenhuma quantidade de artifícios mágicos ou bajulação dos guardiões dos santuários e mansões selados lhe proporcionará o ingresso a estes. A recusa em entrar constitui um sinal certo de indignidade e indica acima de tudo toda a incapacidade de existir naquele condição rarefeita. Indica, adicionalmente, que o *corpo de luz* necessita ser purificado, tornado incandescente e resplandecente, iridescente e auto-reluzente, um organismo solar que emite a luz radiante do *espírito* interior. É somente assim que o mago pode atingir estados mais ígneos e exaltados e obter permissão dos anjos-guardiões de espadas flamejantes aos *pilones* sagrados e aos *portais* interiores. Os meios para efetuar essa purificação são as execuções freqüentes do *ritual do pentagrama*, formulando dessa forma mais clara e radiantemente o corpo de pensamento e a celebração diária de alguma forma da *eucaristia* que infunde no corpo de luz a substância purificadora da essência espiritual.

As visões que serão então obtidas serão de uma elevadíssima ordem. Pode ser que depois de algum tempo transcorrido o teurgo fique espantado por descobrir que seu papel de observador imparcial de uma visão cessou e que, de algum modo, a visão está

ocorrendo em torno de seu próprio ser, e que ele está mergulhado numa tremenda experiência espiritual que jamais será apagada da memória consciente por todos os seus dias na Terra. Iniciações no sentido real e não na implicação de uma cerimônia formal de sala de loja devem ser aí estimuladas, o teurgo participando como um candidato aos mistérios sagrados. Relativamente a essas iniciações, é ocioso dizer, o pedido não é feito sob nenhuma forma escrita. Elas simplesmente *ocorrem*. E quando ocorrem não há dúvida ou incerteza quanto ao que está ocorrendo. Como tipo de experiência realmente comovente que a espécie mais elevada de visão astral pode assumir, cito a seguinte:

"Havia um saguão mais vasto do que qualquer catedral, com pilares que pareciam ter sido construídos de opala viva e trêmula ou de algumas substâncias estelares que brilhavam com todas as cores, as cores do anoitecer e da aurora. Um ar dourado incandescia nesse local e no alto entre os pilares existiam tronos que desvaneciam gradualmente, rubor a rubor, na extremidade do vasto saguão. Neles se sentavam os *reis divinos.* Eram encimados pelo fogo. Eu vi a cimeira do dragão sobre um deles e havia um outro emplumado de fogos brilhantes que se arrojavam como plumas de chama. Mantinham-se sentados brilhando como estrelas, mudos como estátuas, mais colossais do que imagens egípcias de seus deuses, e no extremo do saguão existia um trono mais elevado onde se sentava alguém maior do que os demais. Uma luz semelhante ao sol fulgurava com incandescência atrás dele. Abaixo, sobre o chão do saguão, jazia uma figura escura como se estivesse em transe, e dois dos *reis divinos* executavam movimentos com as mãos ao redor da figura, sobre sua cabeça e corpo. Percebi no ponto em que suas mãos oscilavam como chispas de fogo semelhantes aos lampejos de jóias irrompiam. Daquele corpo escuro emergiu uma figura tão alta, tão gloriosa, tão brilhante quanto aquelas sentadas nos tronos. À medida que despertou para o saguão tornou-se ciente de sua parentela divina, erguendo as mãos numa saudação. Retornara de sua peregrinação através das trevas, mas era agora um iniciado, um mestre do grêmio celestial. Enquanto ele as observava, as altas figuras douradas levantaram-se de seus tronos também, com as mãos erguidas em saudação, e passaram por mim, e desvaneceram rapidamente na grande glória atrás do trono[29]."

Ademais, a Árvore da Vida da Cabala deve constituir-se como objeto de muita pesquisa e experimentação nesse plano. O *skryer* deve praticar a ascensão de uma *Sephira* para a outra, analisando a natureza da esfera cuidadosamente, subindo por todos os ramos dessa Árvore que brota dos céus resplandecentes acima descendo em glória para a terra multicolorida abaixo. Todos os *caminhos* que irradiam das dez *Sephiroth* e que as unem devem ser cuidadosamente explorados e registrados no diário científico. É desse modo que o autoconhecimento é conquistado porquanto a Árvore é um mapa simbólico não só da constituição interior do próprio homem como também da estrutura e forças de todo o universo em cada uma de suas fases numerosas.

"O universo...", escreveu Crowley, "...é uma projeção de nós mesmos, uma imagem tão irreal quanto aquela de nossos rostos num espelho, e no entanto, como este rosto, a necessária forma de expressão dele, não para ser alterada exceto à medida que alteramos a nós mesmos... Sob essa *luz*, portanto, tudo que fazemos é descobrir a nós mesmos por meio de uma seqüência de hieróglifos e as mudanças que aparentemente operamos são num sentido objetivo ilusões... Capacitam-nos a nos ver e,

[29] *The candle of vision,* A. E.

conseqüentemente, a nos ajudar a iniciarmos a nós mesmos mostrando-nos o que estamos fazendo."

Estudando esse mapa simbólico no astral mediante os recursos do corpo de luz, o mago acabará familiarizado com todos os aspectos de sua própria consciência e do próprio universo. As visões que ele percebe, evocadas pelo uso dos *sigilli*, são outras tantas revelações de sua própria consciência em suas diferentes partes com as quais ele nunca esteve antes familiarizado. Para descerrar as várias camadas da mente e da alma, juntamente com seus conteúdos de forma dinâmica, a luz astral e sua investigação no corpo solar ígneo constitui o meio *par excellence*, que supera qualquer outro. Assim é o autoconhecimento granjeado. Assim é também a autoconsciência, no verdadeiro sentido, atingida servindo como um prelúdio às harmonias sinfônicas da união celestial.

Os resultados dessa prática são muitos tangíveis e salutares. Pôr de lado a possibilidade da projeção consciente do *corpo de luz* e descartar como destituídos de importância as experiências vitais e o autoconhecimento obtidos no *astral divino* mediante a reprovação superficial de que "é tudo imaginação" é absurdo, para dizer o mínimo. Somente a experimentação, e nada mais, demonstrará se a aventura no empíreo é uma realidade suprema ou uma fantasia, mesmo admitindo-se que os passos preliminares tenham sido dados pelos canais da imaginação. *Prometeu liberto* foi primeiramente concebido na fértil imaginação criativa de Shelley, mas quem seria suficientemente tolo a ponto de rejeitar a beleza intrínseca desse poema ou negar sua realidade imorredoura devido à sua origem imaterial? Aplica-se aqui uma forma de consideração bastante similar. Por meio da imaginação, o mago cria um sutil instrumento de pensamento com o qual pode medir, investigar e explorar um plano de consciência do universo já existente mas até aqui desconhecido. Em todo caso, em pouco tempo poderá ocorrer ao mago, por mais cético que ele possa e deva ser, que as entidades angélicas que encontra no desenrolar de suas visões, suas conversações e o tratamento que delas recebe dificilmente são produtos de sua imaginação. Nem se perceberá que se trata de criações subjetivas, especialmente quando, talvez para sua consternação inicialmente, as coisas "comecem a zumbir".

Mas desejo agora tratar de um dos mais importantes resultados que se desenvolve a partir desse importante ramo da teurgia. Antes da consecução do sucesso na projeção do *corpo de luz*, a consciência humana era inseparável do corpo físico. Os apetites e desejos desse veículo tinham se identificado com o próprio *Ruach*. De posse da capacidade de transferir a consciência para o corpo de luz criado na imaginação se infere uma significativa conclusão filosófica. A alma é absolutamente distinta do ser do corpo, e através dos métodos corretos pode ser separada dele e tornada independente. A princípio, não se deve tirar a conclusão precipitada de que a alma é imperecível e imortal, pois isso não foi ainda verificado pela experiência. É ainda *Ruach*, entretanto, o falso *ego*, que se mantém na transferência. Não há mudança alguma no ser individual ou na natureza da própria consciência pois a projeção do corpo de pensamento não é análoga à experiência mística que aniquila a dualidade e traz êxtase e iluminação. O teurgo permanece a mesma pessoa que era antes, e a dualidade ainda habita sua consciência. Contudo, consumou-se uma imensa mudança de perspectiva ou ponto de vista. Enquanto está no corpo de luz, quando a transferência de consciência foi efetuada com êxito, ele pode ver deitado diante de si, embora adormecido, o corpo físico que há apenas um momento ou pouco mais ele deixou vago, de modo que *sabe*, por um ato de observação ordinária, que ele *não é* seu

corpo, visto que aquele corpo físico ele pode deixar à vontade. Ele é uma entidade espiritual, assoma a compreensão, a qual pode funcionar independentemente de seu organismo corpóreo. O que agora se torna imperativo é o aniquilamento da dualidade. O objetivo imediato é a transcendência de *Ruach*, abrir escancaradamente suas portas, de maneira que o *verdadeiro ego espiritual* possa ser descoberto. Mediante essa descoberta, quando a iluminação e o êxtase invadem a esfera da mente, ocorre também a grande compreensão de que a própria alma é imortal; que a mente, a emoção e o corpo não passam de veículos dessa *alma*, instrumentos a serem empregados a serviço de seu próprio alto propósito. E o meio para a descoberta e a busca da *senda mágica.* Invocações, formas semelhantes aos deuses assumidas enquanto no corpo sutil e a ascensão aos planos são estradas para a comunhão com o deus interior.

Que essas práticas prossigam por mais algum tempo e o esforço persista para incluir a purificação do envoltório mental, este se desenvolvendo sempre de forma gradual para uma organização espiritualizada. O velho princípio de inércia, indolência e negrume, chamado pelos hindus de *Tamas*, torna-se rompido e é ejetado da esfera mágica. Os ocos do cérebro, outrora pesados, impenetráveis e escuros, tornam-se leves e estranhamente luminosos. E ocorre um curioso fenômeno que traz júbilo ao coração do mago uma vez sua significação tenha sido compreendida. Enquanto nos velhos tempos a noite era passada no profundo esquecimento do sono, ou no máximo na fantástica aventura do sonho, agora a consciência é retida mesmo durante o sono. Não há nenhum longo hiato de esquecimento; tudo é uma contínua corrente de fluxo livre de percepção enquanto o corpo dorme, não fragmentado durante o dia ou a noite por lapsos inconscientes. Não há como superestimar a importância dessa realização. Uma nova qualidade de pureza no sentido hindu do *Sattva* gradualmente se manifesta; uma qualidade de ritmo, continuidade e bem-aventurança. Com esta infiltração da qualidade do *Sattva* e a ejeção dos elementos *tamásicos* da esfera da personalidade, a claridade e a luminosidade crescem no cérebro, e a consciência não de *Ruach* mas da *alma* superior persiste a cada hora. E assim a vida é conquistada, pois a alma está acima de sua vil compreensão. A morte, o horror cinzento e pavor da humanidade, e derradeiro desespero dos filósofos, é transcendida. Somente o corpo morre. A mente e as emoções também morrem. Mas permanece sempre inalterado e impassível o *anjo divino da luz sagrada*, purificado pela prova, triunfante acima das mutações da vida e da morte – calmo, sereno e imperturbável no conhecimento de sua própria imortalidade.

Portanto, é impossível louvar no justo merecimento os resultados do *skrying* na visão espiritual, pois essa prática pode conduzir o mago às alturas mais sublimes da Árvore da Vida, onde o ar é puro e o ponto de vista claro e imaculado. Existe, naturalmente, o perigo inicial de ou perder-se nas rotas secundárias não-mapeadas daquele plano ou ficar enlaçado no abraço sedutor das formas reluzentes e visões astrais fugazes das profundezas. Entretanto, tudo isso é elementar. Se a aspiração for mantida sem mancha e pura e se os princípios céticos da Cabala forem aplicados, haverá pouco perigo de tal coisa acontecer. E então poderá o mago tranqüilamente alçar seu caminho além de sua personalidade, além dos fantasmas resplandecentes do astral, passando pelas visões esplêndidas e pérfidas dotadas de engodo e fascínio, até o coração interior do *homem celestial*, onde o *Senhor* de tudo está entronado.

– - –

Antes do início de uma visão, ou qualquer operação mágica, é aconselhável que o aprendiz realize um completo banimento, que é tanto purificador quanto protetor. O melhor e mais rápido método de banimento é através do *Ritual de Banimento do Pentagrama.* O pentagrama expressa, de acordo com Lévi, "o domínio da mente sobre os elementos e é por meio deste signo que nós os prendemos... É o símbolo da *Palavra* feita carne e, conforme a direção de seus raios, representa o bem ou o mal, a ordem ou a desordem... Um signo que resume na significação todas as formas ocultas da natureza e que sempre tem manifestado aos espíritos elementares e outros um poder superior ao que lhes é próprio, que naturalmente os atinge com medo e respeito, forçando-os à obediência mediante o império do conhecimento e da vontade sobre a ignorância e a fraqueza." A fim de compreender o significado da forma geométrica do pentagrama e entender porque nele está encerrado o poder de banir todas as forças inferiores a partir de uma dada esfera e porque ele é a "Palavra feita carne", faz-se necessária uma breve recapitulação dos aspectos da Cabala. Um dos nomes divinos pelos quais os judeus concebiam a força criadora universal era *YHVH*, o qual denominado *Tetragrammaton* acabou por ser considerado como o equivalente dos quatro elementos do *cosmos.* Foi também concebido para representar o homem não-iluminado comum no qual a luz do espírito não fizera ainda sua aparição; o não-regenerado ser de terra, ar, fogo e água, entregue às coisas do eu não-redimido. Por meio de magia considerava-se que nesses quatro elementos sobre os quais a carne é baseada o *Espírito Santo* descia em meio a fogo, glória e chamas. Em hebraico o elemento *Espírito* é tipificado pela letra *Shin* com seus três forcados dardejantes de fogo espiritual unidos sob a forma de um princípio. Rompendo em pedaços o ser carnal e carregando consigo os germes de iluminação, inspiração e revelação, o *Espírito Santo* forma por sua presença no coração uma nova espécie de ser, o *Adepto* ou *Mestre* ***YHShVH***. Essa palavra em hebraico é o nome de Jesus, o símbolo do *homem-deus*, uma nova espécie-tipo de ser espiritual, do qual não há nada maior em todos os céus e planos da natureza. Devido a esse fato e às idéias sintetizadas no signo do pentagrama, o símbolo dos quatro elementos encimado pela flama coroadora e conquistadora do Espírito Santo, ele detém sua incomparável eficiência e poder de subjugar toda oposição astral e expulsar substância grosseira do ser do mago.

O resultado dependerá inteiramente da direção para e de qualquer das cinco pontas na qual essa figura seja traçada pelo mago. Procedendo da ponta mais alta e descendo numa linha reta à ponta direita inferior, os poderes do fogo são invocados. Por outro lado, se o mago traçar com seu bastão a figura do canto esquerdo para o alto ele banirá os elementais da terra. Pode-se observar, ademais, que é este último tipo de pentagrama que é usado no *ritual do pentagrama*, geralmente suficiente para banir seres de quaisquer classes. E a espada para representar a faculdade crítica afastadora de *Ruach* é geralmente instrumento empregado nesse sentido. O chamado *Ritual do Pentagrama* assumiu o significado de ser puramente um ritual de banimento, embora na realidade seja uma estrutura composta. Antes de abordá-lo eu o cito:

1. Tocando a testa, diga *Atoh* (para ti).
2. Tocando o peito, diga *Malkuth* (o Reino).
3. Tocando o ombro direito, diga *ve-Geburah* (e o Poder).

4. Tocando o ombro esquerdo, diga *ve-Gedulah* (e a Glória).
5. Apertando as mãos sobre o peito, diga *Le-Olahm, Amen* (para sempre, Amém).
6. Voltando-se para o leste, faça um pentagrama da terra com o bastão ou a espada, e diga (vibre) *YHVH.*
7. Voltando-se para o sul, o mesmo, mas diga *ADNI.*
8. Voltando-se para o oeste, o mesmo, mas diga *AHIH.*
9. Voltando-se para o norte, o mesmo, mas diga *AGLA.*
10. Estendendo os braços na forma de uma cruz, diga:
11. Diante de mim, Rafael.
12. Atrás de mim, Gabriel.
13. À minha direita, Miguel.
14. À minha esquerda, Auriel.
15. Pois em torno de mim flameja o pentagrama.
16. E na coluna se posta a estrela de seis raios.
17. Repita de 1 a 5, e a cruz cabalística.

Nesse sentido pode revelar-se interessante ao leitor o fato de Aleister Crowley ter observado que aqueles "que encaram esse ritual como um mero instrumento para invocação ou banimento de espíritos são indignos de tê-lo. Compreendido corretamente é a *medicina dos metais* e a *pedra dos sábios*". Em sua execução há, como observei, um movimento complexo. O ritual primeiramente invoca e, tendo banido pelo pentagrama todos os elementos dos quatro pontos cardeais com a ajuda dos quatro nomes de Deus, ele então evoca os *quatro arcanjos* como guardiões divinos para protegerem a esfera da operação mágica. No encerramento, mais uma vez invoca o *eu superior*, de maneira que do começo ao fim a cerimônia inteira ocorre sob a vigilância do *espírito.* A primeira parte, que vai do ponto 1 ao ponto 5, identifica o *Santo Anjo Guardião* do mago com os aspectos mais elevados do universo sefirótico; na verdade, afirma a identidade da alma com *Adão Kadmon.* Na segunda parte, do ponto 6 ao 9, o mago traça um círculo de proteção ao mesmo tempo que sua imaginação está formulando um *círculo de fogo* astral dentro do qual ele possa proceder ao seu trabalho. Ao norte, sul, leste e oeste desse *círculo* pentagramas de banimento do elemento terra são traçados com o bastão ou a espada. À medida que esses pentagramas são formados em meio ao ar com a arma elementar, todo esforço deve ser feito no sentido de transmitir vitalidade e realidade a eles. A realização cega e insensível desse ritual, tal como se revela verdadeiro em relação a todo aspecto da teurgia, é absolutamente inútil além de ser uma perda tanto de tempo quanto de energia. A imaginação, simultaneamente, deve ser estimulada para criar esses pentagramas em torno do mago no plano astral em figuras incandescentes, de sorte que através das linhas num jorro de luz e poder, representantes do ser espiritual nenhuma entidade menor de qualquer espécie ousa abrir caminho. É necessário que o mago se certifique de não abaixar a arma elementar depois de formular um pentagrama em meio ao ar. O *círculo* tem que ser completo, prosseguindo numa linha ininterrupta de pentagrama a pentagrama. A estrela fulgurante de cinco pontas é como a espada flamejante que privou Adão do *éden.* Os quatro arcanjos, os regentes espirituais dos quatro elementos, são então invocados para dar legitimidade ao trabalho, e poder e proteção espirituais tanto aos pentagramas circundantes quanto ao *círculo* onde o mago

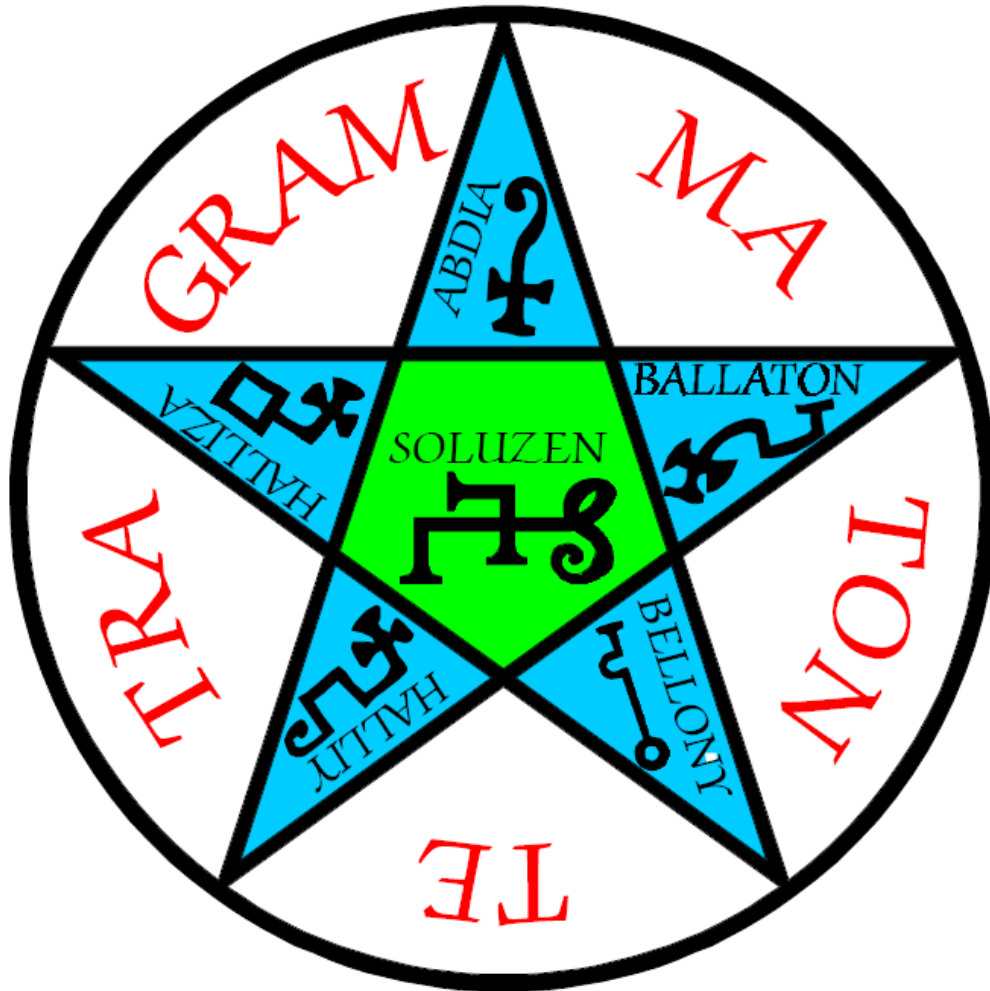
se encontra encerrado. A última frase do ritual declara os pentagramas inflamados em torno dele e invoca novamente o *Santo Anjo Guardião* para que a operação seja selada com o selo da luz divina.

Um dos resultados de grande significação e importância desse ritual, se corretamente realizado na maneira indicada, é a limpeza de toda a esfera da personalidade. Bastará um pouco de prática para demonstrar ao jovem teurgo se está conseguindo atingir o efeito necessário. É extremamente difícil, lamento dizê-lo, descrever o resultado do banimento, como seguramente é o caso da maioria das matérias concernentes ao domínio subjetivo da sensação e percepção. Deve haver um claro senso, inequívoco em sua manifestação de limpeza, mesmo de santidade e sacralidade, como se todo o ser fora suave e integralmente purificado, e todo elemento impuro e sujo disperso e aniquilado. Tal como um mergulho num rio de águas frescas num dia quente de verão nos deixa abençoados com uma sensação de frescor e purificação, assim deve ser esse ritual.

A base racional de sua ação depende da purificação dos constituintes da natureza do mago. Cada molécula, cada célula – astral, mental e física – é envolvida, visto que a base de cada princípio se funda em centros de energia e força espiritual. Esses pontos microscópicos ou mônadas são os minúsculos pontos sensíveis de consciência espiritual, e na realidade de sua existência e função estão baseados não só o sentido mais profundo de individualidade como também o fundamento da própria matéria, e seus acompanhamentos de energia e vida física. Essas mônadas estão na raiz da célula seja de um mineral, seja da matéria cerebral bem como da vida vegetal. O resultado da formulação do *círculo do fogo* e dos *pentagramas flamejantes*, da vibração dos nomes divinos e da invocação tanto dos anjos dos pontos cardeais quanto do Santo Anjo Guardião é que gradualmente as células mais grosseiras ou átomos monádicos são ejetados da esfera da consciência. Para substituí-las, outras vidas, mais sensíveis e refinadas, de uma qualidade mais sutil de substância espiritual, são atraídas à esfera do ser e infundidas na própria substância da constituição física e invisível. Assim uma purificação vital ocorre, permitindo que a influência do Santo Anjo Guardião penetre o cérebro e mente refinados para difundir através da personalidade sua presença e graça, um importante passo inicial para o progresso mágico.

A história desse ritual em particular é um tanto obscura. Não constatei nenhum outro espécimen a ele semelhante que se vincule à Antigüidade, embora obviamente lguma forma similar de banimento tenha sido necessariamente utilizada. Podem-se encontrar em Lévi as primeiras referências ao ritual em pauta. No *Dogma e Ritual de Alta Magia* encontramos a seguinte afirmação:

“O sinal da cruz adotado pelos cristãos não lhes pertence com exclusividade. É também cabalístico e representa as oposições e o equilíbrio tetrádico dos elementos. Havia originalmente dois métodos de fazê-lo, um reservado aos sacerdotes e iniciados, o outro separado para os neófitos e profanos. Assim, por exemplo, o iniciado, erguendo a mão até a testa, dizia ‘Teu é...’, em seguida levava a mão ao peito, ‘...o reino’, depois a transferia para o ombro esquerdo, ‘Justiça’, e finalmente ao ombro direito, ‘e misericórdia’; então juntando suas mãos, ele acrescentava ‘através das gerações’. *Tibi sunt Malkuth et Geburah et Chesed per aeonas* – um sinal da cruz absoluta e esplendidamente cabalístico e que as profanações da *Gnosis* perderam inteiramente para a igreja oficial e militante. O sinal feito dessa maneira deve preceder e encerrar a

conjuração dos *quatro*." Percebe-se por certo que esse método é apenas uma parte do ritual que reproduzi anteriormente. É indubitavelmente ao *ritual do pentagrama* que Lévi alude. Na agora extinta *Ordem da Aurora Dourada*, sob a liderança do falecido S. L. McGregor Mathers, esse ritual era usado extensivamente e, depois de sua morte e da destruição de partes de sua Ordem, dele se apropriou Aleister Crowley, que o perpetuou no seu periódico *The Equinox*. Antes dessa reimpressão não fui capaz de localizar qualquer referência de autoridade a qualquer coisa que seja minimamente semelhante a esse ritual.

Sigillum do Pentagrama

Existe evidência, contudo, que mostra que alguma forma de proteção ou um banimento preliminar eram reconhecidos pelos magos medievais dos quais, a julgar pelo conteúdo, Francis Barrett recebeu seus métodos. O débito dele não é menor com Cornélio Agrippa e Pietro de Abano. Em *O Mago* de Barrett há a afirmação segundo a qual antes de começar as invocações deveria haver alguma "oração ou salmo, ou evangelho para nossa defesa em primeiro lugar", e numa página adiante Barrett fornece uma forma de consagração do *círculo* na qual a idéia da defesa é distintamente formulada. Além disso, há o método do emprego do pentagrama mencionado nas instruções mágicas da *Goécia*, da *Clavícula de Salomão,* desenvolvidas pormenorizadamente pelo mago francês. A figura mágica é traçada como um *sigillum* com suas palavras e símbolos apropriados sobre metal ou pergaminho virgem para uso durante a cerimônia. Caso haja ameaça de perigo para o exorcista, ou ele se ache incapaz de enquadrar a inteligência evocada em sua *vontade*, o pentagrama deverá ser seguro alto na mão e levado em circumpercurso aos *quatro quadrantes* onde uma curta alocução ao *Senhor do Universo* é recitada. O resultado realmente é idêntico ao traçado e formulação da figura no ar com o verendo da arte.

Há, ademais, uma variação que poderia ser mencionada, embora seja uma forma que deveria figurar em todo trabalho cerimonial. É chamada de *Licença para partir,* e ocorre nesses cerimoniais nos quais uma inteligência foi conjurada à aparição visível no *triângulo da arte.* Quando o operador não deseja mais que o espírito permaneça no triângulo, a licença é recitada permitindo que o espírito desmaterialize e parta do cenário da operação. "Ó tu *espírito* N, porque respondeste diligentemente às minhas exigências e estiveste muito disposto e desejoso de atender a minha chamada, eu aqui te dou licença para partir para teu lugar adequado, sem causar mal ou perigo a homens ou animais. Parte, pois, eu digo e esteja tu pronto para atender ao meu chamado, estando devidamente exorcizado e conjurado pelos ritos sagrados da magia. Eu te ordeno a se afastar pacífica e sossegadamente e que a paz de Deus continue sempre entre tu e eu. Amém!" Barrett apresenta uma ligeira variação da licença acima da *Goécia*: "Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, ide em paz para os vossos lugares; que haja paz entre nós e vós; estejai vós pronto para quando chamado." Ele acresce posteriormente que quando o espírito partiu, o mago não deve sair do *círculo* durante alguns minutos, mas que uma breve oração deve ser feita dando graças pelo sucesso da operação e "orando pela futura defesa e conservação, o que sendo ordenadamente realizado vós podereis partir". Numa nota de rodapé, fazendo uma advertência adicional, Barrett acrescenta que aqueles que omitem a licença do espírito se acham em seriíssimo perigo, pois soube-se de casos nos quais o operador experimentou morte súbita. Não se pode dizer que esses vários métodos pareçam tão científicos ou tão confiáveis quanto o *Ritual do Banimento do Pentagrama* descrito páginas atrás. O ritual como aqui é dado é um dos mais singulares existentes e não deve jamais, sob circunstância alguma, ser omitido em qualquer operação mágica, seja esta magia cerimonial formal, a celebração da *missa do Espírito Santo*, ou *skrying* na visão espiritual. A esfera da personalidade é mantida pura e limpa, impedindo que qualquer entidade estranha irrompa no interior do raio de percepção, destruindo assim a continuidade e coerência daquele trabalho particular.

Dois outros métodos de banimento restam para serem descritos. Quando numa cerimônia se faz necessária a realização de um banimento mais completo que o

proporcionado pelo *ritual do pentagrama*, costuma-se empregar uma técnica que se assemelha um pouco a um exorcismo oficial. Algumas gotas de água são borrifadas em torno do *círculo*, uma vela ardente representando o elemento fogo é deliberadamente apagada, um leque é agitado no ar e alguns grãos de sal são jogados à beira do *círculo.* Ao mesmo tempo, devem ser pronunciadas as palavras mágicas *"Exarp, Bitom, Hcoma e Nanta"*, cada uma das quais controla o espírito do ar, fogo, água e terra. Deve-se também recitar um conjuro para a partida dos elementais governados por esses nomes e, é claro, é melhor que seja precedido pelo *ritual do pentagrama.* Vários dos versículos dos *Oráculos Caldeus* podem ser empregados com grande proveito com cada uma das ações cerimoniais mencionadas.

O outro método é um que era utilizado pelos sacerdotes egípcios, estando contido num dos capítulos do *Harris Magical Papyrus.* Trata-se de um ritual de banimento a ser executado nos quatro pontos cardeais, formulando na imaginação um *guardião* sob a forma de um *cão*, o qual se supunha ser terrivelmente destrutivo contra qualquer força agressora. Não tentarei descrevê-lo, preferindo transcrevê-lo textualmente do *Harris Magical Papyrus*:

"Surge, *cão do mal*, para que eu possa instruir-te em tuas presentes obrigações. Estás aprisionado. Confessa que assim é. É Hórus que produziu este mandamento. Que teu rosto seja terrível como o céu partido pela tempestade. Que tuas mandíbulas se cerrem impiedosamente... Faz teus pelos eriçarem como varetas de fogo. Sê tu grande como Hórus e terrível como Set; igualmente para o sul, para o norte, para o oeste e para o leste... Nada te obstará enquanto colocares tua face em minha defesa... enquanto tu colocares tua face a serviço da proteção de minhas sendas, opondo-te ao inimigo. Eu te concedo o poder do banimento, de se tornar completamente silente e invisível, pois tu és meu guardião, corajoso e terrível."

Essa forma de banimento, em qualquer caso, deve ser acompanhada pelo *ritual do pentagrama.* É usada principalmente em difíceis operações de evocação, nas quais pode haver algum perigo representando por uma entidade particularmente maligna atraída ao templo e que invade um *círculo* ordinariamente consagrado, em detrimento do mago. Tem sido também usada na invocação de Hórus, ou das inteligências do planeta Marte, quando se deseja particularmente que a esfera astral esteja completamente limpa e pura. Ocioso enfatizar, estou certo, que se esse método for empregado, a formulação na imaginação do cão-guardião deverá ser tão precisa quanto aquela dada para o pentagrama, e o teurgo deverá atribuir importância, no que diz respeito à figura no olho de sua mente, aos dados fornecidos no próprio conjuro.

CAPÍTULO XI

Um dos mais potentes auxiliares da invocação e um elemento essencial ao sucesso de toda operação mágica é o assumir astral da forma ou máscara pela qual um deus passou a ser conhecido convencionalmente e é retratado pictoricamente. O sr. François J. Chabas no seu livro, agora esgotado, *Le Papyrus Magique Harris*, apresenta uma informação muito significativa que dificilmente pode ser encontrada alhures sob forma definida, a saber, que a mais poderosa fórmula mágica conhecida dos sacerdotes das castas do antigo Egito era a identificação do executante do ritual em imaginação com a divindade que ele estava invocando. Jâmblico afirma que "o sacerdote que invoca é um homem, mas quando ele comanda o poder é porque através de símbolos arcanos ele, num certo aspecto, é investido das formas sagradas dos deuses". Se a frase "num certo aspecto" indica a fórmula na iminência de ser considerada é um problema que pode ser deixado em aberto, embora possa bem ser o *assumir da forma divina* ao que ele esteja se referindo. Esparso aqui e ali ao longo do *Livro dos Mortos* em alguns dos rituais e hinos aos deuses apura-se que o escriba do livro se identifica com eles. Há numerosos exemplos de versículos em separado que confirmam essa crença. "Eu me uni aos *macacos* divinos que cantam na aurora e eu sou um *ser* divino entre eles." No capítulo 100 o versículo "Fiz de mim um contraparte da deusa Ísis e o poder dela (*khu*) tornou-se forte" pareceria definitivamente apoiar essa tese, que ganha confirmação adicional a partir de outras fontes, segundo as quais o assumir da forma divina constitui um dos mais importantes fatores a serem observados na magia egípcia.

Recordando tudo que foi postulado relativamente à natureza plástica e magnética da *luz astral*, tanto em seu aspecto inferior quanto superior, e a potencialidade criativa da *imaginação* treinada, bem como a observação feita por Lévi referindo-se ao corpo astral de que "ele pode assumir todas as formas evocadas pelo pensamento", o aprendiz deverá dedicar-se ao estudo das formas convencionais como os deuses são retratados. Eu me estendi um pouco num capítulo anterior na descrição sumária das formas e algumas características filosóficas dos deuses mais importantes ligados à Árvore da Vida a fim de simplificar as exigências do leitor em geral. A experiência tem demonstrado aos teurgos ocidentais que as representações pictóricas dos deuses egípcios são perfeitas para o objetivo dessa prática em particular – mais do que as da Índia – e encerram em si mesmas um sistema de simbolismo sumamente maravilhoso e recôndito. As formas desses poderes universais e essências inteligentes cósmicas, que as castas sacerdotais do Egito chamavam de deuses, permaneciam cada uma completa por trás de uma máscara humana ou animal, todo atributo sendo simbolizado por algum emblema ou ornamento artístico. A divindade de um deus era simbolizada pelo tipo e os emblemas, a cobertura de cabeça como a serpente *Uraeus* ou o *disco do sol nascente*, ou as plumas duplas da *Verdade*, divina e mundana. Havia a representação de poderes pelo bastão da íbis, o cetro ou a *Ankh* segura na mão do deus. E ainda outros símbolos portados pelo deus eram sugestivos de sua capacidade de proporcionar ressurreição ou renascimento, autoridade e poder, êxtase ou estabilidade, ou representativos de algum modo de função particular na economia cósmica. A forma convencional do deus resume assim de uma maneira

espantosa um vasto agregado de idéias, lendas e mitos, sintetizando ao mesmo tempo forças especiais da natureza ou, talvez, poderes inconscientes na constituição espiritual do homem.

À guisa de exemplo do procedimento a ser seguido para a aplicação dessa hipótese, suponhamos de momento que a tarefa que temos é a invocação e a identificação da consciência humana com a divindade, ou aspecto da vida cósmica, conhecida como Ra – a divindade que habita o sol. Inicialmente, o mago se ocupará da incumbência de descobrir tudo o que for possível sobre a natureza do deus. As lendas que se desenvolveram em torno do caráter do deus devem ser minuciosamente analisadas porquanto é notório que nas lendas e mitos fantásticos de outrora muito conhecimento espiritual e sabedoria estão encerrados. Além disso, a lenda vinculada a um deus específico indicará aspectos da natureza e o temperamento ideal da divindade, sugerindo também vários poderes na personalidade divina sobre os quais o aprendiz jamais suspeitara antes.

O perigo da magia, ao menos um dos mais sérios, é uma ocupação imprudente de uma certa parte da técnica teúrgica, uma compreensão real dos processos executados e dos princípios filosóficos da prática. Que o aprendiz, portanto, atinja uma compreensão mais ou menos completa, na medida do possível, do que ele está desejoso de se tornar, de qual força ou poder espiritual ele deseja invocar; e então, estando certo e mentalmente bem informado, que prossiga. Um tal trabalho informativo como *The Gods of the Egyptians*, de *Sir* E. A. Wallis Budge, antigo zelador das Antigüidades egípcias do Museu Britânico, será marcantemente útil. A partir das lâminas em autotipia aí existentes e das lâminas coloridas no livro mencionado ele deverá familiarizar-se com a configuração e a forma do deus, as posturas nas quais o deus é comumente retratado, os gestos costumeiramente empregados e as cores utilizadas na tradução artística. Esta leitura pode também ser suplementada por uma visita às galerias egípcias do Museu Britânico ou qualquer outro. O leitor será, posso garantir, bem recompensado.

Com todos esses fatos na memória, o aprendiz procederá à fase mais difícil do trabalho, a qual consiste da aplicação da imaginação e da vontade, treinadas por suas prévias práticas. Em seu trabalho – não necessariamente cerimonial – ele deverá se empenhar em construir diante do olho de sua mente uma perfeita imagem ou máscara do deus. A forma tem que se projetar ousada e claramente na visão da imaginação, gigantesca, resplendente e irradiando a luz do sol espiritual, do qual Ra é o símbolo esotérico convencional. Ele perceberá que o deus porta um bastão com cabeça de íbis na mão esquerda, sendo a íbis o símbolo da sabedoria e da vontade divina; na sua mão direita é sustentado o *Ankh*, símbolo de luz e vida as quais o sol, por dias e anos, através de séculos incontáveis, concede livremente a toda a espécie humana e a todas as suas criaturas na Terra. Sobre sua cabeça, fazendo as vezes de uma coroa, está um halo, uma auréola dourada de inimitável esplendor, confrontada por uma serpente *Uraeus* insuspensa, o símbolo do fogo espiritual interior. Retratada como um falcão cuja cabeça é cor de laranja, a nêmise do deus desce do azul escuro da coroa, quase preto, no matiz a cor do símbolo *Tattva* do *espírito*; e a pele do deus é flamejante como o fogo do sol do meio-dia. Esses detalhes devem então ser aplicados ao simulacro retido firmemente na mente até que sejam vistos diante da alma viva como uma imagem dinâmica de Ra, uma imagem na qual não resida qualquer traço de imperfeição. É uma tremenda tarefa de imaginação criadora, e árdua. Mas dia após dia tem que ser continuada com ardor e

devoção até a tarefa sagrada ser consumada e, completo e fulgurante o deus se mostra, um deus em verdade para seu devoto. Com essa imagem mantida firmemente na luz astral, o teurgo deve se empenhar para envolver sua própria forma com o abrigo do deus e em seguida unir-se à *forma* que o encobre. Segundo afirmação de Lévi já citada anteriormente, o corpo astral assumirá a forma de qualquer pensamento poderoso que a mente evocar. Essa efígie astral do deus, anteriormente apenas uma imagem externa ao corpo do teurgo, deve agora ser organizada como uma figura divina em torno de sua própria forma astral até que coincidam seu próprio corpo de luz sendo alterado e transmutado no *corpo do deus.* Somente quando o teurgo realmente sentir o formidável influxo de poder espiritual, a aquisição da força e energia solares e iluminação espiritual, somente quando ele souber na intuição do transe deífico que a identificação foi concretizada, estará a tarefa de criação completa. “As imagens dos deuses”, escreve Jâmblico, o divino teurgo, “são repletas de luz fúlgida...” e “o fogo dos deuses, realmente, fulgura com uma luz indivisível e inefável, preenchendo todas as profundezas do mundo” de uma maneira celestial empireana. Relativamente ao teurgo ou rei-sacerdote do Egito que executara essa excelente combinação das essências com a glória do deus do sol, há uma descrição sob a forma de uma alocução citada por G. Maspero, o egiptólogo, mostrando o poder do espírito que se consagrou pelo voto como resultado da identificação. A alocução é a seguinte: “Tu te assemelhas a Ra em tudo o que fazes. Portanto os desejos de teu coração são sempre satisfeitos. Se desejares uma coisa durante a noite, na aurora ela já estará disponível. Se disseres ‘Subam às montanhas’ as águas celestiais fluirão pela tua palavra. Pois tu és Ra encarnado, e Kephra criado na carne. Tu és a imagem viva de teu pai Temu, Senhor da cidade do sol. O deus que comanda está em tua boca e um deus senta-se sobre teus lábios. Tuas palavras são cumpridas todas os dias e o desejo de teu coração realiza a si mesmo como o de Ptah quando ele cria suas obras”.

Simultaneamente ao processo de unificação com o *corpo do deus* se revelará como de grande ajuda a recitação de uma invocação, um peã lírico ou ditirambo entoando louvores ao deus, delineando a natureza e as qualidades espirituais do deus no discurso. Se o aprendiz tiver habilidade no escrever não enfrentará grande dificuldade. Por outro lado, uma tal litania poderia muito facilmente ser construída a partir dos hinos órficos, ou da coletânea de textos líricos incluídos no *Livro dos Mortos*, o qual está repleto de alguns dos melhores exemplos de rituais existentes. Em suma, a invocação do deus deve ser expressa numa linguagem que tenda a produzir júbilo mental e êxtase. A seguir transcrevemos um exemplo, adaptado do *Livro dos Mortos*, de um tal ritual, embora não seja aqui dado como exemplo para ser rígida e servilmente imitado, mas apenas como sugestão e talvez ajuda ao aprendiz sincero.

“Homenagem a ti, ó Ra, no teu formoso nascer. Tu nasces, tu brilhas na aurora. A companhia dos *imortais* te louva ao nascer e ao pôr-do-sol, quando à medida que teu barco matutino se encontra com teu barco do anoitecer sob ventos propícios, tu velejas sobre as alturas do céu com um coração jubiloso. Ó tu *uno*, ó tu *perfeito*, ó tu que és eterno, que jamais és fraco, que nenhum poder é capaz de rebaixar, ó tu esplendor do sol do meio-dia, sobre as coisas que pertencem à tua esfera nenhum possui em absoluto qualquer domínio. E assim a ti presto homenagem. Todos salvem Hórus! Todos salvem Tum! Todos salvem Kephra! Tu grande falcão, que por teu rosto formoso produzes o regozijo para todos os homens, tu renovas tua juventude e com efeito pões a ti mesmo no lugar de ontem. Ó, jovem divino, autocriado, auto-ungido, tu és o Senhor do Céu e da

terra, e criaste seres celestiais e seres terrestres. Ó tu, herdeiro da eternidade, *regente* perpétuo, auto-sustentado, quando tu nasces teus raios benevolentes estão sobre todos os rostos e moram em todos os corações. Vive tu em mim, e eu em ti, ó tu, *falcão dourado do sol!*"

Com a recitação de cada ponto da invocação, proferido com entonação e intento mágicos, obtém-se em pensamento uma intensa compreensão da significação das palavras. À medida que o teurgo brada "Tu brilhas na aurora", a forma astral do deus deve ser vista e realmente sentida com os sentidos emitindo uma refulgência diante da qual o mais claro brilho do sol do meio-dia pareceria trevas, uma luz tão nítida e aguda, e rica de brilho e glória dourada que sua essência inundaria com grande sutileza o coração, a mente e a alma. E quando o mago profere "Vive tu em mim, e eu em ti, ó, *falcão dourado do sol*", o processo da identificação com a *forma astral* deve ser realizado e compreendido o mais vividamente possível. Enquanto o mago não for capaz de efetuar perfeitamente o trabalho criativo da imaginação, todos os esforços só poderão ser classificados simplesmente como prática. O teurgo saberá que seus esforços foram coroados pelo êxito mediante sinais infalíveis dentro de sua própria consciência e a aceleração de uma vida nova. Nele e em sua alma o deus buscará sua eterna morada. No interior do coração haverá um santuário e uma habitação serena de uma força espiritual tremenda, uma consciência divina que nele viverá duradouramente, transformando o filho da terra em um verdadeiro *filho* do sol eterno. "Pois como as trevas não estão adaptadas para a sustentação do esplendor da resplandecente luz do sol, tornando-se de súbito totalmente invisíveis, retrocedendo por completo e imediatamente desaparecendo, assim também quando o poder dos deuses, que acumula todas as coisas de bem, brilha copiosamente, nenhum lugar é abandonado ao tumulto dos espíritos malignos[30]."

Assim ensinaram os magos da Antigüidade. Os esforços modernos confirmam reiteradamente seus ensinamentos e experimentos. Dessa maneira, expandindo a si mesmo a uma grandeza incomensurável unindo-se à grandeza dos deuses, o teurgo salta como o bode montês além de todas as formas para idéias e essências que residem no cume da manifestação, e transcendendo o tempo se torna eternidade e infinidade. Assim, "a partir da súplica somos em breve conduzidos ao objeto da súplica, adquirimos sua semelhança a partir da conversação íntima e gradualmente obtemos perfeição divina, em lugar de nossa própria imbecilidade e imperfeição[31]. O teurgo se tornará mais elevado que a altura nessa perfeição, mais profundo na força de seu fundamento do que as profundidades mais baixas, uma parte integral da criação universal de imediato não gerada, jovem, velha, auto-existente e imortal. Aquilo que outrora era grosseiro se torna despido de toda sua trivialidade sensual para assumir uma beleza fascinante, apaixonadamente seleta, como se furtada do espírito. Dentro de si faculdades espirituais latentes e que desabrocham serão sentidas e a débil memória da experiência ganha ao longo do tempo desde muito pretérita e morta, gradativamente surgirá para iluminar a mente e pulsar novamente no coração, expandindo o horizonte da consciência. E assim hoje seus pés pisam aquele lugar que ontem, quando contemplava a augusta natureza do trabalho, seu olho mal podia ver. Além dele, no invisível, estará seu sítio de repouso do dia seguinte. E ele será como diante do próprio Ra, um sol de luz, brilho e alimento

[30] *Os Mistérios*, Jâmblico.
[31] *Os Mistérios*, Jâmblico.

celestial para todos aqueles com os quais ele entra em contato cotidiano. Sobre o pequeno bem como sobre o grande, sobre o elevado bem como sobre o baixo, não menos sobre o pobre do que sobre o rico seu auxílio descerá, mesmo além dos limites extremos do espaço.

CAPÍTULO XII

Como um dos pré-requisitos fundamentais do treinamento mágico, seja no ramo da *goécia*, seja no ramo que diz respeito à invocação do *eu superior* e às *essências universais*, todos os tipos de magos apontaram insistentemente ao longo das eras a pureza de vida, a acompanhar toda prática teúrgica e cerimonial. Parece ser repetido por quase toda autoridade, dogmaticamente e com certeza por alguns, um tanto vagamente por outros que passam adiante o que eles próprios receberam meio compreendido e meio compilado de seus antepassados. Todos concordam, no entanto, que na busca das artes mágicas é mister que haja pureza e santidade. É meu desejo investigar sobre o significado dessa "pureza". Não desejo, porém, entrar numa discussão de ética e moral, pois essa me distanciaria do assunto da magia, e eu propositadamente me contenho aqui de tocar nessa matéria controvertida que parece ter criado mais confusão e diferença de opinião do que quase qualquer outra. No que a *pureza* diz respeito à magia, todavia, o aprendiz pode se assegurar quanto à verdade dessa única afirmação, atribuindo ao resto qualquer interpretação de moral que preferir. A totalidade da vida de alguém deve apontar para uma direção e ser concentrada e devotada a um conjunto de objetivos. Quando dizemos, por exemplo, que o leite ou a manteiga é puro ou pura, o que queremos dizer com tal afirmação? Apenas isto: ao leite ao qual nos referimos não foram acrescentados nenhuma água ou produtos químicos ou quaisquer outras substâncias estranhas, e a totalidade de seu teor é conforme o ingrediente principal. Bem, a pureza da vida mágica deve ser considerada exatamente da mesma maneira. A vida do mago tem que ser acima de tudo *eka-grata*, de um único direcionamento, e a soma total de seus pensamentos, emoções e ações, quaisquer que sejam, deve sempre ser constituída para interpretar e dar ímpeto à aspiração espiritual. Qualquer que seja a virtude que a moralidade possa deter em si mesma, e no caso de alguns indivíduos ela é prenhe de possibilidade divina, encontra-se completamente fora da esfera do mago. Não há dúvida que uma pessoa que foi iniciada num mistério espiritual e que foi abençoada pelo influxo do *eu* seja provavelmente moral simplesmente porque estará doravante em harmonia consigo mesma. Um tal ser humano, por um impulso natural, está geralmente também em harmonia com os outros seres humanos. Mas o místico ou o mago não são necessariamente homens morais em nenhum sentido convencional. Isso quer dizer que não devemos de maneira alguma esperar que o mago, mesmo quando fundamentalmente em harmonia com seus semelhantes, esteja necessariamente em harmonia com as leis morais e éticas de seu tempo. A moral, em síntese, nada tem a ver com a magia. Essa idéia foi claramente expressa por Waite, que em seu *Studies in Mysticism* sugere que "O objeto da religião é o desenvolvimento e a perfeição da humanidade por meio de uma série de processos espirituais e sua união com o que é o mais elevado no universo, enquanto que a moralidade propõe o melhoramento da raça apenas com a ajuda da lei natural... Precisamos conhecer Deus para sermos bons, mas nenhuma bondade moral pode nos conduzir ao conhecimento divino... "No que concerne ao mago, só isto é importante. Seja lá o que esteja fazendo, comendo, bebendo ou trabalhando, essa ação tem que ser transfigurada num símbolo e dedicada ao serviço daquele *ideal* entesourado acima de toda riqueza e outros valores em seu coração. Sua

vida inteira deve ser uma contínua concentração, caso contrário todo seu treinamento em *Dharana* e o desenvolvimento da *vontade* mágica terão sido um completo desperdício; tanta energia inútil jogada fora tal como num monte de poeira se ele não trouxer essa concentração e essa atitude sacramental à premência da vida diária.

O ideal que para o mago constitui seu maior tesouro e para o qual todo o conteúdo das atividades de sua vida é dirigido é a recuperação do conhecimento de seu Santo Anjo Guardião, o *Augoeides*, aquela parte mais nobre de sua consciência que é real, permanente e a fonte generosa, imorredoura de inspiração e sustento espiritual. Daí existir, na realidade, um perfeito ritual em magia; uma meta que tem primazia sobre todas as outras: a invocação do Santo Anjo Guardião, união que deve, inclusive, preceder as invocações dos deuses ou das essências universais, seguindo-se o procedimento formulado por Jâmblico. A alma busca primeiramente e entrega sua vida ao governo de seu *daimon*, sob cuja orientação os próprios deuses podem ser suplicados; e deles procedendo o retorno deve ser feito para a *Suprema Mansão do Repouso.* Mas a invocação de *Algoeides* precisa ter precedência a todas as outras. Caso se julgue necessário executar qualquer operação auxiliar antes desta para o *Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião*, é forçoso que se trate de um propósito bem definido. O motivo, espiritual é claro, é que tal operação constitua um passo preliminar para a possibilidade e sucesso do ritual principal. Entretanto, nos melhores sistemas de magia, as evocações são sempre representadas *seguindo-se* à consecução maior da invocação das grandes forças da vida cósmica ou o *daimon* interior, o Santo Anjo Guardião, embora essa última receba primazia, como foi afirmado. A união com os deuses e *Adonai* é buscada por meio de amor, e a união das essências é efetivada pelo ceder do *ego* e a renúncia espontânea de tudo que é mesquinho, pequeno e irrelevante. A invocação suprema implica, acima de todas as outras coisas, o sacrifício do apego às coisas mundanas. Do mesmo modo que alguém que, ingressando no interior do *ádito celestial* deixa atrás de si todas as estátuas do templo externo, ou do mesmo modo que aqueles que entram no santuário interno do *Santo dos Santos* purificam a si mesmos, pondo de lado suas vestes para entrarem nus e não envergonhados, a alma deverá avizinhar-se de sua meta. Na operação de Abramelin, que brevemente descreveremos, o procedimento a ser seguido é bastante similar. Primeiramente o *Anjo* é invocado numa câmara especialmente consagrada e depois do atingimento o *Anjo* concede ao mago instruções especiais e autoridade que dizem respeito à evocação dos *Quatro Grandes Príncipes do Mal do Mundo.*

O resultado da invocação do Santo Anjo Guardião não é idêntico para todas as pessoas. *Adonai* aparece de várias maneiras e sob diversas formas, em conformidade com o indivíduo. “Além disso...”, afirma também Jâmblico, “...as dádivas provenientes das manifestações não são todas elas iguais, nem produzem o mesmo fruto. Porém a presença dos deuses, realmente, concede-nos saúde do corpo, virtude da alma, pureza do intelecto e, em uma palavra, eleva tudo em nós ao seu adequado princípio[32].” Seja o que for que o homem prezou durante sua vida e qualquer que tenha sido a concepção de seu *Anjo* à qual aspirou, assim será o resultado do casamento místico. Seus rebentos serão compatíveis com seu amor. Cada estudante, à medida que ascender ou ingressar no místico *Monte Abiegnus dos Rosacrucianos*, verá diante de si estirando-se adiante no longínquo

[32] *Os Mistérios,* Jâmblico.

horizonte da santa terra da esperança, exatamente aquele panorama que existia potencialmente dentro dele antes da *visão* fazê-lo nascer, pois o *monte* é um símbolo daquele pico da alma quando interiorizada em si mesma aproxima-se de sua raiz divina. Então memória e imaginação são penetradas e inspiradas com o formidável fulgor de uma natureza diversa e superior. O que for que estiver embrionário no interior de *Ruach* salta para a vida através da ação e fogo de *Adonai.* Nossa inspiração será semelhante à aspiração e o tipo de gênio que será manifestado ao mundo sucedendo-se à união mística pode ser poético, artístico, musical ou qualquer outra manifestação reconhecida. Lembro-me de uma passagem em algum dos *Upanishads* que aborda esse mesmo tema. Se alguém se aproxima do *eu* que é Brahma acreditando que ele é *poder e força*, esse alguém se torna poder e força. Que se aproxime, contudo, dele vendo em sua majestade conhecimento e sabedoria superiores e, conseqüentemente, se torna repleto da *sabedoria* do *eu.* E se aspirar a ele como o criador de uma *canção*, do mesmo modo se torna o cantor. Em outras palavras, como o teurgo concebeu ser em imaginação o seu anjo, precisamente nessa forma o anjo se manifestará, brotando da mais profunda fonte do ser dentro do coração como revelação e inspiração. Caso haja aspiração para o anjo exclusivamente como o símbolo do amor, da paz e da bondade, *Adonai* mostrará ao mundo esse amável e benigno aspecto. São Francisco de Assis é o exemplo mais marcante do primeiro caso, como é Buda, que aspirou à sabedoria que o capacitasse a descobrir para a espécie humana a solução de suas infelicidades e dores, o símbolo do segundo caso. E isto supre a resposta à pergunta: "Se o misticismo e a magia dotam um homem de gênio, como explicar que tantos místicos e magos bem-sucedidos parecem não manifestar uma única centelha de gênio?" É porque a aspiração deles foi uma aspiração humilde. Converter-se numa grande figura na Terra não constituía o desejo deles, nem tampouco aspiravam a qualquer uma das formas da arte. Fizeram de suas vidas uma sublime obra de criação artística e aplicaram suas inspirações à marcha da vida cotidiana, apresentando-se tão-só como homens e mulheres humildes de ar e aspecto gentis. Mas como *o Eremita* encapuzado e togado do tarô trazem a luz do anjo dentro de si, secretamente, de maneira que todos com os quais entram em contato dia após dia possam ser abençoados com o amor de Adonai e mais impressionados pela santidade do espírito e a pureza de sua efulgência do que com sua própria realização pessoal. Essa é a chave, pois quando se ora com fervor ao Santo Anjo Guardião, como a aspiração secreta da alma terá sido, o anjo se apoderará dessa vontade no êxtase de ventura que arrebata a alma para longe a fim de comunicar sua manifestação ao mundo.

Um dos melhores sistemas técnicos que conduz à comunhão com o *daimon* é exposto num certo livro medieval de magia que, comparado com todos os outros, é como o sol do auge do dia diante de uma débil luz bruxuleante à noite. A maioria dos velhos engrimanços e livros de magia tais como *O Pequeno Alberto, O Dragão Vermelho* e o *Enchiridion* são propositadamente ininteligíveis, ambíguos, ou mais, à parte de todas as questões de simbolismo oculto, disparate pueril. Aqueles que são honestos e de regra funcionais, contêm seções indesejáveis que se adequam mais às aspirações de um camponês apaixonado e de nativos ignorantes do que às aspirações de gente educada animada de propósitos sérios. Mas há em relação a todos esses uma extraordinária

exceção. A regra geral é rompida pela existência de *O livro da Magia Sagrada de Abramelin, o Mago*[33].

Escrito num estilo de exaltação, esse livro é perfeitamente coerente e harmonioso; não requer fantásticas minúcias ritualísticas e nem mesmo os cálculos costumeiros de dias e horas. Não há nada em absoluto que insulte a inteligência. Pelo contrário, a operação proposta por esse autor de magia constitui a apoteose da simplicidade, o próprio método estando em inteiro acordo com isto. Há, naturalmente, certas prescrições e regras preliminares a serem observadas, mas elas realmente não passam de recomendações de bom senso no sentido de acatar a decência na execução de uma operação tão augusta. É preciso, por exemplo, dispor de uma casa onde medidas adequadas contra distúrbios possam ser tomadas; isso providenciado, restará pouco mais a fazer exceto aspirar com crescente concentração e ardor durante seis meses pelo *Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião.*

O próprio livro é um dos mais extraordinários documentos de magia existentes atualmente e o sistema que é nele ensinado para entrar em comunhão com o eu interior, ou o Santo Anjo Guardião, é entre todos os sistemas de magia talvez o mais simples. Acima de tudo é eficaz. O livro é composto de três partes, a primeira contendo conselhos gerais relativos à magia e uma descrição das viagens e experiências do autor, bem como a indicação de obras maravilhosas que ele fora capaz de realizar por meio da técnica em pauta. Segue-se então uma descrição geral e completa dos métodos de obtenção da crise estática da *operação* e o estilo do livro neste ponto difere de maneira salutar dos capítulos anteriores bem como dos subseqüentes. A última parte trata dos métodos de aplicação dos poderes que são conferidos mediante a consumação da *operação.* O sistema é descrito por um certo Abraão, o Judeu, ao seu filho mais jovem, Lamech, e ele afirma em primeira instância tê-lo recebido de um mago egípcio chamado Abramelin. Abraão, o Judeu, é uma figura vaga e sombria, desconhecida e reservada por trás das tremendas complicações da sublevação da Europa central nos seus dias, quando aquela parte do mundo se achava mergulhada num amplo conflito. A história de Abraão tal como contada por ele mesmo na primeira parte do livro é, na verdade, simples. O que impressiona, entretanto, é a tremenda simplicidade da fé desse homem, que tem como testemunho suas muitas e perigosas viagens por tantos anos através de regiões inóspitas e selvagens, de difícil acesso mesmo atualmente mediante nossas facilidades de transporte. Nesta parte do livro são relatados seus fracassos e esperanças frustradas, além de alguns becos sem saída pelos quais ele foi conduzido, até o clímax de suas viagens quando conheceu Abramelin, o mago egípcio, que lhe conferiu as instruções que constituem a principal ou segunda parte do livro. Em conformidade com os costumes de seu próprio povo, Abraão, o Judeu, instruiu seu filho primogênito na filosofia da Santa Cabala e ao seu filho mais jovem, Lamech, transmitiu este sistema de magia. Independentemente de sua origem, de sua data e de sua autoria, que são no presente objeto de polêmica e crítica, esta obra não deixa de ter valor para o aprendiz sincero, seja como um encorajamento para aquela qualidade sumamente rara e necessária – fé inabalável, ou como apresentadora de um conjunto de instruções pelas quais se distingue os sistemas mágicos verdadeiros dos falsos. Abraão não faz exigências impossíveis como aquelas que são

[33] Publicado no Brasil por Anúbis Editores Ltda., São Paulo, tradução de Norberto de Paula Lima, Márcio Pugliesi e Edson Bini. (N. T.)

percebidas em engrimanços fraudulentos, a respeito do sangue de morcego apanhado à meia-noite, a quarta pena da asa esquerda de um galo completamente preto ou o olho recheado de um basilisco virgem e assim por diante. Embora talvez algumas das exigências estabelecidas por Abraão sejam um pouco difíceis de serem atendidas, há sempre uma razão excelente para apresentá-las e não significam absolutamente testes sutis à habilidade do operador. Tivesse S. L. McGregor Mathers nada mais feito em prol da humanidade exceto a tradução desse livro a partir de um manuscrito em francês, colocando assim seu teor à disposição dos aprendizes interessados, e já mereceria nossa gratidão. Devo acrescentar, a propósito, que sua tradução é ótima, coerente e capaz de expressar de maneira harmoniosa o pensamento do escritor medieval. É somente porque esse livro de suma importância tem estado esgotado por tantos anos, sendo sua obtenção tão difícil atualmente, que eu ouso oferecer aqui um resumo da *operação* proposta pelo livro.

HÓRUS
O Senhor da Força e do Fogo

No início Abraão adverte seu filho contra os impostores. Este mago, como muitos de nossos coevos modernos, era injusto no sentido de considerar qualquer um que não utilizasse seu próprio sistema um charlatão, muito embora seja provável que em sua época houvesse tanta necessidade de rigorosa advertência contra charlatães quanto há hoje. Ele então formula a regra segundo a qual a principal coisa a ser considerada é "...se gozais de boa saúde, porque o corpo estando fraco e insalubre está sujeito a variadas enfermidades, o que acaba por resultar na impaciência e falta de poder para trabalhar e prosseguir na operação; e um homem enfermo não pode ficar limpo, ou puro, nem gozar de solidão, e em tal caso, é melhor desistir."

O período verdadeiro, quer dizer, mais conveniente para o começo desta operação, um período em que todas as forças da natureza se encontram propícias ao esforço, é o primeiro dia após a celebração da *festa da Páscoa*, precisamente no período do equinócio primaveril. É então que o sol inicia sua viagem rumo ao norte, trazendo consigo luz, calor, sustento e graça e a totalidade do mundo vivo, plantas, árvores, aves e animais respondem à sua ressurreição ansiosa e jubilosamente. Trata-se assim da estação mais apropriada para crescimento ascendente e desenvolvimento interior, bem enquadrados ao crescimento e à manifestação do espírito. O tempo necessário para que se conduza a *operação* a uma conclusão bem-sucedida é seis meses lunares, de modo que se for começada em 22 de março findaria em torno do equinócio outonal em setembro. O período total de seis meses é dividido em três períodos definidos de dois meses cada, cada um destes sendo caracterizado pelo rigor de auto-negações, mas principalmente pelo acréscimo de invocações adicionais, tornando assim a concentração no Santo Anjo Guardião mais intensa e fervorosa.

Há muita discussão de início quanto à natureza do cenário da *operação*. Se possível, deve ser realizada no campo, onde se pode obter efetiva solidão. Digo "solidão efetiva" deliberadamente já que, como todos sabem, é possível isolar-se no coração de uma grande cidade do resto do mundo simplesmente pelo recolhimento. A solidão que este livro sugere é um retiro físico da vida fervilhante da cidade, mencionando-se que Abraão, Moisés, Davi, Elias, João e outros homens santos se retiraram para locais ermos até terem adquirido esta ciência santa e a magia. O melhor local, sugere Abraão, "...onde houver um bosque, no meio dele fareis um pequeno Altar, e cobrireis o mesmo com uma cabana (ou teto) de pequenos galhos, de modo que a chuva não possa cair nele e extinguir a Lâmpada e o Turíbulo". Se o recurso a um sossegado bosque for impossível, outras sugestões são apresentadas. Todas as obras de magia insistem que muito cuidado e discernimento devem atender à escolha de um local apropriado para se proceder a essas operações. Além das instruções acima expostas, o mago deverá certificar-se de que o teatro de magia que escolheu não está situado num lugar onde feitiçaria, por exemplo, foi praticada e que não foi empregado para sessões espíritas. Deve ser absolutamente óbvio que como um dos resultados da magia é tornar a constituição do mago mais sensível, ele não deve colocar-se numa posição na qual essa sensibilidade possa ser invadida por influências perturbadoras e hostis. Muitíssimos indivíduos inteiramente comuns são suscetíveis a atmosferas, e para o mago, em particular, o local de trabalho deve certamente estar livre de qualquer contato deletério, de sorte que a esfera sensível da consciência não possa ser indevidamente afetada. Abraão menciona o tipo de casa necessária se o trabalho tiver que ser realizado numa pequena cidade ou povoado, dando-se ênfase à construção do *Oratório*, que deve ser a câmara realmente importante

porquanto deve servir como *templo* mágico. Deste *oratório* uma janela tem que abrir para um balcão aberto ou um *Terraço*, como é chamado, cujo piso deve ser coberto com uma camada de areia fina de rio. Ora, uma das coisas que mais, talvez, do que qualquer outro item dos acessórios impressiona o principiante que lê o livro de Abramelin é o fato de não se fazer aí nenhuma menção a um círculo mágico de proteção para o lugar de realização das invocações, a despeito de se fazer referências e descrições em termos claros de muitos demônios e espíritos malignos provavelmente danosos ao operador. Assim é porque nesta particular disposição da *obra*, o autor procura reduzir a totalidade da cerimônia a princípios fundamentais com o mínimo possível de dispositivos, e se supõe que o *terraço* substitua o *triângulo* no qual os espíritos apareceriam após a *Conversação* com *Adonai.* Tanto o dormitório quanto o oratório, sendo consagrados durante um longo período de tempo mediante contínuas orações, invocações e fumigações ascendentes, desempenhariam a mesma função de um *círculo*, estabelecendo um natural obstáculo astral em torno dos limites do oratório através de cuja santidade e segurança nenhum demônio poderia penetrar. É por esta razão que se dispensa qualquer círculo simbólico visível, porquanto o efeito das contínuas invocações terá exaltado tanto a constituição do operador e elevado tanto a vibração das moléculas em seus vários veículos que a inteira esfera astral e espiritual será purificada a um ponto que, como anteriormente sugerido, servirá em si mesma seguramente como o círculo mágico real.

Que se mencione aqui para o benefício dos aprendizes do presente que possam cogitar em se devotarem a esta *Operação da Magia Sagrada* que essas regras não precisam ser escrupulosamente acatadas desde que sua essência e espírito sejam acatados. Com apenas um pouco de engenhosidade será possível estabelecer um novo conjunto completo de circunstâncias externas favoráveis à execução satisfatória desta concepção da *Grande Obra.* É preciso que seja compreendido com clareza, contudo, que uma vez concebido e adotado esse conjunto de regras, embora claramente entendido como arbitrário, elas deverão ser estritamente seguidas. Em seu poema mágico *Aha*, Aleister Crowley apresenta uma bela versão de uma possível variante do cenário da *operação*:

“ . . . Escolhe com ternura
Um sítio para a academia tua.
Que um santo bosque haja
De solidão enramada
Junto do rio tranqüilo, sem chuva,
Sob as entrelaçadas raízes
De árvores majestosas que tremulam
Nos ares sossegados; onde os brotos
Da grama delicada são verdes,
Musgo e samambaias adormecidos entre si,
Lírios na água sobrepostos,
Raios de sol nos ramos presos
– Entardecer sem vento e eterno!
Todas as aves do céu silenciadas
Pela baixa e insistente chamada
Da continua queda d’água.

Aí, para um tal cenário sê
Sua gema esculpida de divindade,
Um fogo central sem defeito, subjugado
Como a Verdade no interior de uma esmeralda."

Dentro da *loja* ou *oratório* consagrados deveria haver um altar construído como um armário, acima do qual, suspensa do teto uma lâmpada com azeite de oliva deve queimar. Deve ser mantido sobre o altar um turíbulo de latão, não devendo este nunca ser removido do oratório durante todo o período de seis meses da operação. É necessário um manto de seda carmesim guarnecido em ouro que chegue aos joelhos; é mencionada também uma outra túnica de linho branco. "Quanto a estas roupas, não há regras particulares para elas; nem nenhuma instrução especial a ser seguida; mas quanto mais resplandecentes, limpas e brilhantes forem, tanto melhor será." "Também tereis uma Vara de amendoeira, lisa e reta, do comprimento de cerca de meio covado a seis pés." No que se refere à preparação de todas essas coisas, os princípios formulados em capítulos anteriores se aplicam igualmente, mesmo considerando-se que nenhuma menção deles seja feita por nosso autor.

Durante o primeiro período de dois meses aconselha-se o operador a levantar-se toda manhã precisamente um quarto de hora antes do nascer do sol, entrar no *oratório* depois de ter se lavado e se vestido com roupa branca, abrir a janela e, ajoelhando no *altar* que dá para a janela que comunica ao balcão invocar os nomes de Deus com vontade e mente dilatadas. "...e confessar-Lhe inteiramente todos os vossos pecados". Esta última prescrição, naturalmente, é simplesmente para produzir a tranqüilidade mental e emocional necessárias à inspiração e iluminação do *anjo.* É dificilmente necessário estender-se sobre o fato de que aquele que permanece continuamente incomodado por uma consciência revoltada ou pela memória de uma antiga má conduta está deste modo impedido da tranqüila concentração mental; tampouco serão suas invocações intensas e unidirecionadas. Uma tal pessoa seria devidamente aconselhada a abster-se completamente até mesmo da contemplação de uma operação mágica desse tipo pois ela estaria fadada a resultar não só no fracasso da invocação ao anjo, como também em desastres do gênero mais catastrófico. Os poderes que estão presentes na operação de Abramelin são de pouco uso para os intrometidos. Conquistadas a tranqüilidade e a serenidade, o mago deve suplicar ao *Senhor do Universo* "que, chegando o tempo, possa Ele ter piedade de vós e conceder-vos Sua graça e a bondade de vos enviar Seu Santo Anjo, que vos servirá de Guia..."

Não há necessidade de enfatizar muito, suponho, que Abraão era de fé judaica, e conseqüentemente afeito à predominante – isto é, medieval – concepção judaica do monoteísmo pessoal. O tom teológico dado a esta magia pelo *adepto hebreu* e que deve ter sido acrescido por ele após tê-la recebido de Abramelin pode, portanto, ser tranqüilamente ignorado pelo leitor se este assim o desejar, já que não desempenha papel algum na verdadeira significação da *operação.* Cada aprendiz pode adaptar inteligentemente o caráter das prescrições de Abraão a respeito desse ponto à teoria mágica do universo aqui formulada num capítulo anterior, ou às suas próprias crenças religiosas particulares. É necessário, todavia, que eu frise que o dogma e a fé religiosa esotérica não ocupa lugar algum no interior do *santuário da magia.* É preciso que o leitor

se convença que a magia depende de princípios experimentais rígidos tão confiáveis e tão exatos como os de qualquer ciência.

Antes de iniciar a *operação*, seria bom para o mago que formulasse um juramento de que executará essa magia sagrada e que o registrasse claramente por escrito. A vontade e a determinação de ter êxito precisa ser expressa mediante palavras, e essas palavras por ações, pois durante a *Negra Noite da Alma*, quando o olho espiritual estiver fechado e todo discernimento tiver se afastado, quando o acólito é debilitado pela tentação e pela aflição da mente, será apenas sendo fiel à letra do juramento que o mago poderá esperar conduzir essa *operação* a um clímax satisfatório. A direta expressão da *vontade*, em todos os casos, é o discurso, e o registro de uma determinação de vontade num juramento escrito está de acordo com os fundamentos da filosofia mágica.

No exercício de oração acima o ponto importante a ser observado, como o próprio Abraão faz notar a seu filho nas palavras que se seguem, é "Também de nada serve falar sem devoção, sem atenção, e sem inteligência; ...Mas é absolutamente necessário que vossa oração saia de dentro de vosso coração, porque simplesmente estabelecendo orações escritas, sua audição de modo algum vos explicará como rezar realmente. "Mais adiante, analogamente, ele aconselha seu filho Lamech: "Inflamai-vos com oração." Quanto a esta prescrição, é necessário que nos estendamos um pouco, já que o sucesso ou o malogro na arte da invocação dependerá inteiramente do fato de essa recomendação ser acatada ou não. Efetuar uma série de invocações diversas vezes ao dia durante um período de seis meses, repetindo a mesma invocação, confissão e oração durante o primeiro período duas vezes por dia é realmente uma tarefa diante da qual o *operador* que não for confirmado por hábito nesta *senda da luz* pode bem falhar. Detenha-se, leitor, e reflita sobre o que isso implica! Uma simples amostra de trabalho mágico que se mantém num período tão longo é realmente umas das tarefas mais árduas e tediosas que se pode conceber. Somente aquele que com persistência for capaz de ser fiel à letra de seu juramento assumido antecipadamente pode ter a expectativa do êxito. E no entanto, essas invocações não devem ser recitadas de maneira monótona e árdua, ou num tom de voz que indique tédio, sem fervor, sinceridade ou devoção. Sem a presença destas qualidades na invocação, um vulgar grito de feira seria tão útil quanto e teria mais ou menos tanto efeito como qualquer outro. Toda faculdade do mago deve participar do trabalho de invocação. Todo poder da alma deve ser exercido, todo grama de sinceridade, entusiasmo e regozijo espiritual deve ser empregado na sustentação das invocações que devem brotar do próprio coração e alma do ser do mago.

Durante esse primeiro período outras prescrições são indicadas que têm de ser escrupulosamente seguidas segundo o autor. Algumas delas podem parecer um tanto triviais ou ate ridículas, mas o julgamento final deve ficar a critério de cada leitor. Eu apenas as menciono pelo cuidado de me ater ao completo. Tanto o dormitório quanto o *oratório* mágico devem ser conservados num estado de limpeza e ordem absolutas, toda a atenção do teurgo sendo prestada à "pureza de todas as coisas". Todo os sábados os lençóis do leito têm que ser substituídos e a câmara totalmente perfumada e incensada, impregnando assim mesmo esse quarto de uma carga de santidade e expandindo os limites do *círculo.* Os ingredientes apontados para o incenso são um composto de

olíbano, *estoraque* e *aloés*, todos reduzidos a um pó fino e bem misturados[34]. Abraão, o Judeu é incisivo, ademais, quanto a afirmar que não se deve permitir que nenhum animal se aproxime ou tenha acesso à casa na qual a *operação* está sendo levada a efeito. Deve imperar a mais absoluta solidão que seja humanamente possível. "Se sois vosso próprio senhor, tanto quanto estiver em vosso poder, libertai-vos de todos os negócios, e deixar toda companhia vã e mundana, e conversação, levando uma vida tranqüila, solitária e honesta... Sede sóbrio ao tratar de negócios, vendendo ou comprando, sendo preciso que nunca vos enfureceis, mas sede modesto e paciente em vossas ações." Essas são normas de bom senso que ninguém, eu presumo, criticaria. Uma outra sugestão expressa é que as *Escrituras Sagradas* podem ser lidas e ser objeto de meditação durante duas horas por dia, este tempo devendo ser especialmente programado e reservado para essa finalidade após o jantar, não se permitindo que nenhuma outra atividade interfira ou tenha precedência. Quase qualquer outro livro religioso serviria caso o aprendiz não esteja predisposto ao estudo da Bíblia, particularmente um desses livros que tenha causado profunda impressão em sua mente e que tenha servido de algum modo para despertar os sentimentos superiores e estimular o amor e as emoções nobres. Essa meditação produzirá também pistas que auxiliarão na composição dos rituais supremos.

No que diz respeito aos hábitos da vida, Abraão sugere moderação em todas as coisas, o comer, beber e dormir não devendo ser nem excessivos nem demasiadamente modestos. Nenhuma das coisas nas quais o mago estará envolvido deve, por menos que seja, conter algo de supérfluo. Quanto ao assunto que para a maioria dos aprendizes de magia e misticismo é cercado por um véu de obscuridade, aconselha, à guisa de acréscimo à prescrição de moderação que "Podeis dormir com vossa esposa na cama quando ela estiver pura e limpa;..." e nunca em caso contrário. A única questão a afetar o celibato é simplesmente a da conservação da energia, e nada mais. Visto que todas as forças do indivíduo estão sendo transformadas pela *operação* e dirigidas a uma nobre finalidade espiritual, qualquer desperdício ou escoamento de força que é tão importante em matérias afastadas daquela finalidade são assim grosseiramente imorais no sentido de que apresentam algo de loucura e autodestruição. Durante a operação, poucas pessoas deverão estar na casa com ele, " Quanto ao que se refere à família, quanto menos numerosa, melhor; também fazei de modo que os servos sejam modestos e tranqüilos." A caridade é sugerida e também o recato com respeito às roupas e o modo de vestir; toda vaidade deve ser severamente banida.

Isso é o suficiente para o primeiro período. As tarefas nestes dois meses são relativamente fáceis, indicando tão-só uma simples vida meditativa, em relação à qual se insiste no repouso e tranqüilidade. Duas vezes ao dia, ao nascer e pôr-do-sol, quando certas forças ocultas na natureza estão em sua ascendência e no máximo de sua pureza, as invocações deverão ser realizadas; cumpre que o resto do dia seja passado no aperfeiçoamento variado da concentração da mente fervorosamente dirigindo-se ao "... Santo Anjo que vos servirá de Guia..." A programação proposta por Abraão pode facilmente ser suplementada por outros itens de magia, em conformidade com a aspiração principal, o que pode ser sugerido pela engenhosidade do indivíduo. Durante este período, o mago deve devotar todas as faculdades que adquiriu através da atenção que

[34] As proporções necessárias à mistura são quatro partes de olíbano, duas partes de estoraque e uma parte de aloés.

dedicou a outras fases da técnica ao fortalecimento da aspiração principal. Os rituais de banimento podem ser usados proveitosamente e a *ascensão aos planos* pode se revelar um auxiliar extremamente útil às invocações. A repetição contínua de um *mantra* sagrado, compatível com a concepção do mago da natureza de seu *Anjo*, se revelará de grande ajuda para manter a concentração da mente unidirecionada.

Com a chegada do segundo período precisamente o mesmo procedimento é seguido exceto pelo fato de o operador ser exortado a tornar suas invocações mais intensas e ígneas, e "Deveis prolongar vossas orações o máximo que vossa capacidade permitir". As invocações devem prosseguir de manhã e no anoitecer como nos dois meses anteriores, mas "...antes de entrardes no Oratório deveis lavar vossas mãos e face completamente com água pura. E deveis prolongar vossa oração com a maior afeição possível, devoção, e submissão, humildemente implorando ao Senhor Deus que se digne a ordenar a Seus Santos Anjos que vos levem pelo Verdadeiro Caminho..." É fácil perceber a idéia psicológica que Abraão gradualmente formula. As invocações ao Santo Anjo Guardião devem ser feitas mais freqüentes, ardentes e imperiosas de sorte que quando pelo fim do período de seis meses é dado ao teurgo o conselho de inflamar-se com a invocação, prática anterior o fará voar como uma flecha impelida por um arco rumo à glória do anjo e não se experimentará qualquer dificuldade para despertar o entusiasmo e devoção requeridos que levarão a efeito a *união mística.*

Outras prescrições a serem observadas no segundo período podem ser resumidas com brevidade como se segue. "O uso dos direitos do matrimônio, mas, se este uso for feito, deverá sê-lo o mínimo possível." "Deveis também lavar todo vosso corpo toda véspera de *Sabbath.*" "Quanto ao que tange o comércio e modo de viver, já dei instrução bastante", mas agora "...é absolutamente necessário retirar-se do mundo e procurar isolamento..." As observações antes feitas no que se refere a comer, beber e se vestir continuam aplicáveis.

Quando o segundo período se encerra e com ele o quarto mês de invocação contínua, a mente do operador deverá estar gradualmente se contraindo para um único ponto em função desses modos de vida serenos e calmos e do fervor crescente que deve introduzir em suas invocações, que ocupam agora períodos mais largos de tempo. Nessa ocasião, igualmente, ele terá entrado naquele estado de *secura* do qual místicos de todos os tempos falaram, aquele horrível estado psicológico no qual todos os poderes da alma parecem mortos a visão da mente se fecha num protesto mudo, por assim dizer, contra a disciplina cruel do juramento. Mil e uma seduções tenderão a desviar o operador da contemplação da finalidade que escolheu, e mil e um meios de quebrar o juramento em espírito sem quebrá-lo na letra serão apresentados. E parecerá que a própria mente irá ficar fora de si, advertindo o teurgo que seria melhor para ele omitir, por exemplo, um período devotado à invocação e fazer algo mais, profano e prazeroso. Constantemente procurará amedrontá-lo com temores desordenados relativos à saúde do corpo e da mente. Contra todas estas insanidades – fatais se ele sucumbir a uma única tentação – há somente um remédio, a saber, a disciplina do juramento feito no início, prosseguir no labor de invocar durante seis meses o Santo Anjo Guardião. Tudo o que se tem a fazer é proceder às cerimônias e invocações, agora temporariamente destituídas de sentido e horrendas, visto que a visão espiritual está negra e o olho interior fechado. Pode ser que com o terceiro e último período essa *Noite Negra da Alma* passe lenta e imperceptivelmente, e então surgirá a suave grandeza rosa e cravo da *aurora* a ser

sucedida pela brilhante luz diurna do *Conhecimento e Conversação*, com a *Visão Beatífica* e o *perfume* tão doce e confortador aos sentidos e à alma do Santo Anjo Guardião.

Com a chegada dos últimos dois meses, aconselha-se que o homem que é seu próprio senhor deixe todos os seus negócios de lado, à exceção, talvez, de obras de caridade para com seus próximos. Contudo, dever-se-á tomar cuidado mesmo em manifestar uma virtude tão elevada quanto esta pois a concentração e a aspiração ao mais elevado não devem ser interrompidas. "Afastai-vos de toda sociedade, salvo a de vossa Esposa e Servos... Toda véspera de *Sabbath* deveis jejuar, e lavar todo vosso corpo, e trocar vossas roupas." Estas regras concernem ao modo de vida e conduta. Mas as instruções que se referem ao aspecto mágico da *operação* são as seguintes: "Manhã e noite deveis lavar vossas mãos e face ao entrar (quer dizer, antes, é claro) no Oratório; e primeiramente deveis confessar todos os vossos pecados; depois disto, com mui ardente oração, deveis implorar ao Senhor que vos conceda esta particular graça, que é poderdes desfrutar e resistir à presença e conversação de Seus Santos Anjos, e que Ele possa dignar-se por intermédio deles conceder-vos a Secreta Sabedoria, de modo que possais ter o domínio sobre os Espíritos e todas as criaturas."

Este é o procedimento recomendado para os dois últimos meses, tempo em que a maior parte do dia será passada, como orientam também os *Oráculos Caldeus*, "Invocando com freqüência", concentrando todos os poderes da mente, do corpo e da alma em conjunto, focalizando-os por meio de invocação de maneira que por meio disso o *anjo* possa aparecer e alçar o teurgo à *sua* vida mais grandiosa e mais ampla. Concluído o terceiro período de três meses em 21 de setembro, o mago deverá levantar-se na manhã seguinte muito cedo, "...nem vos lavareis nem vos vestireis com vossas roupas comuns, mas tomareis uma roupa de luto; entrareis no Oratório de pés nus; ireis para o lado o incensório[35], e tendo aberto as janelas, retornareis à porta. Ali vos prostrareis com vossa face contra o chão e ordenareis à criança (que é usada neste sistema como assistente e clarividente, mas desnecessária, acho, nessa última função se a operação tiver sido cuidadosamente desenvolvida) que coloque o perfume no turíbulo, após o que se deverá pôr de joelhos diante do Altar; seguindo em tudo e minuciosamente as instruções que dei... Humilhai-vos perante Deus e Sua Corte Celestial e começai vossa Oração com fervor, pois então começareis a vos inflamar na oração, e vereis aparecer um extraordinário e sobrenatural esplendor, que encherá todo o apartamento, e vos circundará com um cheiro inexprimível, e apenas isto vos consolará e confortará o coração, de modo que clamareis para sempre, feliz, pelo Dia do Senhor."

Abraão, homem sábio e mago que era, não sobrecarrega a si mesmo, se perceberá, nem a mente de seu filho, ao qual essa técnica mágica é transmitida, com qualquer sofisma intelectual ou qualquer investigação metafísica a respeito da natureza do *anjo.* Não há nenhuma discussão quanto a este último possuir uma existência objetiva, isto é, independente, ou se ele é subjetivamente inerente à estrutura psicológica do teurgo. Ele mesmo, tendo passado por este treinamento e alcançado sua realização na *Visão* e no *Perfume*, bem conhecia a falácia da dependência intelectual. E pode-se presumi-lo

[35] Embora o autor nem sempre faça citações integrais, omitindo certos trechos e advertindo o leitor desta descontinuidade mediante as reticências (...), aqui não há estas reticências, motivo pelo qual reproduzimos o trecho omitido: "tomareis as cinzas dele e as colocareis sobre vossa cabeça; acendereis a Lâmpada; e poreis os carvões quentes no incensório". (N. T.)

porque ele escolheu de preferência a todas as outras expressões as próprias palavras "Santo Anjo Guardião", que são tão palpavelmente absurdas de um ponto de vista racional a ponto de nenhuma pessoa sensata ousar especular acerca delas. Assim a dependência intelectual e a voragem do erro são evitados. Quanto maior for a força e o entusiasmo desse ato de fé numa entidade irracionalmente nomeada e concebida, mais eficaz será a crise da conjuração.

Durante sete dias, em seguida, aconselha Abraão, o operador executará as cerimônias sem falhar na execução correta de nenhuma delas de modo algum. No dia da *consagração*, o Santo Anjo Guardião terá aparecido ao teurgo e proporcionado graça e esplendor a sua alma, sustento ao seu espírito e terá inundado toda a esfera da sua mente com uma iluminação que tudo abarca, que não há palavras que possam adequadamente descrever. Então seguir-se-á, segundo prescrição do anjo, uma *convocação de três dias* na qual os *espíritos bons e santos* serão conjurados à aparência visível no *terraço* e introduzidos ao domínio da *vontade* renovada do mago; os três dias sucessivos serão dedicados à *evocação* dos *maus espíritos.* No segundo dia, orienta Abraão, "devereis seguir os conselhos que vosso Santo Anjo Guardião vos terá dado e no terceiro renderás gratidão". "E então pela primeira vez estareis capacitado a pôr à prova se bem empregastes o período das Seis Luas, e quão bem e dignamente trabalhastes na busca da Sabedoria do Senhor; pois vereis vosso Anjo Guardião vos aparecer em inigualável beleza; que também convosco conversará, e falará com palavras tão cheias de afeto bondade, e com tal doçura que nenhuma língua humana poderia expressá-las... Numa palavra, sereis por ele recebido com tamanha afeição que esta descrição que aqui dou deverá nada parecer em comparação... Aqui neste ponto, começo a restringir-me em meu escrever, haja visto que pela Graça do Senhor submeti-vos e consignei a um MESTRE tão grande que nunca vos deixará em erro."

Continuando diretamente com a descrição em versos do cenário da operação mágica anteriormente citada, e trabalhando-se com esmero as observações de nosso autor de magia, Crowley prossegue:

" Tu terás uma barca de bétula
Sobre o rio nas trevas;
E à meia-noite irás
À corrente mais suave do meio do rio,
E tocarás uma campainha dourada
A chamada do espírito; então diz as palavras de encantamento:
'Anjo, meu Anjo, aproxima-te!'
Fazendo o Sinal de Maestria
Com bastão de lápis-lazúli.
Então, pode ser, através da encoberta
Noite silenciosa verás teu anjo surgir,
Ouve o débil sussurro de suas asas,
Contempla as doze pedras dos doze reis!
Sua fronte será coroada
Com a débil luz das estrelas, onde
O Olho vislumbra dominante e agudo.

E por este motivo tu desfaleces; e teu amor
Captará a voz sutil disso.
Ele informará seu amante feliz;
Minha tola tagarelice estará terminada! . . .
Mente abertamente, uma taça camaleônica,
E O deixa sugar teu mel! "

Assim finda a mais importante parte do sistema advogado por Abramelin, o mago, que pode ter sido seguramente um dos maiores mestres de magia do Ocidente. Com perfeita lucidez e suave simplicidade de concepção espiritual, com clareza na expressão e na instrução e sem sobrecarga da mente com minúcias e elementos secundários, com símbolos de pureza e de limpeza, Abraão, o Judeu, conduz o teurgo gradualmente, passo a passo, em ascensão pela maravilhosa escada que é a Árvore da Vida que cresce para a terra a partir do *Ancião dos Dias*, rumo ao *Mestre Inefável.* Ele é o *Augoeides*, *Adonai*, o *Eu superior*, o *Santo Anjo Guardião*, chame-se-o como quiser. E a iluminação e glória espiritual que o Anjo traz é tão auspiciosa e santa e uma visão tão terrível que no devoto é induzido um arrebatamento, uma adoração, um transporte de êxtase que ultrapassa qualquer concepção e discurso humano. Nenhum santo ou poeta ainda foi capaz de sugerir mais do que um eco fugidio dessa incomparável experiência. Esta consecução marca o começo da carreira do *Adeptado*, e é só então, quando a alma tendo sido erguida em excelsitude e visto coisas que não é lícito revelar, que a verdadeira natureza da vida pode ser percebida. Infiltrado por uma riqueza de sabedoria, ventura e clareza da visão interior, poderá então o mundo ser apreciado pelo que ele é. Até aqui os olhos da alma estavam cerrados, e cegos, amedrontados, e ignorantemente calados, o indivíduo se achava num redemoinho na roda continuamente móvel da vida e da dor. Mediante o atingimento do esplendor angélico, o centro da consciência tendo sido para sempre exaltado além do *ego* empírico, um dilúvio de êxtase produz a compreensão de que é apenas o Anjo que é e sempre foi o *Ego*, o *Eu real* jamais conhecido antes. Não mais o Anjo o entesourará como as muralhas longínquas do abismo estrelado, mas sim Ele queimará ardentemente no cerne do homem, vertendo através dos canais dos sentidos deste uma torrente interminável de glória e deleite resplandecentes. Os portais da mente são destravados e oscilam sobre suas dobradiças, e o domínio celestial ao qual o Anjo introduz a alma é abundante e estaticamente descerrado.

Há um belo poema de autoria do poeta irlandês *A. E.* em que o tema é uma conversação entre a criança terrestre das trevas e o santo Anjo da Luz. O primeiro diz:

"Eu te conheço, ó glória,
Teus olhos e tua fronte
De fogo alvo todo grisalho,
Retorna a mim agora.
Juntos viajamos
Em eras passadas,
Nossos pensamentos à medida que ponderávamos
Eram estrelas na alvorada.

Minha glória declinou;
Meu azul celeste e ouro;
E no entanto tu permaneces aceso
O fogo-sol de outrora.
Meus passos estão presos à
Urze e à pedra...”

O Anjo responde mediante palavras particularmente significativas ao aprendiz de magia, rogando ao eu sombrio que ceda à orientação do pastor celestial:

“Por que tremer e prantear agora,
Quem as estrelas uma vez obedeceram?
Avança para o profundo agora
E não tem medo...
Um diamante arde
Nas profundezas do Só,
Teu espírito retornando
Pode reivindicar seu trono.
Em ilhas orladas de chamas
Suas dores cessarão,
Absortas no silêncio
E debeladas na paz.
Vem e repousa tua pobre cabeça sobre
Meu coração onde ela incandescerá
Com o vermelho-rubi do amor sobre
Teu coração por seus infortúnios.
Meu poder eu cedo,
A ti ele é devido,
Avança pois o esplendor
Espera por ti!

CAPÍTULO XIII

A união com o Santo Anjo Guardião efetuada e a alma tendo sido assimilada à essência interior do esplendor e glória do Anjo, o mago procede com o sistema de Abramelin à evocação dos espíritos e demônios com o intento de subjugá-los, e conseqüentemente com eles a totalidade da natureza, ao domínio de sua *vontade* transcendental. Pode parecer à primeira vista que tal parte se seguindo à exaltação da parte precedente do livro constitui um declínio a partir da sublimidade, estando, ademais, na natureza de um anticlímax. É difícil negar que o êxtase e a elevada irrepreensibilidade espiritual do livro sejam um pouco maculados pelo acréscimo dessas coisas à marcante dignidade da *Operação de Abramelin.* Aleister Crowley se empenhou numa oportunidade em fornecer uma adequada explicação racional para isso. "Há" ele argumenta, "...uma razão. Qualquer um que dá ensinamento de um novo mundo tem que se conformar com todas as condições dele. É verdade, está claro, que a hierarquia do mal se afigura um tanto repugnante à ciência. É, com efeito, muito difícil esclarecer o que queremos dizer dizendo que invocamos Paimon, mas, se pensarmos com um pouco mais de profundidade, veremos que o mesmo se aplica ao Sr. Smith ao lado. Desconhecemos quem é o Sr. Smith ou qual o seu lugar na natureza ou como responder por ele. Não podemos sequer estar seguros de que ele existe. E, todavia, na prática, nós chamamos Smith por este nome e ele atende. Através dos meios apropriados, somos capazes de induzi-lo a fazer para nós aquelas coisas que se coadunam com sua natureza e poderes. A questão toda é, portanto, a questão da prática, e se nos basearmos neste padrão, descobriremos que não há nenhuma razão em particular para nos desentendermos com a nomenclatura convencional."

O método proposto por Abramelin para convocar os *Quatro Príncipes do Mal do Mundo* é constituído por quadrados mágicos contendo, em certas formações, várias letras e vários nomes. Estes quadrados quando carregados e energizados pela vontade mágica, estabelecem uma tensão magnética ou elétrica na luz astral à qual certos seres que se harmonizam com essa tensão reagem executando atos ordenados pelo mago. Independentemente da *evocação* dos *demônios* no *terraço* há quadrados desenhados e descritos por Abraão para a realização de quase todos os desejos que poderiam ocorrer ao um ser humano. Não pretendemos descrever aqui este capítulo final[36] do livro de Abramelin que contém os quadrados e fórmulas práticas de evocação, porquanto este último constitui o ramo menos importante desse sistema. Em todo caso, este assunto em particular vincula-se a outros textos mágicos que eu desejaria descrever com brevidade. Permitiu-se infelizmente que estes trabalhos, como *A Magia Sagrada de Abramelin*, ficassem esgotados e não fossem mais publicados, sendo para todos os efeitos praticamente impossíveis de serem obtidos salvo por aqueles que têm acesso a um museu ou uma grande biblioteca. Tenciono abordá-los aqui porque dizem respeito àquele ramo da magia que é colocado em oposição à *invocação* e se refere à *evocação* e ao controle

[36] Não se trata do capítulo final, mas sim de toda a *parte final*, ou mais exatamente do *terceiro livro*, que é a parte final de *O Livro da Magia Sagrada de Abramelin, o Mago.* (N. T.)

dos espíritos planetários e seres angélicos. Desejo advertir o leitor, contudo, chamando sua atenção para o fato de que o procedimento exposto por Abramelin é o melhor. Primeiramente deve haver o *Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião* e *então* as *evocações.* E só menciono esta última coisa para que o leitor fique ciente da fórmula inteira embora não pretenda reproduzir muitas das instruções práticas. Os livros aos quais me refiro são *A Chave de Salomão, o Rei*, *A Goécia* ou *Pequena Chave de Salomão, o Rei* e *O Livro do Anjo Ratziel.* Esta última obra infelizmente nunca foi traduzida do hebraico para o inglês. Está claro, o rei Salomão, modelo através das eras da mais elevada erudição e sabedoria, foi naturalmente a figura a quem os autores desconhecidos desses trabalhos atribuíram suas próprias composições a fim de que pudessem causar mais impressão e ter maior credibilidade. Não que essa fraude palpável faça a menor diferença pois se o sistema for funcional então Salomão será uma figura tão boa ou tão ruim para se atribuir discursos e instruções mágicos quanto, por exemplo, um hipotético ser inexistente como *Yossel ben Mordecai.* Ademais, omitir seu próprio nome e dar o crédito a algum outro indivíduo pelo próprio trabalho encerra uma certa abnegação do *ego.* Os livros em si e o sistema mágico neles contido constituem a matéria de interesse; a autoria nestes casos não tem a menor importância.

A necessidade dos ritos de evocação é realmente extremamente simples. A despeito do objeto supremo da magia ser o conhecimento do *eu superior* e embora para a vontade qualquer coisa além deste objetivo supremo ser *magia negra*, é às vezes necessário redispor tanto os materiais quanto o cenário das operações, bem como fazer preparações para o aprimoramento do *Ruach* a ser oferecido em sacrifício ao *amado.* Para diferentes indivíduos em diferentes ocasiões essas preparações devem naturalmente variar. Considerando-se que o *Ruach* precisa ser renunciado e imolado na pedra sacrificial do altar como uma oferta ao *Altíssimo*, e considerando-se que denota uma certa mediocridade e puerilidade de devoção sacrificar uma vítima maculada, poderá ser necessário para alguns teurgos envolver-se com todas as espécies de práticas para o atingimento de finalidades que para outros possam ser completamente desnecessárias. Por exemplo, um aprendiz pode se achar embaraçado com uma má lembrança que pode obstruir a sagrada recordação da *visão e do perfume*; é possível que um outro seja incapaz de reagir a certos estímulos emocionais, e um terceiro possa se achar sob o fardo de uma perspectiva estultificada da vida, cuja pobreza se opõe inteiramente à intensa generosidade e à fecunda liberalidade que são inerentes à natureza. A tarefa mágica imediata em tais casos é aperfeiçoar o veículo imediato através do qual o Santo Anjo Guardião deve se manifestar. É em vão que são vertidos o elixir da vida e o vinho ambrosial num recipiente quebrado ou sujo e é preciso procurar um remédio adequado para essas deficiências. Em última instância, quando ocorre a rendição final do *Ego* no casamento místico com o *amado*, e o *Ego* é imolado no altar, nenhum complexo disforme maculará o arrebatamento do êxtase espiritual da união, nem será a vítima sacrificial deficiente em qualquer coisa que seja agradável aos deuses, ou carente de qualquer faculdade que se revele uma vantagem para o crescimento ou a vida suplementar da flor dourada no interior de sua alma. Assim pode-se julgar imperativo adiar por enquanto a *Operação do Santo Anjo Guardião* a fim de suprir instrução conveniente para a *Noiva* em suas obrigações para com o *Filho do Rei*; devotar-se no começo não à *magia da luz* mas às *evocações* da *goécia.* Várias partes da mente e da alma podem ser tão falhas a ponto de exigir um esforço mágico especial para seu estímulo e reparo, quer dizer, quando

métodos seculares ordinários se revelaram ineficazes. Em tais casos é permissível e legítimo dedicar-se preliminarmente aos ritos de *evocação*, de modo que por intermédio de seus recursos toda faculdade do indivíduo possa reassumir o funcionamento pleno e normal. Pode ser necessário evocar algumas das entidades, por exemplo, elencadas entre as *Setenta e duas Hierarquias* de *A Pequena Chave de Salomão, o Rei* visando intensificar as faculdades emocionais, beneficiar a lógica, a razão, a memória e algum outro departamento do pensamento e da mente. Assim, quando a *goécia* instrui que o espírito chamado *"Foras"* ensina "as artes da lógica e da ética" significa que através do estímulo de um certo aspecto da mente resultante de um tipo particular de operação mágica as faculdades mágicas são melhoradas e estimuladas.

Gostaria de chamar a atenção para uma hipótese mágica que legitima o uso contínuo da evocação de seres angélicos e planetários antecedendo ao *Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião*. Ela defende que a busca das artes da *evocação* pode ser com a finalidade de preencher as lacunas da escada pela qual a alma pode ascender às alturas do céu. É por meio deste método que o teurgo adquire uma sólida base quadrangular para sua pirâmide de realização. É inútil, argumentam os proponentes deste sistema, contemplar um edifício tão exaltado como o ápice de uma pirâmide elevando-se pelas nuvens a menos que a fundação esteja muito firmemente estabelecida sob o solo a fim de servir de base e suporte seguros e inabaláveis ao espírito que aspira. Enquanto a aspiração da alma for pura, de motivos honestos e isenta do mero desejo egoísta do poder, pouco dano poderá advir ao mago na sua atividade com a técnica da *evocação*, contanto, é claro, que as precauções ordinárias de completos banimento e consagração do *círculo* e do *triângulo* sejam tomadas. Mas, diz-se, que através deste método o mago imita a operação e progresso da totalidade da natureza. Nela, sua grande guia e modelo, ele vê que nenhum passo rumo ao crescimento é tomado subitamente sem longas medidas preliminares ou preparo de alguma espécie; tudo procede ordenada, harmoniosa e gradualmente, passo a passo, com devido cuidado, seqüência e escalonamento. É esta harmonia e ordem que ele procura trazer ao seu próprio trabalho. É preciso que comece seu trabalho na base da superestrutura, assentando cada tijolo a ser incorporado a essa grande pirâmide com o mais extremo cuidado, zelo e devoção, dispondo camada sobre camada, não negligenciando um único estágio sobre o qual a torre deverá sempre se elevar. Gradativamente, à medida que esta ampla base piramidal de realização se desdobra, alteando-se tanto dentro quanto acima sobre uma fundação firme, tornada segura pelas evocações e sustentada pela aspiração do mago, este tende a descartar as coisas menores na medida em que a necessidade destas se torna menos óbvia, e ele se torna mais unidirecionado e devoto até que o coroamento de seus esforços transborda na consecução suprema. Neste caso, a consecução se alicerça numa base sólida, não uma base construída sobre areias movediças que o mero sopro do vento poderia derrubar; o *Conhecimento e Conversação* está enraizado no próprio espírito e corpo do ser integral, e aí não existe nenhum perigo em absoluto de uma iluminação que leve o mago a uma obsessão de uma idéia fanática, ou à destruição do equilíbrio de sua mente.

A base racional dos poderes conferidos pela evocação e a realidade dos espíritos não se encontram muito distantes para nossa busca se considerarmos a psicologia patológica por um momento. O fenômeno da evocação pode ser comparado a uma neurose ou complexo sutis presentes em nossas mentes, os quais nos achamos incapazes

de eliminar ou descartar a não ser por algum meio que nos capacite a defini-los claramente e determinar sua causa. Este conhecimento lhes outorga uma forma consciente e racional precisa, que pode, então, ser francamente encarada e banida para sempre da mente como um impulso perseguidor e perturbador. O psicanalista é incapaz de ajudar um paciente neurótico particularmente ruim que sofre de uma neurose grave até que ele lide com o *inconsciente* por meio de sua técnica e descubra a causa da existência dos conflitos tipificados por essas neuroses. Este exame do conteúdo da mente, ou de alguma porção da mente e da memória, transmite clareza e coerência à causa neurótica subjacente, e o paciente percebendo claramente a forma e a causa da psicose evocada, se capacita a dissipá-la e bani-la. Enquanto o complexo for um impulso subconsciente oculto, espreitando destituído de configuração ou forma no *inconsciente* do paciente, ainda possuindo força suficiente para romper a unidade consciente, não pode ser adequadamente confrontado e controlado. A mesma base racional subjetiva é extensiva ao aspecto *goético* da magia, a evocação dos espíritos. Enquanto no interior da constituição do mago jazem ocultos, descontrolados e desconhecidos esses poderes subconscientes ou espíritos que conferem a perfeição de qualquer faculdade consciente, o mago é incapaz de confrontá-los o mais proveitosamente possível, examiná-los ou desenvolvê-los visando modificar um e banir o outro do total campo da consciência. Eles têm que assumir forma antes que possam ser usados. Mediante um programa de evocação, entretanto, os espíritos ou poderes subconscientes são convocados das profundezas e lhes sendo atribuída forma visível no *triângulo* de manifestação, podem ser controlados por meio do sistema mnemônico de símbolos transcendentais e conduzidos ao âmbito da *vontade* espiritualizada do teurgo. Enquanto estiverem intangíveis e amorfos não se pode tratá-los adequadamente. Somente dando-lhes uma aparência visível por meio das partículas de incenso e os evocando ao interior do triângulo mágico é que o mago é capaz de dominá-los e com eles agir como quiser. A teoria subjetiva aqui empregada é sumamente conveniente para suprir uma explicação de fácil compreensão desse fenômeno da *evocação*, pois é perfeitamente possível comparar os espíritos ao conteúdo-idéia ou conteúdo-pensamento-subconsciente da mente que atua invisível, silencioso e amorfo nos negros abismos da mente. A atribuição a eles de uma forma tangível por uma imaginação propelida a uma atividade prodigiosa pelo processo de evocação, capacita o mago a subjugar a horda incipiente de pensamentos, paixões e memórias indisciplinados que eles são, atribuindo assim forma e ordem à hierarquia dos espíritos, e subordinando a riqueza de seu conhecimento e energia particulares a sua *vontade.* Isto por si só constitui a razão e necessidade do empreendimento de evocações antes de se ter atingido o *Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião*, que é o ritual mágico supremo e maior.

De imediato, essa base racional proporciona uma definição das duas principais divisões da magia bem como uma distinta classificação das entidades espirituais hierárquicas. A invocação implica acima de tudo o mais a *convocação para dentro* do círculo da esfera humana de consciência, que é a definição do *círculo mágico*, de um deus ou do Santo Anjo Guardião. Nesta forma mais elevada de magia não há necessidade de triângulo exterior, pois o mago, tanto *círculo* como *triângulo* em um ser, está desejoso de mesclar sua própria vida com a vida maior de um deus e ceder seu próprio ser à vida maior de um deus. O *triângulo* implica manifestação e dualidade, a separação de um ser menor do teurgo. Na invocação a dualidade é uma maldição rematada, o propósito desse

aspecto da teurgia sendo eliminar a dualidade. A evocação, por outro lado, é a deliberada conjuração ou o *fazer surgir* de uma entidade incompleta ou menor para dentro do triângulo de manifestação que é colocado longe da circunferência do círculo. As definições das duas figuras principais são muito importantes e úteis e devem, acho, ser sempre lembradas. O *círculo* é a esfera da consciência, una, integral e completa. O *triângulo* representa manifestação e separação, e é nesse ponto que um ser das trevas é trazido à luz dos limites ocultos do círculo interior. Pode-se presumir que um deus seja uma idéia completa e harmoniosa, coerente e absoluta dentro de sua própria esfera, um macrocosmo que tudo abarca ao qual o mago, que é um microcosmo, une a si mesmo dentro dos limites protegidos do círculo. Por outro lado, um espírito ou uma inteligência é um ser menor e embora por definição seja uma força semi-inteligente da natureza, é uma idéia que não é nem completa nem bem desenvolvida e compreende apenas uma consciência limitada e partitiva. No caso da evocação, o espírito é evocado para dentro de um *triângulo* limitado e protegido por nomes divinos, colocados no exterior do *círculo* sagrado e o mago dentro do *círculo* se posta em relação ao espírito como um *macrocosmo* e um ser superior. Tal como a invocação de um deus inunda a consciência humana com uma onda estática da luz e vida divinas, o teurgo se posta como um deus e energizador do espírito. A finalidade da evocação é, em síntese, fazer intencionalmente salientar, por assim dizer, alguma porção da alma humana que é deficiente numa qualidade mais ou menos importante. Recebendo corpo e forma pelo poder da imaginação e da vontade, ela é, para usar uma metáfora, especialmente nutrida pelo calor e sustento do sol, e recebendo água e alimento pode crescer e florescer. A técnica é a assimilação de um espírito particular na consciência do teurgo, não por amor e rendição como é o caso na invocação de um deus, mas sim por comando superior e o gesto imperioso da *vontade*. Através desta assimilação, a ferida de Amfortas é curada, a deficiência é remediada e a alma do teurgo é estimulada de uma maneira especial, de acordo com a natureza do espírito.

O primeiro dos três livros relativos à evocação dos quais me proponho a falar aqui é *A Chave de Salomão, o Rei.* Este livro, de longe o mais notório de todos os livros de instrução mágica, foi traduzido em 1889 por S. L. McGregor Mathers para o inglês a partir de textos em latim e em francês. Ele próprio, estou informado, foi sumamente conhecedor do método e obteve sucesso no seu uso, tendo adaptado para o uso de seus próprios aprendizes um resumo científico abordando o processo de evocação em todas suas ramificações. Na opinião do tradutor, essa obra encerrava a fonte-matriz e o depósito central da magia cabalística. Nela é preciso que se busque a origem de muito da magia cerimonial da época medieval quando *A Chave* era estimada pelos melhores escritores do oculto e praticantes da magia como um trabalho da mais alta autoridade. Que serviu de instrução a Éliphas Lévi e lhe forneceu os dados nos quais foi baseado o *Dogma e Ritual de Alta Magia* é mais que provável pois deve ser evidente para quem quer que tenha efetivamente estudado Lévi com cuidado que a *Chave de Salomão* foi seu principal texto para estudo e prática. Embora ele não expresse franco reconhecimento como devedor por meio de muitas palavras, é a essa obra que ele se refere em suas vistosas observações relativas às *Clavículas do Rei Salomão.* No seu *Ritual de Alta Magia* ele cita uma invocação que atribui a Salomão, apresentando este ritual uma certa, embora não exata, semelhança em sua construção e teor, à primeira conjuração da *Chave*, reproduzida no último capítulo de seu trabalho. *A Chave,* como um todo, com a exceção de vários

capítulos inteiramente desprezíveis que lisonjeiam os apetites animais de ignorantes depravados, e que provavelmente são interpolações posteriores feitas no texto, é um dos mais práticos sistemas de técnica mágica existentes. Seu interesse capital está na evocação dos espíritos ou regentes planetários.

A questão obscura da efetiva existência de um original hebraico foi levantada em diversas ocasiões, e tanto P. Christian em sua *Histoire de la Magie* quanto S. L. MacGregor Mathers eram da opinião de que se tivesse havido um documento hebraico a partir do qual tenham sido feitas as traduções latina e francesa, este ter-se-ia perdido desde então. Waite mais ou menos se inclina para a dúvida de que tenha havido um texto hebraico, e outros escritores céticos acreditam que se trata simplesmente de uma falsificação medieval, menção de Salomão e de um autor hebreu sendo feita meramente para apresentar diante das mentes crédulas uma autoridade adicional por qualquer mérito e validade que o livro possuísse. Recentemente, entretanto, um manuscrito hebraico foi descoberto pelo dr. Herman Gollancsz e um impresso em fac-símile foi publicado pela Oxford University Press em 1914. Após um exame deste trabalho publicado sob o título de *Sepher Maphteah Shelomo*, que corresponde a *O Livro da Chave de Salomão*, em hebraico, não posso admitir que a despeito da obra traduzida para o inglês ter o mesmo título haja uma necessária conexão entre as duas. Seus conteúdos são completamente diferentes.

O sistema de magia exposto em *A Chave de Salomão, o Rei* é extremamente objetivo, estando enraizado na existência, independente de nossa própria consciência, dos deuses ou anjos que habitam os planetas. Sua *raison d'être* é o postulado de que a invocação deles pelo homem é uma possibilidade distinta, e que eles podem ser submetidos à vontade soberana do homem. A filosofia mágica postula a existência de uma entidade espiritual que é a alma ou *nôumenon* por trás da casca visível de cada planeta. É o regente ou guardião da mesmíssima maneira que a alma no homem é a realidade metafísica oculta funcionando nas profundezas de seu ser. Esta é, por certo, a visão objetiva, e ao desenvolver esta teoria, os antigos sistemas atribuíam aos deuses dos planetas hierarquias de espíritos e inteligências menores bem como elementais, os administradores do movimento e atividade celestiais. Um diagrama de classificação dessas entidades é apresentado numa página anterior. É conhecimento ordinário que os dias da semana possuem um significado astronômico e que o domingo é o dia do sol, a segunda-feira o dia da lua, o sábado o dia de Saturno, e assim por diante. Por este arranjo, como tem sido ensinado pela astrologia, em algum dia em particular a influência de um dado planeta e seu *regente* predomina e existe de uma forma mais poderosa do que em qualquer outro dia. Esta classificação é levada ainda mais longe em *A Chave*, e os magos medievais concebiam sistematicamente que certas horas do dia poderiam estar também sob a direta influência dos planetas. Por conseguinte, há em *A Chave* uma ampla lista das horas planetárias, indicando quais as horas específicas nos sete dias da semana são atribuídas a quais planetas e os nomes dos anjos que são regentes durante o desenrolar da hora. Assim, para tornar eficiente a evocação de um regente planetário, ou seu espírito e inteligência, uma cerimônia deve ser realizada não apenas do dia correto da semana, como quarta-feira[37] para Mercúrio, como também durante a hora correta. Visto que Mercúrio é atribuído à oitava *Sephira* na Árvore da Vida, sua significação numérica é

[37] Em inglês *Wednesday*, derivado de *Woden's day*, dia de Woden, o nome saxão de Odin. (N. T.)

oito. Sua hora apropriada seria conseqüentemente a oitava hora que, de acordo com a tabela, é denominada *Tafrac* e seria suscetível de maneira peculiar às coisas mercurianas. Na oitava hora do dia de Mercúrio, que é quarta-feira, empregando as ervas, incensos, cores, selos, luzes, formas e nomes divinos que se harmonizam e são coerentes com a natureza tradicional de Mercúrio, o mago é mais facilmente capacitado a estimular a criatividade da *imaginação* e evocar ou a partir de sua própria mente ou a partir da *luz astral* a idéia ou espírito pertencente à categoria ou hierarquia denominada Mercúrio. Tendo escrito as conjurações apropriadas, a cerimônia é executada. O mago, envolvendo a si mesmo astralmente com a forma do deus que é atribuído à mesma *Sephira* da qual Mercúrio é uma correspondência – mas não se unindo à forma no caso de somente um espírito ou inteligência serem requeridos – e forçosamente dirigindo um poderoso fluxo de força de *vontade* sobre o *sigillum* do espírito, invoca o deus, suplica ao arcanjo e conjura o anjo que a entidade espiritual apropriada possa ser constrangida a se manifestar fora do *círculo* no consagrado *triângulo da arte*, de acordo com os selos e os elementos coerentes e harmoniosos empregados. Embora esta técnica não esteja plenamente explícita em *A Chave* – já que o rudimentar método aí descrito seria comparável a um menininho pedindo ao seu pai para lhe dar alguns trocados – a experiência e a tradição têm demonstrado que os métodos egípcios se harmonizam muito bem com o método cabalístico de *A Chave*, e são mais conduzentes à produção dos resultados desejados.

Há capítulos do livro que tratam cuidadosamente das qualidades essenciais dos planetas e da variedade de diferentes operações que pertencem mais distintamente a um do que a outro, embora todas essas instruções sejam suplementadas pelo conselho principal de executar toda *operação* quando a lua estiver na crescente nos dias entre seu nascer e sua plenitude. Assim a evocação das forças de Marte nos dias e horas de Marte confere coragem, energia e força de vontade, enquanto que os períodos próprios do Sol, de Vênus e Júpiter se adaptam bem a quaisquer operações de amor, de benevolência e de invisibilidade. Operações para a aquisição de uma abundância de eloqüência, conhecimento científico, profecia e a capacidade da adivinhação surgiriam na esfera de Mercúrio e assim por diante tal como foi formulado na astrologia. *O Mago* enumera os anjos relativos aos doze signos zodiacais e os períodos mais propícios para a evocação deles seriam no dia e hora do planeta regente e exaltado naquele signo. O método exato de construir o círculo mágico é dado com certos detalhes, bem como a maneira pela qual deve ser especialmente consagrado. Poderia acrescentar que embora *A Chave* afirme que o *círculo* deveria ser traçado na terra com a faca ou espada mágicas, o moderno teurgo pode traçar o *círculo* com suas cores apropriadas sobre um pedaço virgem de tela ou sobre o chão de seu *templo*, seja este de cerâmica, taco ou linóleo, traçando-o posteriormente no ar com a espada ou o bastão.

Um fato que faz de *A Chave* um dos únicos e mais importantes dos trabalhos mágicos disponíveis é ela fornecer excelentes ilustrações dos *pantáculos* e selos apropriados aos sete planetas, necessários para o uso como *lamen* e *sigillae* durante as cerimônias, mostrando também como deveriam ser construídos. Quando a lua estiver num signo do ar ou da terra, durante os dias e horas de Mercúrio, será o mais propício período para a confecção dos pantáculos e selos. O mago deve dispor também de uma câmara especial, se possível, independente com a devida privacidade onde, após a correta consagração e fumigação ascendente, é possível construir os pantáculos seja sobre metal, seja sobre papel limpo virgem. “Estes pantáculos são geralmente feitos do metal que mais

se adequa à natureza do planeta... Saturno rege o chumbo, Júpiter o estanho, Marte o ferro, o Sol o ouro, Vênus o cobre, Mercúrio a mescla dos metais e a Lua, a prata. Podem também ser feitos com papel virgem exorcizado, escrevendo-se sobre ele com as cores adotadas para cada planeta, referindo-se às regras já indicadas nos devidos capítulos, e de acordo com o planeta com o qual o pantáculo se harmoniza; por este motivo a cor apropriada de Saturno é o preto, Júpiter rege o azul celeste, Marte o vermelho, o Sol o dourado ou o amarelo ou citrino, Vênus o verde, Mercúrio as cores mistas (via de regra o laranja, conforme as melhores tradições cabalísticas), a Lua o prateado ou a cor da *terra argentina*."

É fornecida uma série similar de regras relativas aos mantos e vestes a serem usados cerimonialmente pelo *Mestre da Arte* e seus assistentes. Cada instrumento particular a ser empregado, bastão, espada, adaga, etc., e todos esses acessórios tais como incenso, pergaminho para os selos, cera para os pantáculos ou talismãs, e as coberturas de seda para os *sigillae* – devem ser cuidadosamente exorcizados para se tornarem puros, depois do que devem ser consagrados à obra em pauta. O sistema, em síntese, é um método completo, apresentando várias invocações e conjurações que resultam na evocação para aparição visível do espírito desejado, e com um pouco de engenhosidade o mago pode utilizar o esquema do sistema para quase qualquer finalidade. O procedimento efetivo, em breves palavras, da *operação* pode ser resumido como se segue: primeiramente, deve haver a consagração e preparação das armas, instrumentos e a construção do *círculo.* Após um banimento completo, que o mago profira uma *oração* ou *invocação* geral ao *Senhor do Universo* ou ao seu próprio *Eu superior* para dar legitimidade à operação. Exemplos de um tal salmo são fornecidos no capítulo final deste livro. Isso concluído, a forma do deus apropriado deve ser assumida astralmente de maneira que a *máscara* encubra completamente o mago em *imaginação*, embora esta necessidade não deva ser levada ao ponto da identificação. Uma conjuração geral deve se seguir recitando a autoridade mediante a qual o mago atua, e enumerando os poderes que no passado produziram grandes resultados por meio de outros magos. Nesse ponto, a consciência do mago deve ter começado a se exaltar devido à queima do incenso, à psicologia dos mantos, ao lirismo e ao valor intoxicante da invocação com sua longa lista reverberante de nomes bárbaros e a enumeração de prodígios, comandos e imprecações, além do efeito desconcertante, por assim dizer, das luzes, figuras e selos. O clímax da operação, a manifestação do espírito, ocorre então quase automaticamente. *A Chave de Salomão* fornece em seguida mais ou menos o correto procedimento até que, quando o *espírito* apareceu sob forma visível e obedeceu ao mago, a *Licença para Partir* e o ritual de banimento devam uma vez mais ser recitados a fim de encerrar a cerimônia inteira.

N.	***Cores***	***Plantas***	***Pedras preciosas***	***Perfumes***	***Metais***	***Nomes divinos***
1	Branco	Amendoeiro em flor	Diamante	Âmbar cinzento	–	Eheieh
2	Cinza	Amaranto	Rubi-estrela; turquesa	Almíscar	–	Jehovah
3	Preto	Cipreste; papoula	Safira-estrela; pérola	Mirra; algália	Chumbo	Jehovah Elohim
4	Azul	Oliveira; trevo	Ametista; safira	Cedro	Estanho	El
5	Vermelho	Carvalho; nogueira-vômica; urtiga	Rubi	Tabaco	Ferro	Elohim Gibor
6	Amarelo	Acácia; loureiro; vinha	Topázio; diamante amarelo	Olíbano	Ouro	Jehovah Eloh ve Daäs
7	Verde	Roseira	Esmeralda	Benjoim; rosa; sândalo vermelho	Cobre	Jehovah Tsavoös
8	Laranja	Móli; *Anhal. Lewinii*	Opala; esp. opala ígnea	Estoraque	Mercúrio	Elohim Tsavoös
9	Púrpura	*Manyan*; da miana; *yohimba*	Quartzo	Jasmim; ginseng	Prata	Shaddai El Chai
10	Mescla	Salgueiro; lírio; hera	Cristal de rocha	Ditania de Creta	–	Adonai Melech

Há uma página ou duas escritas por Francis Barrett em seu livro *The Magus* (que se descobriu terem sido citadas quase que ao pé da letra a partir de H. C. Agrippa) que podem ser muito úteis ao mago porquanto explicam o processo de consagração e preparação; e não apenas isto como também esboça um dos segredos da composição dos rituais, o da comemoração. Ele escreve:

"Portanto, quando você fosse consagrar qualquer *lugar* ou *círculo*, deveria tomar a oração de Salomão usada na dedicação e consagração do templo; teria, do mesmo modo, que abençoar o lugar aspergindo-o com água benta e tratando-o com fumigações ascendentes, e comemore nos santos mistérios da bênção; tais como estes, a santificação do trono de Deus, do Monte Sinai, do tabernáculo da promessa divina, do santo dos santos, do templo de Jerusalém; também a santificação do Monte Gólgota pela crucificação de Cristo; a santificação do templo de Cristo; do Monte Tabor pela transfiguração e ascensão de Cristo, etc. E invocando-se todos os nomes divinos que são significativos em relação a isso, tais como o lugar de Deus, o trono de Deus, a cadeira de Deus, o tabernáculo de Deus, o altar de Deus, a habitação de Deus, e os nomes divinos similares desta espécie, que devem ser escritos em torno do círculo ou do lugar a ser consagrado.

"E na consagração dos instrumentos e toda outra coisa que é usada nesta arte, você deve proceder de maneira idêntica, borrifando com água benta do mesmo modo, por fumigação, untando com azeite sagrado, selando-o com algum selo santo e abençoando-o com oração, e comemorando coisas santas pelas Santas Escrituras, coletando nomes divinos que são agradáveis às coisas a serem consagradas, como por exemplo, na consagração da espada é preciso que lembremos pelo evangelho 'aquele que tem duas capas' etc., e que no segundo de *Macabeus* é dito que uma espada foi divina e miraculosamente enviada a *Judas Macabeus*; e se houver algo semelhante nos profetas como 'tragam para vocês espadas de dois gumes', etc. E você deverá da mesma maneira

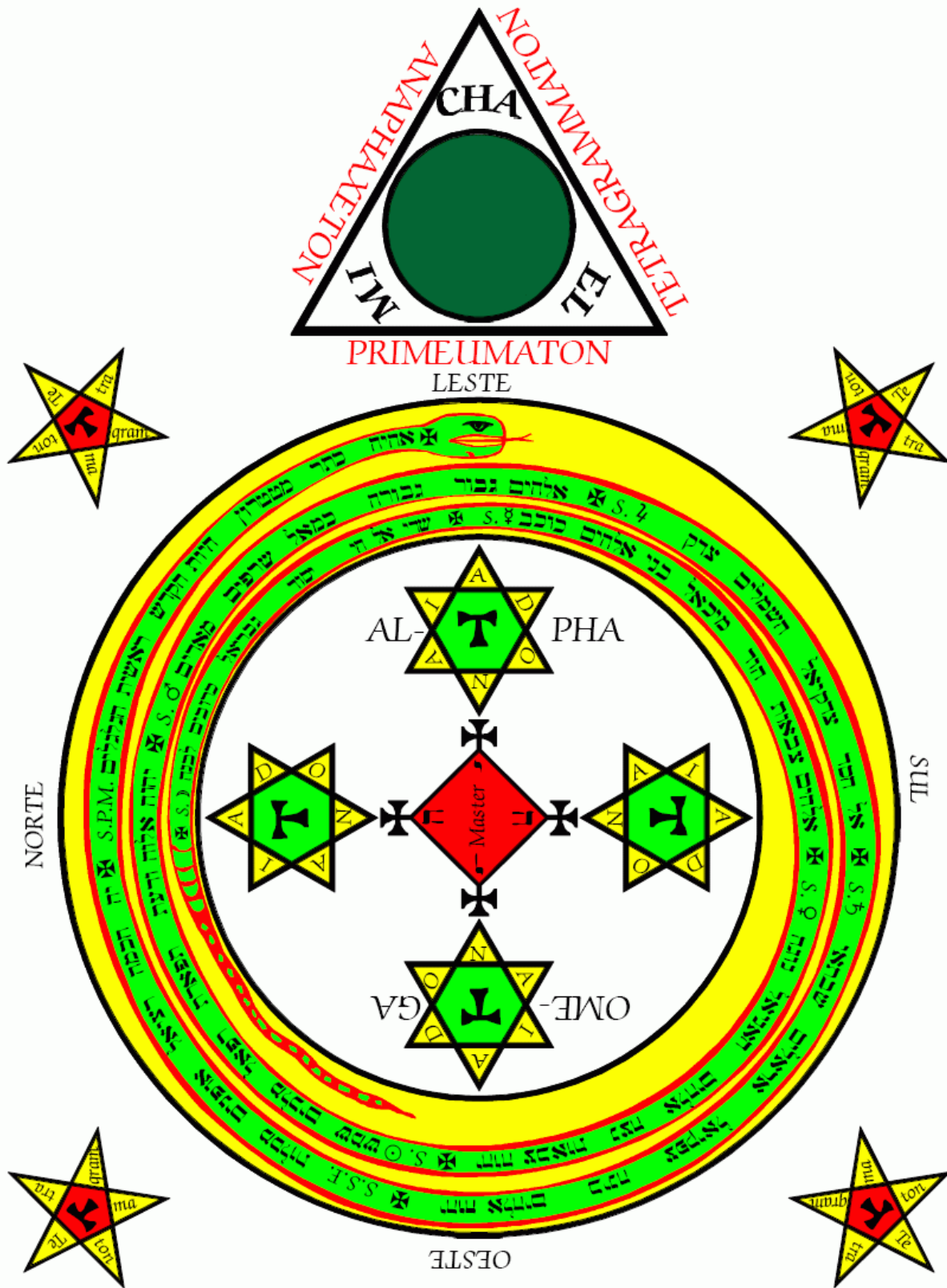
consagrar experimentos e livros, e seja lá o que for de natureza similar, como escritos, gravuras, etc. borrifando, perfumando, untando, selando, abençoando com comemorações santas e chamando à lembrança a santificação dos mistérios, como a tábua dos dez mandamentos, que foram transmitidas a Moisés por Deus no Monte Sinai, a santificação do Antigo e do Novo Testamentos, e igualmente a da lei, dos profetas e Escrituras, que foram promulgadas pelo Espírito Santo; e mais uma vez existem para serem mencionados aqueles nomes divinos que sejam convenientes no caso, a saber, o testamento de Deus, o livro de Deus, o livro da vida, o conhecimento de Deus, a sabedoria de Deus e similares. E com tal tipo de ritos como estes é executada a consagração pessoal...

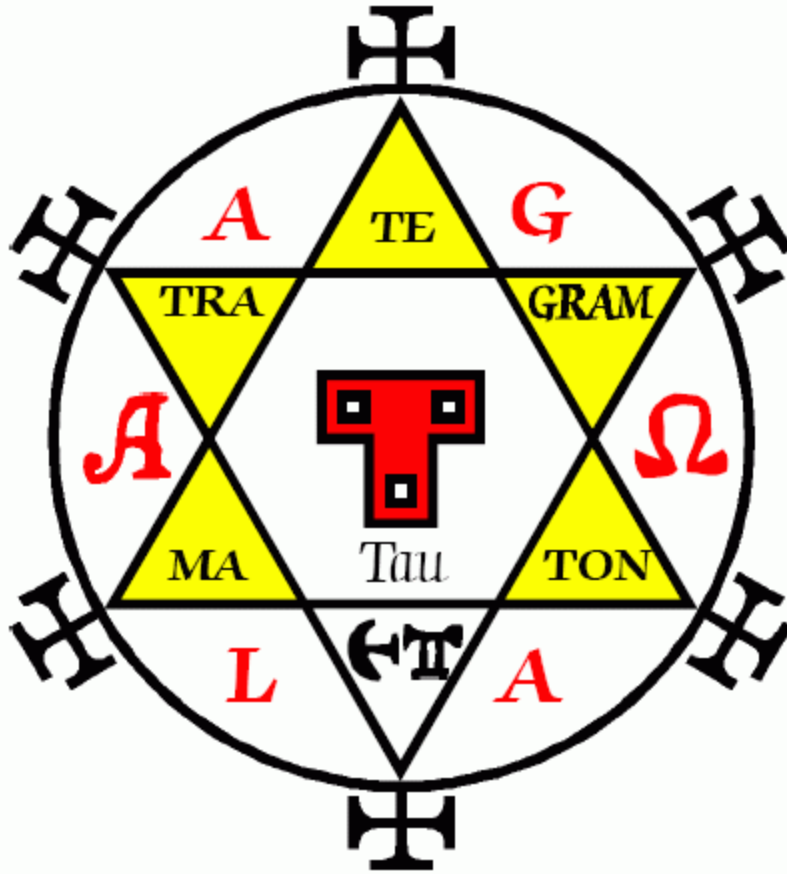
"É necessário observar que *votos*, *oblações* e *sacrifícios* possuem o poder de consagração, tanto real quanto pessoal, e eles são, por assim dizer, certas convenções entre aqueles nomes com os quais são feitos e nós, que os fazemos, aderindo fortemente ao nosso desejo e efeitos desejados, como quando sacrificamos com certos nomes ou coisas, como fumigações, unções, anéis, imagens, espelhos e algumas coisas menos materiais, como caracteres, selos, pantáculos, encantamentos, orações, gravuras. Escrituras, do que falamos largamente antes."

A *Pequena Chave de Salomão, o Rei* ou *A Goécia* (palavra provavelmente derivada de uma raiz que significa "berrar" ou "gemer" se referindo possivelmente à técnica dos nomes bárbaros, uma característica das invocações do livro[38]) trata de uma descrição minuciosa de setenta e dois espíritos ou hierarquias de espíritos que a tradição afirma eram evocados e submetidos por Salomão. Foi por meio da ação deles e por meio deles que Salomão recebeu aquela sabedoria superlativa e aquele conhecimento espiritual que a lenda afirma lhe terem pertencido. Ao abrir o livro há uma definição da magia a título de proêmio nestes termos: "A magia é o mais elevado, mais absoluto e mais divino conhecimento da filosofia natural, avançado em sua obras e prodigiosas operações por uma compreensão correta da virtude interior e oculta das coisas, de sorte que agentes verdadeiros sendo aplicados aos *pacientes* adequados efeitos estranhos e admiráveis serão desse modo produzidos. Daí os magos serem profundos e diligentes pesquisadores da natureza; devido à sua habilidade, eles sabem como antecipar um efeito, o qual para o vulgo se afigurará como um milagre."

Quanto à opinião de Waite de que *A Goécia* se refere ela mesma à *magia negra*, tenho de discordar. Minha própria opinião é que Waite se inclina a classificar como magia negra qualquer método técnico que se mantém fora do ádito consagrado de sua própria organização. O sistema delineado por Francis Barrett na parte de seu livro intitulada *Magia Cerimonial* é na realidade baseado na *Chave* e no livro de que ora nos ocupamos, bem como em *de Occulta Philosophia*, de Agrippa. Vários dos rituais que ele apresenta são tomados palavra por palavra, e com apenas umas poucas alterações e acréscimos secundários, de *A Goécia.* Embora dificilmente comparável a *Abramelin* em matéria de sublimidade e poder de concepção espiritual, *A Goécia* é, entretanto, um sistema relativamente fácil tanto de ser compreendido quanto de ser operado, pois também neste caso o mago não é sobrecarregado com tais exigências impossíveis e fantásticas como sangue de morcego, caveiras de parricidas e cabritos ou cordeiros

[38] do grego γοητεια, fascinação, e posteriormente por extensão o significado pejorativo de charlatanismo, impostura, fraude. O grego γοησ (ητοσ) significa originalmente mago ou feiticeiro, e daí charlatão, impostor. (N. T.)

virgens. Tudo o que o operador tem que observar a fim de alcançar o sucesso são algumas regras mais ou menos elementares. Como pré-requisitos mágicos para as evocações, é necessário que disponha de um equipamento composto de bastão, espada, capuz e um manto que cubra todo o corpo ou uma longa toga de linho branco com o qual trabalhar, bem como vários mantos ou casulas de cores diversas, que variam dependendo da operação e da natureza do espírito a ser conjurado. De hábito, deve haver o turíbulo com incenso especial, o azeite de unção para consagração e o talismã ou selo que o operador queira carregar. Seguem-se instruções relativas à natureza do *círculo mágico* e o *triângulo* que o acompanha, suas dimensões, cores, inscrições e os nomes divinos a serem empregados como proteção e pintados em cores ao redor tanto do círculo quanto do triângulo. Reproduzo aqui um tipo de círculo e triângulo recomendado por *A Goécia.* As palavras hebraicas em torno do círculo são os nomes das *Sephiroth* com as atribuições planetárias, os *nomes divinos* apropriados, arcanjos e coros angélicos.

Círculo e triângulo

A maior parte do livro diz respeito a uma descrição rigorosa dos *espíritos* e suas hierarquias. Os setenta e dois hierarcas são classificados em várias categorias: reis, duques, príncipes, marqueses e assim por diante, compreendendo naturezas boas, más e indiferentes. Na economia da natureza eles têm sua própria função particular, uma tarefa específica para executar e quando evocados e controlados pelo *invocador* e seus símbolos conferem uma certa faculdade, poder ou tipo de conhecimento como foi explicado anteriormente. Diversos métodos podem ser aplicados em sua classificação já que é possível distribuir o número deles entre os *quatro elementos* ou referi-los aos sete planetas, ou aos doze signos do zodíaco. Os selos de aparência estranha fornecidos em *A Goécia* como representativos das assinaturas dos *espíritos* devem ser usados no peito do mago, no reverso do *pentagrama* gravado sobre um *lamen* de metal de acordo com a posição, dignidade e caráter do *espírito* a ser convocado à aparição visível. Assim, o *sigillum* de um rei dos *espíritos* deve ser gravado sobre um *lamen* de ouro, enquanto que o de um duque deve sê-lo sobre cobre, o de um príncipe sobre estanho enquanto que a prata deve ser o material do *lamen* para a evocação de um marquês. Por meio deste método, os caracteres dos *espíritos* são mostrados pelos metais empregados na construção do *lamen.* Os reis são de uma dignidade solar; os duques são venusianos; os príncipes, jupiterianos e os marqueses dizem respeito à Lua. Devem ser observadas estações e ocasiões para a conjuração dos espíritos pois "tu deverás conhecer e observar o *período da lua* para teu trabalho, os melhores dias sendo quando a Lua tem 2, 4, 6, 8, 10, 12 e 14 dias, como diz Salomão, nenhum outro dia sendo aproveitável". O texto continua afirmando que os reis "podem ser submetidos das 9 até o meio-dia e das 3 da tarde até o pôr-do-sol; os marqueses podem ser submetidos das 3 da tarde até as 9 da noite e das 9 da noite até o nascer do sol; os duques podem ser submetidos do nascer do sol ao meio-dia com tempo límpido sem nuvens; os prelados podem ser submetidos a qualquer hora do dia; os cavaleiros podem ser submetidos da aurora até o nascer do sol ou das 4 horas até o pôr-do-sol; os presidentes podem ser submetidos a qualquer hora, exceto no crepúsculo, à noite, a menos que o rei a que estão subordinados seja invocado; e os condes a qualquer hora do dia, seja nos bosques, seja em quaisquer outros lugares que os homens não freqüentam, ou onde não há ruído."

O Hexagrama de Salomão

Incluídas no domínio dos *Quatro Grandes Regentes* ou *Reis Elementais dos Pontos Cardeais* estão essas hierarquias dos setenta e dois espíritos. Há Amaimon no leste, Corson no oeste, Ziminiar no norte e Göap no sul, um quadrante cardeal específico devendo ser encarado pelo mago, o *triângulo* também apontando na mesma direção, em consonância com o regente do *espírito* a ser evocado. Não convém supor de modo algum que esses espíritos referidos em *A Goécia* sejam meros elementais, espíritos da natureza ou forças semi-inteligentes que arcam com a carga mecânica da natureza; pelo contrário, diz-se dispor a maioria deles de um grande séqüito ou sub-hierarquia de espíritos elementais subordinados que os servem. Pode-se supor que sejam os assim chamados reis elementais, cuja função na ordem natural das coisas é apenas secundária relativamente ao governo dos principais deuses ou anjos planetários. Com efeito, Blavatsky sugere em *A Doutrina Secreta* que de forma alguma devem os reis ou deuses dos elementais ser confundidos com os próprios cegos e brutais espíritos elementais. Esses últimos, no máximo, são simplesmente usados pelos brilhantes deuses elementais como veículos e materiais luminosos com os quais se vestem.

A descrição de Paimon, por exemplo, é que ele ensina todas as artes e ciências e outras coisas secretas. "Ele é capaz de descobrir para ti o que a Terra é, e o que ela encerra nas águas; e o que a Mente é, ou onde ela está; ou quaisquer outras coisas que possas desejar saber. Ele proporciona dignidade e confirma a mesma. Ele é para ser

observado rumo oeste. Ele é da *Ordem dos Domínios.* Possui sob seu comando duzentas legiões de *espíritos* e parte deles pertence à *Ordem dos Anjos* e a outra parte dos *Potentados.*" *A Goécia* também empreende a descrição da maneira pela qual ele faz sua aparição no *triângulo da arte* em que é evocado. Acompanhando-o em sua manifestação visível "apresenta-se ante ele também uma *hoste de espíritos,* como *homens* com trombetas e pratos bem sonoros e todos os outros tipos de instrumentos musicais." Uma outra entidade menor é Bótis, que é tanto um *presidente* quanto um *conde dos espíritos* e quando evocado "...narra todas as coisas passadas e futuras, e reconcilia amigos e inimigos. Comanda sessenta legiões de *espíritos*". Para mencionar mais um hierarca, temos Bifrons, chamado de *conde*, e cuja função é familiarizar a pessoa com a astrologia, geometria e outras artes e ciências, e nele também está contido o conhecimento das virtudes das pedras preciosas e madeiras, estando sob seu comando sessenta legiões de espíritos.

Entre os numerosos selos presentes neste livro de instrução mágica, há também um pentagrama a ser usado como um *sigillum* durante qualquer operação mágica, com o propósito de proteger o operador dos espíritos perigosos, e também para restaurar sua confiança no poder da *vontade.* A ilustração da página ... (*Sigillum* do Pentagrama) apresenta o desenho dessa figura. É para ser usado sobre o peito do mago como um *lamen*, o lado inverso tendo o selo do espírito particular a ser evocado. Em vários estágios de uma cerimônia esse *sigillum* deverá ser levado erguido na mão aos pontos cardinais, onde o mago recitará uma exigência aos *espíritos* para que rendam obediência aos *sigilli* inscritos dentro do pentagrama. Outrossim, *A Goécia* ilustra um hexagrama que deve ser pintado sobre pergaminho de pele de bezerro a ser usado na borda do manto ou toga curta. As instruções que acompanham o desenho têm o propósito de indicar que essa figura deve ser coberta com um tecido de linho fino, branco e puro, e "... é para ser mostrada aos *espíritos* quando estes aparecerem, de maneira que sejam obrigados a assumir forma humana e prestarem obediência." Esse tipo de hexagrama é reproduzido em cores na página ...

Pouco conhecido dos aprendizes de magia da atualidade, já que jamais foi traduzido para o inglês, é um livro intitulado *O Livro do Anjo Ratziel.* Durante os últimos duzentos anos foi considerado pelos judeus como um depósito sagrado e mesmo hoje, entre os membros de uma seita corrompida quase-mística chamada de *Chassidim* – que incorporava outrora ensino e aspiração espirituais de grande excelência – esse livro é bastante venerado. Um dos seus rabinos informou ao presente autor que quando um membro de sua congregação está doente, uma cópia desse trabalho de magia é imediatamente levada ao leito do doente de maneira que possa ser colocada sob o travesseiro. É uma coletânea de escritos e visões de magia que não causam particular impressão, a maior parte distintamente rudimentar, que pretendem datar do *paraíso adâmico*, embora haja suficiente evidência interna a nos assegurar que ao menos três diferentes escritores em data não muito antiga contribuíram individualmente para o seu conteúdo, o conjunto tendo sido sintetizado por uma mão habilidosa. Houve uma época na qual era fácil obter tal obra. Atualmente, entretanto, esta obtenção é rara.

Como todos os nomes angélicos hebraicos, a palavra *Ratziel* é uma palavra composta, que produz quando analisada a frase "O Anjo do Mistério", que se concebe que seja o autor divino dos mistérios mágicos comunicados a Adão, o primeiro ser a receber esse conhecimento. Sua tradição segue quase exatamente aquela da lenda da

ortodoxia cabalística, segundo a qual expulso do paraíso que lhe estava barrado por um anjo que portava uma espada flamejante, Adão no exílio transmitiu o livro ao seu filho, que o revelou a Enoque. Enoque o passou às gerações sucessivas de patriarcas até que, finalmente, culminou, como o leitor pode ter antecipado, na comunicação de seu mistério ao Rei Salomão que, por intermédio deste mistério, conquistou todo o conhecimento, sabedoria e riqueza.

A obra como um todo está dividida em três partes principais, embora haja suplementos mais curtos que fornecem ao leitor fórmulas complexas, embora ambíguas, de amuletos e alguns talismãs e encantamentos de aspecto um tanto divertido, com instruções altamente elaboradas para seu uso e emprego correto. Muito espaço é reservado ao estudo da angelologia, fonte da qual um grande número de autores posteriores bebeu, e no começo há conselhos referentes à evocação desse anjos à aparição visível, as instruções variando de acordo com dia, hora, mês e estação. A caminho do desfecho do livro há uma longa oração ou invocação, apostrofando Deus numa maneira hebraica exemplar como o Rei, percorrendo o alfabeto inteiro diversas vezes a fim de descrever *Seus* atributos distintivos, todos os quais são fases de alguma força e função particulares do universo. Como sistema de técnica mágica é muito desfavoravelmente comparável com os dois livros previamente mencionados no que diz respeito ao efetivo *modus operandi* e o teor filosófico.

A primeira parte do livro, a única que consideraremos nestas páginas visto que suas duas últimas partes são comparáveis à *Goécia* e à *Chave* já descritas, é singular pela razão a seguir. Procura descrever a completa organização do céu, ou as várias camadas ou planos da luz astral. A essência da visão é uma descrição do céu ao qual Noé foi carregado por dois anjos de aspecto ígneo, embora muito pouco disto tenha importância acrescentando algum conhecimento ou provendo alguma nova informação elucidativa daquilo que já detemos. Um céu, o terceiro, é caracterizado pelo *vidente* como sendo o lar, por assim dizer, das almas ou deuses interiores do sol e das estrelas, o primeiro sendo atendido por inúmeras fênixes, as quais simbolizam regeneração e imortalidade. Noé era atendido por quatrocentos anjos que toda noite removiam sua coroa para levá-la ao *Senhor do Céu* e a devolviam toda manhã quando eles próprios o coroavam. Hostes de anjos, armados com espadas resplandecentes para o julgamento da humanidade e os mensageiros das decisões do *Altíssimo* eram vistos no quarto céu, e simultaneamente esses espíritos armados cantavam e dançavam diante de Deus com o acompanhamento de pratos. Sua visão estendendo-se ao quinto céu revelava a Noé quatro diferentes ordens de *sentinelas*, os quais, ao mesmo tempo que lamentavam seus anjos camaradas uma vez decaídos, estavam ainda cantando e fazendo soar continuamente quatro espécies diferentes de trombetas em louvor de Deus. No sexto céu havia legiões resplandecentes de anjos, mais resplandecentes e esplêndidos que o sol quando brilha na plenitude de sua força. Havia arcanjos, também, e neste céu Noé viu como todas as coisas eram ordenadas e planejadas, com os protótipos de todas as coisas vivas e almas de toda a humanidade. No meio da visão gloriosa, ele viu sete criaturas arcangélicas, cada uma com seis asas, cantando num uníssono absoluto. O céu mais elevado foi visto como uma luz ígnea, povoada por arcanjos e seres e poderes incorpóreos, havendo também o rosto de Deus fulgurante de luz celestial, emitindo chispas do mais puro fogo e chama.

Muito da confusão que caracteriza as visões e tentativas em magia dos amadores pode ser largamente atribuído, acho, à omissão de alguns desses dispositivos preliminares

como o *Ritual de Banimento do Pentagrama*, com a conseqüência de que a despeito da pureza e elevada disposição do vidente, a esfera de percepção é invadida por quaisquer entidades que possam estar nas vizinhanças astrais. Nem sempre é a obsessão ou a possessão elementar o clímax da omissão do adequado banimento, mas pelo fato de entidades indesejáveis passarem sem barreira diante da visão interior, não haverá qualquer continuidade ou consistência na visão. Conseqüentemente, ao registrá-las, o vidente, mais ou menos temeroso de confiar em seu próprio discernimento nesses elevados assuntos, relata a visão inteira juntamente com os pontos não-essenciais. Isto ocorre em vários exemplos, e é apenas quando a esfera astral é extraordinariamente vigorosa e radiante, possuindo uma luz espiritual através da qual nenhuma entidade astral *ousa* invadir, a menos que o faça com permissão do vidente, que as visões podem ser empreendidas com segurança sem o banimento de proteção preliminar.

Há uma outra matéria de caráter preventivo que deve ser mencionada caso o leitor deseje testar essas coisas. Ao fazer uso dos selos e *sigilli* exibidos em tais obras como *O Livro do Anjo Ratziel* e *The Magus*, corre-se muito perigo, principalmente devido aos grosseiros erros e falhas de impressão do hebraico que foram perpetuados. É difícil dizer se foram acidentais ou causados inteiramente pela ignorância dos escribas. Não é difícil, contudo, compreender que se o objetivo do selo é estabelecer uma marca na luz astral à qual uma entidade correspondente se apresse em responder, um erro na inscrição textual provocará um erro similar no tipo de marca astral. O resultado disto é que o efeito será bastante diferente daquele que se espera, e mesmo prejudicial e perigoso. E isto exige, acima de tudo, conhecimento e capacidade para apurar a existência dos erros e corrigi-los. Sob o risco de tornar a prescrição desagradável para o leitor, é imperioso que se reitere que é indispensável um conhecimento da Cabala ao praticante da magia. Deve haver uma familiarização com a *Gematria*, o *Notariqon* e a *Temurah* – os três métodos envolvendo o uso esotérico do número; do mesmo modo, com aquele aspecto da filosofia que trata do simbolismo das letras hebraicas, do alfabeto mágico dos símbolos, nomes, números e idéias que se prende aos *Trinta e Dois Caminhos da Sabedoria.* Embora haja uma grande quantidade de erros crassos aparentes nos *sigillae* e texto impresso em hebraico mostrado por Barrett, o texto impresso oferecido em inglês, todavia, é absolutamente preciso e útil, podendo ser consultado pelo leitor sério muito proveitosamente. A *Secret Doctrine in Israel (Doutrina Secreta em Israel)* de Waite e sua *Holy Kabalah (Santa Cabala)* sejam talvez as melhores obras possíveis de serem obtidas que oferecem um esboço inteiramente bom do teor doutrinário da Cabala. Os trabalhos de magia de Cornélio Agrippa, o *Liber 777* e *Sepher Sephiroth* de Aleister Crowley e o meu *Garden of Pomegranates (Jardim de Romãs)* serão de grande valia ao fornecerem o alfabeto fundamental com as atribuições corretas necessárias à compreensão dos selos e símbolos.

Por outro lado, desejo abordar uma importante analogia existente entre os processos da magia e da ioga. Esta analogia é efetivamente digna de consideração na medida em que argumentamos aqui que a ioga não deve ser colocada em oposição à magia e em superioridade a esta, estes dois sistemas constituindo, ao contrário, conjuntamente o que pode ser chamado de *misticismo.* Se supormos que nossas correspondências com as hierarquias mágicas representam fatos da natureza – não podendo haver por um único momento qualquer dúvida real – a base lógica filosófica que se pode vincular à magia como aqui a descrevi não estará muito distanciada daquela do

Caminho da União Real tal como descrito por uma autoridade como Swami Vivekananda.

Discorremos pormenorizadamente aqui a respeito de vários deuses cósmicos serem atribuídos às *Sephiroth* da Árvore da Vida, seres excelsos que são os regentes inteligentes e guias dos processos evolutivos; a cada deus uma hierarquia apropriada está subordinada, os mensageiros imediatos que são *anjos*, *arcanjos*, *espíritos* e *inteligências.* Este sistema de classificação não se aplica somente ao macroscosmo, como também ao microcosmo. A base da Árvore da Vida foi de tal modo elaborada que se refere não só aos desenvolvimentos cósmicos como também às várias partes – psíquica, mental e espiritual – do próprio homem, focalizando assim o campo inteiro de atividade universal no interior do próprio organismo do homem. Os doze signos do zodíaco e os sete planetas são atribuídos à Árvore como um todo. Considerando-se o ser humano como um microcosmo do grande universo estelar e cósmico, todos os planetas, elementos e forças nele têm curso, e mesmo os signos do zodíaco estão claramente representados em sua natureza. A energia do *Carneiro*[39] está em sua cabeça; o *Touro* concede resistência laboriosa e força aos seus ombros; o *Leão* representa a coragem de seu coração e o fogo selvagem de sua têmpera, enquanto os joelhos, ajudando-o a saltar, estão sob o signo do *Bode.* [40] Isto, a título de exemplo, supre a base para uma teoria subjetiva tanto ontológica quanto epistemológica: o universo existe somente dentro da consciência do homem, é contérmino a esta consciência e suas leis são as leis da mente.

No meu trabalho anterior, *Garden of Pomegranates* [Jardim de Romãs] foi traçada uma correspondência diagramática entre as *Sephiroth* cósmicas, as várias *partes do ser humano* e os *chakras* ou os centros nervosos centrais que existem no departamento psico-espiritual da constituição humana. Outras atribuições à luz das especulações precedentes de imediato se revelam. As seguintes podem ser indicadas à guisa de exemplo, descrevendo para onde tendem minhas especulações. O *chakra Anahata*, que é o centro localizado no ou próximo do coração físico, sendo uma correspondência da sexta *Sephira* da harmonia e do equilíbrio, está assim em direta correspondência com *essências* sagradas como Osíris, Hélios, Mitra e o auto-resplandecente Augoeides. Thoth e todos os seus divinos atributos de *vontade* e *sabedoria* entram numa perfeita correspondência com o *chakra Ajna* situado no centro da testa acima dos olhos, enquanto que o mais elevado de todos os *chakras*, o resplendente lótus de mil pétalas, o *chakra Sahasrara*, localizado na coroa, onde Adonai se regozija, alinha-se completamente com Ptah e Amon, a essência cósmica oculta, o centro criativo secreto tanto do macrocosmo quanto do microcosmo. A adoção da teoria subjetiva traz consigo conclusões de largo alcance, e um verdadeiro entendimento deste ponto de vista fará com que se compreenda conscientemente a afirmação freqüentemente proferida com loquacidade de que dentro do ser humano existe o inteiro universo e o vasto concurso das forças universais. Minha teoria é que invocar *Ártemis* e *Chomse* e ter cooperado para se unir à *essência* que esses nomes representam, por exemplo, é ter realizado uma tarefa de suprema importância que é idêntica, devido a nossas correspondências, ao despertar das forças do *chakra Muladhara,* pondo assim em movimento a serpente *Kundalini* em sua ascensão da Árvore da Vida até a Coroa. Enquanto um sistema atingia seus resultados através de ritual e

[39] Áries. *(*N. T.*)*

[40] Ou melhor, Capricórnio. (N. T.)

invocações, o outro atingia o sucesso através de concentração e meditação. Ter atingido mediante a invocação mágica uma identidade indissolúvel com a sabedoria suprema de Tahuti é ter conquistado o poder claramente de ver através do olho interior da *sabedoria verdadeira*, porquanto é equivalente a um estímulo por meio de meditação do *chakra Ajna*, o órgão de clarividência espiritual e da *vontade criadora.* Ademais, ter unido a consciência individual através dos ritos da teurgia com *Asar-Un-Nefer*, e ter sido assimilado a sua glória e inefabilidade, é comparável a ter guiado a *Kundalini* para *Sushumna* até o cérebro, e despertado as forças potenciais no *chakra Sahasrara.*

Na própria ioga, como pode claramente ser percebido num trabalho como *Raja Yoga* de Vivekananda, ou na adaptação aproximadamente européia de seus fundamentos, *The Way of Initiation* [O Caminho da Iniciação], de Rudolf Steiner, os resultados desse sistema – na medida em que diz respeito à formulação e vivificação dos *chakras* – são produzidos quase que inteiramente pelo exercício da *vontade* e da *imaginação*. Com freqüência estes e outros autores escrevem: "*Imagine* uma chama ou um triângulo branco no coração" ou "um lótus acima da cabeça, " e assim por diante. O despertar do esplendor enrodilhado da *Kundalini* nas câmaras espinhais do *chakra Muladhara* é cercado de intensa concentração e o *imaginar* de um novo tipo de atividade espiritual naquela região, fazendo a deusa-serpente adormecida endireitar suas espirais e projetar-se com ímpeto por *Sushumna* ao assento de seu *Senhor interior.* A magia, embora empregando uma técnica tática diferente daquela da ioga, está semelhantemente fundamentada, como me empenhei em demonstrar com certos detalhes, no uso da *vontade* e da *imaginação* com dispositivos para estímulo dessas duas faculdades numa cerimônia bem ordenada visando ao atingimento dos mais elevados resultados espirituais. E as advertências da ioga não são menos rigorosas ou verdadeiras do que aquelas que gozam de reconhecimento na magia. Por meio da vitalização dos *chakras* bem como por meio da invocação dos deuses seguida pela evocação dos espíritos administrativos, vários poderes de força e potência tremendas podem ser conferidos ao praticante. Aqueles que *A Goécia* atribui aos *espíritos* incluem um desenvolvimento espontâneo de um conhecimento até então latente da ciência, filosofia e artes em suas conotações mais latas e um enriquecimento das mais excelentes faculdades emocionais que atrairão todos os homens para o fogo central de cada um. Os poderes descritos por Patanjali nos *Yoga Sutras* como sendo conferidos por *Samyama* em algum *chakra* ou idéia são quase idênticos aos concedidos ao mago como resultado das evocações de *A Goécia.*

Desgraçado aquele, contudo, que atuar na cobiça dos poderes, pois para ele os deuses permanecerão silenciosos e não haverá resposta! Os *espíritos* se voltarão maliciosamente para ele e o despedaçarão da cabeça aos pés. Se poderes são outorgados ao mago, deverão ser dedicados ao Santo Anjo Guardião. Ademais, a serpente do *Ruach* deve ser incapacitada a ponto de não se recuperar mais, tendo que ser morta de modo que não possa haver restrição à presença do *Anjo*. Então poderão os poderes ser assumidos e sendo assumidos ser usados como o *Anjo* julgar adequado. Tanto na ioga quanto na magia é o aspecto de consciência da meditação e as invocações ao deus o mais importante do trabalho. Se ocorrer que o praticante seja contemplado com poderes, ótimo... mas a meta primordial e sagrada nos dois sistemas é a expansão da consciência individual a uma extensão infinita e a descoberta do centro real da vida. Correta e honestamente exercida, com aspiração pura e única, a magia é capaz de conduzir a alma às alturas máximas da Árvore onde ela recebe, de acordo com Jâmblico, "...uma

libertação das paixões, uma perfeição transcendente e uma energia plenamente mais excelente, participando do amor divino e de um júbilo imenso.” E adicionalmente a expansão da consciência confere “... verdade e poder, retidão das obras e dádivas dos maiores deuses.”

CAPÍTULO XIV

Onde uma certa quantidade de indivíduos deseja participar de uma cerimônia mágica composta na qual todos possam desempenhar um papel ativo, há uma forma de ritual de grupo concebida para essa finalidade particular chamada de *ritual dramático.* Assim, cada pessoa que participa contribui com força de vontade e energia a favor da criação de uma manifestação espiritual. Quase todos os *Mistérios* da Antigüidade assumiam essa forma, e os ritos de *Iniciação* das fraternidades secretas de todas as épocas eram conduzidos em conformidade com esse princípio. É fato extremamente bem conhecido os rituais serem particularmente úteis em matéria de iniciação. É igualmente corroborado que tais cerimônias desempenhavam um papel preponderante nos mistérios mágicos do Tibete, onde a aceitação de um *lanoo* era celebrada por um rito consagrando o discípulo à execução da Grande Obra. A história do ioga budista Milarepa é perfeitamente clara quanto ao importante ponto de nas mãos de seu *guru* ele ter recebido diversas iniciações cerimoniais, quando várias divindades e poderes espirituais foram invocados para dentro de um *círculo,* ou *mandala,* onde ele permanecia. Além disso, é conhecimento comum o fato de o candidato à iniciação bramânica testemunhar um ritual de purificação e consagração. Que havia rituais de iniciação no antigo Egito é também demasiado notório para exigir especial ênfase e o rumor de cerimônias mágicas no Egito nos alcançou enriquecido de muitos detalhes sugestivos e significativos itens de informação. Com efeito, se o princípio subjacente do ritual dramático de grupo, iniciático ou mágico, é a consagração da Grande Obra e a exaltação da consciência, então dispomos de incontestável evidência de que cerimônias concebidas similarmente foram representadas ao longo da Antigüidade.

O princípio básico é idêntico ao de todo ritual mágico, a invocação num sentido ou outro de um deus. Mas no caso do ritual dramático, o método procede através de um apelo estético à imaginação, retratando sob forma dramática a corrente dos eventos maiores na história da vida de um deus, e ocasionalmente o ciclo terrestre de um homem ideal ou homem-deus, tal como Dionísio, Krishna, Baco, Osíris, etc., alguém que atingiu aquela sabedoria e plenitude espiritual pelas quais o teurgo também está em busca. Viver na atmosfera de criação nova e repetir as façanhas realizadas pelo deus constitui um método sumamente excelente para a exaltação da alma. Essa idéia é chamada de princípio da *comemoração* e é um constituinte integral de toda cerimônia mágica. Da observação de *de Occulta Philosophia* fica bastante evidente que H. C. Agrippa e aqueles dos quais recebeu seu conhecimento entendiam perfeitamente o princípio teórico envolvido nessa forma de magia, o qual exige o ensaio do personagem do deus a ser invocado, ou uma repetição dos acontecimentos que ocorreram no ciclo de vida de seu emissário mundano. Não apenas deve este princípio fazer parte do ritual dramático aprovado, como também todo e qualquer aspecto da cerimônia mágica, seja realizado por um indivíduo ou um grupo, deve ser marcado pela entusiástica repetição de uma série de incidentes altamente significativos da história do deus, o ensaio servindo assim para dar autoridade e ênfase suplementares ao processo duplo de consagração e invocação. Mesmo num aspecto relativamente tão trivial como a preparação preliminar das armas e instrumentos, Agrippa

corretamente recomenda a repetição das façanhas sagradas; e como um exemplo do princípio comemorativo que ele advoga, podemos citar com proveito o procedimento proveniente de *The Fourth Book of Occult Philosophy (O Quarto Livro da Filosofia Oculta)* para a consagração da água: "Assim, na consagração da água, devemos *comemorar* como Deus colocou o firmamento no meio das águas, e de que maneira Deus colocou a fonte das águas no paraíso terreno... e também como Cristo foi batizado no Jordão, tendo daí santificado e limpo as águas. Ademais, certos nomes divinos têm que ser invocados, que com isto estão em conformidade; como que Deus é uma fonte viva, água viva, a fonte da misericórdia, e os nomes de tipo similar".

O leitor poderá, também, observar a forma comemorativa do ritual de *A Goécia*, que é citado no último capítulo deste livro. A invocação tenta descobrir as palavras de autoridade que foram empregadas nas Escrituras para a execução de certas proezas. Não constitui, entretanto, um exemplo especialmente bom desse tipo de ritual. *As Bacantes* de Eurípides é um exemplo de primeira categoria de qual forma deveria assumir um ritual dramático completo. O ritual deve ser construído de tal modo que cada celebrante desempenhe um papel, sem, ao mesmo tempo, tornar a ação do drama dispersa e incoerente. As regras da arte teatral e do drama se aplicam perfeitamente à construção desses rituais.

A evidência histórica a nossa disposição demonstra claramente que a "peça de paixão" da vida do grande deus Osíris, rei do *Tuat*, era realmente um complexo ritual dramático que o invocava, uma cerimônia comemorativa envolvendo a repetição de quase todos os atos que ocorreram a Osíris no curso de sua vida lendária na Terra entre os homens. Na base desta celebração e de todos os outros tipos similares, temos a invocação de um deus, ou do *avatar* em quem ele habita, e por meio desse ensaio dramático o teurgo procura exaltar sua imaginação e consciência de sorte que possa culminar na crise estática da união divina. Para o indivíduo cujo senso estético e poético é altamente desenvolvido, essa espécie de cerimônia é, *de longe*, a mais eficiente. É perfeitamente evidente que uma representação simbólica do que era antes um efetivo processo espiritual numa *personalidade* altamente reverenciada só pode auxiliar na reprodução da *união* colocando o teurgo em relação de simpatia e harmonia mágica – mediante o efeito em sua imaginação – com a tendência ascendente da peça para a meta suprema. Em suma, o teurgo *imagina* a si mesmo no drama sendo o deus que sofreu, ele próprio, experiências similares, as várias partes da peça e os rituais recitados servindo apenas para tornar a identificação mais completa. É este fato que levou certas gerações de magos precariamente iniciados a adotar para o uso cerimonial máscaras de verdade, itens grotescos e legítimos artifícios teatrais. Estaremos diante do tema central do ritual dramático quer escolhamos como exemplo a missa da Igreja Católica Romana, a realização do *ritual do Adeptus Minor* da Ordem Hermética da *Golden Dawn*, o Terceiro Grau da Francomaçonaria, ou a celebração das orgias dionisíacas tal como esboçadas em *As Bacantes.* Em cada caso a vida de um Adepto iluminado é ensaiada sob plena forma cerimonial, isto é, a história de um ser cuja consciência foi tornada divina é magicamente celebrada. O método de representação retrata um homem que morre real ou misticamente e que realiza sua própria ressurreição como um deus, irradiando sabedoria e poder divinos. Visto que Osíris era para os egípcios o melhor exemplo de alguém que superou sua humanidade e atingiu a união divina, assim passando para a posteridade como o tipo e símbolo de regeneração, vários capítulos e versículos do *Livro dos Mortos* representam

o morto identificando a si mesmo como aquele deus dirigindo-se aos assessores no *salão do julgamento.* O ritual dramático que os egípcios realizavam para a invocação de Osíris em Ábidos era uma peça que parece ter consistido de oito atos. "O primeiro era uma procissão na qual o antigo deus da morte, *Upwawet*, tornava reto o caminho para Osíris. No segundo a própria grande divindade aparecia na barca sagrada, que era também colocada à disposição de um número limitado dos mais ilustres dos visitantes peregrinos. A viagem da embarcação era retardada por atores vestidos como os inimigos de Osíris, Set e sua companhia... Seguia-se um combate no qual ferimentos reais parecem ter sido dados e recebidos... Este evento parece ter ocorrido durante o terceiro ato, que era uma alegoria dos triunfos de Osíris. O quarto ato retratava a saída de Thoth, provavelmente em busca do corpo da vítima divina. Seguiam-se as cerimônias de preparo para o funeral de Osíris e a marcha do populacho ao santuário do deserto além de Ábidos para inumar o deus em seu túmulo. Em seguida era representada uma grande batalha entre o vingador Hórus e Set, e no ato final Osíris reaparecia, sua vida recuperada, e adentrava o templo de Ábidos numa procissão triunfal[41]."

Não apenas havia os *Mistérios de Osíris*, no tempo em que os mitos ligados ao deus eram ensaiados, como também rituais de grupo para a invocação de Ísis, Hathor, Amon e Pasht e outros deuses eram celebrados sem referência a qualquer indivíduo humano cuja relação com eles fosse aquela de um *avatar.* Na missa católica a vida e o ministério divinos do *Filho do Deus cristão* são celebrados, em seguida a crucificação de seu salvador, e sua ressurreição final em glória seguida da assunção aos céus. Em épocas mais antigas, esta celebração da missa era acompanhada por procissões deslumbrantes e cortejos dos *mistérios* cheios de suntuosidade, esplendor e pompa, embora se deva confessar que na ausência da técnica mágica toda essa ostentação externa contava muito pouco. O Terceiro Grau dos maçons dramatiza o assassinato do *Mestre,* Hiram Abiff, e sua ressurreição se segue posteriormente por um ato mágico, o soar da palavra mágica perdida devolvendo H. A. à vida.

Os eventos, ricos em movimento, realização e organização na vida do lendário fundador da *Ordem Rosacruz*, Christian Rosenkreutz, também o símbolo de Jesus, o Filho de Deus, são totalmente dramatizados com grande beleza no ritual de *Adeptus Minor* da *Ordem da Golden Dawn.* Sua finalidade, também, é que através da simpatia atuando sobre uma imaginação refinada, o teurgo possa identificar a si mesmo com a consciência exemplar da qual *Rosenkreutz* era o símbolo, e cuja história está sendo repetida ante ele. Numa cena, a mais importante e eloqüente desse ritual, o principal oficiante hierofântico é visto deitado como se estivesse morto no *pastos* ou *túmulo* místico. Por meio de orações e invocações, o Adepto é simbolicamente ressuscitado da tumba em cumprimento da profecia da grande fundador. Na hora solene da ressurreição, quando a cerimônia revela a ressurreição do Adepto como Christian Rosenkreutz do *pastos* onde ele estava enterrado, o *Adepto Maior* profere triunfalmente: "Pois sei que meu *redentor* vive e que ele se postará no derradeiro dia sobre a Terra. Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém virá ao Pai a não ser por mim. Eu sou o *purificado*; eu atravessei os *Portais das Trevas* para a *Luz*; lutei sobre a Terra pelo bem; findei minha obra; eu adentrei o invisível. Eu sou o Sol no seu nascer. Eu passei através da hora nublada e noturna. Eu sou Amon, o Oculto, *aquele que abre o dia.* Eu sou Osíris

[41] *Os Mistérios do Egito*, Lewis Spence.

Onnophris, o Justificado. Eu sou o *Senhor da Vida* que triunfa sobre a *Morte*; não há nenhuma parte de mim que não pertença aos deuses. Eu sou o preparador da *senda* e aquele que resgata para o interior da *Luz.* Que aquela Luz surja das Trevas! Antes eu era cego, mas agora vejo. Eu sou o reconciliador com o inefável. Eu sou o habitante do invisível. Que o *brilho alvo* do *Espírito divino* desça!

Essa peã de êxtase não é para ser interpretada como um mero discurso de palavras grandiloqüentes. Se o Adepto realizou adequadamente sua obra mágica, e se encobriu perfeitamente com a forma mágica apropriada, e se identificou com a consciência do deus, os outros participantes da cerimônia experimentarão uma exaltação paralela ao discurso de triunfo.

As formas mais usuais do ritual dramático tais como aplicadas às iniciações funcionam aproximadamente mais ou menos da maneira que se segue. Após sua entrada nas câmaras externas do *Templo de Iniciação*, onde ele é imediatamente vendado, vestido com um toga preta e circundado três vezes pela cintura com um cordel, o neófito é conduzido pelo *guardião* às estações onde estão presidindo oficiantes nos pontos cardeais. O objetivo da venda é representar a cegueira da ilusória vida mundana e a ignorância nas quais o ser humano incorrigível se debate, vítima involuntária da tragédia perpetuamente representada de nascimento, decadência e morte dolorosos. O cordel é triplo para representar os três elementos maiores: fogo, ar e água; a toga é preta para representar também o negrume da vida e Saturno, que é morte, o grande *ceifador* de tudo. O neófito circumpercorre o templo diversas vezes, e durante seu circumpercurso os oficiantes, que deverão ser no futuro seus instrutores mágicos e que igualmente representam os deuses sumamente benfazejos, exigem do neófito as afirmações de seus objetivos e aspirações. Este procedimento automaticamente chama nossa atenção para o *Livro dos Mortos*, onde no capítulo CXLVI e naqueles que se seguem a este, os *anjos* e os *deuses* encarregados dos *pilones* sagrados ou as grandes estações a serem ultrapassadas pelos mortos a caminho do *Amentet*, indagam destes últimos seus negócios. Como reação à sua resposta de que o nome do guardião é conhecido – com cujo conhecimento o nome não é senão um símbolo – e que ele vem para responder a Thoth, conseqüentemente em busca da sabedoria superior, cada um deles lhes dão permissão para prosseguir. “Passa, diz a *sentinela do pilone.* Tu és puro!”

É possível ver no Museu Britânico um excelente ritual de iniciação intitulado “O Mistério do Julgamento da Alma”, reconstruído por M. W. Blackden a partir dos capítulos de *O Livro dos Mortos* que tratam da ascensão do morto ao *salão do julgamento*, e sua beatificação na *ilha da verdade.* Demonstra de uma maneira extremamente boa que pode muito bem ter sido que os textos que chegaram a nós sob o título de O Livro dos Mortos eram fragmentos de um ritual de iniciação usado na época em que o Egito florescia com os Sacerdotes-Reis-Adeptos o dirigindo. O ritual do neófito da *Golden Dawn*, de modo semelhante, incorporou em si elementos egípcios muito similares. Neste ritual vários oficiantes, representando os deuses cósmicos, retardam o progresso do neófito em seu circumpercurso das estações do templo. “Tu não podes passar por mim, diz o Guardião do Oeste, a menos que possas dizer meu nome.” E a resposta em nome do candidato é dada: “Escuridão é o Teu Nome! Tu és o *Grandioso da Caminho das Sombras.*” Diante disto profere-se a prescrição: “Filho da Terra, medo é fracasso. Sê tu, portanto, destemido, pois no coração do covarde a virtude não habita! Tu me conheceste, assim segue em frente! “ À medida que o ritual prossegue com muitos

desafios e respostas semelhantes vários pontos de instrução mágica são apresentados, acompanhados por consagrações pelo fogo e a água, purificando assim o neófito para a jornada posterior. Estas consagrações efetuadas pelos representantes dos deuses no templo nos pontos cardeais constituem a preparação para a realização da Grande Obra. Por meio de invocações as forças celestiais do além são infundidas no ser do neófito, dotando-o de coragem e vontade que o capacitam a perseverar resolutamente até o fim. Então a venda, o cordel e a veste negra são removidos, dando lugar a um manto ou faixa atirados aos ombros para simbolizar a pureza da vida e a grandeza da aspiração que atingiu o candidato. Terminadas as consagrações e concluídas as invocações das *essências,* um certo conhecimento fundamental de magia e o alfabeto filosófico é comunicado sob um voto de segredo. Isto, como um todo, omitindo-se um grande número de pontos secundários e variações triviais, constitui a base do ritual de iniciação do neófito.

Se não houver, todavia, o prosseguimento do trabalho mágico prático em seu próprio interesse, essas iniciações e rituais não terão qualquer proveito para o neófito. Que servem efetivamente de preparação é verdadeiro, e também transmitem uma certa consagração e sacramentalização tornando a tarefa do neófito mais compreensível e talvez menos perigosa devido a virtude deles. A título de confirmação, lembraremos que Milarepa depois de suas iniciações foi imediatamente aconselhado por Marpa a iniciar o trabalho prático, que em seu caso era meditação e concentração. Ao aprendiz preparado seja por meio de treino seja por meio de alguma peculiaridade de nascimento – o qual, em qualquer caso devido à reencarnação implica numa atenção anterior a estas coisas – a iniciação cerimonial tem um efeito distinto ao conceder ao aprendiz uma visão efêmera, porém resplendente da meta espiritual buscada por ele e que ele agora indistintamente encara. E de fato assim é se os oficiantes do templo forem hierofantes não apenas no nome mas em realidade, devidamente versados de um ponto de vista prático na rotina e técnica mágicas, pois quando um oficiante do templo representa o papel de um deus, se ele estiver familiarizado com os métodos da técnica mágica, assumirá a *forma* daquele deus tão perfeitamente que as emanações magnéticas provenientes do deus nele fluirão para a alma interior do neófito. Esse assumir de formas divinas tal como anteriormente descrito, pode ser levado bastante longe, mesmo ao ponto da efetiva transformação, e há registro de exemplos autênticos nos quais o neófito, se suficientemente sensitivo, vê à distância no *salão* não simplesmente um ser humano atuando arbitrariamente como hierofante, mas sim uma gigantesca figura divina, fulgurante e espantosa, do deus que o homem representa cerimonialmente. Quando, como afirmei, os hierofantes são magos treinados, como eram na época do antigo Egito, a iniciação dos neófitos não se limitar a ser um serviço formal sem significado, mas é uma cerimônia de extrema realidade e poder.

Isto concerne aos rituais de iniciação. O ritual dramático que não envolve nenhuma questão de iniciação é bastante similar do prisma da concepção e execução. Diversos indivíduos ensaiam em concerto para seu próprio mútuo benefício a vida de um deus, e por meio de repetidas invocações, comemorando mediante o discurso e a ação incidentes e acontecimentos da história daquele deus, e têm êxito em fazer aparecer o deus numa área consagrada. Acatando a técnica mágica e exaltando a si mesmos suficientemente além do plano dualístico normal de consciência ocorrerá uma união duradoura entre os participantes e a divindade. *As Bacantes* é um exemplo notável de um

ritual dramático grego. Na verdade, de um ponto de vista cerimonial, é tudo que um ritual dramático deve ser quanto à forma. E é tão excelente que aqueles que nele têm interesse hoje o fazem devido ao seu sentimento de que se trata de uma esplêndida tragédia teatral. No caso de uma companhia de indivíduos iniciados que estão bem familiarizados com a invocação, trabalhando simpaticamente entre si, e exercendo a *vontade* e a *imaginação* na forma mágica prescrita, a peça pode ser transformada numa poderosíssima invocação dramática de Dionísio. A tradução em versos rimados do Professor Gilbert Murray é mais uma obra-prima clássica de poesia recriativa do que uma tradução literal do grego, transmitindo com suma fidelidade a atmosfera religiosa e o espírito ditirâmbico da veneração a Baco. Há nesta peça uma suplicação ao deus no estilo exaltado tão típico de todas as invocações:

> "Aparece, aparece, qualquer que seja tua forma ou nome
> Ó Touro da Montanha, Serpente de Cem Cabeças,
> Leão de Flama ardente!
> Ó Deus, Besta, Mistério, vem! ... "

Abordando o mesmo tema mágico, há um esplêndido hino a Dionísio proveniente dos *Hinos místicos de Orfeu*, traduzido por Thomas Taylor:

> "Vem, abençoado Dionísio, o variamente nomeado,
> De face taurina, gerado do trovão, Baco afamado.
> Deus bassariano, de universal poder,
> De quem espadas, sangue e ira sagrada causam prazer:
>
> No céu regozijando, louco, Deus de alto som,
> Furioso inspirador, da vara o portador:
> Pelos Deuses reverenciado, que com a humanidade está presente,
> Propício vem, com mui regozijadora mente."

Muita prática e ensaio se fazem necessários para dar eficácia a esses rituais dramáticos, além do trabalho mágico que se segue, como foi salientado. Sem este último absolutamente nada pode ser efetuado. A técnica astral de *ascensão nos planos*, investigando-se os símbolos pela visão, a formulação das *formas* ou *máscaras* dos deuses e a vibração dos *nomes* bem como as celebrações de alguma forma de *eucaristia* representam necessidades no caminho da magia. É verdade que se exige uma enorme quantidade de paciência, mas isto se verifica verdadeiro em relação a todas as coisas que valem a pena de uma maneira ou de outra. O teurgo deverá prosseguir diariamente com essas práticas invocatórias e rituais até atingir o estágio em que se sinta que detém o poder sob seu controle. Na verdade, o que há de mais essencial para o sucesso em todas as formas de magia – seja o ritual dramático ou qualquer outra coisa – é a perseverança. Não importa o que mais seja feito, o mago deve cultivar a paciência. É mister que ele se prenda com firmeza e sem desânimo a um programa pré-organizado de trabalho mágico. O curso que ele formulou e jurou executar representa o *logos* de sua *vontade*, do qual ele não ousa se desviar uma única polegada ou mesmo uma fração de polegada. Temores e dúvidas igualmente o assaltarão por certo. Amigos e inimigos igualmente ameaçarão a

paz de sua mente e a serenidade de sua alma, e tentarão maximamente perturbar seu equilíbrio espiritual com tagarelice ociosa a respeito do perigo da magia e a incerteza de seus resultados. A hoste inteira do céu, para mencionar só de passagem as miríades de legiões do inferno, conspirarão e estarão soltas contra ele. Mas somente se ele desistir, desprezando seu voto e rejeitando sua aspiração, estará o mago irreversivelmente perdido. O desastre horrendo estará à espreita à frente! Uma vez tenha o voto mágico sido assumido voltado para o sucesso, ele terá que perseverar resolutamente sem se preocupar com seja lá o que for que aconteça. Se for colhido pela morte no desenrolar de seu trabalho, que prossiga, mesmo assim, adiante, de uma vida para outra, com a alma bem concentrada e o olhar espiritual fixado firmemente nas alturas, fazendo um vigoroso juramento de que dará continuidade a esse labor. Lévi uma vez observou que o mago tem que trabalhar como se fosse detentor da onipotência e como se a eternidade estivesse a sua disposição. Ocorre-me uma lenda singela, porém bela, na qual esse tema está presente, incitando o mago a seguir à frente para a *Casa do Repouso* sem interromper seu empenho, isento de dúvida e medo, trabalhando por aquela meta que ele primeiramente criou e que agora considera nebulosamente na distância longínqua da aurora dourada na *Terra Sagrada*. Mal conhecida atualmente e esporadicamente objeto de referência, aparece num pequeno livro intitulado *The Book of the Heart Girt with the Serpent (O Livro do Coração Cintado pela Serpente)*, de Aleister Crowley. Embora eu não advogue em nome deste poeta, considero, contudo, essa pequena obra uma das mais profundas e primorosas jamais escritas. A citação abaixo serve como exemplo tanto de sua prosa quanto de suas idéias relativamente à questão que agora abordamos.

"Houve também um colibri que falou a Cerastes e lhe implorou veneno. E a grande cobra de Khem, o Sagrado, a serpente Uraeus real, respondeu-lhe e disse: Eu velejei sobre o céu de Nu no carro chamado Milhões de Anos e não vi qualquer criatura acima de Seb que fosse igual a mim. O veneno de minha presa é a herança de meu pai, e do pai de meu pai... Como dá-lo a ti? Vive tu e teus filhos como eu e meus pais vivemos, mesmo até cem milhões de gerações, e pode ser que a misericórdia dos *Poderosos* conceda aos teus filhos uma gota do veneno da Antigüidade.

"Então o colibri afligiu-se em seu espírito e voou para as flores, e foi como se nada tivesse sido conversado entre eles. Entretanto, pouco depois, uma serpente o feriu e ele morreu.

"Mas uma íbis que meditava às margens do Nilo, o belo deus, ouviu e atendeu. E pôs de lado seus modos de íbis e se tornou como uma serpente, dizendo: Talvez numa centena de milhões de milhões de gerações de meus filhos eles obtenham uma gota do veneno da presa da *Exaltada*. E vede: antes que a lua crescesse três vezes ele se transformou numa serpente Uraeus e o veneno da presa foi nele e em sua semente estabelecido por todo o sempre."

Para o mago é esse espírito sublime de vontade e determinação indomáveis que nada pode vencer que é indispensável. É o poder da *vontade* que *de facto* constitui o mago e na ausência deste poder nada de qualquer monta pode ser feito. A realização não é atingida em quatro e vinte horas, nem mesmo em vários pores-do-sol; a visão resplandecente e o perfume que consome a própria substância da alma podem estar muitos anos no futuro – mesmo muitas encarnações nas vagas trevas do porvir. Quiçá para alguns a concretização do desejo mais íntimo e da aspiração por Adonai seja uma meta que pertence a um outro mundo, um outro eon e exista na natureza de um sonho.

Outros indivíduos podem julgar este um objetivo cujo doce fruto se torna rapidamente disponível à mão com escasso dispêndio de trabalho para ser colhido. Num caso ou no outro nenhum aprendiz está na posição de afirmar no princípio em que momento a meta poderá ser alcançada. Tampouco se trata de um problema que mereça preocupação pois a alma cresce e progride à medida que a compreensão e a intuição se expandem através de atos sucessivos do espírito na estrada da magia da luz. As asas se tornam então mais vigorosas, o próprio vôo se tornando mais longo, e a lâmpada interior alimentada com o azeite da sabedoria permanece continuamente acesa. Ao mago é imperioso considerar sempre esta luz interior e levá-la pacientemente consigo pelos desvios e estradas dos homens, até que ele se transforme nessa luz. Acima de tudo o que é exigido é aquela imperturbável aspiração e vontade indomável ... daí ao trabalho! Que a aspiração do mago seja como a da sábia íbis de Khem. Dispa-se de seus modos humanos e vista-se daqueles do deus! O Conhecimento e a Conversação podem ser uma dádiva que não lhe seja concedida por centenas e milhares de anos, mas quem sabe para onde o espírito se inclina? Pode ser que por inflexível determinação, como aquela da íbis, para lograr a meta, não importa quanto tempo possa levar, floresça a flor dourada da vida de Adonai no interior do coração mais celeremente do que de outra forma poderia ter sido o caso.

Enquanto isto, deve-se dar prosseguimento ao trabalho mágico. Ao teurgo compete diariamente ascender nos planos num esforço de elevar-se mais e mais, e lutar por seu caminho para as esferas translucentes da luz límpida do *fogo*. A passagem de cada estação verá sua aspiração cada vez mais forte, transmitindo-lhe a força para desimcumbir sua tarefa de conquista e união mágicas. Todas as coisas têm que ser trazidas para dentro da esfera de sua *vontade*, tanto os céus excelsos quanto os infernos mais inferiores. Essa *vontade* tem que ser imposta aos mais vis habitantes do astral e estes terão que se curvar diante de todo desejo seu e todo seu domínio. É óbvio que sobre os ombros do mago pesa uma tremenda responsabilidade, a qual cresce a cada passo à frente que ele dá, e à medida que transcorre cada hora de sua carreira. “A natureza nos ensina, e os oráculos também afirmam, que mesmo os germes nocivos da matéria podem igualmente ser tornados úteis e bons[42].” Conseqüentemente, a responsabilidade que cabe ao mago como um penhor sagrado é esta: a ele e somente a ele compete a tarefa de transformar o universo e de transmutar os elementos grosseiros da matéria na substância do espírito verdadeiro. Toda sua vida terá que se transformar numa constante operação alquímica e durante esta vida ele distilará no alambique de seu coração a grosseria do mundo para que se converta na essência dos céus sem nuvens. Sua cabeça, também, tem que se elevar além das nuvens à medida que ele, de pé e ereto, terá seus pés firmemente sobre a terra multicolorida. Somente tenacidade e persistência facultarão essa retidão do espírito e esse poder adamantino da *vontade*. E estes são os pólos gêmeos que proporcionam resistência e extensão ao báculo do mago. Todos os ramos da teurgia devem ser objeto de persistência ao longo dos anos, não maculados pela cobiça pelos frutos das ações do mago. Em todos os casos, como todos podem ver, a arte divina constrói caráter e vontade e no devido tempo um *karma* favorável será criado em cujo senda nenhum obstáculo ousará se interpor, quando o *Anjo* se apressará em elevar a alma – sua amada há tanto tempo, e consumar as núpcias místicas prolongadas para tantos numa idade exaustiva. “Nesse dia o Senhor será Um, e Seu Nome será Um.”

[42] *Os Oráculos Caldeus*, trad. de W. W. Westcott.

E mesmo que não atinjamos a unidade com Adonai, há na magia um grande ganho visto que por meio dela buscamos transmutar o grosseiro no sutil e no puro. E esta é a redenção do mundo. Muito brevemente todo o nosso ser circundará um sol invisível de esplendor e seremos mais e mais atraídos para ele, como o aço é atraído para o magneto. Embora possam ser necessários eons para que finalmente cheguemos perto, ainda assim nos sentimos talvez como Adão deveria ter sentido se tivesse visto tremeluzindo através das trevas do exílio em que lutava o brilho do *paraíso celeste* e soubesse que este não estava realmente perdido, mas que após a purificação dele, Adão, lhe seria concedido um pouco dele em que entrasse e caminhasse. Dispor desta certeza não é pouca coisa. Trata-se de uma visão que não deve ser encarada com trivialidade. Embora inevitavelmente tenhamos que falhar e cair reiteradas vezes, há horas e minutos de prazer e alegria quando os anjos das alturas trajam novamente ante nossa vista seus antigos aspectos de glória, e nós somos fundidos no calor e fogo do êxtase e contentamento, cientes de que nós, os mortos por séculos e longas eras, podemos ainda ressuscitar de novo.

CAPÍTULO XV

A relação teórica que o moderno espiritismo celebra com magia é passível, numa oportunidade ou noutra, de ser questionada. Por conseguinte, é preciso fornecermos aqui alguma resposta. Limitar-nos-emos a uma discussão sumária deste assunto já que parece a este autor não se tratar de algo de grande importância. Algumas palavras apenas serão suficientes para demonstrar de que forma tal relação existe.

Embora alguns autores tenham anteriormente pensado diferentemente, não há uma conexão real entre os fenômenos do espiritismo e os fenômenos que ocorrem na magia. Uma palavra separa uma classe de fenômenos da outra. Uma palavra que, entretanto, representa um grande abismo estabelecido entre as duas classes: *vontade!* Todos os fenômenos espíritas de transe e materialização são passivos. Estão totalmente além do controle consciente do médium que, de maneira alguma, é capaz de modificar, alterar ou mesmo fixar o tempo desses fenômenos que ocorrem a ela (por força de hábito diz-se *ela*; concebe-se automaticamente que um médium seja uma mulher, embora haja exceções, é claro). O mago, por outro lado, se empenha em treinar sua *vontade* de modo que nada aconteça em suas *operações de luz* sem sua utilização. Seja o que for que faça, é realizado de modo consciente, deliberado e com intenção plena. A única exceção importante em relação a isto ocorre quando a *vontade* se transformou num tal poderoso engenho taumatúrgico que toda a organização do mago se tornou inteiramente identificada com essa *vontade*, e todos os fenômenos de forma e consciência ocorrem automaticamente incluindo a extensão da *vontade.* Sua atuação pode ser comparada ao movimento de qualquer membro ou músculo que, embora ocorrendo fora da volição consciente, é todavia executado pela força da *vontade.* Mesmo relativamente ao que diz respeito ao que é chamado vulgarmente de “materialização”, o mago controla a aparição de um espírito. E não apenas isto pois é possível para ele fazer esse espírito aparecer mediante suas conjurações e limitar as atividades do espírito a uma certa área prescrita através do poder de sua *vontade.* A forma visível do espírito é composta das grosseiras partículas de fumaça de incenso, deliberadamente queimado com essa finalidade. Ademais, o mago detém o poder de fazer o espírito responder inteligentemente às perguntas e de bani-lo quando sua presença deixar de ser necessária. Isto se aplica, que fique reiterado, somente ao que concerne ao aspecto inferior do trabalho visto que evocações são universalmente reconhecidas como pertencentes aos graus mais baixos da técnica. E quanto à *magia da luz* ? Esta também está de acordo com a *vontade* mágica. Quando advém aquela suprema crise na *invocação* na qual o *ego* é tornado passivo para o advento do *noivo* e, com temor e tremor ele cede seu próprio ser, essa renúncia é conforme uma determinação consciente e sob vontade. Estas poucas observações devem bastar para mostrar de maneira conclusiva que as duas ordens de fenômenos residem totalmente em planos diferentes e que não existe nenhuma conexão entre as duas. O espiritismo parece se referir quase que inteiramente à produção de fenômenos físicos, eles mesmos a finalidade desta produção, sendo que em qualquer caso esses fenômenos dificilmente conduzem a qualquer espécie de prova da sobrevivência e continuação da existência da alma. O outro sistema, a teurgia, diz respeito a um domínio nobre e ao

desenvolvimento de grandes poderes no ser humano. O mago procura unir sua essência a uma realidade profunda, duradoura, na aspiração de um conhecimento espiritual, de modo que seja possível para ele apreender com sabedoria e intuição sua suprema imortalidade, incorruptibilidade e eternidade.

A fim de discutir o espiritismo inteligentemente é necessário voltar aos princípios fundamentais formulados em páginas anteriores. A teurgia concebe a remoção dos invólucros da alma após a morte do corpo físico de maneira idêntica à teosofia de Madame Blavatsky. Seguindo-se à morte do corpo, que é o veículo visível dos princípios superiores, o *ser humano real*, perfeitamente intacto embora subtraído do corpo físico, é impelido para o *plano astral.* Gradualmente ele ascende aos diversos *palácios* que foram autocriados pelo tipo de vida que acabou de ser vivida; nestes palácios ele repousa ante o *Ancião dos Dias*, assimilando sua experiência terrestre e transformando-os em recursos para uma nova encarnação. A magia, acompanhando a Cabala, abraça a idéia filosófica da *reencarnação* ou *Gilgolem* das almas. Realmente, na medida em que os magos vão em direção desta teoria filosófica sustentam que em certos estágios de desenvolvimento, quando o organismo humano se torna luminoso, refinado e sensitivo por meio de reiteradas consagrações e invocações, as lembranças de *Neschamah* com suas emoções e poderes mais elevados se infiltram em *Ruach*, trazendo consigo a clara lembrança de existências passadas.

Após a morte física, a trindade de princípios que é o *ser humano verdadeiro* permanece no astral encerrada no *Ruach* e seu *Nephesch.* A desintegração, já tendo sido desencadeada pela ocorrência da morte física, prossegue ainda. *Nephesch*, que é o veículo das paixões, emoções e processos instintivos, é então descartado da constituição. Permanece, contudo, como uma entidade nesse plano, animado até um certo ponto pelas forças e energias cegas com as quais ele entra em contato. Lenta mas continuamente ele se desintegra se deixado só, de modo que tal como o corpo físico é dissolvido reintegrando o pó da terra, *Nephesch* é dissolvido para os elementos do plano astral. Por esta razão, os teurgos proíbem visões e experiências nesse domínio astral inferior. Aí nada pode ser encontrado que possua valor espiritual visto que se trata do mundo da matéria em decomposição de *Nephesch* e da desintegração. *Nephesh* descartado, o *ser humano interior* encerrado em *Ruach* "ascende" às camadas intermediárias do astral, onde lentamente a essência dos pensamentos mais refinados, as experiências e emoções mais nobres são destiladas das partes mais grosseiras, sendo assumidas na própria natureza de *Neschamah*. Esta separação de afinidades concluída, são assimiladas e expandidas no astral divino, *Amentet.* Neste momento é necessário mencionar o emprego do verbo "ascender" e outros verbos utilizados num sentido similar. Desnecessário salientar que um sentido metafísico é sugerido porquanto os planos subjetivos dos mundos invisíveis não estão dispostos um sobre o outro como os andares de um arranha-céu, nem se envolvem como as camadas de, por exemplo, uma cebola. Sendo metafísicos, todos os mundos se interpenetram e se fundem, o mundo físico ou mais externo sendo penetrado pelo mais interno e as esferas mais sutis. *Ascender no astral*, portanto, apesar de ser uma expressão literalmente enganosa, tem a finalidade de expressar o fato da partida de uma plano mais grosseiro efetuando-se uma subida a um mundo mais rarefeito e menos denso.

Ao considerar o espiritismo, a tradição mágica afirma que é com os cadáveres astrais ou *Qliphoth*, como são denominados, que os espíritas principalmente se ocupam.

Através do transe passivo e negativo, os princípios mais elevados são forçados a recuarem, não deixando nenhum vínculo com os veículos inferiores do médium ou proteção para estes. A porta é franqueada à admissão de quaisquer entidades que se encontrem nas vizinhanças astrais. Já que as almas dos seres humanos e seres angélicos ascendem ao astral divino, a maior parte dessas entidades no astral inferior são os elementais mais grosseiros, os administradores dos fenômenos naturais e os *Qliphoth* em decomposição ou cascões adversos. Conseqüentemente, o transe espírita negativo fundamentalmente implica a obsessão dos resíduos em decomposição e restos imundos inerentes àquele plano. Diante disso a questão que se coloca é a seguinte: “Por que, se os espíritos que se comunicam com as médiuns são meros cascões astrais, acontece de ocasionalmente exibirem inteligência e razão? “

A palavra *ocasionalmente* é bastante gratificante. Um dos fatos mais correntemente mencionados pelos investigadores é a ausência de coerência e inteligência nas mensagens obtidas do “outro lado”. No caso, contudo, de se perceber um leve lampejo de inteligência nos absurdos verbais geralmente transmitidos aos médiuns, a explicação racional dada por Lévi é claramente aplicável. Lembrar-se-á que Lévi define a luz astral como o agente mágico, e que em sua substância estão registrados todos os pensamentos, emoções e ações. O corpo astral, um dos aspectos de *Nephesch*, sendo composto da matéria sutil da luz astral, participa da definição de Lévi. Numa página anterior, indiquei a conexão entre a concepção acadêmica formal do *inconsciente* e a concepção cabalística de *Nephesch*, do qual o corpo astral é um aspecto. Neste veículo, portanto, estão registrados todos os pensamentos que um indivíduo teve durante a vida, todas as percepções e sensações que experimentou e todas as ações que executou. Quando após a morte esse *Nephesch* descartado é galvanizado para a atividade de um aparente ser vivo, animado por inteligência através da energia deslocada tanto pelo médium em transe quanto pelos pensamentos dos participantes da sessão espírita, esse cadáver astral pode exibir uma réplica da inteligência que em vida o utilizava.

Esse amplo esboço dá conta da maioria das comunicações recebidas via fontes espíritas, embora seja necessário afirmar com toda justeza em relação a essa, como em relação a todas as outras generalizações, que há exceções, embora os médiuns capazes de penetrar os planos mais elevados do espírito sejam extremamente raros. O médium, uma vez tenha aberto a porta de sua organização astral e psíquica, é incapaz de controlar a si mesmo, e tampouco é capaz de empregar discernimento quanto ao que irá entrar ou não pela porta aberta e tomar posse de sua personalidade. Naturalmente, essas observações se referem unicamente aos casos nos quais os fenômenos são genuínos. Mas visto que há tantos casos de fraude e embuste deliberados, pode-se recorrer às afirmações que acabamos de fazer que igualmente se prestam a explicar tais coisas. Sendo passivo, o médium não exerce controle do poder de produzir fenômenos quando a corrente psíquica é cortada, por assim dizer; e quando os fenômenos lhe são exigidos pelo recebimento de dinheiro, é coisa bem simples simular a possessão genuína. É mais simples ainda pronunciar um palavrório recheado de disparates que é favoravelmente comparável às mensagens recebidas dos “mortos”. Além disso, pelo fato de a entidade obsessora ser das mais baixas e das profundas da Terra, dificilmente se pode considerar sua associação com o médium edificante ou enobrecedor. Limita-se a ser uma influência nociva, causando a expansão e desenvolvimento de quaisquer tendências ou traços existentes no médium. Assim, a fraude, a decadência moral e o desregramento não requerem grande esforço.

Pode-se antecipar aqui uma explicação dos fenômenos físicos mais gerais, parte representativa do espiritismo, embora considerando-se que a teoria mágica desse assunto esteja em completo acordo com a de Blavatsky, há pouca necessidade de repetir tais teorias detalhadamente. Basta observar que a maioria das demonstrações psíquicas, quando autênticas, têm sua origem no comportamento e nos poderes do corpo astral. Definida a substância deste veículo como plástica, magnética e de grande força tensora, conclui-se que vários de seus membros, devido ao desenvolvimento anormal, podem ser exsudados do interior do corpo físico e estirados a alguma distância. Essa teoria explica o deslocamento de objetos sem contato físico, os fenômenos do *Poltergeist* e muitos outros de caráter similar. Quase todos se devem à perturbação do equilíbrio no aspecto substantivo de *Nephesch.* Obviamente não são espirituais e não comprovam nenhuma das reivindicações feitas a seu favor pelos espíritas.

No caso do médium esclarecida que, compreendendo a verdade intrínseca das observações feitas aqui, deseja reverter seus poderes passivos, a técnica mágica é recomendável. No espiritismo inexiste técnica de transe, como inexistem métodos de proteção ou seleção a serem empregados. Uma vez esteja a porta astral entreaberta a esmo, quem quer que entre pode fazer o que bem entender sem restrição. O médium está tão aberto à obsessão, e mesmo mais devido à natureza do plano astral, quanto à inspiração divina. Com a ajuda, entretanto, de algum dispositivo como o *Ritual de Banimento do Pentagrama*, essa predisposição para a obsessão elementar poderá ser facilmente eliminada. No interior de um círculo adequadamente consagrado, protegido com os nomes divinos formais, o médium pode induzir o transe sem medo ou perigo. A recitação de uma invocação apropriada de uma força divina e o assumir astral de uma forma de divindade antes do transe podem garantir uma categoria totalmente diferente de resultado, realmente pertencente a um plano muitíssimo mais alto. Enquanto que anteriormente o médium era uma presa indefesa de qualquer presença astral que visitasse sua esfera áurea, trazendo consigo contaminação e o odor desagradável de corrupção e abjeta putrefação, adotando-se métodos mágicos, tais excrementos podem ser eficientemente impedidos de invadir a esfera da personalidade. E não apenas isto, como também entidades de classe definida, de natureza divina e espiritual, completamente oposta aos ordinários “fantasmas” espíritas, poderão ser invocadas para o máximo proveito do médium e o crescimento de seu poder espiritual.

Não julguei adequado descrever muitos tipos diferentes de operações mágicas neste livro, visto que não ocupam nenhuma posição eterna na construção do santuário celeste. Tampouco dizem respeito às limitações próprias que têm que se circunscrever em torno do *Templo da Magia Santa da Luz.* A despeito de não estarem incluídos necessariamente na conotação da expressão *Magia Negra*, tais métodos fazem fronteira muito próxima a esse tipo de coisa. Visto que tendem para essa direção, são de pouca utilidade para o aspirante em busca de Adonai e da bem-aventurança dos deuses. Existem inúmeras operações menores para a aquisição de objetos que se deseja, como livros, ouro, mulheres e similares. Há operações de destruição e fascinação, adivinhação e transformação e assim por diante. Estas são apenas algumas que recebem absolutamente demasiada ênfase e atenção às expensas de assuntos mais importantes em engrimanços e livros de instrução inferiores. Divorciados de aspirações mais elevadas, são inteiramente reprováveis.

Um ramo razoavelmente importante da magia menor, embora não negra, é o controle dos *Tattvas* ou das correntes prânicas vitais que operam na natureza. Mediante o emprego dos símbolos de *Tattvas*, acompanhados por um conhecimento das horas específicas do dia quando essas forças adquirem preponderância e pureza, o mago que assim o desejar poderá abrir os portais do corpo e da mente às forças vivificadoras e reanimadoras dessas correntes ocultas. Através desses recursos, ele obterá descanso físico e psíquico quando estiver em maré baixa e em caso de desvitalização das forças de seu ser. No *Livro dos Mortos* são mencionadas muitas transformações mágicas das quais o *khu* ou entidade mágica no ser humano é capaz, e fórmulas práticas para a produção de tais transformações como em falcão, lótus, andorinha e assim por diante podem ser aí percebidas. Como tornar alguém invisível aos olhos dos outros, mesmo em meio a uma grande multidão, através da formulação de um invólucro astral é um outro ramo dessa magia cinzenta que existe entre a *magia da luz* e a negra. Não posso dizer que o aspirante ao *Augoeides* tenha muita utilização para tais realizações e poderes dúbios.

A natureza da magia negra, que parece preocupar grandemente tantos histéricos, consiste quase que inteiramente no motivo sustentado na mente do operador. Quando Lévi aborda este assunto e o da bruxaria em seus escritos ele se lança completamente numa tangente, e seus soberbos exageros coloridos com toda a rutilância e retórica à sua disposição tornam a leitura divertida. Que alguns o tenham citado em função desse assunto para uma interpretação literal, em lugar de descartá-lo como mera verbosidade, ultrapassa minha compreensão. Suas observações acerca do bode de Mendes e a veneração de Bafomé em conexão com os templários são simplesmente ridículas. Que comentário poder-se-ia fazer em relação às instruções absurdas fornecidas por ele como sendo os supostos passos dados por aqueles envolvidos com a arte negra, a não ser que seriam excelente material para os atuais *thrillers* ? Estou ainda para descobrir em que loja de departamentos pode-se comprar velas feitas de gordura humana. Que ser humano poderia ser obtuso ou louco o bastante para pensar em obter incenso misturado com o sangue de um bode, uma toupeira e um morcego? Outras necessidades horrendas são a cabeça de um gato preto recentemente morto, um morcego afogado em sangue, os chifres de um bode virgem e a crânio de um parricida! Ainda assim em seu *Book of Cerimonial Magic*, o Sr. Waite teve a preocupação de pronunciar uma advertência medonha contra a *goécia* juntamente com o desenho grotesco de Lévi do círculo goético para emprego com os “adereços” mencionados acima. Preparando-se para uma ofensiva devastadora contra a magia negra, Waite posicionou sua artilharia mais pesada quando, na realidade, um arremessador de ervilhas teria sido muito mais eficiente contra tal inimigo. Resta pouca dúvida de que Lévi estivesse “se divertindo às custas” de alguns leitores e que estivesse simplesmente cedendo seu talento para ritos lúgubres impossíveis, os rebentos de uma imaginação curiosa, embora exuberante.

O hipnotismo e o ato de privar uma outra pessoa de escolha ou uso da vontade constituem de fato uma das formas mais desprezíveis de magia negra. Aqueles que realmente empregam tais métodos deveriam ser cuidadosamente evitados pelo teurgo tal como ele faria com uma doença asquerosa. Os feitos absurdos ordinários relativos à confecção de filtros, poções e figuras de cera para trabalhos de fascinação ou maldade existem inteiramente abaixo da dignidade do mago sincero. O que pode talvez constituir verdadeira magia negra é o uso de selos e talismãs carregados feitos por uma pessoa que tenha adquirido poder mágico para a depreciação e dano de seu semelhante. Operações

cujo objetivo seja evocar a sombra de um amigo ou parente falecido à manifestação visível consistem de manipulações da substância astral e carecem de qualquer finalidade útil visto que perturbam os tranqüilos processos de assimilação e construção de faculdades que se processam no astral superior após a morte física. Somente a vaidade insana e a curiosidade desordenada poderiam ser satisfeitas pela *necromancia*. Este ramo específico da bruxaria está aparentado ao espiritismo, embora para sermos totalmente verazes e justos tenhamos que admitir que os motivos deste último culto realmente se colocam num plano mais elevado e mais sincero. Em ambos os casos, entretanto, o motivo não é desculpa pois eles são uma abominação diante de toda a tendência dos processos da natureza.

Considerando-se que neste capítulo tratamos largamente do astral, desejo mais uma vez me referir à técnica da viagem astral que é procurada pelo mago. Constitui obrigação imperiosa para o teurgo investigar por completo, como foi exposto num capítulo anterior, em seu resplandecente e iridescente corpo de luz os níveis superiores da luz astral, aqueles que fazem fronteira com os mundos criativo e arquetípico. A ele cumpre também penetrar intrepidamente em todo santuário protegido daí, se familiarizando com a natureza essencial e os variados aspectos que esse plano apresenta, embora jamais deva perder de vista um importante fato a estar sempre presente em sua mente. É preciso que se esforce sempre para transcender esse plano. É tão-só um *salão de aprendizado.* Por mais necessárias que sejam suas lições, uma vez assimiladas e aprendidas a necessidade de permanecer nesse plano cessa, e as sempre esplêndidas *Mansões do Fogo e da Sabedoria* devem ser buscadas. O corpo de luz espiritualizado deve ser continuamente treinado e educado e sua substância deve ser tornada a tal ponto sensível e refinada que de um corpo vago, sem forma, lunar ele renasce como um corpo solar brilhante. É neste corpo que o mago pode ascender às translúcidas alturas espirituais e ao fogo amorfo que se encontra além. É possível que à medida que o aprendiz diligencia suas investigações sistemáticas nesse plano no esforço de descobrir a natureza de sua composição psicológica, chegará a certos portais, defrontando-se com guardiões armados. A despeito do poder do *pentagrama*, dos gestos e signos mágicos, da invocação dos *quatro anjos dos quadrantes* e de outros dispositivos para ascensão e ultrapassagem, tais guardas, sob nenhuma circunstância, lhe darão o direito do ingresso, e tampouco lhe darão a permissão para atravessar os portais que guardam. Em *The Candle of Vision* é indicado o empenho de *A. E.* para descrever essa experiência de mística natureza. “Então eu fui novamente lançado longe num vórtice e eu era a figura mais minúscula em meio vasto ar, e diante de mim havia um portal gigantesco que parecia grandioso com os céus, e uma figura sombria ocupava o vão da porta e barrava minha passagem. Isto é tudo que consigo lembrar... “ Alguns mencionam ter este fato também sido experimentado pelo escriba do Livro dos Mortos já que naqueles capítulos que se relacionam aos nomes dos *pilones*, juntamente com os nomes das *sentinelas*, *guardiões* e *porteiros* angélicos algumas sugestões mágicas veladas de como passar por eles são dadas.

Nesse momento oportuno, antes de ir além neste assunto da *ascensão nos planos*, é necessário familiarizar o leitor com um aspecto importantíssimo da técnica astral que não se deve esquecer jamais. Os habitantes do plano astral reagem de duas maneiras diferentes e absolutamente distintas em relação ao *pentagrama.* A experiência dos modernos teurgos neste ponto é largamente corroborada por toda a tradição mágica dos antigos. Eles testemunham que quando em face da estrela flamejante de cinco pontas

formulada pela *vontade mágica* alguns seres astrais se contraem perceptivelmente e parecem desvanecer. Uma outra classe de seres, contudo, cresce e se expande a ponto de abarcar todo o horizonte com esplêndida luminosidade e brilho. A experiência de todas as gerações de magos demonstra que o ser que se encolhe de medo do pentagrama ou foge é ou um demônio de face canina ou um elemental, tendo que ser tratados de maneira apropriada. Por outro lado, o ser cuja aparição não é afetada pelo pentagrama e o ritual de banimento conveniente, é uma inteligência espiritual, um *anjo*, um sublime ser celestial a ser respeitado, amado e venerado.

Uma variação do símbolo do pentagrama empregada por outras pessoas com um certo grau de sucesso é uma cruz dourada encimada por uma rosa carmesim. O simbolismo em ambos os casos é idêntico, embora alguns possam considerar que a cruz apresenta associações teológicas desagradáveis. É um sinal dos quatro elementos estendido aos quadrantes cardeais, enquanto que os coroa a rosa, símbolo da beleza, nobreza e vida espiritual. Na prática, sua aplicação é um pouco diferente daquela do pentagrama porque é menos simples formular a *Rosacruz* com o bastão do que com o primeiro símbolo; o mago interpõe em imaginação este símbolo entre o outro ser e ele próprio sem tentar traçá-lo.

O fato, portanto, de um *anjo* trajado de fogo e glória e portando uma espada afiada de chamas barrar sua entrada ao *pilone* deve fazer o teurgo se deter, e se deter para refletir pois parece indicar que até ali ele não está suficientemente purificado e sensível em seu corpo de luz para ser capaz de atravessar aquele *pilone* específico do qual é barrado. Deve se constituir sua obrigação solene considerar como necessidade primordial o meio pelo qual uma purificação ulterior pode ser efetuada. Deve-se infundir no corpo de luz uma substância espiritual proveniente de planos mais elevados e mais celestiais. O assumir persistente de formas divinas e a transmutação de sua própria forma astral naquela do deus e a identificação com o caráter sublime moral e espiritual do deus se revelará um método tão infalível quanto outros. Através deste método, a substância do corpo de luz no devido tempo passará a participar do esplendor e efulgência ígneos da substância do deus. Talvez a melhor forma divina a ser assumida com esse propósito seja a do *Harpócrates sentado no lótus*, o *Senhor do Silêncio*, que é o gêmeo de Hórus, *Senhor da Força e do Fogo.* A forma convencional na qual é geralmente retratado é aquela de um bebê inocente, com o dedo no lábio, empertigado como um embrião acima de um lótus branco que surge do mar. Em torno dele há um azul escuro profundo semelhante ao do símbolo do *Tattva* do espírito, representando a *noite que tudo abarca.* O lótus é o símbolo perene da ressurreição e da eterna juventude e o bebê representa inocência, espiritualidade e supremo repouso. "O deus 'sentado acima do lótus...'" afirma Jâmblico em *The Mysteries (Os Mistérios)*, "...significa obscuramente uma transcendência e força que em absoluto não entram em contato com o lodo, indicando também seu império intelectual e empíreo, pois percebe-se que tudo que pertence ao lótus é circular, a saber, tanto a forma das folhas quanto o fruto; e só a circulação está ligada ao movimento do intelecto, o qual energiza com identidade invariável numa única ordem e de acordo com uma única razão. Mas o deus é estabelecido sozinho, e acima de um domínio e energia desta espécie, veneráveis e santos, superexpandidos e que residem nele mesmo, o que estar ele sentado visa significar. " O assumir mágico desta forma, especialmente o circundamento do corpo astral pelo ovo azul-escuro ou índigo, tem poder

suficiente para banir quaisquer influências indesejáveis porquanto eleva o mago acima desse domínio.

Harpócrates acima do lótus *– O Senhor do Silêncio*

Essa técnica particular da forma divina da Harpócrates é especialmente significativa mesmo no que diz respeito à vida cotidiana. Quando se é assaltado por pensamentos indesejáveis e emoções de ódio pode-se conseguir alívio desta pressão e até assistência e resistência espirituais assumindo-se a forma desse deus. Por meio deste assumir nosso ser é transmutado para a configuração do deus e a mente é elevada além da pequenez mundana por assimilação do caráter e natureza da divindade. Isto implica, seguramente, numa força de imaginação e vontade, mas para a maioria das pessoas é mais fácil reter na mente imagens pictóricas do que uma idéia abstrata, qualquer indivíduo podendo ser treinado com um pouco de prática para visualizar uma forma tão simples e bela como o bebê acima do lótus. A única dificuldade passível de ser encontrada é a transfiguração do corpo de luz e a subseqüente identificação e união com o deus. Quanto a isto, naturalmente, o treinamento se mostra indispensável.

A vibração de nomes divinos constitui uma prática que sob nenhuma circunstância deve ser omitida já que à medida que se procede a este exercício os elementos grosseiros são forçosamente expelidos da constituição total, física, astral e moral, outros elementos mais refinados e sensíveis sendo introduzidos para tomar o lugar daqueles. Celebrações freqüentes da *eucaristia* constituem também um meio excelente de transmutar e exaltar a substância do ser total. Numa página anterior esta operação foi resumidamente descrita e para enfatizar recapitularei a teoria que se acha por trás. Divorciada de todo dogma, a essência da eucaristia é a seguinte: você toma uma substância simples como, por exemplo, uma hóstia de trigo, batiza-a com a sua mais elevada concepção de Deus, ou, conforme o caso, em nome de uma *essência* espiritual particular, consumindo-a a seguir. Deste modo, por meio de magia simpática, uma efetiva transubstanciação de elementos ocorre sob a pressão da *vontade.* Aquilo que era antes terrestre se torna celestial. Aquilo que era da Terra, mundano, é transformado numa coisa dos céus. Uma hóstia de trigo e o vinho parecem se tornar quase que diretamente assimilados ao sangue, e absorvidos pelo próprio *ego.* Na realidade, isto é uma espécie de magia talismânica pois com a nomeação da substância o mago invoca a força espiritual em conformidade com aquele nome, e naquele *telesmata* físico de pão e vinho é essa força confinada como se fosse sua habitação terrena. O fato de tal *telesmata* ser consumido pelo mago introduz em seu ser um poder espiritual que em virtude de sua energia inerente expulsa elementos impuros de seu ser, elevando e transmutando o ser humano integral a um plano mais grandioso. Desta maneira se procede a transformação do corpo de luz de um escuro corpo lunar para um corpo solar, um organismo resplandecente, nítido e de forma bem definida, que fulgura como aço brilhantemente polido, capaz de atravessar todo *pilone*, penetrar os *santuários* mais zelosamente guardados e ingressando na lista de assistência dos guardiães angélicos. Com este corpo solar de substância espiritualizada, a veste deslumbrante do *Banquete de Casamento*, o teurgo não experimentará qualquer dificuldade para ascender nos planos a partir de *Malkuth* através do *caminho de Saturno* até a *esfera do Fundamento.* [43] Do *Fundamento* é possível para ele através da *Seta da Aspiração e do Poder da Harmonia e da Beleza* para cima – sempre para cima além do deserto infecundo do *Abismo* [44] no qual ele monta

[43] A *Sephira Yesod*, a primeira acima de *Malkuth.* (N. T.)
[44] Regardie faz referência à *Sephira misteriosa Daäth.* (N. T.)

o *camelo cabalístico*,[45] recebido jubilosa e lisonjeiramente pela *Rainha no Palácio do Rei*, que é a *Coroa* [46] santa da Árvore da Vida. Chegado à Coroa, o mago não *é* mais. Não obstante, aí ainda existe aquela consciência superior da *Vida Eterna* que constitui a individualidade real do mago – aquela parte real dele da qual, talvez, tenha estado raramente consciente durante as suas vidas anteriores sobre a Terra – aquele espírito primordial e universal, que pulsa e vibra invisível no cerne do coração de todos.

Escreveu Porfírio que "as almas ao atravessar as esferas dos planetas vestem, como túnicas sucessivas, as qualidades desses astros." Visto que os planetas e os signos zodiacais foram atribuídos à Árvore e estão incluídos na implicação das dez *Sephiroth*, o mago por meio desse processo da ascensão nos planos assimila as qualidades e características mais elevadas de cada planeta e cada *Sephira*. À medida que o *skryer* ascende à *Luz suprema* da *Chama imperecível da Vida* incorpora em si mesmo o poder inato dos planos pelos quais ele passa e como as características inferiores de seu ser são dificilmente compatíveis com a ígnea majestade impessoal do domínio celestial, são removidas deixando as características superiores como os augustos guardiães do campo da consciência. Todas as características dos mundos excelsos são sucessivamente assumidas pelo mago, e transcendidas até que ao fim de sua jornada mágica ele é fundido ao ser do Senhor de toda Vida. A meta final de sua peregrinação espiritual é o êxtase de paz no qual a personalidade, o pensamento e a autoconsciência finitos, mesmo a elevada consciência dos deuses supremos, declinam cabalmente e o mago se funde na unidade do *Ain-Sof* , onde nenhuma sombra de diferença ingressa.

[45] Referência ao *caminho de Gimel (camelo)* na Árvore da Vida. (N. T.)
[46] *Kether*, a *Sephira* mais elevada da Árvore da Vida. (N. T.)

CAPÍTULO XVI

Ao começar esboçar e escrever este livro acerca de magia era a firme intenção do autor elucidar todos os processos mágicos tão simples e inteligivelmente quanto fosse humanamente possível e coerente com o tratamento exegético de um assunto sumamente difícil e complexa. Pelo fato de ter havido no passado tanta obscuridade deliberada e matéria propositadamente enganosa, pareceu a hora exata de produzir uma declaração que pudesse ser utilizada de uma vez por todas como uma exposição clara e definida. O autor espera ter sido fiel a essa intenção ao longo do texto, embora quanto a este ponto o leitor deva ser o único juiz. Ambigüidade e por vezes deliberada tentativa de ludibriar mediante o emprego de simbolismo difícil e a citação de extensas séries de nomes de autoridades têm caracterizado muitos livros de magia, pondo a perder qualquer valor que eles pudessem ter. Resta delinear neste livro uma fórmula secreta de *magia prática* de uma natureza tão tremenda – encoberta como sempre esteve no passado pelo deslumbramento de símbolos recônditos e oculta por pesados véus – que este autor está em dúvida se seria sábio ou político se ater a sua decisão original. Poderia, é claro, ter sido omitida do conteúdo geral, mas foi necessário incluí-la sob alguma forma a fim de tornar este tratado moderadamente completo na medida do que concerne aos principais, embora elementares aspectos da alta magia. O método do qual nos propomos a falar aqui constitui uma fórmula tão poderosa da *magia da luz* e tão passível do abuso e uso indiscriminados na *magia negra* que se uma concepção de sua técnica e teoria é realmente para ser apresentada, a intenção original deste autor tem que ser descartada. Será preciso valer-se do meio de um simbolismo eloqüente que foi utilizado durante séculos para transmitir estas e idéias similares. E ao leitor deve se assegurar que o simbolismo não foi propositadamente desorganizado, nem foi tampouco tornado ambíguo, obscuro e destituído de sentido. Se meticulosamente estudados, os termos empregados revelarão uma coerência e uma continuidade que desvendarão às pessoas certas de um modo absolutamente preciso os processos de sua técnica.

A *Missa do Espírito Santo!* Assim é chamada esta técnica específica. É única em toda a magia pois nela está compreendida quase toda forma conhecida de procedimento teúrgico. Ao mesmo tempo, é a quintessência e a síntese de todas elas. Entre outras coisas diz respeito à magia dos talismãs. Por meio desse método uma força espiritual viva é confinada numa substância telesmática específica. Não se trata de *telesmata* morto ou inerte como acontece na costumeira evocação talismânica cerimonial, mas sim de imediato vibrante, dinâmico e contendo em germe e potencial a possibilidade de todo crescimento e desenvolvimento. De uma maneira muito especial, se refere, ademais, à fórmula do *Cálice Sagrado.* Um *cálice* dourado de graça espiritual é utilizado no qual a própria essência e sangue vital do teurgo têm que ser derramados para a redenção não de sua própria alma, mas que por intermédio disso toda a espécie humana possa ser salva. A *euraristia* também está implícita e o *cálice* é usado como a taça da comunhão, cujo conteúdo santificado – taumatúrgico e iridescente, em suma o vinho sacramental – tem que ser dedicado e consagrado ao serviço do Altíssimo. A *oblação* a ser consumida com

o vinho eucarístico é, em função dessa interpretação, a essência secreta tanto do mago intoxicado quanto do supremo deus que ele invocou. Neste método está presente também em larga escala a técnica alquímica, visto que concerne majoritariamente à produção do *ouro* potável, a *pedra filosofal* e o *elixir da vida* que é *Amrita*, o *rocio da imortalidade.*

O leitor deve, acima de tudo, ter em mente a fórmula filosófica do *Tetragrammaton,* que é o método desta missa. Isto demonstra a necessidade de uma familiarização prática com os princípios numéricos da Santa Cabala, pois quanto mais conhecimento se possui, sistematicamente classificado no sistema indicador da Árvore da Vida, mais sentido e significação se vinculam à fórmula de *Tetragrammaton.* No capítulo em que se esboça a teoria mágica do universo as implicações gerais do *Nome* sagrado foram resumidamente explicadas relativamente a essas conexões. Estas idéias devem ser inteiramente assimiladas em relação à Árvore. Munido deste entendimento, o leitor deverá aplicar seus poderes ao esquema simbólico que se segue.

Ilustrando o cabeçalho de um capítulo no livro de Franz Hartman *Secret Symbols of the Rosicrucians* (Símbolos Secretos dos Rosacruzes) vemos um desenho de uma sereia irrompendo do mar. Suas mãos estão junto aos seus seios e dali brotam duas torrentes que retornam ao mar. Explicando esta figura Hartman escreveu que "... a figura representa o fundamento das coisas e sua origem. Trata-se de um princípio duplo da natureza; seus pais são o Sol e a Lua ; produz água e vinho, ouro e prata pela bênção de Deus. Se torturas a *águia*, o *leão* se tornará débil. As 'lágrimas da águia' e o 'sangue vermelho do leão' têm que se encontrar e se misturar. A águia e o leão se banham, comem e se amam. Eles ficarão como a *salamandra* e ficarão constantes no fogo." Na elaboração do que foi dito acima os seguintes princípios podem ser postulados. O Y [47] do nome sagrado neste sistema é chamado de *leão vermelho* e a primeira H [48] é a *águia branca.* Concebe-se que estas duas letras sejam as representações de dois princípios cósmicos, dois rios de sangue escarlate que brotam dos seios da sereia para dentro do mar, duas torrentes distintas e incessantes de vida, luz e amor que procedem eternamente da própria *Vida.* Nelas reside o poder de tocar e comungar, fazendo um novo do outro, sem nenhuma ruptura das fronteiras sutis das torrentes ou qualquer confusão de substância. Em sua natureza são mutuamente complementares e opostas, e no entanto nelas está fundada a totalidade da existência. Todas as operações alquímicas de acordo com as autoridades requerem dois instrumentos principais: "um recipiente circular, cristalino, precisamente proporcional à qualidade de seu conteúdo" ou *cucúrbita* e " um forno teosófico selado cabalisticamente ou *Athanor*.[49] O *Athanor* é atribuído ao Y e a *cucúrbita* é uma atribuição da H.

Agora apesar do *ouro* puro que se menciona ser uma substância homogênea, una e indivisível, dinâmica e prenhe de possibilidade infinita, duas substâncias separadas são usadas em sua produção. Estas são denominadas *serpente* ou o *sangue do leão vermelho* e as *lágrimas* ou o *glúten* da *águia branca.* A *serpente* é uma atribuição da V **** do *Tetragrammaton* e o *glúten* é alocado à última H deste nome. Estas duas substâncias são a prole, por assim dizer, do leão e da águia. Os instrumentos alquímicos acima mencionados devem ser considerados como os armazéns ou geradores desses dois

[47] A letra *Yod. (*N .T.*)*
[48] A letra *Hé. (*N. T.*)*
[49] *Amphitheatrum,* H. Khunrath.

princípios divinos ou torrentes de rápido fluxo de sangue, fogo e força, o *Athanor* sendo a fonte ou veículo da *serpente*, o *glúten* estando alojado na *cucúrbita.*

A fabricação do ouro alquímico que é o *rocio da imortalidade* consiste de uma operação peculiar que apresenta várias fases. Pelo estímulo do calor e do fogo espiritual para o *Athanor* deve haver uma transferência, umas ascensão da *serpente* daquele instrumento para dentro da *cucúrbita*, usada como uma retorta. O casamento alquímico ou a combinação das duas correntes de força na retorta produz de imediato a decomposição química da *serpente* no mênstruo do *glúten*, sendo este a parte do *solve* da fórmula alquímica geral do *solve et coagula.* Junto à decomposição da serpente e sua morte surge a resplendente *Fênix* que, como um talismã, deve ser carregada por meio de uma contínua invocação do princípio espiritual compatível com a operação em andamento. A conclusão da *missa* consiste ou no consumo dos elementos transubstanciados, que é a *Amrita*, ou no ungir e consagração de um talismã especial.

Antes de prosseguir com a análise dos aspectos desta *operação*, gostaria de apresentar ao leitor uma citação na qual essa missa é repetida com certos detalhes, empregando a usual nomenclatura da alquimia. “Eu sou uma deusa de beleza e linhagem famosas, nascida do nosso próprio mar que rodeia a terra toda e que está sempre inquieto. Dos meus seios verto leite e sangue, fervendo-os até que se transformem em prata e ouro. Ó objeto o mais excelente, do qual todas as coisas são geradas, embora à primeira vista tu sejas veneno, adornado com o nome da *Águia alada* . . . . Teus pais são o Sol e a Lua; em ti há água e vinho, ouro também e prata sobre a Terra, que o homem mortal possa regozijar... Mas considera, ó homem, que coisas Deus te concede por este meio. Tortura a águia até que ela pranteie e o leão esteja debilitado e sangre até morrer. O sangue deste leão incorporado às lágrimas da águia é o tesouro da terra.” Isto, sem dúvida, é também explicativo da figura reproduzida por Franz Hartman.

Segundo certas autoridades, estima-se em termos aproximativos que a operação não deve levar menos de uma hora da invocação preliminar, com o aprisionamento da força nos elementos, até o ato de compartilhar a própria *comunhão* a partir do *cálice* consagrado. Às vezes, de fato, se requer um período muito mais longo, especialmente se houver a exigência da carga do talismã ser completa e perfeita. Deve-se ter grande cautela para evitar a perda imprudente dos elementos. Existe a possibilidade de efetivo vazamento ou um transbordamento da *cucúrbita*, e a assimilação ou evaporação dos elementos corrompidos no interior desse instrumento constitui também um acidente bastante deplorável. Nunca é demais enfatizar que se os elementos não forem consagrados corretamente; ou em primeiro lugar se a força invocada não se impingir ou ficar inseguramente confinada dentro dos elementos, toda a operação poderá ser anulada. E poderá facilmente degenerar às profundezas mais inferiores, resultando na criação de um horror *qlifótico* que passará a existir como um vampiro atuando sobre os não-naturalmente sensíveis e aqueles inclinados para a histeria e a obsessão. Se o elixir for adequadamente destilado, servindo como o meio do espírito invocado, então os *céus* serão franqueados, e os *portais* se voltarão para o teurgo, os tesouros da Terra serão colocados aos seus pés. “Se o descobrires, cala e o mantém sagrado. Não confia em ninguém exceto em Deus.”

O problema do vínculo para ligar a operação mágica ao resultado desejado deve ser considerado em todos seus numerosos aspectos. Se a *operação* for daquelas que realmente exige um talismã exterior para a produção visível de seu efeito, um selo

apropriado deverá ser construído de metal, cera ou sobre pergaminho. Pode ser consagrado e ungido com o elixir que foi criado através dos canais da *Obra hermética.* Esses selos e talismãs descritos na *Chave de Salomão* e em *The Magus* são para uma finalidade absolutamente adequada. Caso a operação proposta pelo teurgo seja pertinente às qualidades de Júpiter, um pantáculo apropriado deve ser preparado antes da *operação.* Durante a confecção do elixir, deve-se assumir a máscara divina de Maat e recitar uma conjuração do anjo ou inteligência necessários. No encerramento da missa, uma quantidade minúscula do rocio superior deve ser colocada sobre o *sigillum* ou talismã de Júpiter, carregando-o assim de uma força insuperável para a produção dos resultados desejados. Variações deste procedimento provavelmente ocorrerão com a prática.

Não se cogita da questão de um vínculo numa cerimônia conduzida visando uma finalidade na qual o *circulo e o triângulo*, por assim dizer, ou o demônio e o exorcista, ocupam o mesmo plano; ou seja, quando o teurgo trabalha exclusivamente sobre sua própria consciência sem referência à qualquer efeito exterior. A *missa do Espírito Santo*, num tal caso, tem automaticamente seu clímax pelo consumo dos elementos carregados, a força invocada encarnando dentro do mago como fato lógico, natural. É neste tipo de operação, acho, que a *missa do Espírito Santo* gera a maior quantidade de força e atinge o mais alto nível de eficiência.

Mesmo para operações ordinárias, a grande vantagem deste método é que é possível dispensar o cerimonial quase que completamente. O mago pode com absoluta facilidade executar o ritual do banimento no astral e as invocações podem ser silenciosamente recitadas de modo que nenhuma magia de natureza cerimonial possa ser percebida pelo profano. No caso, contudo, de operações em que o resultado desejado existe num outro plano ou exterior à consciência do mago, os efeitos nem sempre parecem se seguir com a mesma infalibilidade e seqüência como acontece nas operações subjetivas. O exame de registros privados conservados por magos que utilizaram esse engenho mágico tendem a mostrar que seu melhor emprego é para trabalhos dentro da consciência do mago. É nestas matérias que a *missa do Espírito Santo* é o mais poderoso e eficaz. Para o desenvolvimento da *vontade mágica*, o aumento da *imaginação* e a *invocação* tanto de Adonai quanto dos *deuses universais* para que habitem o templo consagrado do Espírito Santo, dificilmente se pode conceber um método melhor ou mais adequado. Não implica em nenhum gasto de energia vital visto que qualquer energia assim utilizada na operação retorna ao fim ao mago ampliada e enriquecida com o nascimento da *Fênix* dourada, o símbolo da ressurreição e do renascimento.

O poder supremo atuante nessa técnica é o amor. Por mais banal que isto possa parecer, e por mais que esta palavra tenha se tornado vulgar, é preciso reiterar que o amor é o poder motivador, uma força de amor mantida sempre sob controle pela *vontade* e controlada pela *alma*. O poder destrutivo da *espada* e tudo aquilo em que implica a espada, o caráter dispersivo da adaga ou de qualquer outra das armas elementares, aqui não tem lugar. Este método, portanto, se recomenda como sendo dos mais excelentes. Visto que participa efetivamente do amor, pertence ao estofo e essência da própria vida.

Em *operação* essa missa é extraordinariamente simples. De fato, um mago observou que não é mais complicado do que andar de bicicleta, isto é, uma vez certas preliminares e o treinamento tenham sido concluídos. Mais do que qualquer outra coisa requer uma *vontade* peculiarmente potente e independente, sustentando, claro, prévia disciplina e uma mente que tenha sido treinada em concentração por longos períodos de

tempo. Uma das peculiaridades dessa técnica é que a menos que se seja excepcionalmente cauteloso e alerta desde o início é coisa fácil para o mago perder o controle de seus instrumentos alquímicos e assim arruinar a operação inteira. Alegria na mera execução técnica da missa com a exclusão devido trabalho mágico constitui o grande e supremo perigo. Por outro lado, porque este elemento de prazer e alegria aqui realmente ingressa, esta técnica supera em excelência todas as demais. A mente tem que ser treinada na concentração sob todas as circunstâncias. Como uma preliminar à prática mágica deste tipo, a técnica da ioga se revela sumamente vantajosa. Pode-se até afirmar que para o verdadeiro sucesso em toda a magia é absolutamente essencial uma completa fundamentação na técnica da ioga.

Uma observação adicional não seria inoportuna. Superficialmente e à primeira vista pode parecer que entre esse tipo de operação mágica, descrito de maneira tão hesitante, e o trabalho cerimonial costumeiro há um grande hiato. É verdade que a *missa do Espírito Santo* constitui um avanço no funcionamento lento e embaraçoso do cerimonial, isto embora este último seja essencial no princípio do treino mágico. Este método é consideravelmente mais direto e incisivo, e devido à classe peculiar de energias que desencadeia sobre a natureza, seus efeitos são extremamente mais poderosos e de alcance bem maior do que os do cerimonial por si só. Entretanto, a despeito de subsistirem como duas categorias distintas de trabalho, podem com grande proveito ser combinadas e usadas uma em conjunção com a outra.

As autoridades alquímicas, as quais avaliaram esse método, têm como consenso geral que por mais que seja grandioso seus resultados não podem ser logrados sem a oração. Sem a oração sincera nada permanente ou divino poderia ser realizado. Por conseguinte, enquanto a operação da missa está em andamento e o fogo no *Athanor* se intensifica, uma invocação entusiástica, seja astral ou audível, deve ser pronunciada. É aconselhável que seja da natureza de um curto *mantra* apropriado à natureza e tipo do trabalho, de composição rítmica. A operação como um todo poderia ser precedida por uma invocação mais geral para legitimar o trabalho. À medida que o trabalho astral de criação progride, o *mantra* rítmico ajudará a formular e vivificar os moldes produzidos pela *vontade* e a *imaginação*, atraindo a força espiritual desejada. E então, quando a *serpente* é transferida do *Athanor* e a corrupção alquímica começa no *glúten* da águia branca, a cucúrbita será o receptáculo de uma nova substância, viva e dinâmica, contendo a marca indelével das invocações que terão dotado sua plasticidade e potencialidade de ímpeto avassalador numa dada direção. Conclui-se que se partilhando dessa substância que é o *mercúrio filosófico,* impregnado com uma inteligência de energia espiritual dinâmica capaz de produzir dentro dos limites de sua esfera a mudança desejada, a realização plena e satisfatória coroará a aspiração do mago.

Conduzida dentro de um *círculo* adequadamente consagrado, após um perfeito banimento, seguida por uma poderosa conjuração da força divina e o assumir da forma divina apropriada, a cerimônia pode se revelar detentora de poder incomparável para franquear os *Portais dos Céus.* Utilizando-se apenas a *taça* e o *bastão* como armas elementares, em associação com o *mantra* ou a invocação rítmica especializada, é raro que a missa falhe ou não produza efeito. Esta união de duas armas mágicas diferentes, bastante divorciadas como possam ter se afigurado num primeiro momento, aumenta a potência de cada uma delas já que combinam numa operação única os melhores aspectos e as maiores vantagens de ambas.

CAPÍTULO XVII

Agora os mais importantes aspectos da magia foram abordados. Antes de encerrar este livro, entretanto, desejo apresentar alguns exemplos de vários tipos de rituais e invocações que estão incluídos numa cerimônia completa. Diversas espécies de rituais foram mencionados nas páginas anteriores e agora é necessário tornar tais referências mais explícitas. Uma operação cerimonial completa é composta de muitos ciclos menores, por assim dizer. Independentemente de todas as questões de preparo e consagração das armas da *arte*, o *círculo* e o *triângulo* e os *talismãs,* com relação ao método que foi descrito, a cerimônia correta pode incluir até oito fases distintas, não mencionando em absoluto do fato de que possa ser necessário que muitas delas sejam repetidas duas ou três vezes para efeito de ênfase.

A cerimônia é aberta com um completo *Ritual de Banimento*, que já foi citado para tornar pura e limpa a esfera de trabalho. Segue-se usualmente uma invocação geral ou *oração ao Senhor do Universo.* Na seqüência se procede ao trabalho preciso. Deve haver uma invocação ao deus que governa a operação, a recitação de um apelo ao *arcanjo* ou *anjo* sucedida por uma poderosa conjuração do *espírito* ou *inteligência* para sua aparição visível. Sua manifestação no *triângulo* é saudada por boas-vindas especiais ensejo no qual se queima incenso como uma oferenda e para lhe dar corpo. Segue-se então a *Licença para Partida* e a *operação* é concluída por um completo *banimento* cerimonial. Propomos, assim, neste capítulo final, dar vários exemplos de cada um dos ciclos mais importantes do trabalho, reproduzindo aquelas invocações que são consideradas exemplares pelas autoridades.

A preparação de um *templo* ou aposento adequado a ser empregado como o cenário das operações mágicas é uma das mais importantes preliminares a serem atendidas pelo teurgo. O uso contínuo de um aposento especial no qual a preocupação principal foi com a prática da meditação e coisas geralmente mágicas tende automaticamente a consagrar essa área limitada à Grande Obra, expelindo todas as influências indesejáveis e perturbadoras. Uma simples forma de cerimônia consagrando uma câmara especial para um propósito mágico pode ser concebida muito facilmente incorporando-se o *Ritual do Pentagrama* com diversos aforismos dos Oráculos Caldeus, como por exemplo no ritual que se segue.

> “Que o mago encare o leste e segurando o bastão de lótus pela parte negra, diga as seguintes palavras:
>
> HEKAS, HEKAS, ESTI BEBELOI!
>
> “Então que se realize o *Ritual Menor de Banimento do Pentagrama* de maneira que um *círculo* seja formado abrangendo a área da câmara inteira, depois do que o bastão deve ser depositado sobre o *altar.*
>
> “Purifica os limites externos do *círculo* com água, dizendo: ‘ Assim portanto primeiro o Sacerdote que governa os trabalhos do *fogo* tem que borrifar a água do mar que alto ressoa.’

"Purifica com fogo, dizendo: ' E quando depois de todos os *fantasmas* tu veres aquele *santo fogo amorfo*, aquele *fogo* que dardeja e lampeja através das profundezas ocultas do universo, escuta a *voz* do *fogo.* '

"Então toma novamente o bastão de lótus pela extremidade branca, e repete a *adoração*:

" '*Santo és tu Senhor do Universo.*
Santo és tu cuja natureza não formou.
Santo és tu o Vasto e Poderoso,
Senhor da Luz e das Trevas.' "

Imediatamente após os banimentos iniciais terem sido realizados, e logo antes do princípio da cerimônia, aconselha-se uma *invocação* do *Altíssimo.* Tal como a vontade inferior aspira àquilo que está acima, do mesmo modo se concebe que o mais alto aspirará à união com aquilo que está abaixo. Para equilibrar a cerimônia uma invocação da *Vontade Superior* – seja esta concebida como o *Augoeides* ou o *Senhor do Universo* - é considerada parte indispensável de qualquer operação. A oração que é apresentada abaixo aparece primeiramente em *The Secret Symbols of the Rosicrucians* (Os Símbolos Secretos dos Rosacruzes), de Franz Hartman e é uma das hinos mais eloqüentes e exaltadores já escritos que se enquadra ao propósito mencionado acima.

"Eterna e Universal Fonte do Amor, Sabedoria e Felicidade; a Natureza é o livro no qual Teu caracter está inscrito e ninguém é capaz de lê-lo a não ser que tenha estado em Tua escola. Portanto, nossos olhos estão dirigidos para Ti, como os olhos dos servos estão dirigidos sobre as mãos de seus senhores e senhoras, dos quais recebem suas dádivas.

"Ó tu Senhor dos Reis, quem deixaria de louvar-Te incessantemente, e para sempre com todo seu coração? Pois tudo no universo procede de Ti, de Teu interior, pertence a Ti e é imperioso que novamente retorne a Ti. Tudo que existe reingressará em última instância em Teu Amor ou Teu Ódio, Tua Luz ou Teu Fogo, e tudo, seja bom ou mau, deve servir à Tua glorificação.

"Tu somente é o Senhor pois Tua Vontade é a fonte de todos os poderes que existem no universo; nada pode escapar a Ti. És o Reio do Mundo, Tua residência é no Céu e no santuário do coração dos virtuosos.

"Deus universal, Vida Una, Luz Una, Poder Uno, Tu Tudo em Tudo, além da expressão e além da concepção. Ó Natureza! Tu alguma coisa a partir de nenhuma coisa, tu símbolo da Sabedoria! Em Mim Mesmo eu sou nada, em Ti eu sou eu. Eu vivo em Ti eu feito de nada; vive Tu em mim, e tira-me da região do eu para a Luz Eterna."

Em *A Magia Sagrada de Abramelin, o Mago* Abraão, o Judeu cuidadosamente insistiu em não fornecer orações ou invocações, sugerindo que as melhores invocações seria aquelas escritas por cada indivíduo de maneira a atender a necessidades pessoais. Apresenta, todavia, nas páginas de seu livro uma *oração* que é adequada, tal como a oração rosacruz precedente, para a formação da abertura da cerimônia colimando o

soerguimento da mente do mago e a atração da insuflação divina para a bênção do trabalho em pauta[50].

> "Ó Senhor Deus de Misericórdia; Deus, Paciente, Benigníssimo e Liberal, que concedeis Vossa Graça de mil maneiras, e por mil gerações; que esqueceis as iniqüidades, os pecados e as transgressões dos homens; em cuja Presença ninguém é encontrado inocente; que visitais as transgressões dos pais para com os filhos e sobrinhos, até a terceira e quarta gerações; conheço minha miséria e não sou digno de aparecer perante Tua Divina Majestade, nem mesmo de implorar e buscar Vossa Bondade e Mercê para a mínima Graça. Mas, ó Senhor dos Senhores, a Fonte de Vossa Bondade é tamanha, que por Si só chamou aos que estão confundidos por seus pecados e não se atrevem a se aproximar, e convidou-os a beber de Vossa Graça. Donde, ó Senhor meu Deus, tende piedade de mim e afastai de mim toda iniqüidade e malícia; limpai minha alma de toda impureza de pecado; renovai-me em meu Espírito, e confortai-o, de modo que possa se tornar forte e apto a compreender o Mistério de Vossa Graça, e os Tesouros de Vossa Divina Sabedoria. Santificai-me também com o Óleo de Vossa Santificação, com que santificastes todos os Vossos Profetas; e purificai-me com ele em tudo o que me é pertinente, de modo que possa me tornar digno da Conversação de Vossos Santos Anjos[51] e de Vossa Divina Sabedoria, e concedei-me o Poder que destes a Vossos Profetas sobre todos os Espíritos Maus. Amém. Amém[52]."

Talvez um dos mais primorosos hinos conhecidos por este autor é um escrito por Aleister Crowley. Está presente numa peça mística intitulada *The Ship* composta há muitos anos atrás e é isento de todas as incômodas implicações metafísicas constantes em outras orações, as quais tendem a melindrar sensibilidades filosóficas. Como é, inclusive, em forma poética[53], o efeito é cumulativo, facilitando grandemente o processo de exaltação.

> "Tu que és eu, além de tudo que sou,
> Que não possui nenhuma natureza e nenhum nome,
> Que és quando todos exceto Tu já se foram,
> Tu, centro e segredo do Sol,
> Tu, fonte oculta de todas as coisas conhecidas
> E desconhecidas, Tu afastado, só,
> Tu, o fogo verdadeiro dentro do junco
> Procriando e criando, fonte e semente

---

[50] Embora ainda assim se trate da oração *pessoal* que Abraão empregou em sua consagração. (N. T.)

[51] O autor registra *Holy Guardian Angels (Santos Anjos Guardiões).* Este tradutor omitiu *Guardiões* por não constar no original transcrito. (N. T.)

[52] Tomei a liberdade de acrescentar *Amém. Amém.*, por fidelidade ao original transcrito. (N. T.)

[53] É preciso que o leitor compreenda que, como no caso de demais poesias aqui traduzidas, a rima é muitas vezes sacrificada em prol da justeza e ritmo do texto em português. (N. T.)

De vida, amor, liberdade e luz,
Tu que transcende discurso e visão,
Tu eu invoco, meu débil e fresco fogo
Acendendo à medida que meus intentos aspiram.
Tu eu invoco, Tu que és permanente,
Tu, centro e segredo do Sol,
E aquele mistério santíssimo
Do qual eu sou o veículo.
Aparece, sumamente terrível e sumamente brando,
Como é lícito, em Tua criança.

Pois do Pai e do Filho,
O Espírito Santo é a norma;
Macho-fêmea, quintessencial, uno,
Homem-sendo velado sob forma de mulher.
Glória e veneração no mais excelso,
Tu Pomba, humanidade que deifica,
Sendo esta raça mui realmente governada,
Do brilho do sol da primavera até a borrasca do inverno.
Que Tu sejas glorificado e venerado
Seiva do freixo do mundo, árvore de prodígios!
Glória a Ti que procedes do Túmulo Dourado.
Glória a Ti que procedes do Útero que Espera.
Glória a Ti que procedes da terra não arada!
Glória a Ti que procedes da virgem que fez voto!
Glória a Ti, Unidade verdadeira
Da Trindade Eterna!
Glória a Ti, Tu genitor e genitora
E eu de Eu sou o que Eu sou!
Glória a Ti, Sol eterno,
Tu Um em Três, Tu Três em Um!
Que Tu sejas glorificado e venerado,
Seiva do freixo do mundo, árvore de prodígios! "

Nos escritos do mui eminente platonista *Thomas Taylor* podem ser encontrados alguns exemplos salutares de hinos e invocações adequados ao trabalho mágico. Aliás, há uma volume traduzido por Taylor em 1787 do grego intitulado *The Mystical Hymns of Orpheus* (Os Hinos Místicos de Orfeu) no qual há invocações dirigidas a quase cada um dos deuses principais; de sorte que para o aprendiz de teurgia esse volume se destina a ser extremamente útil em seu trabalho prático, especialmente em vista do fato de Taylor ser da opinião de que o conteúdo do livro era usado nos Mistérios de Elêusis. Pertencente ao tipo de oração geral que deve preceder a uma cerimônia, transcrevemos aqui um notável Hino ao Céu que para seu propósito é incomparável.

"Grande Céu, cuja poderosa estrutura não conhece repouso,
Pai de tudo de que o mundo surgiu;

Escutai, pai generoso, origem e desfecho de tudo,
Para sempre circundando esta esfera terrestre;
Moradia dos deuses, cujo poder guardião cerca
O mundo eterno dentro de limites perenes;
Cujo seio amplo e dobras envolventes
Sustentam a necessidade terrível da natureza.
Etérea, terrestre, cuja estrutura multivariada,
Cerúlea e plena de formas, nenhum poder é capaz de domar.
Onividente, fonte de Saturno e do tempo,
Para sempre abençoada, divindade sublime,
Propícia sobre um novo brilho místico,
Coroai seus desejos com uma vida divina."

No mesmo volume há um *Hino à Mãe dos Deuses* que como uma invocação pode ser empregado exatamente da mesma maneira para preceder o trabalho cerimonial efetivo. É especialmente digno de ser citado.

"Mãe dos Deuses, grande ama-seca de todos, aproxima-te
Divinamente honrada e considera minha oração.
Entronizada num carro por leões tirado,
Por leões destruidores de touros, céleres e fortes,
Tu agitas o cetro da vara divina,
E o assento intermediário do mundo, mui afamado, é Teu.
Daí a terra é Tua, e mortais necessitados dividem
Seu alimento constante, a partir de Tua proteção.
De Ti o mar e todos os rios fluem.
Achamos Teu nome o melhor e fonte de riqueza
Aos homens mortais que se regozijam em ser bondosos;
Pois a cada bem a ser dado Tua alma se delicia.
Vem, poder formidável, propício aos nossos ritos,
Aquela que tudo doma, abençoada, Salvadora frígia, vem,
Grande rainha de Saturno, que se regozija no tambor
Donzela celestial, antiga, mantenedora da vida,
Fúria inspiradora, dá ao Teu suplicante ajuda;
Com aspecto jubiloso sobre o nosso incenso brilha
E satisfeita, aceita o sacrifício divino."

A oração apresentada a seguir é um extrato de uma cerimônia invocando o Santo Anjo Guardião levada a efeito pelo falecido Allan Bennett, um dos *Adeptos* da *Golden Dawn* antes de ter ingressado no *sangha* budista e ter se tornado *bhikkhu* Ananda Metteya.

"Que Tu sejas adorado, Senhor da minha Vida, pois Tu permitiste a mim adentrar até aqui o Santuário de Teu Inefável Mistério; e te dignaste a manifestar para mim algum pequeno fragmento da Glória de Teu Ser. Ouve-me, Anjo de Deus, o Vasto; ouve-me e admite minha oração! Concede que eu sempre

> sustente o Símbolo do Auto-sacrifício; e concede a mim a compreensão de tudo que possa me aproximar de Ti! Ensina-me, Espírito estrelado, mais e mais de Teu Mistério e Tua Maestria; permite que cada dia e cada hora me deixem mais perto, mais perto de Ti! Permite-me auxiliar-Te em Teu sofrimento de modo que possa algum dia tornar-me participante de Tua Glória, naquele dia quando o Filho do Homem for invocado ante o Senhor dos Espíritos, e Seu Nome na presença da Ancião dos Dias!
>
> "E neste dia ensina-me esta única coisa: como posso aprender de Ti os Mistérios da Alta Magia da Luz. Como posso eu ganhar dos Habitantes dos Elementos brilhantes o conhecimento e poder destes: e como eu posso empregar da melhor maneira esse conhecimento para ajudar meus semelhantes.
>
> "E finalmente oro a Ti para que possa haver um laço de Dependência entre nós; que eu possa sempre buscar, e buscando obter ajuda e conselho de Ti que és minha própria individualidade. E diante de Ti eu prometo e juro que pelo apoio Daquele que senta no Trono Santo purificarei meu coração e mente de modo que um dia possa me tornar verdadeiramente unido a Ti, que és em Verdade meu Gênio Superior, meu Mestre, meu Guia, meu Senhor e Rei!"

Embora a forma das invocações gnósticas tenha se tornado bastante conhecida no meio daqueles que estudam magia e misticismo, há uma invocação particularmente boa que desejo reproduzir aqui, extraída do manuscrito Bruce. Contém diversos nomes bárbaros evocatórios e foi proferida por Jesus para a purificação de seus discípulos.

> "Ouve-me, ó meu Pai, Pai de toda Paternidade, Luz Infinita, torna este meus discípulos dignos de receber o Batismo do Fogo, perdoa seus pecados, purifica as iniqüidades que eles cometeram consciente ou inconscientemente, aquelas que cometeram desde sua infância até mesmo aos dias de hoje, suas palavras impensadas, seu discurso maligno, seus falsos testemunhos, seus furtos, suas mentiras, suas calúnias enganosas, suas fornicações, seus adultérios, sua cobiça, sua avareza e todos os pecados que possam ter cometido, apaga-os, purifica-os deles e permita que ZOROKOTHORA venha em segredo e lhes traga a Água do Batismo do Fogo da Virgem do Tesouro.
>
> "Ouve-me, ó meu Pai: eu invoco Teus Nomes Incorruptíveis Ocultos nos *Aeons* para sempre, AZARAKAZA AAMATHKRATITATH IOIOIO ZAMEN ZAMEN ZAMEN IAOTH IAOTH IAOTH PHAOPH PHAOPH PHAOPH KHIOEPHOZPE KHENOBINYTH ZARLAI LAZARLAI LAIZAI, AMEN AMEN; ZAZIZAYA NEBEOYNISPH PHAMOY PHAMOY PHAMOY AMOYNAI AMOYNAI AMOYNAI AMEN AMEN AMEN ZAZAZAZI ETAZAZA ZOTHAZAZAZA. Ouve-me, meu Pai, Pai de todas as paternidades, Luz Infinita, eu invoco Teus Nomes Incorruptíveis que estão no *Aeon* de Luz para que ZOROKOTHORA me envie a Água do Batismo Ígneo procedente da Virgem de Luz para que eu possa batizar meus discípulos. Ouve-me novamente, ó meu Pai, Pai de toda Paternidade, Luz Infinita, para que a Virgem de Luz possa vir, que ela possa batizar meus discípulos com Fogo, que ela possa perdoar seus pecados, purificar suas iniqüidades, pois eu invoco Teu Nome Incorruptível que é ZOTHOOZA

THOITHAZAZZAOTH AMEN AMEN AMEN. Ouve-me também ó Virgem de Luz, ó Juíza da Verdade, perdoa os pecados de meus discípulos; e se, ó meu Pai, Tu apagares suas iniqüidades, possam eles ser inscritos herdeiros do Reino da Luz, e para este fim realiza um milagre sobre estes incensários de suave perfume."

Pouca engenhosidade da parte do noviço será exigida para efetuar as necessárias alterações destes rituais de modo a adaptá-los às suas próprias finalidades. Um pronome aqui mais uma palavra ali e o resultado é um ritual pessoal. O mesmo se revela verdadeiro no que concerne aos rituais do Livro dos Mortos, muitos deles sendo líricos e panegíricos. No capítulo CLXXXII é apresentada uma curta invocação na qual Thoth é representado em identificação com os mortos.

"Eu sou Thoth, o escriba perfeito cujas mãos são puras. Eu sou o Senhor da pureza, o destruidor do mal, o escriba do correto e da verdade, e o que abomino é o pecado[54]."

"Contempla-me pois eu sou o junco de escrita do deus Neb-er-tcher, o senhor das leis, que concede a palavra da sabedoria e do entendimento, e cujo discurso exerce domínio sobre a terra dupla. Eu sou Thoth, o senhor do correto e da verdade, que faz o fraco conquistar a vitória e que vinga os infelizes e os oprimidos naquele que lhes causou dano.

"Eu dispersei as trevas!

"Eu afastei a tempestade, e trouxe o vento a Un-Nefer, a brisa formosa do vento do norte, mesmo brotando do útero de sua mãe.

"Eu o fiz ingressar a morada oculta e ele vivificará a alma do *Coração Tranqüilo*, Un-Nefer, o filho de Nuit, Hórus triunfante!"

Ocioso dizer que no emprego da invocação acima a *forma* do deus Thoth é magicamente assumida e o próprio ritual enumera algumas das qualidades e poderes do deus, a recitação do mesmo auxiliando na união e mescla das substâncias. O exemplar de ritual dado por E. A. Wallis Budge em *The Gods of the Egyptians* (Os Deuses dos Egípcios) usado como uma invocação de Osíris, constitui um exemplo bem melhor. Foi necessário fazer uma espécie de edição dele já que era demasiado longo e disperso.

"Salve, senhor Osíris. Salve, senhor Osíris. Salve, senhor Osíris.

"Salve, salve, formoso moço, vem ao teu templo prontamente pois nós não vemos a ti. Salve, formoso moço, vem ao teu templo e te aproxima após tua partida de nós.

"Salve, tu que comandas ao longo da hora, que cresces exceto em sua estação. Tu és a imagem exaltada de teu pai Tenen, tu és a essência oculta que provém de Atmu. Ó tu, Senhor, ó tu Senhor, quão maior és tu que teu pai, ó tu filho primogênito do útero de tua mãe. Retorna a nós novamente com aquilo que

[54] O leitor deve considerar o termo *pecado* aqui com certas reservas devido ao significado e conotação que essa palavra adquiriu na teologia judaico-cristã. É aconselhável prender-se ao sentido original do vocábulo latino *peccatum*, a saber: falta, erro, crime. (N. T.)

a ti pertence e nós te abraçaremos; não nos deixa, ó rosto belo e grandemente amado, tu imagem de Tenen, tu, o viril, tu senhor do amor. Vem em paz e permita-nos ver, ó nosso Senhor ... .

"Salve, Príncipe, que provém do útero ... da matéria primeva. Salve, Senhor de multidões de aspectos e formas criadas, círculo de ouro nos templos; senhor do tempo e doador de anos. Salve, senhor da vida por toda a eternidade; senhor de milhões e miríades, que brilha tanto no nascer quanto no pôr do sol. Salve, tu senhor do terror, tu, o poderoso do tremor.

"Salve, senhor das multidões de aspectos, tanto macho quanto fêmea; tu és coroado com a Coroa Branca, tu Senhor da Coroa *Urerer*. Tu Bebê santo de Her-hekennu, tu filho de Ra, que senta no Barco de Milhões de anos, tu Guia do Repouso! Vem para os teus sítios ocultos.

"Salve, tu senhor que és auto-produzido. Salve, tu cujo coração é tranqüilo, vem a tua cidade. Tu, amado dos deuses e deusas que mergulhaste a ti mesmo em Nu, vem ao teu templo; tu estás no Tuat, vem para tuas oferendas... .

"Salve, tu flor santa da Grande Casa. Salve, tu que trazes o cordame santo do barco de Sekti; tu Senhor do Barco de Hennu que renovas tua juventude no sítio secreto, tu Alma perfeita... Salve, tu oculto, que és conhecido da humanidade.

"Salve! Salve! Tu efetivamente brilhas sobre aquele que está no Tuat e efetivamente mostras a ele o Disco, tu Senhor da Coroa Ateph. Salve, ó poderoso do terror, tu que nasces em Tebas, que floresces para sempre. Salve, tu alma viva de Osíris coroado com a lua."

Um outro ritual proveniente de fontes egípcias é o Hino a Amon-Ra, que reproduzimos aqui a partir do famoso *Harris Magical Papyrus.*

"Ó Amon oculto no centro de seu olho, espírito que brilha no olho sagrado, adoração para os Transformadores Santos, para aqueles que não são conhecidos! Brilhantes são suas formas veladas num fulgor de Luz.

"Mistério dos Mistérios, Mistério Ocultado, Salve Tu no meio dos céus. Tu, que és Verdade, geraste os deuses. Os signos da Verdade estão em teu misterioso santuário. Por ti se faz tua mãe Meron brilhar. Tu tornas manifestos raios que iluminam. Tu circundas a Terra com tua luz até retornares à montanha que está no País de Aker. Tu és adorado nas águas. A terra fértil te adora. Quando teu cortejo passa pela montanha oculta o animal selvagem se ergue em sua toca, os espíritos do Oriente te louvam, temem a luz de teu disco. Os espíritos do Khenac te aclamam quando tua Luz brilha em seus rostos. Tu atravessas um outro céu que não é possível ao teu inimigo atravessar. O fogo de teu calor ataca o monstro Ha-her. O peixe Teshtu guarda as águas ao redor de tua barca. Tu comandas a morada do monstro Oun-ti, que Nub-ti golpeia com sua espada.

"Este é o deus que se apoderou do céu e da terra em sua tempestade. Sua virtude é poderosa para destruir seu inimigo. Sua lança é o instrumento de morte para o monstro Oubn-ro. Agarrando-o subitamente ele o subjuga; ele se faz mestre dele e o força a reingressar em sua morada; então ele devora seus olhos e

nisto está seu triunfo; o monstro é então devorado por uma chama ardente; da cabeça aos pés todos os seus membros queimam em seu calor. Tu trazes teus servos ao porto com um vento favorável. Sob ti, os ventos encontram paz. Tua barca regozija, tuas sendas são ampliadas porque tu venceste os caminhos do autor do mal.

"Velejai, estrelas errantes! Velejai, astros resplandecentes; vós que viajais com os ventos! Pois tu estás repousando no seio do céu, tua mão te abraça; quando tu chegas ao horizonte ocidental a terra abre os braços para receber-te. Tu que és venerado por todas as coisas existentes! "

As poucas últimas linhas da invocação acima, pode-se notar, se acham num plano muito mais elevado de poesia do que o corpo principal da invocação. Trata-se de uma peroração extremamente boa. Estes rituais devem ser objeto de muito estudo e à luz de princípios da Cabala uma considerável quantidade de filosofia pode deles extraída e neles percebida.

Um ritual que desde algum tempo se tornou geralmente conhecido como a "Invocação do Não-nascido" parece a este autor um dos melhores por ele conhecido. O mais antigo registro que dele se descobriu se acha numa obra intitulada *Fragment of a Graeco-Egyptian Work upon Magic* (Fragmento de uma Obra Greco-egípcia sobre Magia), de Charles Wycliffe Goodwin, M. A., publicada em 1852 para a *Cambridge Antiquarian Society*. Reimpresso no século passado no final da década de noventa por Budge em *Egyptian Magic* (Magia Egípcia), esse ritual tornou-se largamente conhecido entre os devotos da teurgia e foi cuidadosamente editado e elaborado por magos experientes. Reproduzimos abaixo a versão aperfeiçoada.

"Tu eu invoco, o Não-nascido.

"Tu que criaste a Terra e os Céus.

"Tu que criaste a Noite e o Dia.

"Tu que criaste as trevas e a Luz.

"Tu és Osorronophris, que nenhum homem viu em tempo algum.

"Tu és Iabas. Tu és Iapos. Tu distinguiste entre o justo e o injusto. Tu produziste a fêmea e o macho.

"Tu produziste a Semente e o Fruto. Tu formaste homens para se amarem entre si e se odiarem entre si.

"Eu sou *Mosheh*[55] teu Profeta[56] ao Qual tu confiaste teus Mistérios, as cerimônias de Israel.

"Tu produziste o úmido e o seco, e aquilo que nutre todas as coisas criadas.

"Que tu me ouça, pois eu sou o Anjo de Paphro Osorronophris; este é Teu Verdadeiro Nome, entregue aos Profetas de Israel.

"Ouve-me: Ar: Thiao: Rheibet: Atheleberseth: A ; Blatha: Abeu: Ebeue: Phi: Thitasoe: Ib: Thiao.

[55] Aqui o mago pode inserir seu próprio nome e lugar na hierarquia mágica.
[56] Moisés. (N. T.)

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre a terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e cada Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Eu te invoco, o Deus Terrível e Invisível, que habitas o Sítio Vazio do Espírito: Arogogorobrao: Sothou: Modorio: Phalarthao: Doo: Apé: O Não-nascido.

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia, e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Ouve-me: Roubriao: Mariodam: Balbnabaoth: Assalonai: Aphnaio: I ; Thoteth: Abrasar: Aeoou: Ischure, Poderoso e Não-nascido.

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Eu te invoco: Ma: Barraio: Ioel: Kotha: Athorebalo: Abraoth!

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Ouve-me! Aoth: Abaoth: Basum: Isak: Sabaoth: Isa !

"Este é o Senhor dos Deuses! Este é o Senhor do Universo! Este é Aquele que os Ventos temem!

"Este é Aquele Que tendo feito a Voz por seu Mandamento é Senhor de todas as Coisas, Rei, Governante e Auxiliador.

"Ouve-me e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.

"Ouve-me: Ieou: Pur ; Iou: Pur: Iaot: Iaeo: Ioou: Abrasar: Sabrium: Do: Uu: Adonaie: Ede: Edu: Angelos ton Theon: Anlala Lai: Gaia: Ape: Diarthana Thorun.

"Eu sou Ele! O Espírito Não-nascido! tendo visão nos Pés! Forte e o Fogo Imortal!

"Eu sou Ele! A Verdade!

"Eu sou

Ele! Quem odeia que o mal seja lavrado no Mundo!

"Eu sou Aquele que ilumina e troveja. Eu sou Aquele do Qual procede a Abundância da Vida da Terra: Eu sou Aquele cuja boca sempre flameja: Eu sou Ele: O Gerador e o Manifestador diante da Luz.

"Eu sou Ele: A Graça do Mundo!

" 'O Coração com uma Serpente como Cinta ' é o meu Nome!

> "Vem e segue-me, e faz todos os Espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo Encantamento e Flagelo de Deus possam prestar obediência a mim.
>
> IAO: SABAO
> " Tais são as palavras! "

Talvez um tipo ainda melhor de invocação aos deuses é o que apresentaremos a seguir. Há muitos teurgos que o preferem, como modalidade de ritual, ao precedente. A invocação de Thoth que citarei se baseia muito largamente no Livro dos Mortos, principalmente no capítulo da *Saída pelo Dia* e uma seção contendo uma alocução sacerdotal ao faraó citada por Maspero. O ritual completo, entretanto, não mostra quaisquer sinais de colcha de retalhos, sendo perfeitamente coerente, consistente e estático.

> "Ó Tu, Majestade da Divindade, Tahuti Coroado de Sabedoria, Senhor dos Portais do Universo, a Ti, a Ti eu invoco!
>
> "Ó Tu cuja cabeça é como uma Íbis, a Ti, a Ti eu invoco!
>
> "Tu que seguras em Tua mão direita o bastão mágico do Poder Duplo e que portas em tua mão esquerda a Rosa e a Cruz da Luz e da Vida, a Ti, a Ti eu invoco!
>
> "Tu cuja cabeça é como Esmeralda, e cuja *nêmis* como o azul do céu noturno, a Ti, a Ti eu invoco!
>
> "Tu cuja pele é de laranja flamejante como se ardesse numa fornalha: a Ti, a Ti eu invoco!
>
> "Vê, eu sou ontem, Hoje e o irmão do Amanhã! Eu nasço de novo e de novo. A mim pertence a força invisível da qual os deuses se originam, a qual dá vida aos habitantes das torres de vigia do Universo.
>
> "Eu sou o auriga no Oriente, Senhor do Passado e do Futuro, o qual vê por sua própria luz interior. Eu sou o Senhor da Ressurreição, que assoma do crepúsculo e cujo nascimento procede da Casa da Morte. Ó vós dois falcões divinos que sobre vossos pináculos mantêm a vigilância do Universo! Vós que acompanhais o esquife a sua Casa de Repouso, que pilotam o Barco de Ra sempre avançando às alturas do céu! Senhor do Santuário que fica no centro da Terra!
>
> "Vê! Ele está em mim e Eu Nele! Meu é o brilho com o qual Ptah flutua sobre seu firmamento! Eu viajo pelas alturas! Eu piso o firmamento de Nu! Eu ergo uma flama cintilante com o relâmpago de meu olho, sempre investindo para a frente no esplendor do diariamente glorificado Ra, outorgando minha vida aos habitantes da Terra. Se eu digo *Subi às montanhas* as águas celestiais fluirão ante minha palavra, pois eu sou Ra encarnado; Kephra criado na carne! Eu sou o *eidolon* do meu Pai Tmu, Senhor da Cidade do Sol.
>
> "O deus que comanda está em minha boca. O Deus da Sabedoria está em meu coração. Minha língua é o santuário da Verdade; e um deus senta sobre meus lábios. Minha palavra é comprida todos os dias e o desejo de meu coração

realiza a si mesmo como aquele de Ptah quando ele cria suas obras. Visto que eu sou Eterno tudo atua de acordo com meus desígnios, e tudo acata minhas palavras.

Portanto que Tu venhas a Mim de Tua Morada no Silêncio, Sabedoria Impronunciável, Toda-Luz, Toda-Poder.

"Thoth, Hermes, Mercúrio, Odin. Por qualquer nome que chame a Ti, Tu és ainda *i-Nomeado* e Sem Nome para a Eternidade. Que tu venhas, eu digo, e ajuda-me e guarda-me nesta obra da Arte.

"Tu estrela do Oriente que realmente conduziste os Magos. Tu estás identicamente toda presente no Céu e no Inferno. Tu que vibras entre a Luz e as Trevas, ascendendo, descendo, mudando para sempre, e no entanto sempre a mesma. O Sol é Teu Pai! Tua Mãe, a Lua! O Vento Te gerou em seu seio: E a terra sempre nutriu a Divindade Imutável de Tua Juventude.

"Vem, eu digo, vem e faz todos os espíritos se sujeitarem a mim, de maneira que todo espírito do Firmamento e do Éter, sobre a Terra e sob a Terra, sobre terra seca e na Água, do Ar que rodopia e do Fogo impetuoso e todo encantamento e flagelo de Deus possam prestar obediência a mim!"

Poucos entre os aprendizes de magia da atualidade sabem que o grande neoplatônico Proclo compôs vários hinos e invocações. A maior parte, infelizmente, se perdeu, apenas uns poucos tendo sido preservados e nos tornado acessíveis. Thomas Taylor traduziu cinco desse hinos e os publicou em 1793 num apêndice do seu livro intitulado *Sallust on the Gods and the World.* Todos os cinco são sumamente bons e será proveitoso que o aprendiz se familiarize com eles. A fim de dar uma idéia do seu valor, reproduzimos aqui o Hino ao Sol.

"Ouve Titã dourado! Rei do fogo mental,
Regente da luz; a Ti supremo pertence
A chave esplêndida da fonte prolífica da vida;
E das alturas Tu vertes correntes harmônicas
Em rica abundância nos mundos da matéria.

Ouve! pois elevado nas alturas acima de planícies etéreas,
E no brilhante orbe intermediário do mundo Tu reinas
Enquanto todas as coisas por Teu soberano poder são preenchidas
Com zelo que estimula a mente, providencial.
Os fogos das estrelas circundam Teu fogo vigoroso,
E sempre numa dança infatigável, incessante,
Sobre a terra de seios largos o rocio vívido se difunde.
Por Teu curso perpétuo e reiterado
As horas e estações em sucessão de desenrolam;
E elementos hostis cessam seus conflitos,
Logo que contemplam Teus raios tremendos, grande Rei;
De divindade inefável e nascido secreto...

Ó melhor dos deuses, *dáimon* coroado de fogo,
Imagem de todo o bem que a natureza produz,
E o condutor da alma ao domínio da luz –
Ouve! e purifica-me das manchas da culpa;
Recebe a súplica de minhas lágrimas,
E cura minhas feridas maculadas de pernicioso sangue coagulado;
Os castigos incorridos pelo pecado perdoa,
E mitiga o olho ágil, sagaz
Da justiça sagrada, sem limites em seu parecer.
Por Tua lei pura, dos males horrendos constante inimiga,
Dirige meus passos, e despeja Tua luz sagrada
Em rica abundância sobre minha alma anuviada;
Dissipa as sombras sinistras e malignas
De escuridão, prenhes de aflições envenenadas,
E ao meu corpo força adequada proporciona,
Com saúde, cuja aparência esplêndidas dádivas concede.
Dá fama duradoura; e possa o zelo sagrado
Com o qual as musas de belos cabelos presenteiam, que outrora
Meus pios ancestrais preservaram, ser meu.
Ajunta, se a Ti agrada, onigeneroso deus,
Riquezas duradouras, a recompensa do piedoso;
Pois poder onipotente investe Teu trono,
Com força imensa e regra universal.
E se o eixo giratório dos destinos
Ameaçar das teias de estrelas a destruição medonha,
Teus raios retumbantes com força irresistível serão enviados .
E vencerão antes de precipitar-se a calamidade iminente. “

Desejo apresentar mais uma *invocação* desta mesma categoria antes de prosseguir fazendo citações dos rituais usados em cerimônias de *evocação.* Fui obrigado, infelizmente, a omitir grande parte do ritual abaixo, por motivos de espaço, e tal como apresentado aqui corresponde a aproximadamente à metade de sua extensão correta. Escrito por Crowley e publicado por ele em *Oracles* é baseado em certas fórmulas mágicas e documentos que eram usados na *Ordem Hermética da Golden Dawn.* Sua excelência e fervor dispensam meus comentários.

“Ó Eu divino! Ó Senhor Vivo de Mim!
Flama de fulgor próprio, gerada do além!
Divindade imaculada! Célere língua de fogo,
Acesa a partir daquela incomensurável luz,
O ilimitado, o imutável. Vem,
Meu deus, meu amante, espírito do meu coração,
Coração de minha alma, branca virgem da Aurora,
Minha Rainha de toda perfeição, vem

De Tua morada além dos Silêncios
A mim, o prisioneiro, eu, o homem mortal,
Feito santuário neste barro: vem, eu digo, a mim,
Inicia minha alma excitada; aproxima-te
E deixa a glória de Tua Divindade brilhar
Mesmo para a Terra, Teu plinto ... .
Tu Anjo Majestoso de minha Vontade Superior,
Forma em meu espírito um fogo mais sutil
De Deus, para que eu possa compreender mais
A pureza sagrada de Tua divina
Essência! Ó Rainha, ó Deusa da minha vida,
Luz não-gerada, faísca cintilante
Do Todo-Eu! Ó Santa, santa Esposa
De meu pensamento mais à divindade semelhante, vem! Eu digo
E Te manifesta ao Teu venerador...
Meu Eu real! Vem, ó deslumbrante
Envolvida na glória do Sítio Sagrado
De onde chamei a Ti: Vem a mim
E permeia meu ser até que meu rosto
Brilhe com Tua luz refletida, até que minhas sobrancelhas
Raiem com Teu símbolo estrelado, até que minha voz
Alcance o Inefável; vem, eu digo,
E faz-me uno Contigo; que todos os meus caminhos
Possam resplandecer com a santa influência
Que eu possa ser julgado digno no fim
Para sacrificar perante o Santíssimo...
Ouve-me!

Eca, zodocare, Iad, goho,
Torzodu odo Kikale qaa!
Zodacare od zodameranu!
Zodorje, lape zodiredo Ol
Noco Mada, das Iadapiel!
I las! Hoatahe Iaida!

Ó coroada com a luz das estrelas! alada com esmeraldas
Mais larga que o Céu! Ó azul mais profundo
Do abismo das águas! Ó Tu flama
Que cintila através de todas as cavernas da noite,
Línguas saltando do incomensurável
Subindo através dos resplandecentes precipícios imanifestos
Para o Inefável! Ó Sol Dourado!
Glória vibrante do meu Eu superior!
Eu ouvi Tua voz ressoando no Abismo:
'Eu sou o único Ser nas profundezas
Da Escuridão: deixa-me ascender e preparar-me

Para trilhar o caminho das Trevas: mesmo assim
Posso atingir a luz. Pois do Abismo
Vim antes de meu nascimento: destes salões sombrios
E silêncio de um sono primevo! E Ele,
A Voz das Idades, respondeu-se e disse:
Vê! Pois eu sou Aquele que formula
Na Escuridão! Filho da Terra! a luz com efeito brilha
Nas trevas, mas as trevas não entendem
Raio algum dessa luz iniciadora!
... Não me deixa só,
Ó Espírito Sagrado! Vem para confortar-me,
Atrair-me e fazer-me manifesto,
Osíris ao mundo choroso; que eu
Seja erguido sobre a Cruz do Sofrimento
E do sacrifício, para atrair toda a espécie humana
E todo germe de matéria que possua vida,
Mesmo depois de mim, ao inefável
Reino de Luz! Ó santa, santa Rainha!
Pemite que Tuas amplas asas me abriguem!

Eu sou a Ressurreição e a Vida!
O Reconciliador da Luz e das Trevas,
Eu sou Aquele que resgata as coisas mortais,
Eu sou a Força na Matéria manifesta.
Eu sou a Divindade manifesta na carne.
Eu me posto acima, entre os Santos,
Eu sou todo purificado através do sofrimento.
Todo-perfeito no sacrifício místico,
E no conhecimento de minha Individualidade feito
Uno com os Senhores Eternos da Vida
O glorificado pelo julgamento é o meu Nome.
O Resgatador da Matéria é meu Nome ... .
Eu vejo as Trevas se precipitarem como o raio se precipita!
Eu observo as Idades como uma agitação de torrentes
Passando por mim; e como uma veste eu me livro
Das abas pegajosas do Tempo. Meu lugar está fixo
No Abismo além de todas as Estrelas e todos os Sóis.
EU SOU a Ressurreição e a Vida.

Santo és Tu, Senhor do Universo!
Santo és Tu, Cuja Natureza não se formou!
Santo és Tu, o Vasto e Poderoso!
Ó Senhor das Trevas e ó Senhor da Luz! “

Num dos capítulos anteriores foi feita alguma referência às *invocações* de Dee e ao poder destas. Os fatos que marcam estas invocações ou chaves como foram chamadas, são, a grosso modo, os seguintes. Mais de uma centena de páginas preenchidas de letras foram obtidas por Dee e seu colega Kelly de uma maneira que ninguém ainda em absoluto compreendeu. Dee teria, por exemplo, diante de si uma ou mais dessas tabelas, via de regra de 49” X 49”, algumas cheias, algumas com letras apenas sobre quadrados alternados, na superfície de uma escrivaninha. *Sir* Edward Kelly sentaria junto ao que eles chamavam de *Mesa Sagrada* e fitaria uma bola de cristal ou cristal no qual, depois de algum tempo, veria um *Anjo* que apontaria com um bastão para as letras de uma daquelas tabelas sucessivamente. A Dee, Kelly comunicaria que o Anjo apontava, por exemplo, a coluna 4, fileira 29 da tabela, aparentemente não mencionando a letra que Dee encontrava na tabela diante de si e registrava. Quando Anjo terminava sua instrução, a mensagem era reescrita de trás para diante. Teria sido ditada totalmente errada pelo Anjo por ser considerada demasiado perigosa para ser comunicada de uma maneira direta, cada palavra sendo uma conjuração tão poderosa que sua enunciação e menção diretas teriam evocado poderes e forças naquele momento indesejáveis.

Reescritas ao inverso, essas invocações pareciam escritas numa linguagem que os dois magos chamavam de *enoquiano.* Longe de se tratar de um jargão sem significado, o enoquiano possui gramática e sintaxe próprias, como pode ser percebido pela consulta de Casaubon que traduziu muitas das chaves. Muitos o julgam bem mais sonoro e expressivo que o próprio grego e o sânscrito, as traduções para o inglês, embora em alguns trechos de difícil compreensão, contendo maravilhosas passagens detentoras de uma sustentada sublimidade e uma potência lírica que muitos poetas e até a Bíblia não superam.

Por exemplo: “Podem as Asas do Vento compreender vossas vozes de Prodígio? Ó vós o Segundo do Primeiro, quem as chamas ardentes acomodaram nas profundezas de minhas Maxilas! Quem eu preparei como taças para um casamento ou como flores em sua beleza para a câmara da Justiça. Vossos pés são mais vigorosos do que a pedra infrutífera: e vossas vozes mais fortes que os ventos múltiplos! Pois vós vos tornais uma construção tal como não é exceto na mente do Todo-Poderoso. “

Existem dezenove dessas Chaves; as duas primeiras evocam o elemento chamado *Espírito*, as dezesseis seguintes invocam os quatro elementos, cada uma com quatro subdivisões. A décima nona pode ser empregada para invocar qualquer um dos chamados *Trinta Aethyrs* pela mudança de uma ou duas palavras especiais. Cito abaixo mais uma dessas *chaves* em enoquiano seguida de uma tradução:

> “ Ol Sonuf Vaoresaji, gohu IAD Balata, elanusaha caelazod; sobrazod ol Roray i ta nazodapesad, Giraa ta maelpereji, das hoel ho qaa notahoa zodimezod, od comemahe ta nobeloha zodien; soba tahil ginonupe perje aladi, das vaurebes obolehe giresam. Casarem ohorela caba Pire: das zodonurenusagi cab: erem Iadanahe. Pilae farezodem zodernurezoda adana gono Iadapiel das homo-tohe; soba ipame lu ipamis: das sobolo vepe zodomeda poamal, od bogira sai ta piapo Piamoel od Vaoan. Zodacare, eca od zodameranu! odo cicale Qaa; zodorje, lape zodiredo Noco Mada, Hathahe IAIDA! “

> “Eu reino sobre vós, diz o Deus da Justiça, em poder exaltado acima do Firmamento da Ira, em cujas mãos o Sol é como uma espada e a Lua como um fogo penetrante; quem mede vossas Vestes no meio de minhas Vestimentas e vos atou como as palmas de minhas mãos; cujos assentos eu guarneci com o Fogo da Coleta e embelezei vossas vestes com admiração; para quem eu produzi uma lei para governar o Santíssimo, e entreguei a vós uma Vara , com a Arca do Conhecimento. Ademais, vós erguestes vossas vozes e jurastes obediência e fé Àquele que vive e triunfa, cujo princípio não é, nem o fim pode ser; que brilha como flama no meio de vossos palácios e reina entre vós como o equilíbrio da justiça e da verdade.
>
> “Movei, pois, e mostrai-vos! Abri os mistérios de vossa criação. Sede amistosos comigo pois eu sou servo do mesmo Deus que é o vosso, o verdadeiro Adorador do Altíssimo.”

Embora via de regra os exemplares de rituais apresentados por Éliphas Lévi em seus diversos escritos sejam de qualidade muito precária e não se prestam em absoluto ao seu emprego prático, há uma notável exceção em seu *Dogma e Ritual de Alta Magia.* Ele chama este ritual de *Oração aos Silfos.*

> “Espírito de Luz, Espírito de Sabedoria, cujo alento concede e retira a forma de todas as coisas; Tu diante de quem a vida de todo ser é uma sombra que transforma e um vapor que desvanece; Tu que ascendes às nuvens e com efeito voas sobre as asas do vento; Tu que expiras e as imensidades ilimitadas são povoadas; Tu que aspiras e tudo que de Ti brotou a Ti retorna; movimento sem fim na estabilidade eterna, sê Tu abençoado para sempre!
>
> “Nós Te louvamos, nós Te abençoamos no império fugaz da luz criada, das sombras, reflexões e imagens: e nós aspiramos incessantemente ao Teu esplendor imutável e imperecível. Possa o raio de Tua inteligência e o calor de Teu amor descer sobre nós; que aquilo que é volátil será fixo, a sombra se converterá em corpo, o espírito do ar receberá uma alma e o sonho será pensamento. Não mais seremos varridos ante a tempestade, mas teremos à rédea os corcéis alados da manhã e guiaremos o curso dos ventos da noite, de modo que possamos fugir para a Tua presença. Ó Espírito dos Espíritos, ó Alma eterna das Almas, ó Imperecível Alento da Vida, ó Suspirar Criativo, ó Boca que com efeito expira e retrai a vida de todos os seres no fluxo e refluxo de Teu eterno discurso, que é o oceano divino de movimento e de verdade!”

Todos os rituais seguintes tratam do ramo da magia que diz respeito à *evocação dos espíritos* e exige poucos comentários ou explicações além do que já foi fornecido nos capítulos em que esse assunto é abordado. A forma da Segunda Conjuração de *A Goécia*, o melhor desta obra, é assim:

> “Eu te invoco, conjuro e ordeno, Tu espírito N., a aparecer e te mostrares visivelmente a mim diante deste *círculo*, sob aspecto atraente e agradável, destituído de qualquer deformidade ou tortuosidade, pelo nome e no nome IAH e VAU, que Adão ouviu e falou; e pelo nome de Deus AGLA, que Lot ouviu e

> foi salvo com sua família; e pelo nome IOTH que Jacó ouviu do Anjo em luta com ele e foi liberto da mão de Esaú, seu irmão; e pelo nome ANAPHAXETON, que Aarão ouviu e falou e foi feito sábio; e pelo nome ZABAOTH, que Moisés nomeou, e todos os rios foram transformados em sangue; e pelo nome ASHER EHYEH ORISTON, que Moisés nomeou e todos os rios produziram rãs e estas entraram nas casas destruindo todas as coisas; e pelo nome ELION, que Moisés nomeou e houve grande chuva de granizo como jamais houvera desde o princípio do mundo; e pelo nome ADONAI, que Moisés nomeou e ali surgiram gafanhotos que se espalharam por toda a terra, e devoraram tudo que a granizo deixara; e pelo nome SCHEMA AMATHIA, que Josué invocou e o sol suspendeu seu curso; e pelo nome ALPHA e OMEGA, que Daniel nomeou e destruiu Bel e matou o dragão; e no nome EMMANUEL, que as três crianças, Shadrach, Meshach e Abednego, entoaram no meio da fornalha ígnea, e foram libertados; e pelo nome HAGIOS; e pelo Selo de ADONAI; e por ISCHYROS, ATHANATOS, PARACLETOS; e por O THEOS, ICTROS, ATHANATOS e por estes três nomes secretos AGLA ON TETRAGRAMMATON eu intimo e constranjo a ti. E por estes nomes, e por todos os outros nomes do Deus VIVO e VERDADEIRO, o SENHOR TODO-PODEROSO, e exorcizo e ordeno a ti, ó *espírito* N., mesmo por Aquele que proferiu a Palavra e foi feito, e ao qual todas as criaturas obedecem; e pelos terríveis julgamentos de Deus; e pelo incerto *Mar de Vidro* que está diante da Majestade divina, vigorosa e poderosa; pelas quatro bestas perante o trono que têm olhos na frente e atrás; pelo fogo ao redor do trono; pelos santos anjos do Céu; e pela poderosa sabedoria de Deus, eu com poder exorcizo a ti para que apareças aqui diante deste *círculo* a fim de satisfazer minha vontade em todas as coisas que a mim se afigurarão boas; pelo Selo de BASDATHEA BALDACHIA; e por este nome PRIMEUMATON, que Moisés nomeou, e a terra se abriu e com efeito tragou Kora, Dathan e Abiram. Por conseguinte, tu darás respostas fidedignas a todas as minhas demandas, ó *espírito* N., e realizarás todos os meus desejos na medida da capacidade de tua posição. Portanto, vem, visível, pacífica e afavelmente, agora sem demora, a fim de manifestar aquilo que eu desejo, falando com voz clara e perfeita, inteligivelmente, e para meu entendimento."

Em *The Magus*, Barrett apresenta uma ligeira variação do ritual acima. Idêntico à versão da *Goécia* até o trecho que menciona Kora, Dathan e Abiram, excetuando alguma alterações secundárias, principalmente referentes a nomes, segue-se uma seção inteira que é exclusiva ao ritual de Barrett, merecendo a citação aqui devido à presença dos nomes bárbaros.

> "E no poder daquele nome PRIMEUMATON, comandando toda a hoste do céu, nós vos amaldiçoamos e vos despojamos de vossa função, alegria e posição e com efeito vos prendemos nas profundezas do poço de fundo para que aí permaneçais até o dia terrível do juízo final; e vos prendemos ao fogo eterno, e ao lago de fogo e enxofre, a menos que apareçais incontinenti diante deste círculo para executar nossa vontade; por conseguinte, vinde por estes nomes ADONAI, ZABAOTH, ADONAI, AMIORAM, vinde, vinde, vinde, Adonai

ordena; Sadai, o mais poderoso Rei dos Reis, cujo poder nenhuma criatura é capaz de resistir seja para vós sumamente medonho, a menos que obedeceis, e de imediato aparecei afavelmente diante deste círculo, que a chuva do infortúnio e o fogo inextinguível permaneçam com vós; e portanto vinde em nome de Adonai, Zabaoth, Adonai, Amioram; vinde, vinde, vinde, por que retardais? Apressa-vos! Adonai, Sadai, o Rei dos Reis vos ordenam: El, Aty, Titcip, Azia, Hin, Hen, Miosel, Achadan, Vay, Vaah, Eye, Exe, A, El, El, El, A, Hau Hau, Vau, Vau, Vau."

Dos métodos de Honório[57] extraí a invocação que se segue, tendo-a condensado ligeiramente. Porquanto se trata de uma evocação do *espírito* Rei Amaimon, que figura como um dos *hierarcas* em *A Goécia*, e visto que sua comemoração tem teor cristão, é reproduzida abaixo para que uma comparação possa ser efetuada com o ritual precedente, de teor judaico.

"Ó tu Amaimon, Rei e Imperador das partes do norte, eu te chamo, invoco, exorcizo e conjuro pela virtude de poder do Criador, e pela virtude das virtudes, a me enviar logo e sem demora Madael, Laaval, Bamlahe, Belem e Ramath, com todos os outros espíritos submetidos a ti, sob forma agradável e humana! Em qualquer lugar que estejas agora, aproxima-te e rende aquela honra que deves ao verdadeiro Deus vivo que é teu Criador. Eu te exorcizo, te invoco e sobre ti imponho o mais elevado mandamento pela onipotência do Deus sempre vivo, e do Deus verdadeiro; pela virtude do Deus santo e o poder DELE que falou e todas as coisas foram feitas, e mesmo pelo Seu santo mandamento os céus e a Terra foram feitos, com tudo que neles está contido! Eu intimo a ti pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, mesmo pela Santa Trindade, pelo Deus ao qual não podes resistir, sob cujo império compelirei a ti: eu te conjuro por Deus-Pai, pelo Deus-Filho, pelo Deus-Espírito Santo, pela Mãe de Jesus Cristo, Santa Mãe e Perpétua Virgem, por seu sagrado coração, por seu leite abençoado que o Filho do Pai sugava, por seu corpo e alma santíssimos, por todas as partes e membros dessa Virgem, por todos os sofrimentos, aflições, trabalhos, agonias que ela suportou durante todo o curso da vida Dele, por todos os suspiros que ela deu, pelas santas lágrimas que ela verteu enquanto seu querido Filho chorava antes da ocasião de Sua dolorosa Paixão e sobre o madeiro da Cruz, por todas as coisas sagradas e santas que são ofertadas e feitas, e também por todas as outras, tanto no céu como na Terra em honra de nosso Salvador Jesus Cristo, e de Maria Abençoada, Sua Mãe, por tudo que seja celestial. Conjuro-te pela Santa Trindade, pelo sinal da Cruz, pelo mais precioso sangue e água que jorraram do flanco de Jesus, pelo suor que escorreu de todo Seu corpo, quando Ele disse no Jardim das Oliveiras: 'Pai, se for tua vontade, afasta de mim este Cálice'; por Sua morte e paixão, por Seu sepultamento e gloriosa ressurreição, por Sua ascensão, conjuro-te também pela coroa de espinhos que foi colocada sobre Sua cabeça, pelo sangue que escorreu de Seus pés e mãos, pelos pregos com os quais

[57] Papa Honório III, pontífice de 1216 a 1227. (N. T.)

> Ele foi pregado ao madeiro da Cruz, pelas lágrimas santas que Ele derramou, por tudo que Ele sofreu voluntariamente por grande amor a nós, por todos os membros de nosso Senhor Jesus Cristo.
>
> "Eu te conjuro pelo julgamento dos vivos e dos mortos, pelas palavras do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, pelas Suas pregações, por seus dizeres, por todos Seus milagres, pela criança em faixas, pela criança chorosa gerada pela mãe em seu útero mais puro e virginal, pela gloriosa intercessão da Virgem Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, e por tudo que é de Deus e da Mãe Santíssima, tanto no céu como na Terra. Eu te conjuro, ó tu grande Rei Amaimon, pelos Santos Anjos e Arcanjos, e por todas as ordens abençoadas de *espíritos*, pelos santos patriarcas e profetas, e por todos os santos mártires e confessores, por todas as virgens santas e viúvas inocentes, e por todos os Santos de Deus."

Muito similar a este ritual é o que se segue, transcrito de *A Chave de Salomão, o Rei.* Trata-se, entretanto, de uma invocação cabalística, não contendo quaisquer elementos. O principal ponto a despertar interesse é que depois do proêmio, cada parágrafo é uma conjuração por e através do nome e poder de cada uma das *Sephiroth* da Árvore da Vida. Este ritual é o primeiro ritual evocatório da *Chave*, o segundo sendo muito semelhante realmente à segunda conjuração da *Goécia.*

> "Ó vós Espíritos, vós eu conjuro pelo Poder, Sabedoria e Virtude do Espírito de Deus, pelo incriado Conhecimento Divino, pela extensa Misericórdia de Deus, pela Força de Deus, pela Grandeza de Deus, pela Unidade de Deus, e pelo Nome Santo EHEIEH, que é a raiz, tronco, fonte e origem de todos os outros nomes divinos, daí extraindo todos eles sua vida e sua virtude as quais tendo Adão invocado, adquiriu ele o conhecimento de todas as coisas criadas.
>
> "Eu vos conjuro pelo nome indivisível IOD, que marca e expressa a Simplicidade e a Unidade da Natureza Divina, que tendo Abel invocado mereceu escapar das mãos de Caim, seu irmão.
>
> "Eu vos conjuro pelo nome TETRAGRAMMATON ELOHIM, que expressa e significa a Grandeza de uma Majestade tão sublime, que tendo Noé o pronunciado, o salvou e protegeu a ele mesmo com toda sua casa das Águas do Dilúvio.
>
> "Eu vos conjuro pelo nome do Deus EL forte e prodigioso, que denota a Misericórdia e Bondade de Sua Majestade Divina, que tendo Abraão o invocado, foi julgado digno de vir da ur dos caldeus.
>
> "Eu vos conjuro pelo mais poderoso nome de ELOHIM GIBOR, que exibe a força de Deus, de um Deus todo-poderoso, que pune os crimes dos perversos, que busca e castiga as iniqüidades dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta gerações; que tendo Isaque invocado, foi julgado digno de escapar da espada de Abraão, seu pai.
>
> "Eu vos conjuro e vos exorcizo pelo nome mais santo de ELOAH VA-DAATH, que Jacó invocou quando mergulhado em grande problema, e foi julgado digno de ostentar o nome de Israel, que significa Vencedor de Deus, e foi libertado da fúria de Esaú, seu irmão.

"Eu vos conjuro pelo nome mais potente de EL ADONAI TSABAOTH, que é o Senhor dos Exércitos, governando nos Céus, que José invocou, e foi julgado digno de escapar das mãos de seus Irmãos.

"Eu vos conjuro pelo nome mais potente de ELOHIM TSABAOTH, que expressa piedade, misericórdia, esplendor e conhecimento de Deus, o qual foi invocado por Moisés, ele foi julgado digno de libertar o povo de Israel do Egito, e da servidão ao Faraó.

"Eu vos conjuro pelo mais potente nome de SHADDAI, que significa fazer o bem a todos; e que Moisés invocou e tendo golpeado o Mar, este se dividiu em duas partes ao meio, do lado direito e do esquerdo. Eu vos conjuro pelo mais santo nome de EL CHAI, que é aquele do Deus Vivo, de cuja virtude a aliança conosco e a redenção para nós foram feitas; e que Moisés invocou e todas as águas retornaram ao seu estado prévio e envolveram os egípcios, de modo de nenhum deles escapou para levar as notícias à terra de Mizraim.

"Finalmente, eu vos conjuro todos, vós Espíritos rebeldes, pelo mais Santo Nome de Deus ADONAI MELEKH, que Josué invocou e interrompeu o curso do Sol em sua presença através da virtude de Methraton, sua principal Imagem; e pelas tropas de Anjos que não cessam de chorar dia e noite, QADOSCH, QADOSCH, QADOSCH, ADONAI ELOHIM TSABAOTH, que é Santo, Santo, Santo, Senhor-Deus das Hostes, Céu e Terra estão repletos de Tua Glória; e pelos Dez Anjos que presidem às Dez Sephiroth, pelas quais Deus comunica e estende Sua influência sobre coisas inferiores, as quais são *Kether, Chokmah, Binah, Gedulah,*[58] *Geburah, Tiphareth, Netsach, Hod, Yesod* e *Malkuth.*

"Eu vos conjuro novamente, ó Espíritos por todos os Nomes de Deus e por todas Suas obras maravilhosas; pelos céus; pela Terra; pelo mar; por toda a profundidade do Abismo e por aquele firmamento que o próprio Espírito de Deus moveu; pelo sol e pelas estrelas; pelas águas e pelos mares e tudo neles contido; pelos ventos, os remoinhos e as tempestades; pelas virtudes de todas as ervas, plantas e pedras; por tudo que está nos céus, sobre a Terra e em todos os Abismos das Sombras.

"Eu vos conjuro novamente e vos incito poderosamente, ó Demônios, em qualquer parte que vós podeis estar, que sejais incapazes de permanecer no ar, fogo, água e terra ou em qualquer parte do universo ou em qualquer sítio agradável que possa vos atrair, mas que vós venhais prontamente cumprir nosso desejo e todas as coisas que exigimos de vossa obediência.

"Eu vos conjuro novamente pelas duas Tábuas da Lei, pelos cinco livros de Moisés, pelas Sete Lâmpadas Ardentes no Castiçal de Deus ante a face do Trono da Majestade de Deus, e pelos Santo dos Santos onde se permitiu a entrada apenas a KOHEN HA-GODUL, ou seja, o Alto Sacerdote.

"Eu vos conjuro por Aquele que criou os céus e a Terra e que mediu esses céus no oco de Sua mão e encerrou a Tera com três de Seus dedos, que está sentado sobre o *Querubim* e sobre o *Serafim* e junto ao *Querubim*, que é

[58] Ou *Chesed.* (N. T.)

> chamado de *Kerub*, que Deus constituiu e colocou para guardar a Árvore da Vida, armado de uma espada flamejante, depois que o Homem tinha sido expulso do Paraíso.
>
> "Eu vos conjuro novamente, Apóstatas de Deus, por Ele que sozinho executou grandes maravilhas, pela Jerusalém celestial; e pelo Mais Santo Nome de Deus em Quatro Letras, e por Aquele que ilumina todas as coisas e brilha sobre todas as coisas pelo seu Nome Venerável e Inefável, EHEIEH ASHER AHEIEH, que vinde imediatamente para realizar nosso desejo, qualquer que seja ele.
>
> "Eu vos conjuro e vos ordeno em absoluto, ó Demônios, em qualquer parte do Universo que podeis estar, pela virtude de todos estes Nomes Santos: ADONAI, YAH, HOA, EL ELOHA, ELOHINU, ELOHIM, EHEIEH, MARON, KAPHU, ESCH, INNON, AVEN, AGLA, HAZOR, EMETH YIII ARARITHA, YOVA HAKABIR MESSIACH, IONAH MALKA, EREL KUZU, MATZPATZ, EL SHADDAI; e por todos os Nomes Santos de Deus que foram escritos com sangue no sinal de uma eterna aliança.
>
> "Eu vos conjuro novamente por estes outros nomes de Deus, Santíssimos e desconhecidos, por virtude dos quais vós tremeis todos os dias: BARUC, BACURABON, PATACEL, ALCHEEGHEL AQUACHI, HOMORION, EHEIEH, ABBATON, CHEVON, CEBON, OYZROYMAS, CHAI, EHEIEH, ALBAMACHI, ORTAGU, NALE, ABELECH, YEZE; que vós venhais rapidamente e sem demora à nossa presença de toda região e todo clima do mundo em que vós podeis estar, para executar tudo que nós ordenaremos no Grande Nome de Deus."

A *de Occulta Philosophia* de Agrippa contém vários rituais curtos para uso diário, sendo cada um específico para a evocação das entidades que se conformam aos dias. O ritual para domingo, por exemplo, é:

> "Eu vos conjuro e vos confirmo, vós poderosos e santos anjos de Deus, no nome Adonai, Eye, Eye, Eya que Aquele que era e é, e é para vir Eye, Abray; e no nome Saday, Cados, Cados, Cados, sentado nas alturas sobre o *querubim*; e pelo grande nome do próprio Deus, forte e poderoso que é exaltado acima de todos os céus; Eye, Saraye, que criou o mundo, os céus, a terra, o mar e tudo que neles existe no primeiro dia e os selou com seu santo nome Phaa; e pelo nome dos anjos que governam no *quarto céu*, e servem diante do sumamente poderoso Salamia, um Anjo grandioso e honorável; e pelo nome de sua estrela, que é Sol, e pelo seu signo, e pelo nome imenso do Deus Vivo e por todos os nomes já ditos, eu conjuro a ti, Miguel, ó grande Anjo, que és o principal regente deste dia; e pelo nome Adonai, o Deus de Israel, eu te conjuro, ó Miguel, para que trabalhes para mim e satisfaz todas minhas petições de acordo com minha vontade e desejo em minhas causas e negócios."

Quando durante a cerimônia de *evocação* há sinais aparentes de que a manifestação do *espírito* está ocorrendo, quando a fumaça do incenso rodopia na direção

do *triângulo* e assume uma forma tangível, uma oração ou boas vindas aos *espíritos* deve ser recitada. A forma recomendada por Barrett é:

> "BERALANENSIS, BALDACHIENSIS, PAUMACHIA e APOLOGIA SEDES, pelos mais poderosos reis e poderes, e os mais poderosos príncipes, gênios, *Liachidae*, ministros da sede tartárea, príncipe-chefe da Sede de Apologia, na nona região, eu vos invoco e vos invocando, vos conjuro; e estando armado de poder proveniente da suprema Majestade, eu vos ordeno com rigor, por Aquele que falou e se fez e ao qual estão submetidas todas as criaturas; e por este nome inefável, Tetragrammaton Jehovah, que sendo ouvido os elementos são derrubados, o ar é agitado, o mar retrocede, o fogo é extinguido, a terra treme, e toda a hoste dos seres celestiais, terrestres e infernais de fato tremem conjuntamente, e são transtornados e confundidos, por conseguinte, incontinenti, e sem demora, vinde de todas as partes do mundo, e dêem respostas racionais a todas as coisas que indagarei; e vinde pacífica, visível e afavelmente agora, sem demora, manifestando o que desejamos, sendo conjurados pelo nome do Deus vivo e verdadeiro, Helioren, e cumpra o que ordenamos, e persisti até o fim e em conformidade com nossas intenções, visível e afavelmente a nós falando com voz clara, inteligível e sem qualquer ambigüidade."

No mesmo livro, Francis Barrett nos apresenta uma outra breve alocução a ser recitada quando a manifestação da entidade necessária é concluída; isto é quando o *espírito* fica perfeitamente claro e visível no *triângulo.*

> "Contemplai o pantáculo de Salomão que eu trouxe a vossa presença; contemplai a pessoa do *exorcista* no meio do exorcismo, que é armado por Deus, sem medo, e bem provido, que com poder vos invoca e vos chama exorcizando; vinde, portanto, com velocidade, pela virtude destes nomes: Aye, Saraye, Aye Saraye: não retardai vossa vinda, pelos nomes eternos do Deus vivo e verdadeiro, Eloy, Archima, Rabur e pelo pantáculo de Salomão aqui presente que poderosamente impera sobre vós; e por virtude dos espíritos celestiais, vossos senhores; e pela pessoa do exorcista no meio do exorcismo; sendo conjurado apressai-vos e vinde e obedecei ao vosso mestre, que é chamado Octinomos. Preparai-vos para ser obedientes ao seu mestre em nome do Senhor, Bathat ou Vachat investindo sobre Abrae, Abeor vindo sobre Aberer."

Quando todas as questões do exorcista forem devidamente respondidas pelo *espírito* evocado, e todos os desejos do mago tiverem sido tão satisfeitos que não haverá mais necessidade de retê-lo no triângulo de manifestação, dever-se-á dar a licença de partida do cenário de evocação. O procedimento costumeiro consiste em recitar uma *Licença de Partida* e a forma de Licença indicada e *A Chave de Salomão, o Rei* é a seguinte:

> "Por virtude destes pantáculos e porque vós fostes obedientes e acataram aos mandamentos do Criador, senti e inalai este odor agradável e depois parti

para vossas moradas e retiros; que haja paz entre nós e vós; estejai sempre prontos para vir quando fordes citados e convocados; e que possa a bênção de Deus, na medida em que sois capazes de recebê-la, estar sobre vós contanto que sejais obedientes e bem dispostos a vir a nós sem ritos solenes e observâncias de nossa parte.”

APÊNDICE

LIVROS RECOMENDADOS PARA ESTUDO

The Candle of Vision, A. E. (Macmillan & Co., 1918)
Mysteries of Magic, Éliphas Lévi (Londres, 1897)
The Secret Doctrine, H. P. Blavatsky
The Holy Kaballah, Arthur Edward Waite (Williams & Norgate, 1926)
Raja Yoga, Swami Vivekananda
Introduction to the Study of the Kaballah, W. W. Westcott
The Chaldaean Oracles, W. W. Westcott
Equinox, Aleister Crowley (edição privada, 1909 – 1914)
Magick, Master Therion (Lecram Press, Paris, 1929)
The Egyptian Book of the Dead
The Sacred Magic, S. L. MacGregor Mathers (Redway, 1889)
The Key of Solomon the King (Redway, 1889)
The Ocean of Theosophy, Wm. Q. Judge
The Mysteries, Jâmblico (Trad. Thomas Taylor)
The Gods of the Egyptians, E. A. W. Budge (Methuen, 1904)
Mystical Hymns of Orpheus (Trad. Thomas Taylor)